UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00267771 4

MANUAL DE LITTERATURA

OU

ESTUDOS SOBRE A LITTERATURA

DOS

PRINCIPAES POVOS

DA

AMERICA E EUROPA

Por J. S.

TYP. A VAPOR DO DIARIO DE SANTOS

MANUAL
DE
LITTERATURA

MANUAL DE LITTERATURA

OU

ESTUDOS SOBRE A LITTERATURA

DOS

PRINCIPAES POVOS

DA

AMERICA E EUROPA

Por J. S.

[Joaquim de Paula Sousa]

1878

Typ. a vapor do Diario de Santos.

[SANTOS]

PN
594
P3

LIBRARY
SEP 25 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

A' MEMORIA

DE

A. HERCULANO

Ponho um grande nome em frente de um pequeno livro, como um signal de estimação, agradecimento, e respeito.

Estimação pela intelligencia, e finissimas qualidades que tornaram aquelle homem um baluarte de virtudes, a honra de Portugal.

Se Portugal procurasse um homem que resumisse em si a sua pujança e virtudes; se elle tivesse de escolher um filho que reunisse todas as suas nobres qualidades, e explendidos feitos, nem um melhor poderia representa-lo do que Alexandre Herculano.

Poeta, romancista, historiador, homem de acção, sabio profundo como poucos homens das nações mais cultas, patriota como poucos da sua terra tão cheia de patriotismo, Alexandre Herculano é o melhor typo do velho Portugal.

Ou simples guerreiro, arrisque a vida pela patria, ou sabio profundo, a consuma no estudo, e vigilias, ou caracter nobilissimo, regeite condecorações, lucros, e alta posição, é elle um exemplar do portuguez, dos antigos, daquelles nossos avós, que depois de obrar prodigios que espantavam extranhos, recolhião-se pobres a sua terra em que morrião cercados da estima e respeito dos seus. Possa a lembrança de sua hombridade e virtudes estimular a geração que lhe succede, e transmittir-se aos filhos do velho Portugal, e á nós, seus netos.

Agradecimento pela alta independencia, devida á superior intelligencia, independencia que fez descobrir, e alevantar os talentos que mais amo na raça luso-brazileira, Julio Diniz e Gonçalves Dias.

Agradecimento tambem porque a sua obra *Eurico*, foi a primeira a abrir-me a luz da razão, e a fonte das lagrimas.

Eurico fez-me chorar quentes lagrimas pela sorte daquelles que tem coração e não podem amar, daquelles que tem de morrer quando não podem esmagar seus affectos.

As lagrimas são o signal de soffrimento, e o trabalho e o soffrimento são as mais bellas divizas do homem.

São as lagrimas o balsamo das dores.

Herculano que fez a grandioza figura do Cavalleiro negro, desse infeliz que não podia amar, e cujo grande coração, só podia alliviar-se com as lagrimas, mostrou bem que sem ellas, seria o mundo um deserto sem conforto.

Mostrou elle, como os genios, que quando nos prostra o soffrimento, mais alto se levanta o pensamento.

Respeito, por ultimo, ao caracter.

Daquella vida sem mancha, o que mais admiro, aquillo em que melhor representa Portugal, é nas austeras virtudes, na altivez do animo, na inteireza do caracter.

Suas obras, tão verdadeiras no fundo quanto brilhantes na fórma, não são somente de um grande publicista, de um immenso talento; são de um grande coração.

Não encantão, e esclarecem, somente; convencem.

São obras de um homem de bem, e de firmes convicções, que nestes tempos pusilanimes, tão raros são.

E' elle o melhor typo de Portugal, ao qual voltão nossos respeitos, e agradecimento.

Portugal manifesta ao Brazil paternal affeição, acompanhou-o na guerra, e em todos os

tranzes porque tem passado, com amor e sympathia; pelo que lhe votamos no coração mil agradecimentos, que por menos ruidosos, não são menos verdadeiros,

E é aqui a occasião de dizer que bem longe de ser Portugal a moderna Helos de que o Brazil é a Sparta,é elle nosso berço, venerado por todos os corações brazileiros.

Portugal lembra grandes glorias em todos os generos de combates, e se já algumas obtivemos, é que procuramos imital-o, é que està isso no nosso ser.

Todo o homem, e toda a nação, só faz bem aquillo que está em seo sangue e natureza.

Nós brazileiros, somos filhos dos portuguezes. Não ha negal-o, antes com isto nos orgulhamos, pois se tem defeitos, tem innumeras qualidades que os resgatão.

Lamento que muitos brazileiros,esquecidos d'aquillo que nos pertence, e que herdamos de Portugal, vão procurar aquillo que não pode pertencer-nos, pois é só proprio dos filhos da França.

O nosso genio é em tudo differente do francez: e se a Côrte mostra ares afrancezados, as provincias mostrão-se filhas de Portugal, bem querido apezar de bem velho.

E' com os olhos fitos nos seus heroes, que forão nossos avós, que os brazileiros hão de ser grandes.

Ha muito considero Herculano tão sobranceiro, em um nivel intellectual tão alto que difficilmente pode ser attingido.

Eu procuro seguil-o de longe.

Se lucto pelo que é justo e nobre ; se não offendo um só homem de bem, nem escarneço de uma só virtude; se algum acto bom pratiquei; se procuro sempre alcançar a verdadeira nobreza, que como mui bem diz elle, é a dos corações e entendimentos que buscam erguer-se as alturas do céu,é que tenho sempre diante dos olhos o exemplo dos homens que como elle, são a gloria da especie humana.

Cada dia amo mais a liberdade, acho a poesia mais verdadeira, a realidade mais poetica, e a justiça menos severa.

Cada dia creio mais na razão humana que não póde distillar maldade: creio sobretudo na Bondade Divina que não podia fazer do mundo uma comedia sem sentido.

Os homens superiores são os pharóes da humanidade.

Os mediocres podem limitar-se á vida commum: os genios devem servir ao seu paiz, e a

humanidade. Se Deos dotou-os com tão altos dons, não é para que os encerrem e consumão em uma vida isolada.

A retirada dos homens de bem, quando são homens superiores, traz além do abaixamento do nivel moral,o abaixamento do nivel intellectual.

As mediocridades tudo invadem então: o criterio e sentimento do bello diminuem; e em todos os sentidos a sua abstenção é uma calamidade.

Não só servem melhor, como preparam o futuro, enchergão mais longe, e de mais alto ponto.

Tambem temos Herculanos no Brazil.

O Sr. Conselheiro José Bonifacio, pela alta intelligencia, nobre caracter, alma crente, vida sem mancha, é dos brazileiros que se póde comparar com Herculano.

Tem elle singular izempção, elevadissimos dotes intellectuaes: porém mais ainda do que Herculano, sequestra-se da sociedade de que é a honra e devia ser o guia.

Os genios quando são homens de bem, fazem desapparecer os corruptos e os mediocres: reduzem ao silencio aquelles que nunca delle devião sahir.

Escondem-se então os que não tem fé na razão, nem na religião,os que não enchergão a verdade em cousa alguma, e pequena copia della em toda a parte, os que são moços as vezes na idade, mas atacados de caducidade pela falta de crenças.

E' preciso que venhão as intelligencias que exprimão grande idéas com frazes apropriadas; que tenhão um estillo mais exacto e verdadeiro, menos imaginoso e figurado : que façõo obras que esclareçam, e não que deleitem somente.

E' preciso que appareção obras de razão, e estudo, e não improvisos de imaginação e fantasia; obras que fallem dos problemas que mais nos interessão, e que sejão o Hercules que tem de matar a hydra do romance fantasioso, e industrial.

Para isso, preciso é que accorrão os genios, e os homens de bem, aquelles que são dotados de qualidades excepcionaes, porque sem intelligencia, amor, e fé, nada de solido se edifica neste mundo.

Nunca o Brazil precisou mais de homens do caracter de Herculano e José Bonifacio, do que agora, em que elle precisa levantar-se pela hombridade, sisudeza, e sinceridade,

O genio é o symbolo de alliança que Deos envia aos homens; é o traço de união e amor, entre a extrema grandeza que é Deos, e a extrema pequenheza, que é o homem.

PREFACIO

Appresento aqui os primeiros estudos que fiz, sobre varios escriptores das principaes nacionalidades.

Denominando-os—*Manual de Litteratura*—não tenho a pretenção de apprezentar a este como um compendio, que resuma as idéas essenciaes dos tratados mais extensos: mas sim como livro pequeno e maneiro, que contem estudos sobre a litteratura.

Tambem não vou estudar profundamente a todos esses escriptores, e sobre elles dar um juizo critico.

E' esse um trabalho que exige grande intelligencia, immensos conhecimentos, e muito tempo.

Não tenho em meu favor as condições precisas para produzir uma obra perfeita: nem como tal a appresento, e sim como estudos. Espero mais tarde poder melhoral-os, e os lazeres da vida empregarei nessa tarefa.

Pensão alguns que é cousa de somenos dar opinião sobre obras de imaginação. Olhão esses a litteratura como uma bella flôr, como uma parasita, que só tem o valor da belleza, que disperta prazer ao vel-a.

Não se póde entender assim.

Na litteratura, tem-se de estudar tudo que ha de melhor em productos da intelligencia humana; de comprehender o que ha de mais scientifico, mais humoristico e original, em obras humanas.

A obra litteraria é cada vez mais a revellação de uma alma a outra, que a comprehende e acceita; e para ser bella, para agradar a todos, para ser verdadeira em toda a parte, e sempre, deve basear-se em verdades reconhecidas, e expressa em estillo perfeito.

Já se vê que não posso apresentar o meu instincto como a unica norma e autoridade, o meu gosto com a lei suprema do Bello.

No estudo das obras reconhecidas bellas, pesquizarei porque agradão, e se agradão ao espirito, ao coração, ou aos sentidos somente.

Gostar é para todos.

Comprehender porque se gosta pertence ao critico.

O gosto é o bom senso, apurado pelo sentimento, e educado pela razão, e pelo estudo.

Não tenho a pretenção de appresentar analises finas, observações engenhosas, pontos de vista novos, faculdades de pintor, e humorista. Não farei a critica exacta e pratica de um Maccaulay: as analizes biograficas e nebulosas de um Sainte Beuve, os estudos de litteratura comparada de um Villemain, a critica filosofica e alta de um Planche, e nem terei as faculdades de pintor, observador, e filosopho de um Taine.

Eu direi simples e francamente o que pensar, o que meu coração dictar depois da leitura de uma obra.

Publico estes ensaios de critica, sem um fim de gloria, ou novidade, só por amor ao estudo.

O pensamento de Spinosa,que Goethe acha tão profundo — Que o verdadeiro amor não deve exigir retribuição, pois está pago por si mesmo, — é agora que o comprehendo. Agora é que vou começando a ter amor ao estudo pelo estudo, sem esperar nada dos conhecimentos, sem exigir que me dem gosos, celebridade, vaidades, lucro.

Vou apresentar estes estudos singelamente, como nascerão, exprimindo sobre tudo impressões individuaes.

Nestas minhas apreciações, o gosto póde não ser o mais puro, a indagação a mais exacta. Não se póde, não cabe nas forças de todos, fazer estudos a Gustavo Planche, esse poeta que esmagou a propria lyra, para só ouvir as dos outros, e analizar-lhes o canto.

Ha nos seus estudos criticos, mais vida e poesia do que em muitos poetas; e admira-se a analize minuciosa de um filosopho.

Tudo que uma filosophia transcendente, unida a um grande estudo dos classicos, póde dar, elle teve para se aclarar no difficil exame de obras, que de tão gabadas, não consentiam que um profano criticasse.

Mas uma virtude ao menos procurarei ter, e é a da sympathia.Se o critico,ao seu pensar e sentir deve juntar o daquelles, que examina, deve ter a sympathia que o insinua apreciar sentimentos que não tem, e ás vezes desconhece, eu procurarei ter essa sympathia, introduzir-me e conhecer o meio em que vive aquelle que eu leio. E' difficil a um brazileiro ser allemão; mas tentarei comprehendel-o.

Procurarei fazer a critica séria como a fazia G. Planche.

Não virei desfiar anedoctas, notar bellezas e defeitos de fórma, elogiar, e vituperar.Pro-

curarei ter presente um ideal alto e digno, apreciarei o que for nobre, e censurarei o que rebaixar, e estragar o caracter. Ha criticos que se importão com pequeninas partes da vida. Que importa que Sainte Beuve andasse sem meias, e outras tacanhices de igual quilate?

Eu olharei para o homem publico; não me importarei com o particular. Examinarei o escriptor e não o homem.

Tambem procurarei evitar, tanto os modos levianos daquelles que fallão superficialmente sobre tudo, repetindo banalidades com o entono de quem está dizendo grandes cousas, como os modos pedantescos daquelles que não dizem as cousas pelos seus nomes, empregando palavrões, e rodeios para exprimirem as cousas mais simples.

Sou tão contrario a leveza que quer fazer de brazileiro um macaqueador do francez, como á exageração e abuso da fraze que quer fazer de nós um povo de rhetoricos. Entendo que somos brazileiros, filhos de portuguezes, e como taes devemos proceder.

Darei um resumido juizo critico sobre os brazileiros, portuguezes, hespanhoes, italianos, francezes, inglezes, allemães e americanos.

Já se vè, que desejo sobretudo provocar outros, e mais habilitados, a que sahião do estado de marasmo, que faz duvidar, nem só delles, como do proprio Brazil.

BRAZILEIROS

Os antigos contavam tres idades, em que o mundo, de melhor tinha caminhado para peor.

Erão as idades de ouro, de cobre e de ferro, em que os homens tinhão ido degenerando, e de bons na idade de ouro, tinhão ficado maus na idade de ferro.

E' mais justo inverter-se a classificação dos antigos, e dizer-se que se temos na primeira época a idade de ouro, em que este se acha a mão, sem trabalho, em que com elle tudo se compra e de tudo se abuza, em que elle reina como Jupiter, vindo em fórma de chuva de ouro; se depois temos a idade de cobre, das guerras, lutas, e paixões: temos na terceira época a idade de ferro, que é a que exige industria, e sciencia, para a conversão da pedra em ferro, que é aquella em que reina o trabalho que traz a moralidade, e a

intelligencia, e a que traz a sciencia: que é a terceira, porém a mais adiantada época, a que mostra o homem mais aperfeiçoado e melhor em todos os sentidos.

Não: nós não tivemos tres épocas, nem o mundo tem degenerado como suppunhão os antigos: o mundo progride, por uma lei providencial, e de ignorantes, maus, os homens tem attingido a um ponto que não éra possivel esperar-se ha alguns seculos atraz.

O mundo progride, disse o porta bandeira do seculo dezanove; e com razão.

Ha uma lei providencial, que Deos depositou no coração do homem: é a aspiração para um estado melhor, a convicção de que o presente ha de melhorar.

E' este desejo que nos traz inquietos ; é esta pesquiza que faz o progresso.

Os homens sentem imperïosa necessidade de ver realizado o ideal, o typo de perfeição que Deos depoz-lhe no coração.

Houve, ha, e ha de sempre haver o progresso na vida fizica, na vida moral e na vida intellectual: crescimento de vida fizica, por maior duração; de vida moral por mais sentimentos, de vida intellectual por mais conhecimentos.

O progresso é o augmento de vida. Eu respiro, logo, vivo mais do que o que vegeta: ando, logo vivo mais do que aquelle que se arrasta pelo chão: penso, logo vivo mais do que aquelle que abysma no cerebro as sensações, sem as poder formular em idéas.

O Brazil, porém, é uma excepção dessa lei do progresso. Póde-se repetir o dito de Horacio — Somos peores que nossos paes, e seremos melhores que nossos filhos.

Teria razão Horacio, se aplicasse a sentença só á aquella época corrupta, como aquelle que a aplicasse a este nosso estado de rebaixamento, a esta época corrupta e tranzitoria, que atravessamos. Nós fazemos excepção a lei tão verdadeira, proclamada por Pelletan, pois, depois de ter o Brazil apresentado politicos profundos, caracteres de fina tempera, escriptores de primeira ordem, decahio, e hoje tem politicos, poetas e escriptores inferiores aos de 30 annos atraz.

Tivemos José Bonifacio e Feijó, o homem de pensamento e o homem de acção, os 2 homens que symbolizão os politicos dos primeiros annos, que vivem venerados e estimados em todos os corações verdadeiramente brazileiros. Hoje temos taes politicos que não quero rebaixar os antigos pela comparação.

Tivemos poetas como Dias e Alvares de Azevedo, que não tem hoje rivaes.

Nós descemos bastante no nivel moral e intellectual. No Brazil só ha progresso de vida fizica. Quanto aos dous outros requisitos do progresso, temos diminuido nelles, em vez de augmentar.

A intelligencia e a moralidade tem decahido do nivel em que a elevaram nossos paes.

Em longa serie de annos, as academias não tem apresentado senão mediocridades. Algumas obras, ou são traduções, ou não tem valia maior. Temos homens de grande intelligencia, de grandes estudos: mas, ou passão como corruptos ou atirados para um lado, desgostosos, nada produzem, não sahem da sombra. No que se vê grandeza é na decadencia dos caracteres.

Quebrou-se o molde antigo. Onde achamos a elevação, qualidades, inteireza, e sensibilidade de ha 30 annos?

Neste estado, nem é possivel o apparecimento de grandes homens.

Entre os escriptores que temos tido, tres são os mais populares, mais lidos, mais estimados no Brazil,—Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e Alencar. — Temos muitos outros. Estes, porém, são os mais festejados, e

representão bem a intelligencia brazileira.

Desses tres, Gonçalves Dias, e Alvares de Azevedo, produziram suas obras antes de perceber o estado de corrupção, em que cahio o Brazil.

Gonçalves Dias, que não abuzou do seu lugar, e Alvares de Azevedo, que tudo diz ao Imperador, pedindo o perdão de Pedro Ivo, mostrão que corações, que honrados sentimentos ião ali por dentro.

Alencar é o unico escriptor, que é filho deste reinado e desta época, de que tem o estillo cortezão amaneirado, e flexivel. Quanto as obras, estudal-as-hemos para melhor dar nossa opinião.

Depois de Dias, e Azevedo, tem apparecido alguns poetas regulares, e immensa quantidade de mediocres. Não citarei nem um, apezar de terem alguns produzido bem bonitas obras.O thema é quasi sempre o mesmo, as comparações, idéas e fórma, identicas quasi.

Ha sentimento,versos bem feitos, cadentes, e fórma boa; porém repizão a — Ultima Suplica, Adeus, Ella, Lembra-te, e outros motivos, já tão bellamente tratados, que é difficil dizer novidade ; e a comparação os mata.

Todos esses considero nascidos daqulles dois grandes rios, daquelles Amazonas e Prata, da America do Sul.

Convinha entretanto que aplicassem em outro sentido o seu talento, que não sómente em fazer versos.

Havia em Portugal e ha no Brazil tanto versejador insulso que poucos lêem hoje poesias.

Tem feito mal ao pensamento brazileiro esta prizão em que o encadeam. Os moços de mau gosto pensão que basta se carregarem com as prizões de verso para produzirem, para serem originaes, e ahi temos o excesso de versos chochos que inunda o Brazil. Se fizessem prosa, se se limitassem a esta, todos perceberião a sua inanidade, e os avisariam mas atirão-se aos ares, para não lhes poderem ir ás mãos.

Menos versos, insulsos, mocidade: e mais proza, mais cousa util.

Estamos precisando tambem de um Bocage, que venha affastar tanto Pegazo do Parnazo.

Eu não fallarei de todos os escriptores brazileiros: se sobre elles tivesse de espraiarme, encheria o volume, que tenho de dedicar á todas as litteraturas, e não sómente a brazileira.

Direi o meu pensar sobre aquelles que mais sobresahem, que considero como os directores dos espiritos no Brazil.

Talvez em outro livro, possa alongar-me, dedicando uma obra só aos brazileiros.

GONÇALVES DIAS

Teve o inspirado poeta Gonçalves Dias um monumento mais importante do que a estatua elevada em sua memoria na cidade de S. Luiz do Maranhão.

Foi o livro que em o anno de 1875 publicou em Lisboa, o seu amigo Dr. Antonio Henriques Leal.

No terceiro tomo de Pantheon Maranhense, o Sr. Dr. Leal levantou um pantheon, ainda mais bello do que o que por seu empenho foi edificado na praça dos Remedios. E' que a estatua dá fria imagem do poeta, emquanto esta sua obra de 580 paginas nol-o mostra tal e qual foi, tal e qual já o advinhára ha muitos annos.

E' a biographia de Gonçalves Dias escripta por um amigo e por um homem de bem, com todo o calor e sinceridade da amizade, e com

a seriedade e o pezo do homem de bem. E' das melhores obras que tem sido publicadas por brazileiro.

Eu já imaginava Dias tal como o vejo. Agora porém, é que pude melhor conhecel-o, e estimal-o.

Estimei-o, porque vi bem de perto, quem era aquella alma angelica, quanto soffreu e amou e porque tranzes passou aquella inspirada creatura.

Muitos pensavão que a tristeza dos versos era devida á mania da época, á tristeza de convenção, a desesperança imitada de Byron.

Coitados! Não sabem quanto é preciso de soffrimento para se produzir versos arrancados do coração, quanto um poeta soffre, com o exterior alegre, para não encommodar aos que o cercão, para poder ser poeta e amigo como foi Gonçalves Dias, para ter-se a sua abnegação, intelligencia e verdade.

Padeceu, foi um grande poeta. Tem o pensamento e a fórma: o pensamento sempre poetico, a fórma sempre bella. Suas frazes, além de conter idéas, tem periodos harmoniosos, que agradão tanto ao ouvido como ao espirito. Naturalmente, sem apparente exforço, os termos mais apropriados vem se apresentando, sem que elle os chame, sem

que os vá procurar. São sempre os mais simples e bellos, os mais communs e mais nobres. E' um poeta e um artista, o primeiro do Brazil, e sem superior em Portugal.

As suas frazes não são alambicadas, correm suavemente do coração. Como do meio das mattas pôde sahir tão perfeito? Como tudo, por um milagre de Deos. O menino nasceu no meio das florestas do Brazil e foi visitado pelos espiritos dos bosques. Quando pôde, patenteou-nos o que vira em sonhos. Era um mensageiro do céo, um dos espiritos escolhidos por Deos para trazer verdades ao mundo.

Dentro delle canta o sabiá do genio, a inspiração santa toma conta daquella dourada imaginação, e a revella ao mundo, em cantos dulcissimos.

Dias denominando—*Cantos*—aos primeiros versos, pareceria vaidoso. Era ingenuo. Traduzia, publicava o que dentro lhe cantava, e de que não tirava vaidade a sua modesta natureza.

Os versos amorosos são a reproducção dos soffrimentos de um amante, o espelho exacto daquelle que amou e soffreu: os americanos são a reproducção dos sentimentos de um indio.

Nas poesias amorosas é um Musset: nas Americanas é um brazileiro: nas Sextilhas, é um portuguez antigo. Em todas é um inspirado, como muito bem o definio o Sr. Dr. Macedo.

Quando se o lê, depois de ter lido a maior parte dos classicos portuguezes, é o mesmo que abrigar-se a sombra da mangueira, depois de soffrer um sol abrazador.

Felinto, Garção, e mesmo Bocage, aborrecem, enjoão. E' o acordar da musa portugueza, que de Garret em diante é muito mais bella, e hoje é digna de um grande povo.

Para bem discrever Gonçalves Dias, como faz o seu biográfo e amigo, precisava ser um homem leal, precisava despir-se da leviandade e francezismo, que andão na moda, e faz só procurar dizer-se o bonito, o engraçado e espirituoso.

Para retratar aquelle caracter nobre, sincero, ardente, verdadeiro, capaz das maiores devotações, do mais ardente e angelico amor, e entre tanto meigo, singelo, natural, nada exagerado, era preciso ser brazileiro, dos verdadeiros, dos antigos, não desses modernos, que se querem moldar á imagem franceza.

Agradeço e muito ao seu biografo o terme mostrado sem rebuços aquella alma virtuosa e nobre, aquelle coração amante, aquelle trato ameno, lhano, sem imposturas e sem espinhos.

A amizade, mas verdadeira, devotada, brazileira, quem melhor que Dias comprehende e pinta?

Amizade fraternal, bem a prova a serra de Gerez, em que reparou a offensa feita a irmã, trahida em seu amor e innocencia.

Amor a patria? Quem mais o sente do que aquelle que suspira quando auzente, que tem a alma suspensa no leque das palmeiras?

O amor, com excesso, até com as manchas de ciume, quem o póde exprimir tão bem?

A honra, a dignidade, os mais nobres sentimentos, ninguem melhor os sentio, e praticou, nunca se aproveitando das posições para seu lucro!

Que poderosa intelligencia! Menino ainda, já produzira primorosas poesias e tão patriota, que não as quiz publicar senão em sua terra. Nascido em 1823, bacharel em sciencias juridicas, em 1844, foi só em janeiro de 1847 que publicou os Primeiros Cantos: em 1848, fez os Segundos Cantos; e 1851, os Ultimos Cantos.

E' Gonçalves Dias um profeta em seus hymnos sagrados, um genio em quasi todas as poesias.

Em suas poesias o verso canta, o pensamento se altea, e elle se torna inspirado, patenteando verdades desconhecidas.

Gonçalves Dias é o coração que palpita a vista da belleza, é a adoração terna, o vago desejo, o respeitoso amor que se não ousa declarar, o ciume, o adeos melancolico, o desespero ao ver se enganado, o perdão pela falta, o desejo de todas as felicidades para aquella que faz a nossa tristeza, e que amamos como celeste vizão.

E' elle digno de comparar-se com os melhores poetas do seu tempo, e da Europa,não é elle sómenos aos maiores reis do pensamento.

E' que, como muito bem o disse, tinha a fé e o enthusiasmo,o oleo e o pabulo que alumião as composições do artista: gostava de cazar o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a idéa com a paixão, colorindo com a imaginação e purificando tudo com o sentimento da religião e da divindade.

Adoração a Deus, amor a mulher, a pa-

tria, á terra querida, e os mais nobres sentimentos, são as cordas de sua lyra.

Faz nella revelações profundas sobre Deos, a natureza, as scismas.

Não repete o que outrem ou o que elle mesmo já disse. Descobre sempre idéas novas, inventa, acha cousas bellas e dignas de ver a luz do dia, a ponto de, com seu amigo Leal, eu não saber o que mais deva admirar, se o poeta, ou se o amigo.

Religioso sem affectação, são suas poesias religiosas como as de Lamartine, melancolicas, sinceras, cheias de unção, grandes e santas, como elle dizia.

Alma compassiva, chorava todas as dores, gozava de todos os risos, enchia-se de santo affecto para com tudo que era sympathico e bello.

Como o grande musico tem o condão de tornar populares os seus pensamentos musicaes, o poeta sabe achar frazes sublimes, que ficam para sempre gravadas na memoria. Ficam conservadas e queridas porque exprimem perfeitamente um estado da alma.

Perguntae a um namorado qual é o poeta de sua estimação, e elle vos dirá que é aquelle que fez versos que hão de ser apreciados,

emquanto houver amor no Brazil, que fez o —Desejo;— Desengano;— Amor, delirio engano;—Amor;—Sua voz; — Se se morre de amor; — Como eu te amo;— Sei amar; — Anhelos; — Sonho de virgem; — Meu anjo escuta.

Ha nelle o sentimento brazileiro, com o carinho e ternura da nossa terra.

Nem nós sabiamos,foi elle quem patenteou quanta ternura encerrava o coração brazileiro.

Como a doçura é a belleza especial da moça do Brazil, é a ternura a melhor corda da lyra brazileira.

Sobre amor, tem palavras arrancadas do coração, que só os anjos podião saber.

Não tem palavras inuteis, não tem frazes que não sejão inspiração do céo, vazada no mais puro molde da terra.

Tem expressões que resumem mundos de sentimentos. Junta á belleza do pensamento, harmonia infinita do verso. As vezes é quasi musica, e nos força involuntariamente a cantar, como nos — Seus Olhos — Virgem e concha—Canção de exilio—Canção de Bug—Jargal—Pedido—Meu anjo, escuta—O baile.

Cauza-nos tanto prazer, enleva-nos, arre-

bata-nos a um mundo tão doce, que é difficil julgal-o.

E' possivel que para o futuro outros poetas se levantem e cantem com mais força, em altura de engenho superior. Porém com maior doçura, com o seu mimo e suavidade, não creio que em lingua alguma se possa fazer.

E' o mais melodioso traductor dos sentimentos ternos, é com uma doçura de anjo, ou de brazileiro. Tomou conta da opinião, tornou-se o favorito do Brazil, porque é o seu melhor interprete.

O poeta na descripção da natureza exterior, não é inferior ao que é na descripção da natureza interior, do seu eu.

Pinta-a bellamente.

Não se limita a descrever subjectivamente a natureza e costumes brazileiros : pinta-a objectivamente com os sentimentos e expressões dos indios, como bem o diz o professor Wolf.

E' que sente, e expressa-se como elles.

Este dom que tem os Indios, de fazer ver aquillo que fallão, de serem onomatopeicos, exprimindo com as palavras a couza significada, Dias possuia-o em alto grau.

Imitava, traduzia a natureza e sentimentos com frazes tão apropriadas, exprimindo e arremedando até nos sons, que quazi dava vida, e fazia ver aquillo que queria significar, com o dom e viveza do indio.

Não negamos que a doçura nos veio de Portugal, de Camões e Garret; porém a brazileira é maior: melhorou em contacto com o Indio.

Alencar grava e colore o que diz. Dias dá o som, o tom, a côr, e quazi a vida daquillo que pinta. E' tão particular, que para tornar salliente este dom, repetimos até aqui quatorze vezes a palavra brazileiro, para mostrar que não é sómente poeta, é o favorito da nossa terra, é o interprete do nosso coração.

Gonçalves Dias é o pelicano brazileiro que despedaçou o coração para offertar aos seus, áquelles que tanto amava, o celeste alimento do ideal.

Nas poesias americanas tem idéas bellas, pensamentos originaes, junto a immensa doçura.

São 15 apenas, mas valem tanto como poemas grandiosos.

As idéas originaes, o rithmo novo, o pensar e sentir brazileiro, transportão-nos a um

mundo novo e brilhante. Vemo-nos transportados a uma terra virgem e bella, cobrenos um céo de anil, a palmeira ostenta-se elegante, e ouvimos o canto do sabiá, interrompido as vezes pelo grito de guerra do indio. Não apresenta sómente a fiel reproducção dos costumes e vida dos indigenas, exprime tambem o seu sentir e pensar.

Como poude tão perfeitamente impregnar-se de suas idéas, quazi se identificando com a raça india? E' que lhe girava nas veias, junto com o sangue portuguez, o sangue dos antigos senhores destas terras, é que reproduzia os sentimentos dos seus avós e que estavão no seu ser.

As Americanas são bellissimas. Ora é um pagé, que clama as turbas: ora um guerreiro: ora uma marabá que deplora sua triste condição: ora a criança, encantada pela mãe d'agua: ora o guerreiro que vae ser morto. O Sr. Dr. Macedo Soares compara— Tabira com uma pagina da Iliada ou um fragmento dos Niebelungen.

Eu aprecio ainda mais—I—Juca—Perama —que me parece não ter superior em lingua alguma. Neste poemeto descreve a vida, dores, e proezas, com o coração de um indio. I—Juca—Pirama destaca se das outras ame-

ricanas, resume a belleza de muitas. Tudo nelle é bello: o começo excellente: a maldição sublime: o canto de morte, perfeito, e o final perfeitissimo.

A sua popularidade não está no amor de innovações, nem no feitiço das palavras indias. Está na superior belleza.

Para poder pintar como Dias, os nossos bosques, terra, vida, e indigenas, com toda a verdade, e com a pompa e gallas que exige o assumpto, era preciso, além do seu sangue, além de possuir aquella immensa intelligencia, e imaginação, ter tambem vivido nos sertões, entre indios, e ter visto a nossa natureza em toda a sua belleza, e a ter amado. Dias adorava-a como um indio, e muito tempo viveu no meio della.

Amou e muito o nosso céo, que tem mais estrellas, nossas varzeas que tem mais vida, nossa vida que tem mais amores, e nossos amores que tem mais doçura, e força, mundo novo que elle tão bem descobrio, qual outro Colombo.

O Sr. Pinheiro Chagas acha que o seu talento mostra toda sua robustez de um modo explendido, nas Sextilhas de Frey Antão.

Um critico inglez, da Saturday Review, acha em muitos e essenciaes respeitos, os

seus versos superiores aos de Longfellow e Rodwitz, e intraduziveis, pois suas palavras não podem ser traduzidas com a graça e mimo da fórma original.

Um allemão acha a sua poesia — Se se morre de amor—digna de Schiller.

Os amantes achão que as suas palavras forão arrancadas do coração.

Os brazileiros aprecião todas as poesias porque melhor comprehendem bellezas e delicadezas que passão desapercebidas ao europeu que não pode aquilatar-lhes o subido valor.

Os que amão a natureza não achão della um melhor pintor, do que Dias, na Tempestade, e em outras poesias: e nas Americanas é um indio que pinta o que ama, que canta sua vida, dores, proezas, e mattas queridas.

Se os eruditos como o Sr. P. Chagas, achão as Sextilhas, modellos do genero em lingua portugueza; e se cada um mais o aprecia naquillo que melhor conhece, em que pode melhor aquilatal-o, é que é realmente perfeito.

E' elle um modello, em quazi todos os generos em que escreveu, e aquelles que o lem, ficão enfeitiçados, ora por uma, ora por outra

poesia. A fórma é um primor intraduzivel, em qualquer outra lingua.

Querem alguns dizer que é Dias continuador de Porto Alegre, que são suas americanas filhas das brazilianas.

E' um erro. São contemporaneas, (se não são anteriores); e as brazilianas tem por fim poetizar costumes nossos, e actuaes, e não couzas do Brazil, e indigenas, como as poesias de Dias.

Dias é o poeta do indio, e Porto-Alegre o do portuguez, que hoje é o brazileiro. Já em 1843, Dias fazia as americanas.

Que coragem, que força de vontade tinha este inspirado! Mal ganha uma victoria, aprompta-se para novos combates.

Não se deslumbra com os louvores, não se deixa enfatuar com a vaidade, nem póde a preguiça entorpecel-o.

Sagrado poeta pela maior autoridade de Portugal, e um dos homens mais de bem do mundo, Herculano, caracter que não se dobra, que não baratea louvores, que é sempre inteiro, e austero, Gonçalves Dias não adormece sobre os louros, faz os Segundos e os Ultimos Cantos, Dramas, Tymbiras, e obras de estudo, em que mostra que a reflexão é

nelle tão poderosa como a imaginação, que é tão grande pensador como poeta.

Em Gonçalves Dias, a naturalidade, e sensibilidade, banidas por Felinto Elizio, e seus seguidores, entrão como parte e grande na poesia. Poucos, como Garret, Castilho e outros, tinhão deixado de ser affectados, guindados, insulsos.

Os versos de Dias são a reproducção exacta da verdade, o espelho de um coração que amou e soffreu.

Havia nelle as dores do amor,do ciume, da pobreza e privações,dã nodoa do nascimento, com as tristezas de um anjo desterrado do céo.

Sobre o amor, as suas poesias são ou cantos de um anjo, ou lagrimas que gottejão do coração. E' immensa a mestria, com que dá vida á tudo que temos encerrado no coração de dôr, ciume e agonia no amor. Mesmo nas Sextilhas de Frey Antão, que os eruditos tanto aprecião, em Gulmare e Mustaphá, o coração sangra. E' que ha nelle sempre uma ferida, que nunca fechou, é que é elle — *without a hope in life,* — como disse Crabbe.

Pelo que se colligia de suas poesias, e agora a sua biografia veio certificar, o poeta era pobre, de dinheiro, só rico de ta-

lentos, porisso não teve animo de agarrar com as mãos ambas, a felicidade, que se encarnara em uma mulher, e a vio arrebatada por um outro. Dahi em grande parte a tristeza que o acompanha, as contrariedades em que cahe, o seu querer, e não querer, seu ardor nunca apagado, seus caprichos que parecem leviandades.

Quem ler — Minha vida e meus amores — ha de suppor que o poeta é um inconstante. Bem longe disto. E' tamanho o soffrimento, que na dôr do desengano, em vão procura disfarçar. Ahi o estão mostrando as poesias arrancadas da alma. Que cousa nessse genero ha superior á —Agora e sempre— Palinodia—Retratacção — O que mais dóe na vida A poesia— Ainda uma vez, adeos — mostra quão fundo foi o soffrimento, e é verdadeira expansão do que podia brotar do coração em um tranze tão amargurado.

E' uma daquellas poesias em que o amor se mostra mais elevado, dedicado, e sublime.

Mas, objectar-me-hão.

Este poeta tem nas poesias diversas e nas americanas, bellezas iguaes, e devidas só ao immenso talento, que sabe reproduzir todas as especies de impressões, por mais differentes que sejão.

Creio na verdade da poesia, como creio em Deos, como creio que só do sentimento se póde distillar as expressões que nos commovem.

Creio em Gonçalves Dias, esse homem mais poderoso do que um rei, pois soube extrahir das lagrimas um balsamo encantado, que allivia as penas do coração.

Creio naquelle rei, mais poderoso do que os outros, pois é um rei da intelligencia, é o que nos deu a independencia no dominio das letras, o que a completou e firmou de um modo explendido, quebrando o jugo da metropole.

Era preciso, era de justiça levantarem sua estatua no dia 7 de Setembro. O bello monumento, elevado em sua memoria em São Luiz do Maranhão por aquelles que em vida o abraçaram, ao mesmo tempo que é um justo tributo que o Brrzil lhe devia, é uma prova de quanto fazia elle vibrar as cordas da amizade, de quão nobres e fortes sentimentos inspirava á aquelles que o rodearão em vida.

De facto, suas cartas, que ahi estão, mostrão quanto foi amigo dos amigos, inimigo de lisonjas, pompas, e vaidades, chão, desaffectado, natural.

O Sr. Pinheiro Chagas passando rapida vista sobre a litteratura hespanhola na America Meridional, extasia-se diante de algumas poesias, fazendo pouco caso das brazileiras.

Gonçalves Dias acha elle que é um Gonzaga moderno, e para provar que houve transmigração da alma deste para a de G. Dias, que o espirito deste é o mesmo daquelle, cita a poesia—A Solidão—em que Dias convida a amada a fugir para o deserto.

Mas Dias tem mui poucas neste genero: mesmo os—Seus Olhos — não pertencem a elle. Dias tem o sentimento muito differente do de Gonzaga. Não só na mania bucolica, na imitação dos gregos e romanos, no seculo que os devide, é que differem. E', e sobretudo no mais fino sentir, pensar e devanear de Dias, cuja musa e vida forão bem differentes da musa e vida do poeta portuguez. Tem Dias a doçura de Gonzaga: ambos escreveram sobre amor. Mas em Gonzaga o amor é tranquillo, bucolico, affectado: em Dias o amor é ardente, cioso, terno, angelico, verdadeiro. Gonzaga não poderia fazer as poesias amorosas de Dias, quanto mais as americanas, e as diversas! Amor, mas o amor sublime, e verdadeiro, não póde ser interpretado pelo poeta bucolico, e não póde

achar interprete superior a Dias! Só reconheço na lingua portugueza dous lyricos iguaes a Dias e Alvares de Azevedo; são Garret e Castilho, depois de Camões, que está em alto pedestal, superior á toda a nacionalidade portugueza e hespanhola.

Os—Cantos—são irmãos das— Folhas Cahidas—e dos Ciumes do Bardo e estão muito acima da Marilia de Dirceu, cuja fisionomia é outra. Dias não é sómente um talento mimoso que segue passo a passo os europeus, é um poeta original, e creador.

Se o verdadeiro poeta é, como dizem os allemães, creador plastico, compositor e traductor dos elementos, que como espelho fiel, copia do mundo, e da vida, temos toda a razão de o considerar poeta, bem como Alvares de Azevedo.

Gonçalves Dias foi uma lyra que Deos mandou a encantar o Brazil, e declarar sua independencia litteraria.

Quando sentia vivamente, quando a externa impressão o fazia vibrar, cantava, e seus cantos erão celestes.

Elle não é só popular: é nacional.

E' o interprete do Brazil: norte e sul o amão, e não sei qual mais.

O Sr. P. Chagas diz que Gonçalves Dias viveu na Europa, e que seus grandes conhecimentos e estudos fazem que não tenha elle o sabor nacional, e expontaneidade de C. Abreo, J. Freire, e Alvares de Azevedo.

Dias passou perto de 11 annos na Europa, e 30 no Brazil, onde nasceu, soffreu, e gozou; conheceu e viajou como poucos pelo Brazil, vindo a morrer dos estragos de saude feitos pelo sertão.

E se os conhecimentos tirão a expontaneidade, como a não tirão nos genios, como a não tiraram em Alvares de Azevedo, que acha igualmente expontaneo, quando era este superior aos outros dous em estudos, e possuia aos 20 annos tantos conhecimentos de todas as litteraturas como aos 40 é raro alcançar-se?

Gonçalves Dias, e Alvares de Azevedo são os dous maiores poetas do Brazil

Ambos sabem remontar aos mais altos pensamentos e descer ao mais profundo e intimo do coração. Heine e Lamartine assignariam as poesias de Dias, e Musset ou Byron as de Azevedo, honrando-se com ellas.

Será talvez cegueira de patriotismo; me parecem os brazileiros muito superiores aos hespanhoes americanos, que chegão quando

muito a altura dos nossos poetas de segunda ordem. Em cantos patrioticos, cheios de amor pela liberdade, tem elles talvez melhores poesias do que nós. Ha ali grande ardor pelas idéas democraticas, e livres, e muitas lutas politicas. Mas porisso mesmo que não temos tido tantas revoluções, voltamos nossa actividade para a pintura da natureza e do amor, e para outros trabalhos.

A musa moderna é a liberdade, que resume as antigas musas, dir-me-ha o Sr. Pinheiro Chagas.Concordo: mas ella ainda não reinou em parte alguma da America Meridional. Poucos momentos gozão elles de liberdade, tiranizados por dictadores e caudilhos, mais incapazes e retrogrados que os peiores reis europeos.

Ha de o Sr. Pinheiro Chagas relevar-me que lhe diga que merecem mais estimação os poetas brazileiros, aos quaes dá elle tão pouco valor. Elle que á tanta intelligencia reune tantos conhecimentos, elle que tem a faculdade de creação, que é a mesma da sympathia, e admiração, que por vezes mostrou pelo Brazil, não deve fazer pouco em poetas que os maiores talentos portuguezes tem exaltado. Em parte attribuo esta falsa apre-

ciação aos nobres sentimentos que o fazem cantos ardentes, e patrioticos.

O Sr. Pinheiro Chagas vio que não temos o melhor dos dons: que uma politica tacanha centraliza, corrompe, e estraga tudo, tolhendo a liberdade; e da ausencia da causa, concluio a difficiencia dos effeitos, sem maior exame.

Diz que de certo devido ao estado livre, tem elles melhores poetas do que nós, e depois de extasiar-se diante de algumas poesias de hespanhoes americanos que cita, diz que— toma a liberdade de apresentar como modellos aos brazileiros.

Encanta-o a descripção de uma tempestade (creio que de Arboleda) e não faz cazo de uma sobre o mesmo assumpto de Dias, á qual Lopes de Mendonça classifica de notavel e americana.

Cita o poema de Arbolida — Gonçalo de Oyon, — como o typo da epopea americana, que aponta aos brazileiros, que parece que olham, sem as ver, para as paizagens de sua terra, diz elle.

Não apresentarei ao Sr. P. Chagas, as poesias—I—Juca—Pirama— Gigante de Pedra—Tabira; mas nos nossos poetas, que reputo inferiores a Dias, acho iguaes não só

no americanismo, como na altura do pensamento, a tudo que ha de melhor entre os hespanhoes americanos. Assim o Corcovado do Sr. Porto-Alegre, e a Confederação dos Tamoios, do Sr. Magalhães acho iguaes ao que tem de melhor, e o Gaúcho de Mitre acho igual ao de B. Guimarães, e A. Lessa.

Tem os hespanhoes uma exageração, que não está em nossa indole, que não podemos apreciar porque é além do natural.

S. S. nos reputa mais inactivos e ineptos, injustiça que parece deduzir-se do seu dizer. Poderiamos responder que é uzança velha dos portuguezes fazer pouco de si, e dos seus, e nós brazileiros, como filhos, entramos no rol de gente de casa.

Os francezes, os Elizee Reclus, nos maltratão, na *Revista dos Dois Mundos*, e elle os acompanha injustamente, acceitando sua opinião, quando os portuguezes devião nos conhecer muito melhor do que elles.

Não é aqui o lugar apropriado, nem entrarei no que é do dominio da politica. Entretanto direi de passagem que tambem tivemos revoluções, que tambem muito temos soffrido e lutado, muito sangue brazileiro tem corrido por amor dessa divindade da consciencia humana, que é a liberdade.

Mas temos tido menos revoluções, temos tido mais juizo do que os platinos.

O maior juizo herdamol-o dos nossos paes portuguezes.

Não temos a disposição sanguinaria dos platinos, que herdarão-a dos hespanhoes, disposição que os torna propensos a revoluções desordenadas, e estereis, que faz com que não haja um pronunciamento sem derramamento de sangue.

Reinão em ambos os paizes o atrazo e ignorancia: no Prata um tanto maior. Aqui as lutas são a intelligencia, mais vezes. Ali sanguinolentas quasi sempre.

No fundo, a causa é a mesma, tanto cá, como lá, e é a ignorancia,a vaidade, o desejo de lucrar, e brilhar, mesmo ás chammas da patria incendiada.

Ali, qualquer ignorante se julga melhor do que o que governa, e accende uma revolução, que só apaga-se com sangue, e males.

Aqui, a luta vae aos jornaes, as camaras, e poucas vezes ao campo de batalha.Por vaidade, ou ignorancia, julga-se um qualquer com direito de governar, de ultrapassar a lei, promover desuniões, e fraquezas do seu partido,e fazer melhor que seus chefes.Dahi, a luta e quedas dos partidos e dos gabinetes.

Mas em todo o caso, no Brazil procuram um terreno mais pacifico, procurão a instrucção,procuram fazer apparecer as idéas e caracter do povo instruido. Querem a evolução e não as revoluções,que todos os annos existem no Prata, sem a menor vantagem.

Dizem os platinos, e o Sr. Pinheiro Chagas parece acompanhal-os, que as revoluções são signaes de vida, e calor, de sangue generoso e ardente.

Eu penso que, bem pelo contrario, são signaes de fraqueza. Entendo que o povo em geral, ou um homem em particular, é tanto mais valente quanto menos lutas tem.

Os homens bem como os povos, que andão sempre em lutas, que vivem brigando, não tem luta notavel, memoranda, como os fortes que calados, tem-as poucas, decizivas, em que esmagão, ou são esmagados.

Os inglezes e allemães, evitão o mais possivel as guerras, que os francezes e hespanhoes provocão entre si, continuamente, se não podem leval-a aos visinhos.

Igualmente estamos vendo na vida commum os homens provocadores, briguentos, viverem a se descompor, e lutar, emquanto o valente é pacifico; e quando em ultimo extre-

mo, recorre á luta, torna-a importante e séria.

Podia alongar-me, para melhor provar a asserção, que comporta muito desenvolvimento. Deixarei, porém de o fazer, para sómente dizer que a fraqueza nos povos é que lhes faz não poder ir progressivamente se aperfeiçoando, estudando, seus defeitos e necessidades, para os corrigir, e melhorar. Atirão-se então a luta, julgando que della virá o bem, e deixando a resolução dos seus problemas a providencia. Nada fazem para ajudal-a, e ficão espantados quando depois de tantas mortes continuão as difficuldades como antes.

Diz dos brazileiros—que quando se tratava de reproduzir paisagens, no meio das quaes havião nascido, o pincel que tão fervidos quadros traçára, não encontrava senão frias cores, para espalhar na tela:—que o fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos e as paisagens que discrevem, conhecemol-as nós melhor do que elles (como o Salto de Itú, que elle na Guaracicaba bosquejou tão erradamente?) Acha que G. Dias pinta como touriste que vendo um sitio pittoresco, traça apressadamente o esboço nas paginas do album de viagem, emquanto Cooper pinta como artista enthusiasta, que se apaixona

pelos seus modellos; — que Dias foi para os selvagens da America do Sul o que fora Chateaubriand para os da America do Norte, e deu-lhes trajos europeus: — que F. Cooper tinha não sabe que tinta misteriosa, que Dias não conhece por pertencer demaziado a raça conquistadora. Esta de tinta que fallou o Sr. Pinheiro Chagas ha de ser o sentimento indio, que como mestiço, Dias teve mais que ninguem, embebendo-a em suas pinturas. Cooper descreve mais minuciosamente a vida daquelle que vive em contacto com a natureza. em seus romances. Dias só fez poesias, e poucas: mas nellas é o proprio indio que falla do que ama, que precisa expandir-se, cantando a vida, alegrando-se com o apontar do sol e a belleza da natureza, e entristecendo-se com o seu enlutar e tempestades.

Cooper, só á uma condicção do indio, ao estado de caçador, dedicou cinco romances, em que sobre tudo poetizou o heroe de raça europea, Nathaniel Bumppo.

Dias foi mais resumido ; foi poeta e não romancista, cantou, não contou.

Porém quem o examina attentamente e conhece o nosso indio, vê que elle o pinta perfeitamente. Uncas, no momento de ser reconhecido como o ultimo chefe mohicano,

e depois de prisioneiro, rei, não é mais bello do que I—Juca—Pirama, abraçado pelo pae, que momentos antes o amaldiçoara.

Ambos são verdadeiros ; porisso ambos commovem-nos, e são grandes.

Gonçalves Dias não conhecia sómente o viver e o sentir do indio, vivera entre elles, sabia sua lingua, de que nos deixou um diccionario. Os dois escriptores pertencem mais á raça conquistadora; mas nem por isso, dotaram menos generosamente seus filhos americanos, enriquecendo a litteratura com esses bellos typos.

Gonçalves Dias, da Europa, só tinha a lingua.

Diz o Sr. P. Chagas que Gonçalves Dias ainda não obtivera decisiva victoria e já tinha o triumpho decretado, já sua estatua campeava no Capitolio: e que só foi escriptor de cunho, nos — Segundos e sobretudo nos Novos e Ultimos Cantos, em que o progresso é sensivel.

Não tem razão. O Sr. Herculano exaltou-o, quando já tinha feito os Primeiros Cantos, quando já era escriptor de marca, superior a geral portugueza.

Será preciso que nós lhe expliquemos quem era Herculano?

Nem Herculano era homem de barateiar elogios, nem Lopes de Mendonça, o fino critico, e o Brazil inteiro se deixarião encantar por uma obra que não fosse de cunho !

Se o Sr. Pinheiro Chagas entende que, por falta da liberdade, á moda platina, não podemos ter bons poetas, então Portugal, que tem quasi a mesma constituição, povo, e idéas, não os póde ter. Ha alli a mesma, senão maior curteza de vistas, a mesma ignorancia e atrazo, os mesmos beatos a diffundir o obscurantismo, como vemos pelas obras de S.Gaio, e Julio Diniz, que sobre todos tocou na chaga que mata a peninsula.

E entretanto, vemos que Portugal tem tido poetas notaveis, e continúa a tel-os. Julio Diniz nas Pupillas do Sr. Reitor, faz Daniel fallar da necessidade de despojar a mulher do prestigio que enleia, fazer descer do pedestal em que se conserva. O que elle confessa a respeito da mulher, se póde aplicar ao caracter portuguez e brazileiro, seu filho, que quer descer tudo da posição elevada em que se conserva, para rebaixar.

Um nosso patricio, o Sr. Conego Pinheiro acha Dias superior a Porto Alegre, e muito, no colorido dos quadros, e na plastica representação da natureza tropical; e attribue sua

popularidade ao amor que se tem ás innovações, e ao feitiço operado pelos vocabulos indios que o poeta naturalizou em seus cantos.

Acho muito errada esta apreciação. O feitiço de Dias esta em que tem mais alma, exprime melhor os generosos sentimentos, entranhou-se mais no genio indigena, que traduzio fiel e bellamente.

Se os seus discipulos exagerarão, elle não tem disso culpa alguma, como quer o Sr. Conego, imputando-lhe o ter inoculado na nova geração o virus da logo—machia.

Muito estimo, e muito respeito ao Sr. Porto Alegre, mas como poeta, não acho no Brazil igual a Dias. Aprecio sobre tudo o — Corcovado,— o começo do poema— Colombo, e as Brazilianas. No geral, porém, o acho guindado, e antiquado, uzando por demais de palavras campanudas, e obsoletas.. O tropeiro, e o boiadeiro são typos brazileiros, e originaes, e elle os descreve bem. E' innegavel que é poeta, e tão distincto pelo engenho, como pelas qualidades moraes: mas não igual a G. Dias.

Voltando a este me parece que os — Tymbiras—é uma das obras inferiores de Dias. Acompanho nisto o Sr. B. Guimarães, por

que não vejo nos Tymbiras destas frazes que sem querer se decora, e guarda na memoria, porque partem do coração. E' nelle o coração que falla, e este quando tocado, é que exhala suas vivissimas harmonias. É em versos soltos, sem a rithma e belleza dos outros. Como confessa o seu amigo e biografo, nelle dominava o lyrismo, não era para elle a tuba epica, e o cothurno tragico. E' bella obra; mas acredito que ficou em esboço, e que não só estes quatro cantos, que restão, como a obra toda, elle havia de muito melhorar, e dar á ella mais tarde a belleza e perfeição, proprias as obras daquelle inspirado.

Nasceu Gonçalves Dias no dia 10 de Agosto de 1823, em uma choupana de folhas de palmeira, no engenho da Boa-Vista, quatorze leguas afastado da cidade de Cachias.

Forão seus paes, o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias, e sua mãe, Vicencia Mendes Pereira, mulher de cor acobreada que até hoje vive. O pae teve em sua companhia esta mulher até o anno de 1829, em que dispedio-a e cazou-se com a Exma. Sra. D. Adelaide Ramos de Almeida, que ainda hoje vive.

Gonçalves Dias viveu sempre pobremente, precizando trabalhar para sustentar-se.

Morreu na madrugada de 3 de Novembro de 1864 no navio *Ville de Boulogne* que naufragou perto de Guimarães, quando já avistára terras da patria.

Morreu abandonado em um navio francez, aquelle grande coração, aquella alma de anjo.

Entre nós, no Brazil, o escriptor, o poeta, é pobre. Tem necessidade de ganhar o pão, para depois dedicar-se as lettras. Lamartine e Victor Hugo terião de morrer de fome, se das suas obras tivessem de viver. Ahi estão Gonçalves Diss, e Alvares de Azevedo, que são o Lamartine e Victor Hugo brazileiros, que são as duas maiores fontes de inspiração que jorrarão no Bsazil, e que não tiverão lucro algum com suas obras.

Todos tem necessidade de trabalhar, de ganhar dinheiro, para poder depois entregar-se ás lettras. Poucos leem; importa-se com livros um ou outro apaixonado, que a turba multa nem sabe o que vae pelo dominio das lettras. E o que ha de mais vergonhoso, é que nem os homens formados leem: quando muito, sabem do que vae pelas suas especialidades.

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

Todos sabem quem foi Manoel Antonio Alvares de Azevedo, aquelle engenho precoce como Victor Hugo e Chatterton.

Todos os que leram o discurso biografico do Sr. Jacy Monteiro, linda peça litteraria em que as lagrimas brilham como perolas, em que as perolas poeticas commovem como lagrimas de irmão, sabem o que foi aquella creança sublime como estudante, como amigo, e como filho.

Foi incontestavelmente um genio. Não conheço, em litteratura alguma, intelligencia mais culta, estro poetico mais perfeito, em tão curta idade. Morreu com vinte annos e poucos mezes, e fez obras que grandes escriptores desejarião ter produzido.

E' de uma familia distincta. Seus paes, seu tio o senador Silveira da Motta, e muitos outros, estão assoalhando os dotes daquella dymnastia da intelligencia.

O talento é um dom que em certas raças, transmittem os paes aos filhos, por graça de Deos. Das duas corôas, de talento e realeza, é a do talento a que passa por graça de Deos, e a unica invejavel.

Foi Alvares de Azevedo um verdadeiro poeta.

Tanto sentio e soffreu que morreu moço.

Aquelle bello moço, com grandes perfeições fizicas e moraes, na idade do prazer e dos sonhos, tinha condicções para ser feliz, para ser-lhe a vida um goso, para ser coroado de laurea. E entretanto só teve em partilha o soffrimento. Como, nascido na abastança, livre de mizerias que estrangulão o goso da vida, querido pelos seus, e pelos amigos, soffreu elle tanto como se vê pelas suas obras? Porque será a desgraça a athmosphera do poeta, e as obras mais sublimes serão feitas pelos homens mais infelizes? E' que as agonias, que constituem o poeta, dimanão de sua natureza e os homens e os acontecimentos não são mais do que ventos que fazem vibrar a lyra que trazem no coração.

As dores do poeta provém da grandeza do seu ideal, comparada com a pequenheza de forças e tempo de que pode dispor para o realizar.

Os homens vulgares não soffrem tanto, tendo seu ideal muito mais baixo e facil de attingir, e porisso se espantão ao ver as agonias do genio, que não sabem a que attribuir.

Esta é a razão de vulgarmente imputarem a loucura os sublimes soffrimentos que não podem comprehender.

O certo é que o poeta soffre immensamente, e isto que a historia nos mostra, os nossos poetas tem confirmado com o seu exemplo.

Alvares de Azevedo nunca mente e poucas vezes descahe. Acabando a inspiração, cala-se. Não se arrisca a dizer o que não sente, como tantos outros; e o que sente, diz bem, e com o calor da mocidade. Logo que a deuza da inspiração o deixa, elle cahe por terra, acabrunhado. Ha pouco, era mais do que um homem: agora, é menos do que uma criança. Segue a inspiração com amor, com loucura; só a ella obdece.

Embebeu-se elle na leitura de muitos poetas, sobretudo de Byron e Musset; mas produzio obras proprias, as quaes deo a sua feição. Aquelles que o manuzeão todos os dias, não encontrão entre os seus, filhos extranhos roubados a esses escriptores.

Se não morresse em tão verdes annos, seria um Musset. Seria o poeta da mocidade, o favorito do Brazil, como Musset é o favorito da França.

Cremos isto, ao ver como attinge elle á mais alta elevação, á que póde chegar uma

intelligencia, e á maior perfeição, que póde alcançar um talento poetico. Na Virgem Morta, Lembranças de morrer, Idéas intimas, é perfeito poeta. Nos Hymnos do Propheta, Gloria moribunda, é profundo como Job, e tem soluços partidos de dentro que commovem.

Poucas são as poesias de pequeno valor. Quasi todas são sublimes. O primeiro volume das obras completas foi mais cuidado. Na proza, Azevedo é guindado, afoga-se em um Amazonas de comparações, e exagerações. Parece que para ella só deixa os sobejos dos banquetes poeticos. Na poesia, é outro. E' ella inspirada por Deos, distillada do coração. E' uma prova de quanto pode Deos ser grande e liberal em seus dons.

Tinha genio creador. Parece milagre como produzio tanto no meio de immenso estudo que o devia absorver.

Fico pasmo quando me lembro que com vinte annos teve tempo para estudar a sciencia de direito, sendo um dos melhores estudantes, leu as obras mais importantes de todas as litteraturas, tornando-se um dos brazileiros mais illustrados, e ainda achou vagar para escrever tres importantes volumes. Como

poude as carreiras escrever tanto, e tão bem? E' que era genio.

São seos versos os raios daquella intelligencia, que é um sol de poesia, o jorrar rapido e quente daquella fonte sempre aberta da inspiração. Castilho e Lopes de Mendonça o proclamão um genio e tal o reputamos nos brazileiros.

E' seu livro sua vida, suas lagrimas poetizadas, suas aspirações de amor e gloria, seus sonhos de mancebo.

Ali se está vendo amar, soffrer e sonhar; e quasi que seus ardentes versos dão vida ao moço pallido, esbelto e sympathico, que conhecemos em S. Paulo, á aquelle semblante que reflecia a intelligencia, doçura e melancolia.

Bem como a doçura dos bellos olhos, é a belleza especial da brazileira, é a ternura a melhor corda da lyra brazileira.

Azevedo é a ternura, ainda não firmada em uma mulher. Como sabe chamar seu ideal com amor e eloquencia! Como a busca e deseja! E' assim que devem chamar os anjos. Tem a magestade e a dôr continua de Eurico, de Herculano. Triste, sempre triste.

A mulher amada nunca encostou-lhe aos labios a face linda. Morreu inteiro, ardente, sem exhaurir-se.

O ideal não encarnou-se, como o de Gonçalves Dias, porisso chama-o com tanta magia. Tantas visões cheias de fogo,tanto amor, para morrer na flôr da idade sem encontrar o ideal! Moças formozas passão,elle as chama com divinos cantos, e ellas se affastão, deixando solitario o immenso peito, desejoso de encontrar um amor de mulher que o enchesse. Pelo ideal tanto soffreu,que mancebo morreu.

Alvares de Azevedo! De que te serviram tantos dotes, se o ideal não veio, se deixaram tua alma só, e triste! Moças, não sabieis que entre milhares de homens se encontra um Azevedo? Oh! antes não ter tantos dons, e ter a mulher querida. O mais bello livro não vale uma palavra de seus labios não é assim, Manoel Antonio? Romeo não amou mais e teve em recompensa horas de gozo, noites brancas!

A alma de Azevedo é uma flor que se abre ao pallido clarão da lua. Foge do sol, da alegria, da realidade, e vôa sublime pelo céo da noite, da tristeza e dos sonhos.

Não poude votar seu coração em um templo virgem: esperdiçou-o em parte.Não como

Bocage,que muitas vezes o chafurda no lôdo. Porisso tão bem soube exprimir o vulto de Bocage, que não conservou o coração nobre de Azevedo.

Tinha os dois olhos de Deos, que elle baixa as vezes sobre suas creaturas queridas, o amor e a intelligencia.

A intelligencia com a desesperança de Byron, e o ámor com a doçura de Lamartine.

Quando quero citar um bello trecho de Alvares de Azevedo, não sei em qual pegar. O que elle podia bem exprimir, sentimentos de moço, amor, devaneios, não tem cousa melhor em qualquer outra litteratura. O segundo e terceiro volumes tem pouca cousa boa. O Poema do Frade—está ainda em embrião. Quando tivesse mais idade, é que poderia produzir fructos proprios de idade mais madura.

O que fez é de verdadeiro poeta. A poesia a—Pedro Ivo—revella os nobres sentimentos. —Se morresse amanhã—mostra o terno coração. Chauteaubriand se extasia diante da poesia de Gilbert— *Au banquet de la vie.*—Se elle podesse ler—Se morresse amanhã— não a acharia inferior, tanta poesia, tanta dôr, tanto sentimento ha nella !

Quando só tivesse feito a poesia a Pedro Ivo, bastava ella para se ver que grande cidadão, e que nobre coração tinha elle! Aquella poesia é uma marselheza! Electriza. Com que independencia se dirige elle ao Imperador, e pede que, pelo perdão ao menos, se colloque o principe na altura do homem do povo! Sente-se bater quente o coração, e correr livre o pensamento. Ve-se que estamos na America, e que os prejuizos da velha Europa custão-se encaixar nesta terra, em que o sangue é novo,as idéas,e a natureza novas, em que só se acredita nos escolhidos por graça de Deos, n'aquelles que tem em maior copia o que só Deos póde dar, espirito, sentimentos, caridade, amor ao trabalho. Esta unica poesia bastava para mostrar a nobreza de seu caracter. Que fogo, e quão longe estamos da nossa triste época, em que um Erasmo esquecendo que é brazileiro, ouza ridicularisar nossos bravos, que forão baratear honra e vida pelo Brazil no pantanoso Paraguay!

Alvares de Azevedo representa bem a mocidade do Brazil, triste, doentia, aspirando morrer, pois prevê que sua liberdade vae sendo coarctada. Tem momentos de alegria, expansões de moço: horas porém de tristeza.

Seu fundo é triste. Tirae o verniz do prazer, encontrareis o cerne da melancolia, que é seu amago.

Ha nos campos da provincia de S. Paulo um passaro parecido com a calhandra da Europa. Semelha no feitio do corpo, e cor do peito, ao canario, e na cor do resto do corpo, ao tico.

Ao passear pelos campos da provincia de S. Paulo, vê-se sahir derrepente, quasi debaixo dos pés, e do meio do capim, um passaro,tão pequeno que mal o vemos, e que vôa,remontando ás alturas,expargindo uma nota vibrante,longa, até sumir-se de todo.A onda sonora acabou-se no céo e ainda a escuta o nosso ouvido enlevado. Canta no chão uns pios, curtos, intercalados, tristes, ao chegarmos a elle; e derrepente vôa, com elegante vôo, subindo em zig-zag, cantando até perder-se nos ares, um canto mui differente do que tinha no chão.

E' um canto assobiado, sem grandes pensamentos, e de que não se perde uma só nota apezar da extrema rapidez com que escorregão pela travessa garganta, sem intervallo.

Para cantar, enteza as azas, desce o vôo, e solta a nota, doce vibrante, que parece uma corrida sobre uma só corda de rabeca.

Ouve-se ir cantando, descendo e subindo, mesmo quando não mais se o vê. Ao ouvir tão estranha e linda muzica, para o viajor arroubado. O que é, donde vem? Lá, lá bem no céo, canta o passarinho, que vibra até a terra a doce muzica. E' curioso e agradavel. Quando a vemos no chão, é pequena ave: quando a ouvimos nas alturas, é um canto celestial.

E' dos mais doces sons que existem na creação.

Canta, calhandra, canta. Tua voz vem do céo, e allivia as penas da terra. Não te vejo; mas pela doçura do teu canto, pela altura donde vem, eu bem sei que és celeste.

Assim foi Alvares de Azevedo. Não era bem conhecido e apreciado: subio, porém, ás alturas, e ouvio-se melhor o seu canto, que é hoje uma gloria do Brazil.

A Harpa do Norte cessára o canto. Cantou Alvares de Azevedo, e a sua voz é digna de seu emulo inspirado.

ALENCAR

O distincto escriptor ha pouco fallecido, disse no prefacio do livro—*Sonhos de Ouro*—que se achasse um meio de estimular a severidade da critica, o empregaria. Não queria

elle esses—elogios de amigos que andão tão corriqueiros que parece invejavel a sorte do livro que merece de um escriptor sizudo a critica severa, do que a de tantos outros que ahi surgem, cheios de guisos e cascaveis, como arlequins em carnaval. — Eu procuro ser esse juiz severo, dizendo o meu pensar francamente como um paulista. Mas se censuro, se ataco fortemente ao escriptor, nada tenho que ver com o homem. Maccawlay acha o escriptor Southey voluvel, injusto, máo, feroz: e entretanto confessa que na vida real é elle um homem bom, humano, amavel.

Assim, se critico o escriptor, professo o maior respeito a memoria daquelle que não conheci, e que não desejo de modo algum desacatar.

Não é uma critica, não são estudos que pretendo fazer das obras de Alencar: são as sensações que me nasceram, ao lel-as, são as impressões que me deixarão, que tentarei descrever neste estudo. Entre nós, já se vae fazendo preciso um Planche.

Temos muitos escriptores e algumas obras de vulto.

Os portuguezes que se mettem a criticar-nos, não nos entendem: é uma lastima ver os seus juizos.

Alencar é um grande escriptor : em meu entender, o primeiro dos brazileiros, e um dos primeiros da lingua portugueza.

E' mimoso seu estyllo: sua prosa é bella as vezes como o verso. E' singular no lavor da phrase. Grava o que diz ; emmoldura com bordados, e arabescos: colora e illumina com arte fina, e delicada. Cerca uma idéa de imagens, cores, harmonias, com profusão oriental; ao ponto que parece ver-se, apalpar-se, sentir-se. Mas suas obras resentem-se do trabalho por demais prompto, e sobre posse.Publicava uma obra: uma outra estava entre mãos, e já uma terceira enamorava sua voluvel imaginação. Quando se o cuidava mais entretido com a politica, era quando apparecia uma—Pata da Gazella, Tronco de ipé, Til,Gaúcho,Sonhos de ouro,Encarnação, etc., etc.

Eu acredito que Alencar publicou o Guarany afim de expôr os muitos quadros bonitos que tinha guardados: e as Minas de Prata para descrever a scena final, e mais duas ou trez.

Se publicasse em separado os bellos pedaços que tem espalhados pelas diversas obras, faria mais pela sua reputação do que produzindo muitas obras, não extremes de vicios.

Creio que não fez a obra que havia de estar na altura de suas superiores faculdades de artista. Parece que publicava para mostrar as joias que tem espalhadas no meio dellas. Nem descansava. Ah! se empregasse esse tempo em polir, emendar, aperfeiçoar-se, que monumento não teriamos? E' pena que não viajasse pelo Brazil. Com que bellos quadros não se recolheria?

Como respondendo a esta critica, Senio diz que nada ha mais absurdo do que exigir um poema em cada romance, e que o autor que tal fizesse merecia um curador, como prodigo, esbanjador de capitaes.

Não é de escriptor de tal quilate que devemos esperar obras mediocres e pouco pensadas; antes entendo que maior seria seu lucro pecuniario e nomeada, se publicasse poucos livros, porém monumentaes. De homem que tem suas qualidades, devemos sempre esperar melhor. Quando se tem tão bello talento, tem-se obrigação de considerar, estudar e reflectir maduramente, para que o fundo esteja na altura da forma, para que não apresente-se factos impossiveis, caracteres contraditorios, quadros phantasticos, intrigas mal ligadas.

Não armo ao louvor, armo ao dinheiro, parece deduzir-se de seu dizer.

Se alguem acredita nisso, se alguem taxou a sua musa de mercenaria, está em erro; essa pecha de amor ao ouro, não se pode lançar em sua musa, que é uma carioca voluvel, caprichosa, inconsiderada, mas não escrava do ouro.

O Guarany seria obra prima da nossa lingua, se fosse expurgada dos poucos defeitos que tem.

Tem bella fórma, nobre fundo, scenas lindissimas. O scenario é bem escripto. A cortina de trepadeiras é bella, e a lavandeira de Deos que vem pousar no hombro de Cecilia, é verdadeira, é perfeita, pois de facto são pouco bravias.

A despedida de Pery é sentimental, e um dos mais bellos trechos do romance. Ayres Gomes é bem descripto; agrada pela firmeza e coragem, e faz rir nos trances em que se vê desarmado pela natureza desconhecida e selvatica. No segundo volume, Verme e flôr, é outro bom capitulo. A tentação de Ruy Gomes, ao principio feita a mêdo, depois com desespero e raiva, é de quem estuda a alma humana. Deos dispõe, é outro bom capitulo, bem como o Combate e a Sortida.

Revellação é ainda mais bello! Parece ser idéa do autor, pois confesso não ter lido em outro este pensamento de envenenar-se um indio e entregar-se á tribu inimiga, para aniquilal-a com o seu corpo infeccionado. Creio uma idéa original como a do Espião de Cooper, e igualmente nobre pela grandeza d'alma, que chega ao ultimo ponto de sacrificio e dedicação.

No capitulo, A noiva, não se percebe por que razão, abrindo ella a janella, ficava irremissivelmente morta.

O epilogo tem bellas descripções da natureza.

Alongo-me, mostrando as bellezas deste romance, quasi poema, que já é brazileiro, que não podia ser feito em Portugal, para livrar-me da pecha de só catar defeitos. Estes tambem existem no romance.

Assim, o autor, na pagina 37, descreve uma onça, que, pelo que indica, é a preta de malha parda, não se podendo affirmar, por ser elle omisso nesse ponto. Essa onça é immensa e feroz, e entretanto Pery recebe o seu choque, augmentado de toda a altura da arvore, e sem tetubear, vence-a, e prende-a, como se fosse um simples gato. Dizem os caçadores de onças, que não é possivel a luta

entre a onça e o homem; que este succumbe se não tiver do seu lado as armas que a civilisação tem posto ao seu alcance.

Entretanto, Pery, depois de subjugar a onça carrega-a ás costas e a leva a Cecilia. O autor, porém, não quiz dar-se ao trabalho de consultar os caçadores que lhe mostrarião que a caçada da onça é muito diversa e mais bella do que elle a pinta.

Insisto neste ponto porque em outra obra, no Gaucho, de novo o autor faz Pedro Javardo trazer suspensa no braço esquerdo pelos pés, como um coelho, ontra onça, de sorte que não tem a escusa de que foi um indio herculeo que praticou essa façanha sobrenatural.

Tambem não acho propria a scena em que Izabel confessa a Alvaro o seu amor; em primeiro lugar porque uma moça que vê que não é amada, não repisa a confissão de seus sonhos amorosos, e aquelle que não ama, não aprecia essas effusões, que são doces para o amante, mas sem sabor para elle, e nem se esquece a ponto de ir passando o braço pela cintura da mulher desprezada.

Na *Iracema* o Sr. Alencar faz o indio bello, intelligente e poetico, quando o vemos feio, estupido e porco. Ao menos Cooper, se o

poetisa as vezes, o mostra outras debaixo de bem triste aspecto. Para o Sr. Alencar elles são sempre bellos, quando sempre os vemos horrendos, nos sertões de S. Paulo, Paraguay e Chaco, como Ives d'Evreux os pintava, já no seculo 16.

E' pena que tão bella intelligencia tenha tão errado proposito, e desejaria vel-a arredada dos seus amigos indios.

Se ao menos Iracema fosse perfeita, eu a desculparia de ter enfeitiçado o Sr. Alencar. Distrahio ella a força do nosso melhor guerreiro e o tornou indio pintado. Aquelle que precisa grandes emprezas para nellas empregar sua força, ficou preso por Iracema, e foi habitar o sertão. Era melhor que tivesse morrido Iracema para o não occupar tanto tempo em se pintar e fingir indio quem nada tem disso.

Tem trechos bonitos ; o geral é fraco.

Ao Sr. Alencar é que se póde applicar a censura que faz P. Chagas a G. Dias. E' um indio pintado, conservando o interior de branco; é Coatiabo.

Quer Iracema ser elevada pelo uso de palavras antiquadas, quando G. Dias, se eleva pela elevação do pensamento, usando das palavras mais usuaes. As vezes dá significa-

ções forçadas as palavras, e obriga-nos a recorrer ao diccionario, como se estivessemos a traduzir uma lingua estrangeira.

Fronde, veloce, parte, gracil, roscando, roreja, estugar, escapula, pojar, e duzias de outros termos, podem ser tolerados em verso, que a tanto obriga.

—Que faz serem brancas as formigas,— mas em composição tão livre como a prosa, não sei para que esta prisão.

Ubirajara acho mais simples e mais natural que a Iracema.

Os seus heroes ainda fazem acções impossiveis, arrancam com os braços os troncos mais robustos da matta, retêm pelo pé em sua carreira a anta vigorosa : mas não é tão affectado como Iracema.

O Sr. Alencar queria que tudo fosse novo em um poema brazileiro, e fez para amostras Iracema e Ubirajara. E' tudo tão novo que nem bugre, nem branco os entendem.

As Minas de Prata não parece obra do autor dos Guaranis. Só se apresentando como prova typographica póde ser desculpada.

Quasi todas as scenas e figuras estão em esboço ou são falsas: os personagens são contraditorios comsigo mesmo. Assim vemos Christovam, ao principio bom amigo, depois

fazer crer que é traidor, e que despreza Elvira, que elle deshonrou e que o amava loucamente.

Ignez parece amar Estacio, e logo depois diz amar Christovam, e só depois de resuscitar é que ama outra vez Estacio, que no deserto, devia tomar satisfacção ao amigo,pelas palavras ditas no dia do casamento.

O Jesuita Molena, ao principio um grande malvado, torna-se depois bom, um coração grande e amante.

O escravo Lucas no principio apparece como um perverso, e no fim como um excellente preto.

E todos os caracteres o autor muda, sem que haja uma explicação para tamanha incoherencia no procedimento.

GUERRA DOS MASCATES

Esta obra de Senio, que o Sr. senador Zacarias disse no senado conter allusões aos contemporaneos, com pretexto de pintar os que já foram, é um bonito romance.

Tem interessante enredo, agrada, prende a attenção.

Appareceu o segundo volume, tendo o primeiro apparecido mais de anno antes. Tratá das

desavenças entre os nobres de Olinda, e os mascates do Recife, em 1710, entremeiado com amores e episodios romanescos.

Guerra propriamente não chega a haver, acabando o romance antes della, com o casamento dos namorados todos.

E' muito satyrico. E' o livro um pamphleto contra os homens, costumes e defeitos do nosso tempo, principiando pelo nosso imperador e acabando nessa miudagem de officiaes do paço que não se conhece bem por não se dar a attenção a elles.

Porém as figuras do Imperador, Srs. do Rio Branco, S. Vicente, Inhomirim, são tão conhecidas em todo o paiz, que ao ver-lhes o retrato, todos dão o nome.

Diz o autor que dantes, em 1700, se dava tiros, e que hoje se castiga mais limpamente, por meio de artigos.

E' exacto : zurze elle os modernos com o seu pamphleto, melhor do que se lhes desse tiros com sal, como a Sra. Rufina.

Em alguns retratos como no do governador alarga-se por demais. Parece que o fez o romance sobre tudo para o retratar.

Não de um traço: mas por muitos espalhados no correr do romance, como ve-se copiando as suas palavras.

O governador de Pernambuco, D. Sebastião de Castro Caldas, é D. Pedro II do Brazil, retratado por Senio.

« Sua fronte aberta denunciava intelligencia; entretanto a testa bombeada era um traço feminino. Via-se ali a fórma do talento do detalhe, da malleabilidade, do engenho que se presta a varios misteres ao mesmo tempo.

« O seu parecer era nobre e viril em repouso: desde que se punham em acção suas faculdades, desprendia-se dellas um prurido de actividade soffrega, e volubil, que desconcertava a compostura do semblante e do talhe.

« Fallava rapido com palavra diffusa, e voz estridente : demasiava-se no gesto : em todos os seus modos punha tal alacridade que devia-lhe o espirito tetubear as vezes.

« O trajo era rico, aprimorado: mas com o deleixo com que o trazia, parecia já usado demais.

« Sua vontade, como a odallisca de um serralho, nunca se mostrava a rosto descoberto.

« O governador é o livro de Machiavel encadernado em pergaminho humano, com o qual principe anda em moda comparal-o,

Com essa maledicencia cuidão deprimil-o e o absolvem.

« Machiavel foi o politico do seu tempo, como este o é de sua escola.

« Certas palavras, como brio, etc., etc., arranhavam seu ouvido fidalgo.

« Lançava sempre nos subalternos a culpa dos actos que praticava, quando sobre elles cahia a censura.

« Por esse modo arranjava commodo rojão do rei constitucional, que não póde errar.

« Querendo nomear certo sujeito para algum officio, entrava a achar pecha em todos os indicados, dando signaes de quem serviria ao caso, até que seu ajudante lhe soletrasse o nome, que elle então acolhia como uma sorpreza, e acceitava a idéa vinda de outro.

« Andava sempre a duas amarras: por isso era o primeiro antagonista dos mascates, de quem se rodeava, assim como o primeiro apologista dos nobres, que não perdiam occasião de feril-o.

« Occupava-se com minudencias; mas naquelle tempo a arte da governança se praticava por esse theor da politica de aldêa.

« A saliencia do seu caracter era uma susceptibilidade de proeminencia. Qualquer superioridade fazia-lhe sombra, e sua preo-

cupação incessante era abatel-a, não derrocando-a, pois era avesso a estrondos e violencias; mas aluindo-a aos poucos.

« Essa obra subterranea, seu espirito proseguia com uma tenacidade fria, e inflexivel, apezar da indicisão e malleabilidade de que pareciam envoltos seus actos. Punha de geito as papoulas para melhor as ceifar. Só gostava das almas flacidas e ductis como as do seu secretario (Sr. Paranhos?) Passava por philosopho e desabusado acerca de maneiras palacianas, do que se lastimavão seus officiaes de sala, então como agora mais realistas do que o rei.

« Todavia nunca se lembrou de acabar com taes praticas.

« Era uma de suas subtilezas persuadir aos outros de empenhos, que além de não tomar, elle resalvava por palavras e reservas mentaes, a que não se dava attenção. Seguia Machiavel.

« Nas occasiões em que se embrulhava sua politica, seu figado como o de Cezar, soffria repercussão do abalo moral: mas a bilis, promptamente corrigida, nunca perturbava a fleugma desse organismo.

« Apezar do que affirmava o discreto secre-

tario, não se movia uma palha sem licença do governador.

« Era exemplar no seu viver privado. Ao romper d'alva estava a pé : e empregava no estudo as primeiras horas do dia, indo algumas vezes visitar os fortes.

« Não dispensava os officiaes de sala. Fazia-os apanhar sol, chuva, de cabeça exposta ao tempo, sem a menor consideração ás calvas ou as cans.

« Os officiaes de sala, o tempo que tinham de folga, o dispendiam em medir com as pernas os soalhos alcatifados, recontando anedoctas palacianas que já tinham mofo, mas em que achavão sempre chiste particular que provinha do forte sabor cortezão.

« O unico assumpto de suas conversações era D. Sebastião. Tinham alguns especial incumbencia, e era colher quanta novidade e mexerico topavam na cidade para voltar com elles ao palacio.

« O governador muito os apreciava.

« Eram para elle uma cousa entre o creado e o animal: uma especie de mobilia do palacio: não lhes tinha a menor estima.Se algum morria, era uma contrariedade e nada mais.

« Mandava por um companheiro dar os pezames a familia, e á noite ia ao saráo. Se

adoecia alguns dos creados de quarto, lá ia elle com toda a comitiva, a visital-o ao leito.

« Estes factos eram referidos e commentados com muitos louvores á caridade do fidalgo.

« No fim o governador reconhece que sua politica dissidente havia tudo esmagado em torno delle : de modo que no dia de provança, quando se julgou cercado de amigos e alliados, não vio ao redor de si senão miragens de sua propria vontade, que animava com seu prestigio, e com este, se apagavam.

« Na noite em que elle embarcava para transportar se a bordo de um navio que devia conduzil-o á Bahia, diversas pessoas o acompanhavam.

« Só uma porém estrãnhou o governador. D. Sebastião reconheceu Carlos de Eneia, seu antigo secretario que ali vinha render a homenagem do seu respeito a adversidade, já que não lhe era dado conjural-a.

O autor adverte que ha muita gente que teima em ver personagens contemporaneas disfarçadas em figuras do seculo passado, e que qualquer facto, circumstancia ou episodio da chronica são logo referidos aos inculcados, Sosias de seus personagens. Mas que embora

carreguem-lhe com a culpa de malignidades politicas, elle as não cogitou.

Esta insistencia em advertir que não talha carapuças, mostra que quer prevenir algum leitor pouco malicioso para descobrir a malicia encoberta.

Diz elle que, copiando-lhe o vulto historico (do governador) além de vingar sua memoria contra a injustiça e o aleive dos coevos, erige om vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica sorna, tibia, sorrateira e esconsa, que a maneira da carcoma, róe e corrompe a alma do povo.

Mas se o leitor malicioso quizer achar carapuças, desde já protesta o autor contra semelhante abuso.

O autor, que por annos habituara-se a tratar com os personagens da guerra dos Mascates, e aos quaes conhecia tão bem, que os distinguia de longe pelo gesto e pelo andar, não póde desculpar-se com um lapso de penna.

O romance foi pensado e amadurecido, copiado das notas que tinha sobre os politicos de hoje.

Traçando, depois da figura do governador, a figura de seu secretario, diz elle que podem

servir para o paradello com as illustres cariatides modernas, que ahi andão em quadro de apotheoses. Alto, bem apessoado, o capitão Barbosa Lima (S. Paranhos), florescia apezar dos annos que lhe tinham despovoado a fronte, sem fanar a rosada frescura do agradavel semblante, nem estancar o perenne sorriso que manava dos labios suasivos, como o fio de um favo: e elle o tinha na palavra insinuante.

« Dos olhos pequenos e redondos lhe escapavam as chispas de um espirito a scintillar, como lentejoula que era do seu engenho superior e adestrado no manejo dos negocios.

« As moças achavão bonita a calva do secretario, e os rapazes invejavam-lhe a estatura pernalta, a que se attribuia o ter galgado tanto pela escada da fortuna. (Mais parecido com o Sr. Paranhos não é possivel.) No moral, alma flacida e ductil, destas que tomam todas as feições, e prestam-se a guiza de pellica tanto para uma luva, como para um chinello. »

Igualmente a figura de Simão Ribas, de exterior ridiculo, sempre trocando o r em l, usando da expressão suplemo para designar o governador, é claro que é o Sr. de S. Vicente.

Bem como o voluvel que pela contricção, grandes bochechas e retorica, está bem conhecido para que precise pôr-lhe o nome de Timandro,

O ardego padre João da Costa já no senado disseram ser o conego Pinto de Campos.

O secretario do governador que lhe conhece as manhas e que não pôde demorar-se no cargo, por não soffrel-o no papel de criado, Carlos de Enéa, homem de meia idade mettido comsigo, que o mais do tempo levava a rabiscar papel; que fez esta chronica, em que talvez se refugiára de nojo pelas miserias publicas que o rodeavam, é Senio, autor desta chronica da Guerra dos Mascates.

Zurze de passagem muitas outras pessoas, e instituições, como por exemplo o Banco do Brazil, que qual sanguexuga lhe exhaure a seiva em proveito de certa oligarchia financeira.

O estylo da obra é baixo, as vezes chulo de mascate. As mais das vezes descuidado: poucas correcto, nobre, verdadeiro.

São tantas as palavras, que são como as traduzidas do francez.que parece que o autor quer fazer um portuguez novo, afrancezado.

Nota elle que uma de suas heroinas,a Sra. Engracia, empregue os termos em uma ac-

cepção peculiar sua, e entretanto elle os emprega as vezes no sentido verdadeiro e mais vezes no figurado.

Aprecia sobretudo os termos e locuções obsoletas quando os devia usar unicamente, quando não houvessem modernos e mais apropriados.

Se quer mostrar sua sciencia de antiquario, diga-nos de passagem que taes e taes cousas que hoje se conhece com taes nomes, se chamavam em tal tempo com outros nomes.

Que me importa que João de Barros e Freire, usassem de taes palavras, se ellas hoje cahiram em desuso? Com os termos cahidos em desuso, se podia fazer lingua nova, tão difficil hoje como o inglez, e usar della é tornar pouco interessante o romance.

Victor Hugo e outros apresentam uma lista de dezenas de livros que estudaram, para mostrar que conhecem a época que descrevem em seus romances.

Senio quer mostrar que estudou aquella época, trazendo os termos que hoje não se conhece mais.

Isto, se faz honra aos seus conhecimentos de antiquario, prejudica muito ao escriptor que anda catando phrases em vez de seguir a inspiração.

O Gaúcho devertiu-me.

Tem como os outros, muitas palavras fóra do uso, como—cascas de rijas tapas — o crocito da coruja (nas Minas de Prata elle dizia o caracejar da coruja)— possança — Esfrolavam— truaneavam — Bibocas — Falladas— Inquigilo— Palrice — Inhumar —Petrena— Chumbregas—Estringido—Rafa— Resfolego —Rastro—Jaspea—Dengues—Ruflar—Elando-se— Esbateo — Matapasto — Copando as orelhas — Rasasse — (do francez raser) : — Rama—Forqueta—Rechan—Triscar —Algares—pavida—Convolvulo—Recolho— Enganido—Bruma—Tem além desses que são só do segundo volume, muitos outros vocabulos que ou estão fóra do uso, ou tem sentido differente daquelle que lhe dá o àutor. Alguns termos emprega bem: tem todo o direito de inventar, ou mesmo tornar classicos, aquelles termos que são usados, ou que exprimem bem o que deseja : mas não afrancezar a nossa lingua, ou tornal-a quinhentistas, ou mesmo rebaixal-a tornando-a vulgar. Se é o tempo, e o grande ignorante que se chama povo, que modificão as linguas e os homens

abalizados os que têm o direito de introduzir vocabulos novos, o Sr. Alencar devia apanhal-os do povo, e não ir aos diccionarios catar archaismos, ou adaptar o francez á nossa lingua.

Tem alguns vocabulos como — Raleiro— para indicar mato ralo — ritornello — para indicar volta da mesma melodia—que acho muito apropriados e precisos, porque outros não exprimiriam tão bem o pensamento.

E' um bonito romance, com quanto feito ás pressas. No capitulo — Amansador — é bonita a pintura da liga que ha entre o Gaúcho e o animal.

Pinta a Morena, com amor, como se ella fosse uma moça e não uma égua. Chama-se ella Morena, e tem um filho que se chama Juca.

O Gaúcho conversa com ella, sabe suas vida e seus segredos. Ella cochicha com as outras eguas amigas, e elle tudo percebe, até os mexericos e ciuminhos que ha entre ellas. O advinhar a Morena o perigo que corre o seu senhor, e salval-o com um coice no peão negro, dado no momento em que este ia desfechar o tiro sobre o Gaúcho, é inverozimil. Era mais natural fazel-a rinchar, e avisar o Gaúcho, que assim se desviaria.

Na pintura do cavallo devia consultar os homens que mais lidam com elles, desde o nosso campeiro até ao amansador europeu. Veria que o cavallo só com muito trato e depois de annos póde fazer as habilidades dos cavallos do Sr. Alencar.

Quanto a fidelidade e affeição são mais proprias ao cão.

Não direi como o Sr. Franconi, que o cavallo é incapaz de fidelidade, e só ama aquelle que lhe dá o assucar, e alimento.

Mas fazer os prodigios dos animaes do Gaúcho, acho impossivel.

Já ouvi um moço dizer que se encontrasse uma menina com o amor e intelligencia da Morena, pedia-a em casamento. Ella é pintada como se tratasse de uma moça querida, com amor e ternura.

O caracter de Manoel Canho é bem desenhado. E' natural que aquelle que desde o berço foi ferido em seus amores, que sentiu o vento da indifferença ressecar a flôr do sentimento, se torne esquivo, soturno, descrente das affeições humanas.

Vendo seu pae, tão depressa esquecido e na atmosphera do pouco amor materno, elle sentio regelar-se o coração, que ficou adormecido, até que o amor de Catita o acordou

potente, e joven. Parece um descuidado filho, um irmão indifferente: mas se notarmos que trabalhou, só para deixar uma fortuna á mãe, e irmã, que cria que o não amavam, veremos que até isso é bem traçado e com visos de verdadeiro.

A affeição que consagra a Jacintha, ao ver que esta tem affeições iguaes ás suas, e trata seus queridos—alazãozinho e baia—, é bonito traço.

Os versos do Gaúcho são bonitos, ainda que podia concretar melhor o pensamento, deixando as palavras superfluas.

Bento Gonçalves é bem descripto, como o pinta a opinião popular, bem que a parte politica seja aqui tocada incidentemente.

O seguirem os animaes ao dono, é muito natural, pois amadrinhados, acompanham perfeitamenteuns aos outros; bem como reconhecer o Murzello a Lucas Fernandez e este reconhecimento chamara sympathia do Gaúcho sobre elle. Isto mostra a confiança que elle tem no instincto do animal, bem como o ir no meio do inimigo para sepultar e vingar o Murzello, mostra a sua affeição. O agradecimento do Gaúcho a Catita, por vel-a interessar-se pela Morena: o entrar ella desde aquelle momento, desde que a trata e lhe ex-

trahe a balla do corpo, na communhão de suas affeições, é bonito. A Catita ama tanto ao Gaúcho, e padece por elle: e dias depois, sem motivo, esquece-o e ama a D. Romero, o que é pouco natural, a menos de suppor que a mulher muitas vezes varia, como dizia Francisco I.

Dahi a dois dias, quando vem se lhe annunciar que o amante ahi está, e quer casar com ella, pergunta Catita—Quem? pois ainda me quer? — julgando que era o Gaúcho, ao qual tinha voltado o amor. (Que volubilidade!)

Canho se conserva sobre o cavallo, (que anda, fingindo-se manco) com um pé sobre a orelha, e outro preso pelos dentes do animal, emquanto com a mão segura-se a cauda, o que é habilidade que nem o nosso Antonio Carlos seria capaz de fazer.

O final do romance é chocho. Acaba pelo suicidio de Canho e Catita, que se atiram ao abysmo, como o Ralf e Indiana de Jorge Sand. E' proprio dos creadores de monstros os atirarem depois ao abysmo, enjoados de sua obra.

O pampeiro não é tão terrivel, nem a phisionomia da pampa, (de que trata no começo

do primeiro volume) é tão sem vida, como um torpor da natureza.

O JESUITA

Este drama, que não teve na côrte cem pessoas para o ver representar, foi depois dado á imprensa pelo seu auctor.

Começa elle na advertencia, estranhando a deserção do publico na noite da representação do seu drama, e dizendo que o dá á estampa como prova de que se ha decadencia no theatro brazileiro, não ha nos auctores dramaticos: se ha retirada de bons auctores, é devida ao banimento que lhes decreta um publico ignorante que só aprecia os funambulos.

Vamos dar um resumo do enredo do drama, para pol-o ao alcance de ser por todos apreciado.

Corre o anno de 1759, anno da expulsão dos jesuitas do Brazil. A liberdade nem balbucia, a imprensa é desconhecida, o povo ainda muito ignorante, espalhado, e pequeno para esta grande terra.

E' quando o auctor faz germinar no cerebro do Dr. Samuel a idéa de independencia

do Brazil, que elle proprio confessa ser impossivel então.

Um jesuita, cuja bolsa aberta aos pobres, e sciencia medica prodigalisada a todos, faziam-o estimar por todo o povo do Rio de Janeiro, occultava-se com o nome de Dr. Samuel. Engeitado, sem pae nem mãe, Samuel fôra criado pelos jesuitas, professára, e concebera a idéa de libertar sua patria. Expoz seus planos ao geral da companhia de Jesus, que os approvou, e o nomeou vigario geral do Brazil. Com a força jesuitica, faz seus trabalhos, disfarça-se, illude, conspira.

Samuel resolve formar a nacionalidade brazileira com os ciganos, que são tocados da Europa, e vão apparecendo no Brazil, com judeos, e com indios, que existem espalhados pelas mattas.

Samuel tem um filho adoptivo, que ama como se fosse seu filho, e quer que seja seu continuador, quando venha a morte a colhel-o.

Estevão tem 18 annos, ama uma moça, filha natural do governador Bobadella, e todo embebido no amor, não pensa em gloria e independencia do Brazil.

Faz elle a confissão do seu amor a Constança, quando apparece Samuel e diz que

elle não mais se pertence, que é frade, ao que Estevão contesta, que nunca fez votos. Samuel pede-lhe perdão por tel-o feito frade, e lembra que uma vez Estevão prometteu que professaria, e que essa promessa é mais do que um juramento, é um voto que não póde renegar.

Estevão desespera-se,diz que renega votos, e desde esse dia deixará a casa do seu pae adoptivo. Samuel insiste, mostra-lhe os extremos de amor que lhe vota, como criou, e educou, e apezar de tudo Estevão não se demove do seu amor.

Samuel cede afinal que se case elle com Constança: Estevão, receioso, pergunta se a promessa que o fez jesuita, não mais o liga, e Sumuel o tranquiliza, dizendo que tem o poder que crea, que não seria poder se não destruisse, e que portanto está livre, o que faz voltar a amizade e carinhos do filho adoptivo.

Constança procura Estevão para lhe contar que o governador annue ao seu casamento com Estevão, e quer vel-o e conhecel-o.

Chega o governador, que confirma o consentimento, e lhe dá sua espada, e logo depois o alferes Corrêa, que andára a esquadrinhar a casa de Samuel, e diz ao governa-

dor que não o achára; e o governador exige de Estevão que conte onde está escondido, pois é Samuel o maior inimigo da patria e do rei. Estevão nega-se a ser o delator do pae adoptivo,e o governador, depois de irritar-se, acaba por perdoar-lhe,e o levar comsigo,como meio de apoderar-se de Samuel.

Este apparece depois da sahida do governedor, e diz que salvou o corpo mas que sua alma foi-se com Estevão,e lamenta que Deos, dando ao homem a intelligencia, e formando-o á sua imagem, lhe deixasse um coração.

Samuel manda roubar Constança, que traz á sua casa, e a convence de que deve fingir não querer casar-se com Estevão, e sim offerecer-se para amante, para o maior bem de Estevão, no que ella concorda, e jura assim fazer. Chega Estevão e vendo-a tão differente, não querendo casar, e só ser sua escrava, despreza-a, não quer para esposa quem quer dar amor indigno, e sahe. Chega nisto o governador, cerca o convento, e exige de frei Pedro, reitor dos jesuitas, que lhe mostre onde estão occultos os thesouros do convento, ao que frei Pedro responde não saber. Apparece então Samuel, vestido pela primeira vez de jesuita, por uma porta, e a pergunta do governador — Quem sabe então o segredo?

—responde—Deos no céo e eu na terra,conde de Bobadella. Arrancai-o daqui se o podeis —acrescenta batendo no peito.

— Deixaste, afinal, o disfarce? diz o governador. — Sou o vigario geral dos jesuitas,— responde elle apresentando o pergaminho de nomeação á frei Pedro. O governador diz que o ha de humilhar, e Samuel lhe pede uma conferencia a sós.

Bobadella faz sahir os soldados, e Samuel diz que por segredo de confissionario sabe que Constança é sua filha, e mostra-a, adormecida, tendo ao lado Garcia, o indio, prompto a assassinal-a,ao menor gesto de Samuel. O governador abate-se e pergunta se elle quer a liberdade, e Samuel exige que não execute a ordem que recebeu de Pombal de proscripção dos jesuitas.

O governador sahe dando-lhe essa noite para cumprir a ordem de entregar os thesouros escondidos no convento e Samuel diz que o espera.

Estevão vem ao convento, desesperado,com o fim de professar na companhia e Samuel procura mostrar-lhe que o sorriso de uma mulher é flor de um dia, e que a felicidade está na intelligencia, que é immortal. Estevão chama-o de louco, que concebe projectos

extravagantes, e Samuel commovido, chora, e cede.

Na scena seguinte, Samuel confessa a frei Pedro, que sacrifica o bem da ordem, ao bem do seu filho adoptivo e que o seu grito de dôr, fez mudar todas as suas resoluções, e sahe. Daniel seu acolito entra, trazendo um pedreiro com olhos vendados, e diz que o vae matar por ordem de Samuel; frei Pedro pede que demore, e entra Samuel que déra ordem de morte para que o pedreiro não os trahisse, contando onde estavão escondidos os thesouros. Samuel diz que resolveu não mais matal-o, porque a vida humana é sagrada, e manda que Daniel e o pedreiro, fujam vestidos de leigos, e Daniel diz que ha de partilhar seus perigos e sahe. Samuel manda chamar Estevão, em nome de Constança, que entra adormecida com Garcia. Samuel manda que este fuja, que vá ao Paraguay, para escapar-se dos perseguidores dos jesuitas.

Entra Estevão e quer se retirar ao ver Samuel, mas este pede que fique para estar com Constança, que alli dorme. Conta que foi elle que fez Constança querer a propria deshonra, que Constança é pura e innocente, e é elle o unico culpado, do que lhe pede

perdão. Constança acorda, esclarecem-se e Sumuel os casa.

Conta então Samuel os seus projectos a Estevão, e que, se armou taes insidias, foi para seu bem, e para que fosse seu continuador. Estevão admira a grandeza dos seus projectos e diz que o ha de seguir. E ella? pergunta Samuel mostrando Constança.

Neste momento entra Bobadella, frades, soldados, etc., etc.

Diz Samuel a Bobadella, que restitue-lhe a filha, como restituio a Estevão a esposa. O governador manda-o prender, e Samuel faz-lhe seus adeuses, pois vae á Roma. Sobe ao altar e dalli empraza o governador para dahi a um seculo ver o Brazil livre. Os soldados querem prendel-o, e elle some-se por uma porta, só por elle conhecida.

Este é o enredo principal do drama. Existem algumas figuras secundarias, em que não toquei, por não entrarem tão completamente no drama e serem figuras accessorias, como Ignez, a criada de Samuel, José Basilio da Gama, o auctor do Uruguay, D. Juan de Alcalá, o fanfarrão hespanhol, os quaes todos têm seu papel marcado, o seu recado a dar, mas não fazem tanta falta no entrecho do drama.

Depois de resumir o fundo do drama, com as palavras do mesmo drama, passo a notar a má impressão que me fizeram algumas scenas.

Na scena 7.ª, Samuel affirma que Estevão é frade e recebe solemne desmentido.

Samuel, explicando-se, diz que prometteu, e que um voto feito em suas mãos obriga mais do que um juramento. Estevão renega a ordem, o pae, e vae a sahir; Samuel o consola, e diz que está livre, que póde casar-se com Constança.

Então já não é frade?

Mudou tudo de um momento a outro ?

Era mesmo mentira de Samuel?

De passagem noto um engano de Samuel. Galileu não foi queimado como hereje : o que consta é que foi perseguido pelos jesuitas, vindo a morrer em consequencia das torturos fizicas e moraes que soffreu.

Samuel, o grande pensador, o sabio, o patriota, sò acha para dizer, na maior exaltação do seu lyrismo patriotico que — se o Brazil tem tanto ouro e diamante, foi para ser pizado por um povo livre e intelligente.

(Então a terra que não tem ouro e diamante, não deve aspirar a ser livre e intelligente?)

Mais adiante ve-se que Samuel intentava libertar o Brazil com ciganos e bugres.

Pois 40 mil ciganos (onde acharia tantos ?) e paraguayos poderiam vencer Portugal?

Quer que o Brazil seja feito de ciganos, judeos e paraguayos ?

Não ficaria peor que o Paraguay ?

Não vê que esses elementos não têm valor para fazer um estado estavel, e importante ? Poderá essa agglomeração de homens formar o quadro da maior tolerancia e prosperidade, como diz Samuel ?

Estevão, filho adoptivo de Samuel, passar a ser protegido do governador, quando este se mette a perseguidor de Samuel, não faz acção nobre, bem como Samuel, quando trata com o indio Garcia, que falla meio hespanhol, para este matar a noiva do seu filho adoptivo.

Samuel dizendo a Constança que o amor que lhe vota Estevão é todo animal, e passará com o goso, affirma uma cousa que não podia affirmar, e recáe no sestro de faltar a verdade.

Com argumentos fraquissimos, Samuel faz com que Constança, que parecia amar Estevão, não queira mais casar-se com elle, e repilla-o, como se a mulher não pudesse e

não devesse partilhar a sorte do seu marido, como se o facto do casamento fosse o estorvo.

Constança, diz Samuel, commetteria um crime, sendo esposa de Estevão, e o condemnando á vida de familia. Mas sendo amiga, não commette crime?

Não se póde ter á amante amor igual ao que se tem á mulher? Não póde uma prender tanto como outra, e absorver e distrahir igualmente?

Estevão censura Samuel por sacrifical-o aos seus planos insensatos. E com razão.

Depois de fazer o mal, Samuel arrepende-se como um pae de comedia, commovido pelo grito de dôr de Estevão e resolve fazer a felicidade deste, pelo que diz ao Reitor dos Jesuitas que vae sacrificar a religião, e a ordem de que é chefe, ao bem do filho adoptivo. Isso não é verosimil um jesuita praticar, e muito menos dizer a um outro chefe, que o póde trahir. Rompe Samuel em uma falla contra a providencia, como um mocinho trahido no seu primeiro affecto amoroso. Porque era indispensavel ser Estevão o chefe da revolta e o seu continuador? Pois póde elle transmittir seu posto? Se não tinha coragem para tudo arrostar, se tinha de arrepender-se em meio caminho, para que avançou?

Depois de dizer que jogou indifferente com milhares de vidas, no fim do drama diz Samuel que começa a crêr que a vida humana é sagrada, que não se a deve ir tirando sem necessidade.

No fim do drama, Samuel some-se por uma porta falsa dizendo ao governador, depois de atirar-lhe o habito de jesuita — Tomai-o, minha idéa ficará,e emprazo-vos para daqui a um seculo vossa sombra vêr o Brazil ficar livre. (E pena foi que a capa deixada pelo jesuita servisse para cobrir tanta gente.) O desapparecer Samuel, sem que os soldados o possam prender, se é allegoria de que os jesuitas não puderam ser expulsos do Brazil, é falsa.

E' a este drama, que o Sr. Luiz Leitão (apresentado pelo Sr. Alencar como moço de muito talento) acha a mais grandiosa concepção do espirito humano, sem outra na lingua portugueza que possa com ella hombrear.

Frei Luiz de Souza, Fronteiro da Africa, Calabar, Alfageme, Phelippa de Vilhena,são collocados muito abaixo do Jesuita, que só acha comparavel com os dramas de Shakspeare, Shiller, e Hugo.

Póde um amigo, cego pela affeição, com-

metter os maiores desatinos. Mas o Sr. Alencar, escriptor abalizado, esquecer-se a ponto de collocar seu drama acima de Phelippa de Vilhena, cuja acção acoima de frouxa e nulla, é para admirar.

Tendo para com Alencar toda a attenção, não manifestarei o desgosto que causa vel-o perverter o seu bello talento, e o gosto nacional. Direi sómente que é seu drama uma concepção monstruosa, falsa, sem bases,sem movimentos, frouxa, cobertas de lentejoulas e filigranas.

O Jesuita é irmão de Pery, o hercules fabuloso, de Iracema, que silva como cascavel, de Ubirajara, que com os braços arranca arvores da floresta, do Gaúcho, o centauro impossivel, de João Fera, Diva, Senhora, Pata de gazella, e todos esses monstros, novos Rocamboles, que só existem em sua imaginação.

Alencar chama de estupido o povo que não comprehende o melhor drama da lingua portugueza. Não. Elle não foi tão estupido, pois não quiz ir vêl-o, e fez barulho, arriscou a vida, para ver representar os— Lazaristas— do Sr. Ennes.

Mas que differença ! Neste ultima drama, tudo é natural, possivel, logico.

Em tudo existe verdade e nobreza. E' um bello drama, singelo, que commove á toda a alma bem formada que o lê. E além de ser um bom drama, tem a vantagem de fallar sobre cousas de nosso tempo, sobre as chagas de irmãos, para as pensar, e nos interessar.

Para ser verdadeiro poeta, é indispensavel ser a voz do seu seculo, o interprete do estado, idéas e sentimentos do seu tempo, tocar em suas cordas sensiveis para o fazer commover.

Este drama — Lazaristas — não é obra de phantasia sem a menor base, creação toda imaginaria, como as do Sr. Alencar.

SERTANEJO

E' esta uma das ultimas obras que sahiu da penna do Sr. Alencar.

Como todas, bella pelo estyllo, é monstruosa no fundo.

E' o romance a historia de um vaqueiro do Ceará, que ama a filha do fazendeiro em cuja casa nasceu e vive.

Creou-se com ella, adora-a, afasta de perto todos que com ella pódem casar-se ; defende-a lutando contra os elementos, homens e

feras, salvando-a de todos os perigos ; mas, pobre, não ousa aspirar a mão do anjo, que colloca em altura impossivel de attingir.

Podia d'estes dados sahir um bello romance.

Sahiu um novo Rocambole, uma serie não interrompida de falsidades e inverosimilhanças, entermeiadas de exageradas e mal esboçadas pinturas do sertão do Ceará.

Ha romancistas que pintam os homens, a natureza e os factos exactamente como são, com a verdade e sizudez do homem de bem. São os verdadeiros romancistas, os Fenimore Cooper.

Outros que não attendem á verdade dos factos, logares, homens e cousas, que seguem sómente a sua caprichosa imaginação. São os romancistas da phantasia, como Ponson, Ferry e outros, que o Sr. Alencar qner seguir.

Os primeiros instruem, melhoram e são apreciados pelos homens mais distinctos.

Os segundos quando são bellos pódem ser apreciados como obra de arte, nunca porém em competencia com os primeiros.

Quando se têm as grandes qualidades de artista do Sr. Alencar, não se devia procurar o segundo genero, o romance de phantasia, em que elle entrou definitivamente.

No seu primeiro romance, *Guarany*, res-

valando não poucas vezes do primeiro no segundo genero, pôde elle entretanto fazer uma obra de valor, um dos melhores romances da lingua portugueza. Do segundo em diante. *Minas de Prata*, descahe a ponto de não parecerem obras do mesmo auctor.

Todas as scenas e figuras estão em esboço ou são falsas, todos os personagens são contradictorios, ha amor á falsidade e exageração, e odio á verdade e correcção.

Tomam alguns cégos admiradores a exageração como exuberancia de seiva e de talento, esquecidos de que o verdadeiro talento é sobrio e correcto, como vê-se pelas obras dos genios.

Este quer ser genio em tudo, crear a lingua, natureza, homens e cousas novas, que ninguem conhece, que só existem em sua monstruosa imaginação.

Principia desnaturando a natureza brazileira, e pondo em seu logar uma outra de sua invenção.

Depois de se ter pintado a nossa natureza; de tel-a em livros, versos, quadros, a retratado de mil modos, de maneira, a ficar por todos conhecida, poder-se-hia deixar levar pela imaginação, fazer quadros mais ou menos de phantasia. Mas, agora, na nossa vir-

gem terra, em que é elle o primeiro romancista, e é ella a mais bella do mundo, deixal-a, desprezal-a para crear uma outra só de sua imaginação, é para admirar tanta soberba, que se julga superior a Deus,que despreza sua obra para fazer outra mais á propria imagem.

Já de começo fez o vaqueiro, ou sertanejo Arnaldo, seguir a comitiva de Campello por muitos dias sem ser visto.

Seguia-a por entre o matto e tão de perto que ouvia as fallas, e percebia o que conversavam pela expressão do rosto.

Isto por tantos dias é para espantar. Nos campestres e cerrados, e esses mesmos quando são ralos, anda-se com immenso custo, a cavallo. Porém, por entre o matto e sem ser presentido, é espantozo.

Dá o Sr. Alencar como possivel o galope pelo matto fechado. Diz que ás vezes o intervallo entre dois troncos de arvores é tão estreito que não dá para o vaqueiro e o cavallo passarem separados, quanto mais unidos : mas que é preciso passar e passam juncios.

Mas se elle proprio disse que é impossivel, como os faz passar ?

Querendo explicar-se, diz elle : que o ho-

mem se apropria aos instinctos do animal pelo halito.

Será habito que quer dizer ? Mesmo assim nada explica.

Faz elle o fogo andar ligeiro pelo matto, derrubando altas arvores.

O fogo propaga-se pelos paus finos e podres, taquaras, e ramos cahidos e podres,que nossos caipiras chamam paus piucas. Caminha de vagar o fogo no matto ; não é forte como na capoeira,em que accende, ecaminha ligeiramente. No matto vae demorado, podendo-se fazer acceiros, que na capoeira, é difficil pela violeneia que tudo reduz a cinzas. Isso é o que vejo pelo Sul : quem sabe será como elle pinta o fogo lá do Norte.

Como, porém, falseou completamente o Sul, no Gaúcho e no Til, é de crer que tambem esteja em erro no Norte.

As relações de amizade entre Arnaldo e a onça bravia, o dar-lhe pontapés, arrastal-a, puxando pelas orelhas, é para não se crêr, em uma onça solta no matto, e que esquece os beneficios, quando a fome aperta.

Tambem o seu passeio pelas copas das arvores, é outra fantasia.

Os proprios micos são obrigados muitas vezes a descerem, pois nem sempre as arvo-

res se prestam aos passeios pelo isolamento em que estão. Desculpa-se dizendo que Arnaldo pegava micos correndo por cima das arvores, o que não creio possivel.

Diz Alencar que a arvore é para o homem da cidade uma multidão de folhas verdes. Póde ser tronco que tem multidão de folhas verdes, mas não folhas.

O cavallo do vaqueiro transpõe torrentes de fogo (como tantas vezes sobrepujára rios caudalosos, abarrotados pelas chuvas de inverno.)

Os melhores parelheiros pulam trinta pés, mais ou menos ; porisso não podem transpôr os rios candalosos; quando muito pequenos corregos.

Tem dezenas de palavras como—Esbeltar, —Aclive—Embastida—Percussa— (Poderia usal-a na poesia : na prosa livre, não precisava) Bojar—Dar soga ao cavallo— Malhada—Temero—Esparmou— Recordos—Entufado—Toscanejar (em lugar de arredar de lugar ?) Borraceiro—Capellina—Casalinho—Capuão (Capão ?) Emergir—Dessér (por sobre-mesa ?)—que são pouco uzadas.

A natureza do Ceará tambem causa espanto. Dá elle como de tal maneira vigorosa, como viçando tão ligeiramente os pastos que

à terra que estava combusta ha 15 dias, em 15 dias vestiu-se de alto pasto, que dá para esconder o gado. São cascatas de verdura, pulando á vista d'olhos.

Pinta o Quexaromobim tal como Chateaubriand pintou o Mississipi, quando, «crescido com as enchentes, arranca ilhotas, em que vão descendo animaes admirados. »

A sua heroina, d. Flôr, faz o seu collaço arriscar tão seguidamente a vida por ella, que só uma leviana póde ser tão sem alma assim.

O combate entre a gente do Fragozo e a do Campello é descripta ás carreiras, e levianamente, como conversa da rua do Ouvidor, que se quer rapida, e cheia de mentiras e lentejoulas francezas.

Termina o romance, ficando tudo no ar. Como ficou o Leandro Barbalho preso por Job, e Arnaldo ? Se o soltarem, o capitão-mór não irá obrigal-o a casar-se com a filha?

Como no mesmo dia faz elle os seus heróes confessarem, commungarem, e casarem, sem que o padre se lembre que é prohibido em um só dia receber-se os tres sacramentos ?

Deste amor de Arnaldo á d. Flôr, desta adoração muda á uma mulher, que se reputa

um anjo, fez Gonçalves Dias os melhores versos que temos na lingua portugueza.

Podia o Sr. Alencar fazer um poema em prosa, comprehendendo aquelle delicado sentir, e o descrevendo em seu romance. saM, fez um pallido e falso esboço : fez heroes monstruosos.

Tem elles tão completa ausencia de medo, que ficam acima da natureza humana. Ha momentos em que se busca a morte, e momentos em que a teme o mais animoso. Fazendo os seus heroes tão superiores a natureza humana, nós não podemos por elles nos interessar.

Sabe-se que cousas impossiveis tem de acontecer, e o heroe sahirá vencedor de tudo. Um touro bravo investe contra uma creança de 15 annos, e esta saltando-lhe no cachaço, manobra de modo de ir cortar um cacho de coquinhos que a namorada desejou, depois do que, salta do cachaço do touro, e vae offertar o cacho de coquinhos com o garbo e ligeireza de um volantim.

O heroe faz o que quer.

Manda a setta aonde quer : hervada quando é preciso com a dóse de veneno certa para as horas que convém que o inimigo durma : querendo tambem mata.

O heróe salta da ponta de alta arvore, e sahe correndo, como um mico : anda a cavallo pelo matto, como nós por nossa casa : no momento que quer, tem o numero de guerreiros indios que precisa.

Se os seus heróes fazem tudo que querem, se são tão acima da humanidade,porque nós, homens, havemos de nos interessar por esses monstros ?

O seu excesso de imaginação faz com que elle a dê a todo o vivente, aos proprios animaes ; que ficam tão intelligentes como o homem.

Os seus animaes são taes que se póde tratar, conversar com elles, se forem como elle os pinta. A' Morena, Juca, e Corisco, falta só o fallar—para serem iguaes ao homem.

SENHORA

O seu heroe neste romance — Seixas — vende-se por cem contos a um sujeito que procurava marido para uma moça. Elle não sabe que esta moça é a mesma que elle amára e desprezára por sua pobreza; sabe sim que cem comtos é boa somma e faz o casamento como faria um bom negocio.

A moça que ainda o amava, humilha-o em excesso, até a dôr, obrigando-o a procurar dinheiro para resgatar-se e pedir o divorcio.

Onze mezes depois de casada, confessa ella sua paixão cada vez mais viva, perdoam-se, amam-se e formam unido casal.

A descripção de Aurelia de Camargo——a senhora — sahindo a janella banhada pela luz do sol, assemelha-se á da mulher de fogo—de A. Bellot.

O Sr. Alencar chama a natureza de musa exhaurivel. Aqui deve haver engano. Não quererá dizer inexhaurivel?

Tem palavras novas, dessas que os genios inventam, mas que tem ao menos a caridade de explicar. Exemplo:

Eropolitica—Cena— Cariciar—Garrular—Desbrio—Capanga—Galba—Elance. Outras como—silva—devera deixar á defunta Arcadia.

Algumas como—luxar—que estão no uso e que são expressivas, é justo que se aceitem; mas não toda a palavra que lhe passar pela mente e que sem outro criterio, quer que se tornem classicas.

A heroina—Senhora — é um typo á parte. Ora tomada de subitos pudores, ora cynica,

cheias de ironias e de ridiculos e fingidos desabafos.

«A Senhora é terna, logo depois odienta. Em instantes sua esplendida formosura se transforma em imagem satanica.

« A cada momento tem calafrios, e é transpassada de lençóos de gêlo.

« Derrêa o corpo nas almofadas e já volta-o para vêr o córte das arvores.

« Descobre o braço desfallecido, e já se chega ao marido com o gracioso movimento dos passarinhos quando se arrufam (?) para dormir.

« Envolve-se na capa com o estremecimento de um calafrio. Aperta com crispação nervosa a mão do marido. Dá um beijo fervido, impetuoso, pujante, explosão da alma irrupta pelo fogo de uma paixão subterranea, longamente recalcada.

Tem gestos e attitudes de uma grande expressão dramatica.»

Estas palavras extrahidas do livro mostram quanto o autor a considera consummada actriz, e quanto a coitada soffre do systema nervoso.

De uma pobre menina da rua de Santa Theresa póde-se crêr que tenha altivo coração capaz de sentir profundamente humilha-

ções e capaz de retorquil-as; mas que seja ella actriz consummada, que seja uma nova Ristori, é para admirar.

Diz que Seixas tem olhos irresistiveis. Ha homens assim, ou será desculpa das que cahiram?

Os irmãos Seixas vivem aos beijos.

Neste particular era Seixas bom irmão, mas vai impudentemente despendendo o dinheiro que tinham ellas na Caixa Economica em luxo e divertimentos.

Si na Côrte ha falta de senso moral tal que reputam em pouco o roubo e a venda de Seixas, nenhum homem sério o reputará bom filho ou bom irmão.

Depois de ter esbanjado o que era da mãi e das irmãs, teve vergonha de ir com ellas ao theatro.

Envergonha-se de ser pobre, não envergonha-se de roubar!

Vê-se neste traço a côrte corrupta e corruptora. Os mimosos da rua do Ouvidor podem gostar dos romances do Sr. Alencar; os homens de bem não podem desculpar as leviandades, falsidades e innumeras faltas.

Se Seixas é máo em todo o correr do romance, porque não o fez ser bom para sua familia, ao menos depois de sua felicidade?

Porque, depois de millionario, não a auxilia e não casa a irmã que precisa de um pequeno dote?

São assim os heroes de Alencar. Nos Sonhos de Ouro, bem como no Tronco de Ipé, em que tambem pinta os homens do Rio, appresenta os pequeninos, artificiosos, sem sentimentos, quando não são maus e vis. Os visconde do Aljube,Barão da Espera, Fabios, e Seixas, não são sympathicos quando não são de todo repulsivos.

No—Til—um paulista não reconhece um só traço da nossa terra. Tudo é falso, ali.

Seu drama—*Mãe*—é bem superior as—Azas de um Anjo.—

Este é bonito drama, commovedor. Lembra os francezes que tem sido feitos sobre o mesmo thema, a reabilitação da prostituta ; mas é tão bem applicado aos nossos costumes,tem vestuario tão brazileiro, casa, figuras, typos tão nossos, que não se o crê francez.

E' uma tocante oração em favor da perdida.

No fim, sobretudo, no casamento desta com Luiz, nada ha de francez. E' um traço de bondade e abnegação, proprio do caracter brazileiro, que o francez não approvaria.

Mas se admitte-se no drama, poucos o ap-

provarão na vida real. Como diz o autor pela bocca de Carolina: Qual seria a recompensa da virtude, se o vicio a recebesse?

A mulher deve ter a pureza ideal. Pura, é o anjo que dirige e recompensa a sociedade; manchada, é o vicio, é a vergonha da especie humana, que se póde quando muito tolerar, como meio de salvar a outra parte, a que fica pura e angelica, a mulher de bem.

Diz o autor: Uma virtude que não luta e não vence, não é virtude.

Então como endeosar áquella que foi vencida no primeiro encontro? onde vimos na vida real regenerar-se a mulher perdida?

Fez muito bem a autoridade em mandar retirar da scena este drama. Neste ponto sou mais da opinião dos inglezes do que da dos francezes, que querem a liberdade da immoralidade e indecencia.

Estamos ficando afrancezados e confundimos a liberdade com a licença.

Diva e Luciola não devem ser lidas por moças.

Luciola, reproducção da Dama das Camelias, e Diva, são bonitas obras, tanto quanto immoraes.

Acho que o autor mesmo teve vexame destas obras immoraes, pois não as assignou

com o seu nome. Se a virtude é a aureola da mulher, a decencia é a do escriptor.

Logo que desce aos lupanares a copiar posições indecentes, vicios, e torpezas, o escriptor arrisca-se a vêr-se desleixado pelos homens de bem, arrisca-se a ficar como os Dumas.

Dumas filho confessa que, sem o golpe de dois de Dezembro, nunca se teria representado a Dama das Camelias, que o governo republicano não consentira fosse á scena.

Assim, sem o grande corruptor que levou a França ao abysmo, a Dama das Camelias não teria sido representada, Dumas filho não teria pago suas dividas, a litteratura e a musica não teriam se rebaixado tanto, depravando o gosto e rebaixando os costumes.

Os homens de bem tem obrigação de reagir. Vamos cahindo nos mesmos defeitos dos francezes; a atmosphera do Rio vae se tornando a mesma da França imperial, os nossos escriptores vão acompanhando os Dumas e George Sand.]

Aquelles que moram no Rio parece que não mais percebem a corrupção; acostumaram-se á ella, respiram-a a plenos pulmões.

Tenho visto homens de sentimento, terem improprias indulgencias, e homens de espiri-

to por causa delle perdoarem a falta de gosto dos nossos, que seguem os escriptores francezes. Esta admiração é cumplice do erro, que devem todos desprezar e bater, fazendo um cordão sanitario que impeça espalhar-se pelo Brazil esta peste. Ella que pôde corromper a nobre França, que baixou-lhe o nivel moral e intellectual, que fez dos descendentes de Voltaire e Pascal, uns romeiros fanaticos e uns escriptores levianos, podem perverter o inexperto Brazil.

E' preciso reagir. Por toda a parte, nas maiores cidades e nas mais pequenas, entre as melhores pennas, e os moços que principiam, vemos a elevação da mulher perdida. Uns com o dinheiro, outros com a penna, elevam a perdida, não attendendo ao mal que fazem com este comportamento, e ao perigo que póde vir com este exemplo.

Ao verem-se elevadas pelos Alencar e Dumas, pelos reis da imprensa,e do dinheiro, as canalhas julgam-se superiores ás outras mulheres, andam de cabeça levantada, rindo-se, chacoteando das outras que não seguem o caminho da perdição. Ellas que sahiram da lama, que cobriram as faces com alvaiade e pó de arroz, esconderam as mazellas com gal-

las e sedas, ostentão por toda a parte modos de soberanas, e tomam os melhores logares.

Contra ellas, nada se pode fazer. Estão abaixo de todo o castigo, pois lhes falta o brio para o sentir.

Mas deve-se fazer sentir aos homens imprudentes que as elevam, quanto é errado o seu procedimento, em que tambem cahem aquelles que se occupam em trazer para cá, em traduzir os immoraes romances francezes.

Os Dumas endeosam a perdida. Em vez de pôr o seu talento ao serviço de uma idéa nobre e digna, elles procuram o lixo para o enfeitar, o erro para o defender. Querem ganhar nomeada, e encontrão no povo mais leviano da terra bom acolhimento.

O francez adora um dito espirituoso, tudo perdôa, quando nelle acha graça.

A' força de elevar a prostituta, a mulher de bem quer que a admirem, que a elevem, mesmo a custa da brilhante aureola da honestidade.

Vendo que mulheres tão inferiores produzem cultos e adorações, ellas que nem sempre têm a cultura e moralidade para vencer os encantos da perdição, desejam tambem ter adoradores, e cahir no erro. Os adoradores a lisonjeam para corromper, querem fazel-a

rainha cercada de homenagens, para fazer-lhes esquecer o throno que tem na familia. Este throno de amizade, respeito e amor, com que a cercam os seus, é o que convém á mulher e a ennobrece.

Emquanto os escriptores procurarem rebaixal-a, e corrompel-a, emquanto o homem não elevar á sua altura a sua companheira, tão fraca, e tão forte, aquella que tem mais imaginação e sentimento, não póde reinar no mundo a lei de igualdade, a democracia. A mulher vive para dar a vida em diario holocausto, toma para si os soffrimentos para só nos deixar os gosos; a unica moeda e paga que quer na terra é a do amor e a amizade. Tem a mulher poucos gosos, menor liberdade, e instrucção; e entretanto aponta-se as que se corrompem; são raras as que obedecem ás seducções dos Lovelaces, e dos livros mais corruptores que os seductores de profissão. Podemos nós gabarmo-nos de mais virtudes e firmeza? Com a pouca instrucção que lhes consentimos, seriamos nós melhores do que ellas?

E' preciso que o anjo consolador da terra não perca a aureola luminosa que a envolve, não se despoje do prestigio que enleia,

não se torne um ente vulgar, uma machina de prazer.

São injustos aquelles que a julgam quasi animal, de instinctos bestiaes, sem coração e sem alma.

Diz Dumas filho — procurae um grão de logica no proceder da mulher e não achareis. E' que só frequentaes e pintaes a perdida. E' que pintaes mulheres pervertidas pelos vossos theatros corruptores, pelos vossos romances immoraes, pela vossa leviandade que torna leviana aquella que vive em certas rodas.

Todo o theatro Dumas é um ataque ao senso moral, aos costumes, á verdade dos factos e logica dos caracteres. Os seus heroes são entes indignos, mentirosos, e falsos: e as heroinas suas dignas companheiras.

Elle nada vê como existe: encherga o mundo com os olhos do vicio, da mentira, e da exageração.

Elle quer elevar a prostituição, quando é ella a cousa mais baixa deste mundo, quando é o seu papel na sociedade o papel de carrasco inconsciente que estraga e mata o moço de inclinações viciosas, que não póde conter-se, que não quer procurar no amor honesto e no casamento, a satisfação de suas aspirações.

E' preciso lançar violento protesto contra o systema francez. Estão envenenando nosso povo novo e são, com a corrupção franceza, estragando com as idéas e obras dos que não têm senso moral, fazendo do jovem Brazil a corrupta França imperial.

Se me elevo com esta energia é que poderam fazer mal até ao nosso Alencar, que querendo imitar a Dumas, tem tido descahidas do seu bello talento, produzindo obras immoraes. Para que tirou o Sr. Alencar bonita copia de um quadro feio? Para que elevar a perdida, fazendo nascer más idéas em mulheres honestas?

Endeosando o vicio, rebaixa a virtude. Não vè que uma Carolina e uma Dama das Camelias não fazem o mal que produzem suas obras?

O escriptor deve pintar sua época, com os olhos no ideal grande, nobre, e puro.

Se deixa as virtudes para pintar unicamente os vicios que toda a época tem; se em vez de combatel-os, os doura e embelleza, elle perverte, não pinta sua época.

Se em vez de escrever por nobre amor da arte, levado por santa inspiração, elle vende sua penna á especulação, colloca-se na posição dessas desgraçadas, que por dinheiro

tudo vendem. A prostituta ainda tem uma desculpa na necessidade,ignorancia e fraqueza : o litterato não tem essas escusas.

Indigno duplamente, porque podia deixar de sel-o, e porque um máo livro perverte mais do que uma má mulher. A Dama das Camelias fez mais mal do que Margarida Gautier, se é que existio a mulher que servio de original para a pintura de Dumas filho.

A parte mais illustrada do povo tambem tem a culpa. Deve reagir. Em Inglaterra não se representam esses dramas indecentes. Ha mais pudor. Os dramas de Dumas e outros immoraes nunca poderam ser representados em Londres, e bem assim não admittem andarem as actrizes quasi nuas em scena. O gosto inglez é mais severo, e nem um jornal ousa pedir a liberdade da immoralidade e indecencia como fazem em França. Mas é isso, objectam, tolher a liberdade. A indecencia, immoralidade, infamia, e o crime, não devem ter liberdade.

Entre os francezes de agora procura-se o verdadeiro amor e ve-se o desejo de goso. Procura-se a causa de suas dores, e ve-se pequeninos soffrimentos,vaidadesinhas offendidas. O grande corruptor, Napoleão, o pequeno, deixou signaes de sua passagem, que

por tempo hão de persistir. A corrupção convém ao despotismo. Com homens de brios é mais difficil a tyrannia, e é de corruptos que se faz escravos.

O Sr. Alencar esqueceu o timbre que fórma o fundo do caracter portuguez, e do brazileiro, seu filho, a sisudez, a altivez de animos e a inteireza de caracter.

Deu-nos para ideal um typo composto das qualidades e defeitos que justamente timbramos em não ter.

Seguindo-o, ficariamos francezes do tempo do imperio de Napoleão o pequeno.

Me parece que os vicios dos francezes são sobretudo devidos á educação frivola, que ali dão.

A mulher franceza tem horror á vida cazeira. Quer viver para todos, menos para o marido e filhos.

Parecem seres sem entranhas, que não amão aos seus.

Aterrão-se só com a idéa de ficarem sequestradas do mundo, e viverem para a vida de familia.

A mulher, que tem naturalmente a frivolidade da criança, deixada na educação mundana de só pensar em vestir-se, dizer ditinhos em que ha um vislumbre de espirito,

ser boneca da moda, e rainha de baile,torna-se uma leviana, cheia de vaidades, garridice, e desperdicios.

Os francezes não se contentão em educar os seus, frivolamente. Espalhão pelo mundo a corrupção, enviando muzicos, dansarinas, e mulheres perdidas, á todas as cidades da raça latina.

O que póde nos valer é que a mulher brazileira ama ao seu marido, que lhe paga na mesma moeda dedicando-se-lhe, sendo seu mestre, e amigo.

A mulher, não sendo de todo do marido, e não tendo instrucção, tanto se enjoa delle, como o enjoa á elle, por não comprehendel-o.

O que querem, então, as levianas, é sahir de casa, é receber em outras as ovações que não tem na sua, é viver a vestir-se, frequentar lojas da moda, dançar, e namorar.

Como se póde passar a vida a dançar, jogar, e namorar, depois de ter assentado o juizo, depois de passada a primeira mocidade? Como se póde esquecer marido, filhos, e riqueza da casa ?

Taine espanta-se ao ver os milagres que que faz o amor na Inglaterra, o que mostra que em França não existem. Quando se compara a mulher do romance francez, que basta

casar para aborrecer-se do marido, com a ingleza que se dedica de todo pelo marido, que só vive para a familia, ve-se que a raça de Sand, e Dumas é bem inferior á de Stowe e Dickens.

O amor mata o egoismo, os sentimentos baixos, e pequeninos, como a vaidade, garridice e outros. E' elle que faz as brazileiras tão dedicadas, que faz a união nos casamentos, em que o amor cada vez mais se apura de parte a parte, em vez de extinguir-se, como nas francezas.

Para os brazileiros, o amor é o casamento quando a mulher é livre, e o respeito quando é casada. Este é o santo amor do portuguez e do brazileiro, que não confundem o amor com o capricho, o desejo de prazeres, o fogo da mocidade.

As brazileiras, pela falta de instrucção, cahiriam no papel das francezas, se o amor não as amparasse.

Reina o abscurantismo no Brazil. Os paes, os carranças sobretudo, não mandão educar suas filhas. Alguns as deixão com essas francezas, irmãs de São José, e outras que taes, que enchem-as de orgulho e de ignorancia. Alguns paes nem as deixão votar no negocio que mais as interessa, no casamento, que

vem fazer a felicidade ou infelicidade de sua vida. E' de admirar como casando por conveniencia, haja tanta moralidade no Brazil como existe na Inglaterra.

E' verdade que, se a mulher não gosa de muitos direitos, se não tem muita liberdade, é paga pelo marido com a unica moeda que ambiciona, com o amor.

A mulher brazileira é caseira, não tem a alta esphera da franceza. Vive recolhida, não póde peccar, sob pena de publica infamia, tem papel inferior ao da franceza, não é rainha cercada de adoradores; mas tem um throno na familia, tem a verdadeira estima e amizade, a dos seus, de seu esposo e sua familia.

Isto não basta. E' preciso instruil-a, illustral-a, igualal-a ao homem. A mulher que vive mettida em pequeninas idéas, e materiaes trabalhos, não póde comprehender o marido illustrado e intelligente, nem amal-o como deve amar e comprehender; e não póde amal-o, não comprehendendo seus trabalhos, sendo indifferente á parte mais importante da sua vida, que é a parte da intelligencia. Fica unida nessa lida commum da vida, no viver de todo o dia: mas não póda comprehender o que faz o fim, a parte mais impor-

tante da vida do seu marido. A mulher brazileira é muito intelligente, e póde acompanhar o homem em tudo.

A brazileira tem mais coração e qualidades affectuozas que todas as outros mulheres.

Não tem a leviandade franceza.

Poderá ganhal-a, se a conservarem ignorante, se os theatros, romances, e educação a affeiçoarem a vida franceza, que querem transplantar para o Brazil.

A brazileira tem fé, e é o que póde salvarnos da corrupção e decadencia.

As obras de Alencar e seus discipulos carecem de todo de fé, e ideal moral.

Dos tres escriptores, Dias, Azevedo, e Alencar, (que reputo inferior aos dous outros) só este póde ser considerado filho deste reinado.

Azevedo morreu estudante, sem conhecer o mundo, em que apenas entrava.

Seguio elle a litteratura ingleza, e portugueza, que forão as suas mais estimadas fontes, com quanto saciasse em todas a sua sede de saber.

Dias quando veio á côrte, já estava formado, e fizera os primorosos Primeiros Cantos. Profundo na litteratura portugueza, era

muito affeiçoado tambem á litteratura americana, em que entranhou-se por fim.

Conservou-se arredio da politica, em que não entrou, permanecendo sempre poeta. O que elle vio na côrte, já naquelle tempo, a corrupção desgostou-o tanto que elle arremeçou-lhe o dito, que Byron tinha applicado a Turquia—Tudo aqui é divino, excepto o homem. —

Alencar segue os francezes. E' quasi a unica fonte em que vae beber illustração.

Não sahe da côrte, e é o escriptor que melhor traduz a sua falta de fé, e crenças.

Dias e Azevedo pertencem á época de fé, e crença, em que havia amor pelo Brazil, em que se o procurava elevar.

Alencar é o pintor do estado de descrença e corrupção, que existe pela côrte.

Por um lado, a côrte obrou sobre elle, fazendo-o copiar o que ali vio, a corrupção que lavra por ella, rebaixando-o, e amesquinhando-o: por outro lado, elle obrou sobre o Brazil, espalhando por todo elle, quadros indignos deste povo novo.

Obedeceu ao meio em que viveu, eaugmentou a corrupção, levando-a á litteratura.

Não quiz ser um Gonçalves Dias, um brazileiro adoptado pelo norte e sul, e tornou-se

o écho da côrte, e da rua do Ouvidor, onde tem sua séde o espirito leviano e afrancezado.

Não quiz seguir nossos avós, e poz-se a copiar nossos mestres, de que devia aproveitar somente os ensinamentos. Fez-se seguidor dos francezes, desprezando as qualidades que fazem o timbre dos portuguezes e seus descendentes.

Os francezes são agradaveis conversadores, cheios desse meio saber, e leveza, proprios ao salão, desses chistes, em que achão immenso espirito, e que nós, de raça mais seria e ajuizada, não apreciamos. A primeira vista, nessas conversações, parecem ter espirito: de perto ve-se que não tem succo, que não passão de trocadilhos de palavras, que as mais das vezes, nem graça tem.

O espirito francez comparo eu com essa falsa prata que nos vem de Paris em quanto nós brazileiros gostamos mais da prata sem liga que nos vem do Porto, verdadeira, boa, de lei.

Como o que querem é produzir effeito, e dizer cousas em que achem sal, levaram os francezes ao livro, e ao theatro essa mania, e só visão ao effeito.

Não se importão com a verdade: querem brilhar, querem o bonito. E' de todos os tem-

pos e povos procurar agradar, commover, produzir effeito. Mas no ponto em que existe entre os francezes, hoje, é só proprio das épocas de decadencia e dos povos rhetoricos e sophistas.

Não é só a conversação, ao theatro, ao livro, que os francezes levão essa mania de fazer effeito, de exagerar, de ser theatral : é tambem á vida commum. Em Paris, sahe-se dos theatros, em que tanto se aprecia fantasmagorias e ratices proprias de crianças, para se ouvir as muzicas offem-bachicas, ver danças indecentes, e ter-se a sua conversação theatral. Elles não conversão para saber e contar: conversão para representar, para serem comicos. Não se importão com o ideal, a verdade, a justiça: querem só applausos, sobretudo, muito effeito.

Esta falta de ideal os torna gladiadores da fraze; em vez de combatentes que tem um fim util, elles combatem para entreter os ocios dos ricos, (que de todas as nações latinas, vão a Paris) como os gladiadores combatião para divertir os Romanos.

A corrupção de costumes, separação de casaes, desamor a familia, levesa e lentejoulas, que com o nome de civilisação, (que só ignorantes suppõem sempre unida a corrup-

ção) querem inocular entre nós, póde estragar e perder o Brazil.

Ficaremos macacos como nos chamão os afrancezados; porém não progrediremos,visto que não está em nossa indole e sangue estes costumes, idéas, e sentimentos, visto que queremos realidade, e verdade.

Em um dos traços em que se torna saliente o genio francez, de levar alcaçares e corrupção a toda a parte, patentea-se a sua decadencia. Nos alcaçares e theatro francez, ve-se desinvoltura, escandalo, vaidade, affectações e excitações.

São condimentos para excitar o paladar estragado, e incapaz.

Os homens fortes, e sãos, não aprecião, e não precisão dessas perversões.

Se a falta de ideal é um crime,maiormente o deve ser no meio de um povo novo, que necessita de crenças, que não está depravado.

Os poetas e escriptores, aquelles que sabem fallar sobre as cousas de seu tempo, não tem o direito de só visar a deleitar e encher os ocios dos ricos e poderosos; tem obrigação de fazer o bem, em vez de só males produzir, tem obrigação de estudar as chagas dos irmãos para as pensar.

Falta Alencar completamente á missão do poeta e do romancista.

Em vez de fazer como os verdadeiros poetas, que são a voz do seu tempo, e do seu povo, os interpretes do seu estado, sentimentos, e idéas, com um ideal nobre e grande, este só obdece á imaginação vagabunda, e desregrada.

No Brazil, era indispensavel fazer elle como os Silva Gaio, e Julio Diniz, pois tem o Brazil os defeitos de Portugal.

Estes não seguirão as cegas a sua imaginação, não forão servir todas as causas, boas ou más, como um Suisso da idéa. Elles só tratavam dos feridos que devião ser cuidados, do fanatismo e obscurantismo que querem tudo escurecer: e ridicularizaram o que merecia ser ridicularisado. No Brazil, que soffre dos mesmos males, elle não curou de um só deffeito.

Sobre todas as questões brazileiras deu seu modo de pensar, dubio, indiciso, artificioso, podendo modifical-o se as circumstancias o exigissem.

De Alencar se póde dizer o que disse Antonelli a respeito do general Lamoriciere, que sobre todas as questões apresentava tantas

opiniões, e tão encontradas que só restava ao consultor o embaraço da escolha.

Assim examinando-se suas obras, ve-se que cahe em continuas contradicções.

Em vez do franco e sincero modo de pensar dos nossos paes, vemos o dizer artificioso, disfarçado, medroso, dos homens da côrte, e da época.

E é tanta a fraqueza, que não são sómente seus heroes, e idéas que vivem em contradicção, que são inconsequentes. Até a natureza, a tempestade, o céo, e a terra, não tem a menor lei, sahem de todas as leis conhecidas.

O calor demasiado da imaginação de Alencar impede a frieza do bom gosto, bem como o fogo do braço juvenil impede a firmeza do desenho.

O bello estillo faz com que não se lhe percebam as faltas.

O estillo de Alencar é attractivo, cheio de cores, e harmonias, de bellezas e defeitos, proprio das litteraturas decadentes.

Se os Marinos, e Gongoras tem a desculpa do seu tempo e do encanto que então se achava em insulsas mithologias, e em exagerações, e disparates, um poeta que vive no meio de um povo novo não tem essa escusa.

A maior parte de suas obras são amplificações rhetoricas sobre assumptos afrancezados.

Alencar não dá as idéas as fórmas que ellas tem: dá aquellas que lhe parecem melhores, mais ao sabor da côrte. Não as exprime com as frazes que deve, as apropriadas á cada assumpto, aquellas que as tornão excellentes: exprime-as com frazes affectadas, artificiosas, sem propriedade, effeminadas, devidas á acção que sobre elle exerceram os francezes.

Suas frazes e idéas de cortezão pintão e conservão o Brazil em um estado peor que a menoridade, em um estado de leveza e corrupção.

As vidas, idéas, actos, e pensamentos dos seus heroes, não são dignos, não são preciosos legados como devem ser os deixados por homens de caracter, e sentimentos nobres.

Sabe-sa que na America do Norte existem tambem quadros de corrupção e fealdades: mas os escriptores não se abaixão a alevantal-os do lixo, e procurão outros mais proprios da sua penna.

As obras dos Americanos do Norte tem outra elevação. São cheias de actos nobres, de traços que fazem gerar delicados sentimentos, qualidades, e enthusiasmo.

Em vez da falta de caracter, leveza, e bai-

xos sentimentos dos heroes de Alencar, ve-se nobres exemplos, o coração se elevando, e batendo de enthusiasmo pelo bem.

Pela sua falta de fé, perde elle o amor á verdade, e em vez de querer convencer á razão, procura encantar a imaginação.

Dahi vem o estillo imaginoso, o abuzo de figuras, o desejo de fazer comprehender o pensamento por meio de imagens, a sugeição da razão á imaginação.

Em vez de explicar a idéa com a expressão justa, Alencar e a sua escolla emprega as palavras no sentido figurado, amontôa imagens sobre imagens, falseando o pensamento, e enchendo-o de comparações, e reflexos de pensamentos.

Como á aquelle que, pelo bem que falla, deixamos passar sandices pela belleza da fraze, Alencar, pelo bello estillo, faz com que releve-se-lhe muita falsidade.

Alencar tem a imaginação sem disciplina e sem ordem. Não tem o gosto que corrige, e a calma que dirige.

Tem a imaginação que inspira, sem o trabalho que pule: tem o talento que crêa, sem o genio que concerta.

E' o que produz suas contradicções, diffuzões, lacunas, excessos, precipitação em que-

rer colher os fructos, antes de amadurecidos pela intelligencia.

Diz ainda o mestre dos mestres, Goethe, que as obras, além de reflectir o que se passa no mundo, como em espelho, devem ser feitas com mão pura.

Censura elle muito os que se entregão desregradamente á imaginação, pois, diz elle, nada ha mais terrivel do que a imaginação privada de gosto.

Como podia tel-o Alencar,que o que queria era escrever as carreiras, era catar palavras exquisitas para se dizer que lia muito, era produzir sempre, e sem parar, era brilhar em todos os generos ?

O seu estillo não se presta a pintura de scenas selvaticas, e rudes. E' elle delicado, e feminil, destôa da mascula grandeza de assumpto. O grande e rude,elle corta,diminue, modifica, até poder entrar em seus quadros, pequeninos, effeminados, mimosos.

Não sabe mobiliar o matto, com as arvores e animaes, como sabe fazel-o para um salão da côrte.

As obras de Alencar são pensadas com frieza, e coloridas em alguns lugares com tintas vivas. São quadros em esboço em que alguns detalhes estão bem acabados.

Sei que a muza pare com dores, que tem como mãe, amor cego aos filhos.

Sei que tão difficil é ao artista corrigir suas obras, como ao pae corrigir seus filhos. Mas, se estes vem com defeitos, e inclinações viciosas, deve o fazer, por mais que lhe doa o emendal-os.

Não é a necessidade de expandir-se, pintar o que vê, exaltar o que arrebata, dirigir a sociedade para um fim moral ou util, que fez Alencar escrever. Foi o desejo de celebridade.

Suas obras não são faróes que tem de dirigir os homens de bem: são fogos de palha que servem de divertimento aos cortezãos e levianos que governão o Rio.

Não podem ter duração, bem como tudo o mais desta época de tranzição e formalismo.

Alencar que devia ser o historiador de uma terra e sociedade novas, fez-se o annalista de um grupo corrupto, e corruptor.

Mas (me dirão) como podia elle modificar o que via, e dizer o que não sentia?

Negais os vicios e fealdades que existem?

E' isso o que eu censuro. Quiz elle ser Balzac, em vez de ser um Cooper. Ph. Cooper tambem pintou fealdades, porém invectivando-as.

Alencar é o Balzac brazileiro. Como Bal-

zac tem a falta de gosto, a exageração, o gosto pelo bonito, ainda que seja falso : tem idéas incoherentes, imagens disparatadas, estillo desigual, as vezes perfeito, outras descuidado. Falta a ambos o sentimento moral, o pezo e a medida, a firmeza nos typos, a logica nos caracteres, que devem ser consequentes, a verdade nos factos, que devem ser verosimeis, e nas raias do possivel.

Não tomão o desenho exacto de um lugar: tomão uma parte, e nesta carregão com todas as tintas. Não desenhão um homem, pintão homens excepcionaes. Não são capazes de fazer typos como D. João, Fausto, Eurico. Fazem Goriot, Vautrin, Pery, typos bellos, porém excepcionaes.

São verdadeiros? Tem a verdade do detalhe, a relativa : a verdade de todo, a justa, proporção, não, pois só olhão uma face da questão: não a encarão por todos os lados.

Ambos, tanto o francez como o brazileiro, são pobres na concepção dos caracteres, paixões e situações: são ricos no genero descriptivo, na analise dos costumes intimos, no estudo das minucias, e no bello estillo.

Balzac, escrevendo com um fim de lucro, vendendo suas obras como um negociante sua fazenda, egoista como um rei, vaidoso

como um Luiz 14, julgando-se o representante da França, o Napoleão da penna, exagerado, falso, perversor de costumes, é sempre um francez leviano, a que falta um ideal nobre e digno. Nunca é um Herculano, um escriptor que deve ser tomado como typo e exemplar de um povo novo, e sizudo.

Alencar é destes romancistas que deleitam sem nos melhorar, que agradão ao ler-se, deixando-nos descontentes com o seu ensino, que reconhecemos que não tem o sentimento do dever.

Dirme-hão que os romances de Alencar são mais procurados que todos os outros, o que é prova de que são melhores.

Alencar tem, pelo nome, ganho certo do edictor de suas obras, e enche o mercado : o povo amigo de leitura, vendo-o tão elogiado, vae comprando seus romances.

De que serve ser Alencar mais que um romancista, ser uma litteratura, se é falso, se terra, homens, scenas, e factos que pinta, sómente existem em sua imaginação? Devia pintar como productos de fantasia, não apresentar como verdades.

E' no sentir do povo que se deve achar a fonte da poesia, verdade e belleza. Vive, abaixo da litteratura aristocratica do Rio de

Janeiro, uma outra mais popular, mais brazileira. Não tem ella protecção dos imperadores da imprensa, tem contra si a conspiração do silencio, armada para a esmagar.

Assim mesmo vae caminhando e, algum dia ha de dominar. Entre outras, apontarei as obras do Sr. Besnardo Guimarães, e Silvio Dinarte.

O Seminarista—é uma obra prima da lingua portugueza. Poucos bachareis o conhecem, e entretanto póde competir com Guarany, ao qual é inferior como invenção e estylo, e superior na verdade dos caracteres e situações.

Acho que não fica bem aos nossos talentos superiores occuparem-se em repintar figurinos estrangeiros e apresental-os como nossos.

Os romances de Alencar ou são falsos, ou copiados de outros. Mesmo os que quer que sejam nossos, Pery, Gaúcho, Jão Fera, Arnaldo, Ubirajara, Coatiabo, são filhos de outras terras, não são brazileiros.

O Guarany Pery é um europeu, bonito, elegante, com mil prendas. Para brilhar em um salão, enfeitou-se com o penacho, pinturas e vestuario de indio, repete fallas ensinadas, e gestos estudados conforme o figurino francez. Dá gosto vel-o á distancia. Quando se

o observa de perto, vê-se que tudo é falso, que é um indio pintado, e não da nossa terra.

Entretanto o Guarany, apezar de suas manchas, é o seu melhor romance. E sem ser propheta ha annos affirmamos ao ver a sua rapidez de trabalho,e seu asco a reflexão, que o fazia escrever ao correr da penna, que o Sr. Alencar não era mais capaz de fazer obra igual ao Guarany.

Alencar começa forte e acaba, sempre frouxo. No principio dos seus romances, os caracteres se desenhão bem, os traços são finos e limpos : depois as cores se vão carregando, os retratos se tornão caricaturas, e o fim não parece do mesmo author. No começo as figuras bem lançadas, e a belleza das minucias, fazem suppor um desenvolvimento que não tem depois, pois sua voluvel imaginação já deixou aquella obra para passar á uma outra.

Foi até ha pouco a primeira figura de nossa litteratura, foi um espirito energico, dotado de grandes qualidades e defeitos,uma imaginação brilhante,vivaz, mas desregrada.

A falta de gosto, e de ideal moral, são seus maiores defeitos.

Comparão-o alguns com F. Cooper, e dizem que ha em Alencar o vigor da muza que

desenhou o Ontario, com a exuberancia de seiva e de talento, proprias a nossa terra, luxuriante de belleza e vida.

Que cegueira! Se compararmos os romances em que Alençar descreve a natureza brazileira com aquelles em que Fenimore Cooper pinta a natureza americana, vemos neste mais amor á realidade, e a verdade dos caracteres, menos pinturas fantasticas. Os heroes de Cooper são homens: os de Alencar são entes sobre humanos, heroes fabulosos.

O escriptor brazileiro é completamente dominado pela imaginação, emquanto o Hómero americano—governa-a, dirige-a com a razão e o bom gosto.

Um defeito de Alencar, e que em cada obra augmentava, era o de empregar palavras fóra do uso, e cunhar de novo outras.

Alguns o censuraram por descuidado no estylo, por não applicar-se ao estudo da lingua, e eil-o a cahir na exageração, e defeito contrario, e por-se a folhear diccionarios e livros velhos, catando e encaixando quanto termo e locução antiquada acha.

Tem toda a razão quando responde ao Sr. Pinheiro Chagas, que o censura por usar de neologismos, que o instrumento da idéa, a

lingua, tem de ser aperfoiçoado pela civilisação nesta terra virgem.

Os neologismos são permittidos quando o portuguez antigo não exprime bem o que queremos. A nossa natureza, couzas, animaes, modos de ser e de viver de hoje, não erão conhecidos: de lavoura, sciencias, artes e officios, os portuguezes pouco sabião. Elles tem abundancia e propriedade de palavras, na arte da navegação, em que forão grandes. No mais erão fracos, pelo que não podemos deixar de usar termos novos. Os portuguezes que nos criticão são mais afrancezados do que nós, como Pinheiro Chagas e Lopes de Mendonça.

Ambos forão beber inspirações á fonte, á que recorremos nós todos da raça latina.

P. Chagas embalde quer se cobrir com o capote dos antigos portuguezes, antiquar a linguagem, e usar de velhices, para não ser tido como gallicista, que é da gemma, pois uza centenas de palavras e frazes francezas, em todas suas obras.

Entendo que uzar de palavras novas, só para exhibil-as, é puerilidade: e andar catando desconhecidas, para designar aquillo que todos conhecemos, é pedantismo.

O bom escriptor se deve conservar no meio termo.

Quando nossas palavras communs, não exprimem bem o que queremos, é justo que recorramos aos diccionarios. De outro modo, é pôr mascara, para se fazer desconhecido, para dar muitas vezes um ar de novidade a banalidades que se diz: é gastar a intelligencia e o tempo com mesquenhezas, indignas de um homem de talento.

Os nossos litteratos tem vexame de acceitar palavras e locuções uzadas pela gente culta considerando-as baixas, e indignas de apparecer em livros.

Acho exagerado esse cultismo, esse respeito pela cultura da lingua.

Entendo que o fallar dos homens illustrados devia ser o uzado, quando desse elle idéa mais exacta do que queremos indicar, quando exprimisse melhor o nosso pensamento, do que o exagerado purismo.

Não quero que se torne baixo e rude; mas ser obrigado a usar de rodeios e termos que não designão exactamente o que queremos, somente para não se adoptar o fallar do povo, acho peior do que o defeito contrario em que cahem geralmente.

Toda a exageração é prejudicial; mas a de

affectação, ornamento e cultismo, acredito peior para um povo novo. Indica decadencia.

Uma das maiores bellezas que acho na litteratura americana é a de exprimir muito com uma palavra, é a propriedade desse estylo que se póde chamar americano.

A affectação e cultismo tem feito mal até ás nossas maiores intelligencia, até se entranhando pelas provincias, em aquelles que querendo ser civilizados, tomão os modos enjoados,e affectados de um roceiro na côrte.

Entendo que vale mais tomar palavras modernas, que exprimam cousas da época, ainda que sejão estrangeiras, do que uzar os archaicos termos antigos, que não tem a significação propria, e não servem, não se podem applicar a couzas novas, de todo desconhecidas aos nossos avós.

Entendo que podemos tomar as palavras que nos convenhão, onde as acharmos, como os portuguezes fazem ha seculos, tomando centenares dos francezes, e até trazendo-as da China, como creio que trouxerão—pagode,—(tirado do lugar onde elles se dão)—tigella,—bailadeiras, (tirado de bayaderas) —mantega, — verandak— e outras, que já são de nosso uso commum.

Porém Alencar leva esse direito até o abu-

zo, ora uzando de palavras antiquadas, ora lhes dando sentido differente.

Se se fosse a colligir os vocabulos uzados por Alencar, e desconhecidos á maioria dos brazileiros illustrados, dava para se encher volumes. Delles muito poucos tem de viver.

O tempo que gastou em folhear diccionarios, dava para sua bella imaginação crear bonitas obras.

Oh! não me censurem pela severidade, que é ella precisa.

Foi Alencar o nosso rei litterario,e debaixo do seu dominio reinou a falsidade e o mau gosto. Mocidade! é tempo de reagir!

E' tempo de aproveitar as altas faculdades que Deos depoz em vossas cabeças, e os nobres sentimentos que guardaes no coração. E' tempo de serdes brazileiros.

Brazil querido, terra de tanto amor! Pela qual quiz dar a vida, e mil que as tivesse, daria com gosto! Porque não attendes aos que te mostrão as faltas e só gostas de lizongeiros que te querem fazer arremedar extranhos?

Não vês que deves seguir as aspirações e inclinações da tua nobre natureza?

Escrever ao correr da penna: dar opinião sem estudar: fallar sem reflectir, apresentar

os jesuitas como maus, e amanhã tecer-lhes elogios: dirigir-se hoje ao povo, apresentando o rei como tiranno machiavellico, e amanhã aconselhar o rei a que tenha mais forte governo: elevar o bugre, e chamar de caricatos aos brazileiros que baratearam a vida nos campos do Paraguay, isto pòde fazer quem quer mostrar espirito a custa da verdade, quem quer que tudo se perdôe a magia do estylo: mas não o deve fazer o brazileiro.

Para escrever não basta unicamente o talento. E' preciso ter-se um norte moral, ter fé, ter caracter.

O talento, no Brazil, é tanto, que se chega á todos, anda a rôdo: o caracter é mais esquivo.

O talento faz os grandes escriptores: o caracter faz os homens de nobre coração, os homens de bem.

O talento faz os demagogos, de voluveis idéas, que para brilhar um instante, não se dão de trazer a patria em revoluções, como vemos nas tirannicas republiquetas visinhas.

O caracter faz os grandes cidadãos, que só vizão ao bem estar e engrandecimento da sua nação, como Washington.

O talento só é digno de respeito quando

anda unido ao nobre caracter,e firmes convicções.

Contra elle me levanto, ao vel-o caminhar, sem norte moral, ao vel-o levar ao abysmo a patria querida.

Não pense alguem que censurando Alencar, eu apresente outros directores, ou a conselhe que sejamos inglezes ou allemães.

Dvemos, nós brazileiros, seguir nossos instinctos, tendo diante dos olhos como exemplares, os melhores escriptores, aproveitando seus sentimentos e intelligencia, nunca imitando suas obras, seu estylo, seu modo de pensar.

Infeliz é o homem, ou povo que não podendo pensar por si, abdica a dignidade de homem, e segue as idéas dos outros, sem querer consultar o espirito que Deus nos deu á todos.

E' preciso ser incapaz de produzir para adoptar filhos de extranhos: quem póde telos, não cria alheios.

Gonçalves Dias, e Alvares de Azevedo derão o nosso grito de independencia litteraria.

Alencar é o despota, que mettendo medo ao jugo portuguez, nos quer prender em cadêas francezas, tão antipathicas ao genio

brazileiro, que quer nos escravisar a França, como nossos politicos querem macaqueal-a, imitando sobretudo seus erros, faltas e levezas.

Goethe entende que só convem á uma nação o que sahe do proprio fóco, o que resulta da necessidade geral e particular, sem arremedo de outra nação: que o que é salutar a uma, póde ser veneno á outra.

O brazileiro, filho do portuguez, é como este sincero, convencido, ajuizado.

Se não tem todo o pezo do portuguez, não tem a leveza e defeitos dos francezes.

Os portuguezes dizião claramente o seu pensar, e nós, seus filhos, não somos francezes que escondem uma offensa debaixo das flores de um elogio.

Para os nossos paes o pão era pão, o pensamento era dito sem rebuços nem frazeados, e a exageração e leveza não estão em nossa indole, e são venenos para nós.

Esta leveza póde ser de um ou outro frequentador da rua do Ouvidor, para o qual a pedra de toque do valor, qualidades e intelligencia, é ter estado na côrte.

Desculpão-o, dizendo que elle escrevia para ganhar, para tirar de sua penna uma fortuna, e que, se commette faltas, se tem erros,

são só devidos ao publico, cujo gosto estudava, para dali tirar lucro, e nomeada.

Mais uma razão para elevar-me contra o exemplo, dado por tão distincto escriptor, de especular com a penna, de fazer della tão mau uzo, de ser escriptor, como meio de vida, sem um ideal alto e nobre.

Se ha consciencias bastantes estragadas para não comprehenderem o que vae nisso de baixeza e desdouro, que não comprehendem a sublime incuria dos interesses terrestres do verdadeiro escriptor, ao menos deve haver quem proteste contra tanta degradação.

Esta viveza de se procurar, e saber descobrir onde está o gosto do publico, de lisongear seus vicios para ter influencia, de dar drogas invenenadas para obter lucro, de espalhar ensinamentos, ainda que sejão errados, é o que faz as mediocridades enfatuadas, e não os genios.

Isso fazem os Scuderi em França, Marino na Italia, Gongora na Hespanha, Lilly na Inglaterra, e Gottsched na Allemanha, os que não vizão somente a verdade, os que almejão sobretudo o successo e o lucro, como se fossem mercadores de livros, dos quaes tomão inspirações.

O egoismo do genio é nobre, e ama a ver-

dade, mesmo á custa do interesse, bem ao contrario do egoismo das mediocridades, que viza ao lucro, e successo.

Dizem-me que bem mal faço em criticar Alencar, que devemos todos elevar,pois além de ha tão pouco descido ao tumulo, é o unico romancista que temos.

Estas criticas forão feitas e publicadas ha annos; e neste momento já começada a impressão desta obra, fui tão repentinamente surprehendido pela noticia de sua morte, que não tenho tempo de modificar o artigo, e somente moderar alguma espressão mais severa que enunciei então e retirei agora.

Não desejo menoscabar a memoria de tão importante escriptor.

Devemos todos reverencia e acatamento a memoria dos grandes homens: mas ha uma cousa que merece mais respeito do que a memoria daquelles que se vão para os dominios de além, e é a santa verdade, que é uma hospeda que de lá vem, que Deos manda peregrinar pela terra, e devemos agazalhar, e adorar, em toda a parte, e em todo o momento.

Nem que Alencar fosse, que não é, o unico romancista e escriptor do Brazil, era isso motivo para exaltarmos faltas e erros.

Gonçalves Dias foi o sabiá, e Alvares de Azevedo, a calhandra do Brazil.

Alencar é o cochicho.

Arremedou bellamente uma moda franceza, e os afrancezados o exaltaram, pozerão-o em dourada gaiola, prenderão-o, não o deixarão ver o Brazil: e o passaro da rua do Ouvidor só arremeda cantos do estrangeiro.

O sabiá tem seu canto: de permeio vem outros, que não são proprios; mas que elle sentio, que elle tornou seus. Canta ternas endechas: é pouco variado: mas é o canto tão bello e doce; ha nelle tanta inspiração, que encanta: é o melhor poeta dos bosques.

A calhandra tem poucas notas: tem canto proprio, com quanto pouco variado: commovem seus cantos de dôr e de esperança: é o poeta que canta o arrebol do dia, como Azevedo canta o nascer da intelligencia brazileira.

O cochicho é dos passaros que mais gosta de arremedar.

Não ha instrumento mais melodioso e agradavel que a garganta dos passaros do Brazil.

Entre elles, alguns tem cantos proprios: outros arremedão os não cantores.

Quasi todos os passaros não cantores, tem

seus gritos, e cantos, sem variações, e são arremedados por outros que delles se aproprião, e fundindo-os, arranjando-os em um só, fazem delicadas composições, em que existem os mais variados cantos.

Bem como entre os homens, aquelles que praticão grandes acções, ou fazem descobertas, não são os que as descrevem, e é o escriptor, o poeta quem os comprehende, e patentêa ao mundo os mais differentes caracteres e sentimentos: entre os passaros, os cantores tomão os cantos dos outros.

O poeta possue-se de uma situação, idéa, ou sentimento, e a externa: o passaro cantor comprehende os cantos dos outros, combina-os, encadea-os, e faz encantadoras operas.

E bem como ha poetas que se atirão aos mais difficeis themas; ha passaros, como o soldado, ou encontro, que se atirão sobre motivos em que parece irão baquear, como em arremedar o chiar do carro, ou o canto dos tangarás ou o pio do inambú. Desde o pico-chanchan, anum, taperá, até os passaros cantores, o soldado arremeda por modo tal que confunde, que se póde obter o canto que se deseja.

O Tieté é outro arremedador. Imita zombando. O tieté é o zombeteiro critico que mo-

teja de todos, chasqueando-os, e arremedando-os. Contrafaz o grito de desespero do passaro, seguro pelas unhas do gavião; e quando acodem de todos os lados os passaros a protegel-o contra o tiranno commum, odiado por todos, elle deixa o primeiro motivo, e solta gritos de zombaria, arremedado as andorinhas e passaros que se lhe aproximarão.

No Brazil muito maior é o numero dos passaros que arremedão, do que o daquelles que tem canto proprio,como querendo indicar que está em nossa natureza haver mais imitadores e criticos do que poetas e cantores propriamente.

Além destes, existem centenares de outros, tão lindos que sem vaidade podemos dizer que possuimos os mais bellos passaros da terra.

O curió, patativa, bicudo, tereno, pinta-silgo, e dezenas de cantores, e milhares de outros, não cantores. povoão nossos bosques.

Bellos pelas suas pennas, de reflexos furtacôres, pela forma elegante e perfeita, animão elles as nossas matas.

O Brazil é o paraiso da terra.

Cortão-o rios e valles : elevão-o montanhas e serras: enfeitão-o soberbas arvores: embalsamão-o seus animaes; suas borboletas

parecem feitas para encanto dos olhos, bem como os insectos das mais exquisitas e varias formas: suas paizagens enlevão: o Brazil é o paraiso da terra.

Quando a natureza se mostra a mais luxuriamente que é possivel, para comnosco, na fauna, flora, em todos os generos, quando se expande de goso a nossa alma: quando a bella natureza torna poeticas as almas rasteiras: quando temos grandiozas acções, e nobres idéas: quando tudo resta a dizer, devemos nós conservarmo-nos, qual cochicho, a repetir os cantos do estrangeiro?

Não: mil vezes não.

O SR. DR. MACEDO.

De todos os seus romances, os que mais aprecio são os filhos da mocidade—Moreninha e Forasteiro.

A Moreninha é uma interessante menina. Não tem em seu todo a perfeição esculptural: não é de belleza classica.

E' por demais travessa: traz ainda vestidos curtos de criança: achão-a vestida com descuido, e desalinho: chamão-a de leviana, e

infantil: mas é viva, espirituosa, bonita, atractiva.

E' brazileira, e das que tem mais graça, e encantos.

Não é pintura perfeita e completa. E' antes o romance o bosquejo da vida dos estudantes, moças e reuniões daquelle tempo.

Não gostei de ver a Moreninha e o Dr. Augusto trazerem bentinhos ao pescosso, como fanaticos aldeões. Isso não era de esperar de moços bem educados, intelligentes, como estes. Acho alguns defeitos na Moreninha. As vezes é travessa, em demasia, como buscapé, não pára um instante, bolindo com este e fazendo momices á aquelle. Até scismo que é caboclinha, que tem sangue indio nas veias, ao vel-a tão morena, viva, e inconveniente. Na Moreninha, o Augusto, censurado como inconstante, alvo dos olhares da sociedade, e entretanto desinfastiando-se com todo o cynismo a comer mellado, não tem muito sal, bem como D. Quinquina, ao chamal-o de—Folha de alho—Os modos a Paulo de Kok são livres de mais, como por exemplo, o Augusto, nú da cintura para cima, e as moças, núas do joelho para baixo, a mostrar-lhes a barriga das pernas, não são de bom gosto.

Este romance fotographa seu tempo, os bailes do Rio, a vida dos estudantes, e das moças. O estylo, descurado, é entretanto vivo, e scintillante.

Tem estampas horrendas que o author devia rasgar quanto antes, pois dão idéa muito triste da sua moreninha.

A discussão dos Estudantes, na borracheira da Paula, é engraçada. O romancinho da India é bonito episodio. E' este romance muito superior a Vicentina. Na Vicentina uza de termos tão exdruxulos que se pensa que são erros de imprensa.

O Sr. Macedo não é amigo d'elles. Alguns, como Alencar, abuzão tanto delles, que até os erros de imprensa vamos acceitando como palavras novas, ou antiquadas ; tão atordoados nos deixão elles, que tudo admittimos.

Camillo chama Vicentina de mulher inconcebivel.

E tem rasão. (Da obra se póde dizer o mesmo, pois o dito se pode aplicar tambem á ella.) O Dr. Benedicto, com toda sua seriedade, a fazer scenas escandalosas, é estravagante e inconveniente, no dia de casamento de Frederico e Adriana.

E que sermões compridos a cada passo! O final é de theatral absurdo e obscuro.

A primeira conversação entre Adriana e Leonor, é falsa, affectada.

Não se irritão e acalmão assim sem plausivel motivo na vida real, a menos de serem duas estonteadas.

Reginaldo é ingrato e cruel, pois sem um movel que a isso o compilla, mata aquelle que desejava ser seu genro.

Leonor é intrigante, sua tia é perversa; bem como o Sr. Frederico, que é de mais um ibertino, de sorte que ou são perversos os personagens, ou uns tolos, como a credula Adriana, o Americo, a Vicentina. E' immoral o romance.

Vicentina é uma quéda para o Sr. Macedo, como as Minas de Prata, para o Sr. Alencar.

Vicentina é tão feia e triste que nada se parece com a bella e viva Moreninha.

As vezes toca ao tetrico e lugubre.

Quasi todos os retratos são esboços. O melhor é de Frederico, genio do mal que entretanto diz ter labios eroticos, o que é dar a estes o poder de serem amorosos.

Faz continuas exprobações aos nossos politicos, mais propria de pamphleto politico.

A louca, cantando sobre a Boca do inferno, é irmã da Moreninha, pelos versos que canta, que são lindos, e a melhor cousa do romance.

Americo, namorado, e retirando-se de perto de Adriana, sem poder agradecer, é um traço que denota espirito observador.

Tem alguns romances, inferiores a Moreninha, de que não fallarei ; por não ter apreciado, bem como o—Moço Louro—Victimas Algozes, Mulheres de Mantilhas, etc., etc.

O Forasteiro do Sr. Dr. Macedo, que elle apresenta a medo, é bem bonito.

O autor diz no prefacio que o dá a luz como o fructo dos primeiros annos, que relevem suas faltas aos dezoito annos que tinha.

Não tem razão,

E', com a Moreninha, dos seus melhores romances, e superior a muitas das suas obras de idade madura.

Pinta bem aquelles tempos de 18º seculo, em que o Brazil ainda estava tão atrazado.

Nota erros daquelles tempos, como o de fazerem os filhos espozarem os odios dos antepassados, que transmittão de paes á filhos.

Convem muito notar esses erros e defeitos e não somente tratar de cousas de que não vem o menor proveito ao povo.

Mostra que a riqueza erigia no Brazil

o feudalismo, que se eetava desmoronando na Europa, feudalismo que não tinha base nas instituições e prerogativas, que não era reconhecido pelas leis e estado: mas que não se fazia sentir menos pelos abuzos e prepotencia.

Jálá vae mais de um seculo (diz o autor) e esse feudalismo bastardo ainda existe, o potentado ainda póde maiz que as leis, o pobre é um escravo, e o capanga lembra bem o daquellas eras. Em tres volumes, desenvolve um bem urdido romance, que agrada, que á par de conhecimento do lugar e tempo, mostra conhecimento do coração humano.

De facto, tem exageração, exaltação dramatica de moço: mas desculpão-se os senões, porque no todo é um bonito romance.

A Baroneza do Amor—é o seu ultimo romance.

Entretem, faz passar-se algumas horas distrahido. Tem um fim justo e é mostrar como a vaidade, em um coração de mulher, leva a desgraça á vida inteira.

Mas tem muitos senões, que não se devia esperar de tão distincto escriptor.

Podia pintar as infidelidades, e caracter baixo e sensual do esposo: a vaidade offen-

dida, e os desatinos da esposa: mas sua penna amestrada não devia cahir nas faltas de decóro de que estava izempto.

O escriptor recatado não devia descer á pintura da sensualidade, e fraquezas do corpo, mais proprias de romances obscenos.

Isto lhe véda entrada no sanctuario da familia, em que erão tão apreciadas outras suas obras.

Fallando do Barão de Amorotahy, que vendo as infamias da mulher (suppostas, pois nunca foi infiel) diz o auctor que o — Barão era realmente quasi infame.—Eu não sei o que vem fazer ahi o quazi, pois o homem que cala e consente as infidelidades da mulher, é justamente infamado pela opinião publica.

Tambem a Baroneza do Amor, deixando-se beijar pelo seu adorador, afigurando-se purificada por aquellas adorações; e logo adiante, tendo ciumes de beijo santo que o Capitão Avante deposita na mão de sua afilhada, e sem amor, ter ciumes e deixar-se beijar por aquelle que não ama, é de uma fealdade moral que não póde atrahir as sympathias.

Diz o autor muito bem que—o adulterio do esposo não desculpa o subsequente adulterio da esposa, — e que a reputação de uma se-

nhora deve ser como o fogo das Vestaes, que nenhum momento deve-se apagar, deve ser como a esposa de Cesar, que nem póde ser suspeitada.

Porisso, se perdoa-se á infeliz Baroneza do Amor a sua fraqueza, e falta de juizo, ao ver a infamia e baixeza do marido, não se póde entretanto demorar o olhar sobre sua fisionomia moral, que é repellente. Póde o autor dizer que pinta-a como vio, como ella existe na sociedade fluminense.

Creio-o,e é natural que exista alguma com a futilidade e falta de crenças em que vae cahindo a côrte.

Convinha mesmo, em quadro fiel mostrar-lhes aonde as leva a vaidade, soberba, e falta de crença, adoçando os tons da crua pintura.

De passagem notarei uzar o autor palavras classicas, mais proprias do verso, como flammas ; e outras que não estão no uzo classico como condolencia.

Mas, isso muito raramente, pois é dos escriptores que mais zelão a pureza e vernaculidade da lingua.

E até aqui, tambem estava izempto da mancha de immoralidade, em que muito nos admiramos que cahisse agora, seguindo o Sr. Alencar.

Nas comedias agrada, tem graça, como no Fantasma Branco, O Primo da California, e outras muitas.

As comedias, tem alcançado grande popularidade, e tem real valor, não receando affirmarmos que ellas o collocão na plana dos modernos francezes Sardou, e outros.

E' por onde agrada tambem nos romances como Rosa, Moreninha, e outros, por um sabor especial, que na comedia pô le desenvolver melhor.

BERNARDO GUIMARÃES.

E' o escriptor que possue em mais alto grau o sentimento brazileiro.

Seu espirito tingio-se da côr da natureza, dos bellos horizontes, das pittorescas paizagens da nossa terra.

Trata de nossas cousas,com o modo de ver, e idéas nossas.

E' o escriptor nacional,e um dos primeiros, pela verdade, exactidão, e côr local das pinturas.

Tem na ponta da penna a tinta da côr local. Conhece o Brazil, viajou, não diz cousas que repugnem á verdade e bom senso.

Tem frazes, idéas, comparações, que são muito nossas, e apropriadas: ditos que são muito uzados, e expressivos.

Li tudo que o Sr. Dr. B. Guimarães tem produzido até hoje, desde os primeiros versos até a sua ultima obra, Mauricio.

Entendo muito preciso o apparecimento de escriptores que, como o Sr. B. Guimarães, tratem de cousas do Brazil, e não somente de appresentar como nossos figurinos francezes, recortados conforme a ultima moda da Europa.

Verdadeiro, ameno, simples, ao estylo do Sr. B. Guimarães faltava entretanto o condão que atrahe, o encanto que obriga a attenção e que em tão alto grau possue Alencar, apezar de falso, e pretencioso.

Com o tempo, foi melhorando. Aos primeiros romances, lendas, historias e tradicções, faltava o attractivo. Do— Seminarista, em diante tem sabido alcançal-o.

O Seminarista é um dos melhores romances nacionaes. Já se póde comparar com o Guarany; é muito superior as Minas de Prata. Neste elle demora, mostra gosto em tratar o assumpto que aprofunda.

Desenvolve muito bem as scenas, e caracteres, e tem bastantes e bellissimas compara-

ções, todas tiradas de nossa terra e vida; quando não são brazileiras, são tiradas de nossos livros classicos. E' o romance a historia de um moço que obrigão a seguir a vida sacerdotal, sem que tenha total vocação á ella. E' este um facto que se tem dado tantas vezes entre nós que passa desapercebido; mas o autor de tal maneira o embelleza, com a verdade, e com o brilho de sua imaginação, que interessa, e prende, mostrando as torturas porque passa um coração puro até cahir na vida irregular em que cahem a maior parte dos padres.

Eugenio, filho de um fazendeiro, capitão Francisco Antunes, mostra desde menino muita propensão á cousas religiosas. Os paes, tanto o Sr. Antunes como sua mulher, entenderão que devião fazel-o padre. Naquella época, ha 40 annos, e mesmo agora, ha muita gente que pensa que não ha carreira mais bonita, honrosa, e santa, sem lembrar-se que é preciso uma natureza muito especial para exercer o sacerdocio dignamente.

O pequeno Eugenio fôra creado com Margarida, filha de uma aggregada, Umbelina, muito pobre, com quanto de boa familia, e amavão-se estremecidamente. Custa muito á Eugenio só pensar nos seus estudos ; a ima-

gem de Margarida vinha-se interpor ao estudo de latim, entre aquellas enfiadas de declinações e conjugações, que como bando de morcegos fugião diante da luminosa imagem, entre aquellas definições e classificações, tão frias e tão aridas, da lingua morta.

Um dia o padre mestre chama Eugenio ao seu quarto e mostra-lhe uns versos que o padre regente apanhara entre seus papeis e o censura acremente. Que abominação é esta? o que querem dizer estes versos? sua devoção era fingida mascara para esconder um libertino? Isto é um sacrilegio! Queime e peça perdão!— Eugenio os queimou. Felizmente o autor cita os melhores pedaços e são bem lindos: mostra que o autor é o mesmo que fez os Cantos da Solidão. Se o padre director tivesse chamado Eugenio, e dito que tirasse do coração aquella affeição mundana, como não podendo compadecer-se com o estado sacerdotal, que precisava abandonar, se não podesse abandonar o amor, é bem possivel que esta liberdade tivesse facilidade a victoria ao pobre seminarista.

Mas desejando dotar o clero com mais um ornamento e levado pelos desejos dos paes de Eugenio, o padre o arrastava para a vida clerical. O coração do moço, não podendo dar

espansão aos affectos mundanos, refugiou-se no ascetismo da evocação religiosa, e derramou-se aos pés do altar. Cumprio á risca os jejuns e penitencias, que lhe forão prescriptas, confessou-se, teve animações e conselhos.

Debalde!... A imagem de Margarida ahi estava a encher-lhe o coração. No fim de dois annos, o adolecente de 16 tinha risos de um velho, estava magro, pallido, alquebrado, mumia ambulante. O mal fisico repercutio no moral, e intellectual, e sua sensibilidade embotou-se no gelo de um beatismo austero e sem arroubos. O caracter modificou-se, tornando aquelle menino tão docil e communicativo, frio e secco, desconfiado e sorumbatico. Houve descalabro geral, de todas as impressões vivas, de toda a crença no amor e felicidade neste mundo; até a imagem de Margarida desappareceu.

Saudosos com a ausencia, de 4 annos, só dous annos depois os paes alcanção vir Engenio passar as ferias na fazenda. Nella torna a ver a querida Margarida, agora linda e seductora moça, e volta-lhe o amor infantil.

Faz porém triste figura perto della, e de todos. A educação claustral é mais propria para formar ursos, e os seminaristas figuram idiotas. Tolhidos, desconfiados, não sabem

dizer duas palavras com acerto e descripção, e muito menos com graça e affabilidade. Se já é acanhado por natureza, então fica perdido para sempre.

O mancebo envergonhava-se de querer ser padre, e todas as vezes que via Margarida, não podia conformar-se com tal idéa. Aos pouco acorda outra vez a antiga paixão no coração dos dois, e elles se jurão eterno amor. Eugenio conta a mãe que não quer ser padre, que ama Margarida. Mas a mãe prohibe-lhe ir a casa de Margarida, levada pela idéa fanatica de que Margarida era o demonio que viera a tental-o. E esta idéa lhe era sugerida por que em pequena uma cobra brincava com Margarida sem offendel-a, e a sua educação religiosa a levava a supôr que ella tinha parte com a serpente ou demonio.

O que, porém, lhe era prohibido fazer a luz do sol, fez Eugenio a sombra da noite, e a luz das estrellas. As meigas fallas que ali disseram, ella dentro da sua janellinha, e elle fóra das grades, seus suspiros abafados, a noite e solidão dispersaram nos ares de envolta com o sussurro da folhagem.

Houve porém um motirão em casa de Umbelina, e Eugenio, que obtivera licença de ir passar com um amigo, desvia-se do cami-

nho, e vai a noite, á casa de Umbelina, levado pelo ciume, e desejo de ver Margarida. Lá encontra o tropeiro Luciano, que gostava de Margarida,e que vendo-a sem dançar perto de Eugenio, convida-a, e vendo que não quer, pucha bulha com Eugenio, chamando-o de rato de sachristia, e iria sobre elle se um amigo do capitão Antunes o não protegesse. Todos se unem então e expulsão Luciano, que sahe corrido. Mas o barulho estava feito e Antunes vem a saber, reprehende-o severamente e o faz voltar ao seminario.

De noite, porèm, na vespera da partida, ainda pode dizer um adeus a Margarida, e trocão fallas e beijos apaixonados, os Romeu e Juliettas brazileiros. No seminario, volta Eugenio a triste vida anterior e apezar de todos os exforços dos padres, não póde expellir a lembrança de Margarida. A natural tendencia para devoção e mysticismo, acordou por fim naquella alma ulcerada, e se não acalmou suas agitações e soffrimentos, veio ao menos dar um caracter menos sombrio e desesperado.

A força de vigilias e macerações, de jejuns e orações, de novo reduzio o corpo ámumia

ambulante, e o espirito a um fóco de visões beatificas e hallucinações fanaticas.

Os padres, tendo pedido ao padre missionario Jeronimo Gonçalves de Macedo, este em um sermão fazendo o elogio da castidade, descreve a comcupiscencia, e exclama — soldado effeminado, que fazes sentado á sombra do lar paterno? levanta-te. Visses embora tua mãe ou tua amante atravessada á soleira da tua porta para impedir-te a passagem, passa sem derramar uma lagrima: passa, tu es soldado: lá está o teu estandarte: é a cruz —

Depois daquellas vehementes e brilhantes apostrophes, o mancebo sem nada suspeitar, sentio-as penetrar no coração como se fossem palavras santas.

Aquillo pareceu-lhe um aviso do ceu, e Margarida a serpente que o queria desencaminhar.

Pobre Margarida!

Foi expulsa, com sua mãe, da casinha em que moravão e forão viver na villa, sobretudo do trabalho de Margarida.

Margarida sentio muito arrancarem-a á companhia daquelles sitios queridos que para outros não tinhão significação e para ella tinhão uma alma, tinhão voz consoladora,

que com ella conversavam misterios de amor e saudade. Sahio, como Eva enchotada do paraiso, chorosa, a passos lentos.

Mas a nossa mãe Eva teve ao menos a mão do esposo que a dirigia e amparava, e Margarida estava só!

Um dia, o padre mestre dá noticia á Eugenio que Margarida se casára, e Eugenio sentio abrir-se-lhe a ferida antiga, e quasi perdeu os sentidos. Retira-se, e a sós comsigo, dá largas ao desespero. Os gosos de outrem chamaram sua attenção para os seductores attrativos de sua amante, e atearam nas veias a febre da volupia. Extranho e goismo do amor! Eugenio soffreria menos se soubesse que Margarida, victima do seu amor, succumbira de magoa e saudade. Julgava-se com o direito e até com o dever de banil-a para sempre da lembrança e quisera que ella o amasse a todo tranze, que se finasse por elle. Morta, seria um anjo que o chamara ao céo; viva nos braços de outro, era a serpente que o arrastava ao inferno.

Banidas da fazenda do capitão Antunes, Margarida sustentava a mãe com seu trabalho, cosendo, lavando, e engommando. Quizeram obrigal-a a casar-se; resistio sem-

pre, alentada pela esperança da volta de Eugenio.

Umbelina morre, e a pobre orphã, ao desamparo, sabe que Eugenio havia tomado ordens. Um mal interno tinha-lhe atacado os vazos centraes da circulação, e ella á este ultimo golpe, crê que está mal, que tem gangrena no coração, e pede que chamem o vigario para a confessar antes de morrer.

Na tarde desse dia chegara a villa de Tamanduá o padre Eugenio, que ao ver aquelle sitio de seus brincos e amores sentio acordarem-lhe no peito as lembranças de sua infancia, frescas e vivas, como se forão de hontem taes como um bando de pintasilgos que dispertam chilrando debaixo do folhado laranjal, aos primeiros raios da manhã.

O padre julgava que a delicada flôr do amor tinha morrido, debaixo do manto gelido do ascetissimo claustral e ao sentir esse inesperado despertar de emoções que julgava extinctas, de emoções da juventude que se entranhão no coração para nunca mais se desapegar delle, estremeceu de sustos, e se exforçou por conjuval-as por meio de orações e pénitencias. Se não fosse a estranheza que tal facto produzio em sua familia, elle teria nessa manhã voltado ao seminario, afim de

pôr-se ao abrigo do espirito tentador que o buscava a preparar-lhe novas luctas e dissabores. Ao ir para a villa, pergunta ao pae por Margarida e este lhe diz que está casada.

A noite teve um chamado para ver uma mulher em confissão, e vendo que o vigario estava ausente, que a mulher estava em risco de vida, vae e encontra Margarida. Ao dar com os olhos na moça, o padre estaca, medonha pallidez cobre-lhe o rosto; suas feições se transtornão. Era ella, Margarida, sempre bella, sempre a mesma!

Quer fugir, mas nã podia negar os auxilios do seu sagrado ministerio, á quem os implorava em artigo de morte.

Insensivelmente os dous corações se abrem e Eugenio sabe que ella não se casára, que sempre guardára puro o seu amor.

Pede-lhe que deixe a confissão para outro dia, que se confesse com o vigario, mas ella lembra-lhe uma promessa que lhe fizera em criança, que havia ser ella a primeira pessoa que havia de confessar; elle promette, e retira-se triste e convulso como se acabasse de ter pavorosa vizão.

A tonsura sacerdotal era-lhe uma corôa de espinho: a veste sagrada queima-o como a tunica de Nesso. Eugenio não tinha o amor

só envolto nos véos da innocencia, a paixão juvenil com suas recordações saudosas; tinha mais, os instinctos sensuaes longo tempo sopitados e que dispertavão com imperio irresistivel em uma organisação vigorosa e vivaz: era uma sede de gosos e volupias, uma febre e delirio. Passou a noite em horriveis tribulações, chorando e blasfemando.

Durante a noite fez firme tenção de não ir mais a casa de Margarida, apezar da promessa: mas seus passos para lá o levaram, e elle encontra Margarida, vestida com esmero e faceirice, como noiva que se prepara para ser conduzida ao altar. Mesmo abatida, e doente estava fascinante de belleza.!

O padre sobresalta-se vendo-a tão fresca e tranquilla e julga que ella quer zombar, pedindo confissão quando se acha tão animada e cheia de saude.

Ella diz que sabe que vae morrer, que é a visita de saude; e os dois, esquecidos de tudo, só lembraram o antigo amor, e ao bafo ardente da paixão sensual, na alma de ambos se apagou o lume da rasão....

No dia seguinte; era um domingo, havia geral regosijo na villa: o padre Eugenio dizia sua primeira missa, e vae a igreja, atassalhado de remorsos. Já que assim o quizerão,

(dizia com sigo,) serei um padre sacrilego: um padre infame como tantos outros. Ah! celibato, terrivel celibato, ninguem espere afrontar impunemente as leis da natureza: tarde ou cedo, tem seu complemento indeclinavel, e vingão-se dos que pretendem subtrahir-se áo seu fatal imperio.

Apenas fez uma breve oração no altar do consistorio, uma velha vem pedir-lhe pelo amor de Deos que fizesse a encommendação de um cadaver que se ia dar a sepultura e se achava no corpo da igreja. O padre fica tranzido de horror: sem saber porque, sentio um pavor irresistivel; suor gelado inunda-lhe o testa; mas não podia deixar de cumprir esse piedoso dever para com um morto e vae ao corpo da igreja. O sachristão, para dar começo a encommendação tira o lenço ao rosto da finada, e o padre cambalea, solta um grito rouco e teria baqueado, se o sachristão o não amparasse. Era ella! Margarida, a finada! Margarida, a querida!

Voltando a si, desempenha atrabalhoadamente a sua cruel e funebre tarefa, e chegando ao consistorio, debruça-se sobre a credencia, e suffoca sua dor, orando, chorando, delirando. A missa do padre novo tinha attrahido muita gente, e os paes de Eugenio sobre tudo estavão no

auge do contentamento, recebendo de todos, as mais lizongeiras felicitações. Chegando porém á escada que sobe ao altar-mór, o padre parou, e quando todos de joelhos esperavão que se começasse o introito, virão-o arrancar um por um todos os paramentos sacerdotaes, arrojal-os com furia ao pé do altar, e com olhos desvairados, cabellos hirtos, atravessar a multidão pasmada, e sahir correndo pela porta principal...Estava louco..... louco furioso. E assim acaba este romance, que é um drama commovedor, como os que o são mais.

O autor traça com mão de mestre todos os caracteres.

Alguns porém, elle nao censura como devia, apresentando-os simplesmente taes quaes são. Me parecia que devia profligar um pouco mais o abuzo da autoridade paterna; mas trata-se de um facto, e talvez a sua delicadeza não quizesse offender pessoas vivas.

E' um bello romance.

E' o Seminarista o Eurico brazileiro.

Portuguez castiço, estylo attractivo, neste a fórma está igual ao fundo, ao pensamento, que é elevado e nobre, como o pede o assumpto. Tem comparações exactas como

quando compara os seminaristas ao sahir da casa com um bando de anús pretos, encerrados em vasto viveiro; as recordações dos brincos infantis com um bando de passarinhos que depois de uma invernada sahem das moitas a esvoaçar, espanejar, e cantar pelos ramos floridos do vergel, aos raios de formosa manhã de agosto; e as idéas misticas, projectos de ser padre e fugindo diante dos sitios e recordações, e amores da infancia, com um bando de corujas, fugindo espavoridas de lobrega caverna, onde o sol enfiou uma restia de luz viva; — o amor que enrubece as faces, com os fulgores do oriente que annuncião a presença do sol, ainda escondido atraz do horisonte, — as velleidades de revolta que se calão nos seios d'alma, ao calar repentino dos passaros quando percebem a sombra da aza do gavião que atravessa os ares, esvoaçando por sobre elles.

A ESCRAVA IZAURA.

E' um dos melhores romances que tem-se publicado no Brazil.

O autor acertou a mão, depois do Seminarista, que o fez melhor aprofundar a materia,

e alongar mais seus estudos. Começando a lêr-se, vae-se até ao fim, fica-se attrahido, não ha mais meio de largar o livro. Não é como nos primeiros romances, em que queria o autor dar seu recado ás pressas. Erão bonitos recados, mas ditos muito as carreiras.

O Seminarista é uma obra prima da lingua portugueza, e esta Escrava Izaura é digna companheira do Seminarista. Os caracteres são bem desenhados, e verdadeiros. O moço rico que volta de Paris, onde teve vida dissoluta, é tal como o Leoncio. Tem elle pessimo conceito de todas mulheres, porque as julga iguaes á aquellas com as quaes teve relações.

E' bella a pintura de Izaura, entre as outras escravas, parecendo a senhora que por desenfado, fiava no meio das escravas. Muito soffre a escrava Izaura por ter sido tão prendada, e desejava a coitada ser antes uma bruta e disforme negra e não soffrer tantas importunações da lascivia.

Se uma escrava soffre sempre, quando é bella e prendada como Izaura, padece dobradamente. A prece a Nossa Senhora, quando a escrava, no poder do libertino senhor, tem de escolher, entre os máos tratos e morte, ou a deshonra, é bella.

E' propria de nossa terra . esta scena, e verdadeira. Quantas não terão feito destas preces em identicas occasiões?

A prece foi attendida: chega o pae de Izaura, o feitor Miguel (que por engano começa a tratar de Daniel da pagina 137 em diante) e foge da casa do senhor.

O portuguez Miguel, ignorante, leva a filha a Pernambuco; e um moço riquissimo, Alvaro, mal a vê, toma-se de amor pela escrava.

Alvaro tem grande coração, e a pobre escrava, com a imprevidencia do amor, lhe retribue o affecto, bem que advinhe que só lagrimas lhe dará. Ella bem via que devia contar tudo ao seu querido, e pagar o seu amor com a franqueza: mas amava-o tanto, temia tanto quebrar o encantado sonho com a fatal verdade. que espaçou contar-lh'a. Cede aos desejos de Alvaro, e do pae, que querem leval-a a um baile, e vae, ella, escrava fugida, a um baile da gente rica do Recife, em que canta e faz boa figura.

Um Martinho, estudante canalha, alma torpe que só visa o dinheiro, descobre que ella é a escrava fugida, e com o annuncio em mão quer prendel-a no meio do baile, no que é impedido por Alvaro, que responde por

Izaura, que fica depositada em sua casa. Chega Leoncio da côrte, com cartas de empenho do ministro de justiça, que são ordens ao chefe de policia, que dá meirinhos a Leoncio, para fazer aprehensão de Izaura e do pae. O autor aqui deplora a impotencia da virtude em face da infamia, e o desaso com que as leis protegem o libertino contra o homem de bem, arma o braço do vicio, e decepa os da virtude.

Leoncio leva a sua escrava á fazenda, em Campos, para a seu gosto manchal-a, e depois de polluida, vendel-a a Alvaro em requinte vingança e escarneo. Em Campos maltrata bem a escrava, e ao pae, que põe na cadêa. Todas as autoridades porfião em fazer a vontade ao potentado, que era amigo de ministros. Forja Leoncio uma carta mentirosa em que Alvaro participa que vae casar-se e quer comprar Izaura para mucamba, e com esta carta faz Miguel acceder ao casamento da filha com Belchior, o anão horrendo, o truão da casa. Ella a vista da carta, com a dôr, fica como morta, e qual estatua, tudo parece acceitar. O autor toma-se de amores pela escrava e a descreve com perfeição.

Pinta-a bella como Niobe depois de perder os filhos, até na desgraça, bella, com os olhos

amortecidos como cirios em capella tumular. Quando vae Izaura casar-se, chega Alvaro, que, tendo comprado as dividas de Leoncio, e senhor de sua fortuna, deixa-a nas mãos de Izaura, para ella a gosto vingar-se dos seus algozes. Izaura pede perdão para elles, e Leoncio, entrando derepente em um quarto, suicida-se com um revolwer, terminando a sua existencia, e o romance com a sua morte.

E' um bonito romance, e póde lêr-se, mesmo depois da Cabana do Pae Thomaz.

Tem paginas que não são muito proprias para uma senhora ler: é entretanto dos escriptores mais zelosos da moralidade e pureza dos seus leitores.

MAURICIO OU OS PAULISTAS EM S. JOÃO D'ELREI.

E' este o ultimo romance do Sr. B. Guimarães.

Quem o vio, no começo, tão secco, que apresentava seus romances em esqueleto; e o vê agora, tão desenvolvido que nestes dous volumes não póde manifestar todo o pensamento, que vae continuar em um outro romance, com o nome de—Bandido do Rio das Mortes— conhece quanto tem elle ganho.

E' este romance um estudo historico, em que mostra os vexames e perseguições dos Emboabas que causaram o levante dos Paulistas.

E' uma explicação, rasoavel e natural do levante de Minas Geraes, que mostra o que erão os capitães-móres daquelles tempos.

Este escriptor sabe dar á voz do gavião o nome de guincho, e faz o robustissimo indio Antonio arquejar de cançasso com o peso do couro fresco de uma onça; em quanto o Sr. Alencar chama a voz da coruja—cacarejar—e faz Pery, e Pedro Javardo carregarem onças as costas, como se fossem lebres.

Um couro de onça, tirado de fresco, peza muitas arrobas, e andar uma legua e meia pelo matto é o mesmo que ondar 6 ou 8 por bons caminhos; por onde se vê que o Sr. B. Guimarães tem mais conhecimento de nossa terra do que Alencar.

As palavras—toques,—espirrar—e outras, não podem ser substituidas por outras deixadas nos diccionarios, (como faz o Sr. Alencar) e que para nós nada exprimem.

Ve-se que o Sr. B. Guimarães, com quanto não seja caçador, indagou, procurou saber a verdade.

Walter Scott, guiava-se pela opinião dos

especialistas: e depois de descrever a soberba caçada da Dama do Lago, leu-a a um amigo, grande caçador, e pelo effeito produzido e enthusiastica approvação, é que conheceu que a descrevera perfeitamente.

Tem frazes muito exactas para pintar nossa terra e pensar, como por exemplo — os caminhos erão leitos de enchurradas — os amores que tem raizes no berço, só se extinguem no tumulo — deo com o trinco — cuida que tem o rei na barriga — fallar mentira — a esta gente só se falla com a boca da espingarda — e outras que taes frazes que são nossas em tudo. Ha escriptores aristocratas que achão baixo tudo que vem do povo, que não acceitão a menor fraze cunhada pelo povo, no que acho tanta exageração como no defeito contrario de só apresentar as que são por elles cunhadas. Este fallar tão brazileiro, tão conhecido de nós todos, faz com que relevemos alguns descuidos, pelo gosto que causa, como por exemplo as palavras rebulicio, e chavasca que são chulos.

O autor chama mameluco ao producto do cruzamento— do africano com o indigena, quando me parece que tambem se applicava ao mestiço de indio e branco.

Tambem falla em Anhanguera — como se

fosse indio como Tybiriçá, quando era da raça branca pura, da familia Bueno de S. Paulo.

E' um bello romance.

No ponto de vista da arte, acho entretanto inferior ao Seminarista— que não tem inutilidades, nem prolixidades, que é sóbrio, correcto, perfeito.

Os heróes de B. Guimarães não são fantasticos heroes de romances, e as heroinas fadas de cintura de vespa, que se póde abraçar com as mãos; são homens, e mulheres, tendo alguns sentimentos e delicadeza superiores aos que os rodeão. As scenas se passão nas fazendas, e vilias do interior.

Vê-se a casa, o curral, a larga gameleira sombreando dez braças em redor, com seus immensos braços. Seus personagens são, como os scenarios, em tudo brazileiros.

O Sr. Bernardo Guimarães, nos primeiros romances, não pára á olhar uma bella vista, uma scena magestosa, um dialago animado. Vê de relance as dores, alegrias, amores, ciumes, bellos quadros, e natureza; dá seu recado, e passa. No Seminarista, não: demorou-se, fez um romance, perfeito e bem desenvolvido.

Os outros, elle resume, reduz á esqueletos.

Em lugar de estofal-os, encher magros romances, cobril-os de bellas vestes, e lindos adornos, elle os reduz a simples narrações de factos.

Resume descripções de lugares, desenvolvimento de caracteres, pintura das personagens, descarnando os factos, de modo a só relatar o indispensavel. Nem tão pouco nem tão exagerado como o Sr. Alencar. E' inferior a Alencar na arte de composição, que é quasi nulla, na finura dos retratos, na vivacidade dos dialagos. E' superior, sobretudo no Seminarista, e Izaura, no interesse, e verdade das situações e dos caracteres.

Bernardo Guimarães não mente ; nem abuza do carmim de além mar, nem do pallido, e exagerado de cá. E' verdadeiro, exacto; tem traços, côr, e sentimento brazileiros. Gonçalves Dias é o coração brazileiro, —que sentio, amou, e pintou como nenhum outro pòde fazel-o. Hoje cahio no dominio da lenda, Pintou a natureza primitiva, e os homens primitivos; tem o caracter legendario daquillo que se exalta, e se acha maravilhoso.

Hoje que está retratado o indigena, e esboçada a natureza, era mister que se tratasse da nossa vida, usos, costumes, natureza e

homens ; que se occupassem do nosso estado actual, da vida roceira, das idéas e sentimentos de hoje.

E' por isso que entendo que o Sr. B. Guimarães, bem como outros, vem preencher uma grande lacuna.

E' uma pena que se derrubem as mattas, que desappareção as bellezas naturaes, que costumes estrangeiros modifiquem os nossos, e as estradas de ferro, e a onda de povo devaste o Brazil, antes que um escriptor reproduza-o, com verdade e belleza.

O Brazil tem soffrido grandes mudanças : quasi si o não reconhece, de vinte annos para cá.

Estamos em época de tranzição, e é uma dor que em vez deste paraizo, reproduzão um outro, falso, e pequenino; em vez de nossos homens, sentimentos, e idéas, transplantem para cá uma civilisação decadente: que tratem do Brazil como quem ouvio fallar, vagamente, de uma couza afastada. Não o tratão, não o amão e adorão, como quem vive em seu seio, e o conhece miuda e completamente: não abração as idéas corpo a corpo, de frente: referem dellas alguns pormenores, que ouviram contar.

Resta tudo a dizer sobre o Brazil; e só homens como B. Guimarães podem fazel-o.

O Sr. B. Guimarães tem defeitos: mas a sua penna é feita no Brazil, e a sua tinta é tirada do coração brazileiro.

DR. J. G. DE MAGALHÃES.

(BARÃO DE ARAGUAIA.)

O Sr. Alencar, na sua critica á Confederação dos Tamoios—de Magalhães.—diz que pediria a Deos, se quizesse compor um poema nacional, que o fizesse esquecer as idéas de homem civilizado por um momento — Diz elle—poder-se-ha chamar poeta á um homem que uzando de uma linguagem sem arte, desprezando as bellezas de estylo como o Sr. Magalhães, appresenta-nos milhares de versos sem harmonia, sem cadencia, e sem metrificação? Junte-se muitos termos sem eufonia, sem modulação, comporá uma fraze de certo numero de syllabas, porém nunca um verso.—Acho severo em demasia. O Sr. Magalhães é poeta. Não é um G. Dias, um Alvares de Azevedo: tem uma musa inferior, sem duvida; mas tem-a. Ha estro poetico em muitas producções suas.

Tem muita poesia chocha, sem duvida; outras, como Waterloo concentrão em si muitas idéas, muito fogo poetico.— Tem pensamentos seus: outros que são reminiscencias.

Produzio poucas poesias, e muito pensamento metrificado, sem calor e sem elevação.

Poucas vezes tem a fórma, que é a porta por onde se entra na alma do povo e se torna querido, eterno. Gosta elle de termos raros, desusados, campanudos, como agros, rabido, incude, apuridar, julgando que por se affastar da comprehensão geral, se torna nobre, como aquelle que se affastando-se do meio do povo, se alteasse sobranceiro a elle. Não é assim G. Dias e A. Azevedo, que com os palavras mais communs, são altivos, nobres, sublimes. Elle quer acompanhar a Filinto Elizio que faz gala de erudição, de linguagem antiquada; que é um antiquario que enjoa pelo insana cata de palavras e locuções obsoletas. Magalhães compara Filinto com Camões e chama — divinos carmes — aos seus versos. Não admira o máo gosto em quem lhe segue as pisadas, em quem é adorador daquelles versos empolados, nos quaes só a fórma indica que é poesia.

O estylo não deve ser tão empolado que o

não entenda o povo, nem tão trevial que desgoste ao homem culto.

Se o estylo não deve ser tão vulgar que desgoste ao homem culto, não deve ser tão affectado que enjoe a todos. Os arrevesados e torcidosestilistas, filhos de Filinto, se póde comparar com lambedor de poaia ; toma-se com o olho no assucar da poesia; logo porém vem o enjoo, e o aborrecimento. Ao sabor da pureza antiga, sacrificam a lingua moderna. A' antiga,sacrificam a vernaculidade de hoje.

Filinto não tem doçura, cadencia, harmonia; é sua poesia um versejar sem estro que posto ao longo, como um discurso que é, seria insulsa proza.

O Sr. Dr. Magalhães compara o Sr. Porto Alegre com David,e Mauricio Nunes Garcia, com Rossini.Logo adiante, nas Poesias Avulsas, chama Porto Alegre de Raphael.

Se a amizade desculpa, o bom gosto geme com taes exaltações. A lyra do Sr. Magalhães é consagrada—ao Pacificador do Rio Grande — Ao Imperador no dia da coroação — A Inauguração da Estatua Equestre — Ao Imperador na visita ao Rio Grande — Carta ao S. C. B. Monteiro. Tem titulos grandes e é sobretudo dedicada aos grandes.

O poeta aulico, tendo de ser interprete de

sentimentos e idéas, que não tem grande elevação, sendo seu estro estimulado por causas pequeninas. as vezes encommendadas e de lucro, não póde ter o calor, e propriedade daquelle que exprime o que sente, o que custou trabalhos e soffrimentos.

O poeta aulico faz-se admirar nas occasiões de publiças dores e regosijos, de nascimentos e mortes de principes, e é bem inferior ao que podia ser, se a sua musa se empregasse melhor.

Mesmo do Sr. Magalhães, vemos que elle é muito superior nos — Suspiros poeticos — ao que é nas — Poesias Avulsas — quando sauda ao Imperador, a Estatua, e ao Pacificador do Rio Grande, com seus termos desusados, quando os assumptos de suas poesias são sobretudo baptizados, chegada de homens agaloados, factos reaes aos quaes envolve com as flores de sua rhetorica, e poetica. Não póde nunca comparar-se com Dias, que só canta o que sente, que depois de mil golpes, reflecte as dores, as scenas, a terra, a natureza que o cerca.

Os livros escriptos para obter favores e pensões, não podem ter grande altura: são mediocres como os sentimentos que os dictão.

Para os poetas aulicos, a gloria litteraria,

não é um fim, é um meio e sentimentos como desejos de dinheiro, e honras, não são capazes de inspirar como os sentimentos nobres, que fazem a honra da especie humana.

O SR. MACHADO DE ASSIS.

E' um escriptor de nota.

Produzio bastante, como poeta, e como prozador.

Como poeta, é dos melhores destes tempos, que os não tem apresentado superiores.

Desde Dias e Azevedo, o thema dos poetas é quasi o mesmo, bem como as comparações, e idéas.

Ha nellas sentimento, versos bem feitos, cadentes, fórma em geral boa: porém repizão a —Ultima Suplica, Adeus, Ella, e outros themas tão bellamente tratados, que é difficil agradarem.

Considero eu as Phalenas, Chrysalidas, Americanas, Nevoas. e Espumas, como nascendo daquelles dous grandes rios, que são Amazonas, e Paraná do Brazil, Gonçalves Dias, e Alvares de Azevedo,

Fez o Sr. Machado de Assis duas comedias, e muitos romances.

Destes, acho superiores os romances — Ressurreição, e Helena.

RESSURREIÇÃO.

E' um bonito estudo. Pinta bem dous caracteres oppostos.

Um todo duvidas, e descrença; outro cheio de fé, e enthusiasmo. O amor de Felix, travado de suspeitas, luctando para não entregar-se; o de Menezes, abrindo-se todo a aquella que o conquistou.

Felix dispondo de todos os meios que o podião tornar venturoso, é essencialmente infeliz, diz o autor, que se compadece delle.

Eu confesso que tanta duvida sem causa, tanta falta de confiança á mulher que era só amor e ternura para com elle, e tanta confiança em ditos de anonimos; tantos martirios, offensas, e maus tratos inffligidos á aquella que não lhe deu o menor motivo, me fizerão alienar as sympathias que ao principio dedicára ao heróe da Ressurreição, que não sahe do inferno da duvida, que não ressuscita.

Entendo mesmo que é devido á falta de sentimento um tão infeliz estado. Que um homem, cercado de gente sem alma, che-

gasse a esse estado de descrença, comprehendo. Mas, aquelle que teve a fortuna de nascer e viver entre homens de bem, só por pequenas decepções chegar a tal estado de descrença, é doença do coração, é falta de sentimento. E' sem duvida alguma um bonito romance. Mimozo, bem escripto, bem limado de principio a fim.

Tem alguns ares afrancezados, quer agradar a gente da rua do Ouvidor: mas é bonito, da moda, e faz-se apreciar. Tem algumas dessas frazes que dão vida a um romance, como um dito espirituoso dá graça á conversação. Entre ellas destacarei algumas como —modo tão serviçal que era de se ficar morrendo por elle — Variou como um folhetim sem assumpto, e aborreceu como um relatorio sem estylo.—O seu reino era todo deste mundo.—Fallavamos linguas diversas, e não nos podiamos entender—Casta de importunos que interrompem a cada passo os discursos com perguntas de bocca e de gesto.

Tem umas afrancezias na fraze, no comprimento do doutor Felix ao sol, no enfant terrible, e sobretudo nos modos.

E' entretanto bonito estudo.

Tem o Sr. Machado de Assis muitas das qualidades preçisas para a pintura destas

situações e caracteres. Esmiuça os sentimentos, indo com a luz da razão aos mais reconditos arcanos do coração, e esclarecendo-os.

Tem um estylo mimoso, de molde seu. Ha escriptores que acompanhão as frazes já feitas, que á ellas a moldão seus pensamentos.

Ha outros, que apresentão moldes novos, a que os francezes chamão estylo primesautier.

Este sahe das sendas batidas, é novo e agradavel.

HELENA

E' outro bonito romance. O Sr. Machado de Assis toca com mão delicada, nas mais difficeis situações.

E' o romance a historia de dous moços que se amão e não podem casar-se. São irmãos que inconscientemente se amão, e os laços do sangue impedem os laços de amor.

Quando descobrem que não são irmãos, que Estacio póde casar-se com Helena, as dores soffridas por esta forão tantas, que ella se fina.

Admira a delicadeza com que o Sr. Machado de Assis desenvolve uma situação tão melindrosa.

Tem bellas frazes, como—o dom de alcan-

çar os maximos effeitos com os meios mais simples, é o dom que faz os grandes elegantes, os grandes artistas e os grandes poetas— A riqueza compra até o tempo — A prece é a escada misteriosa de Jacob.

Confesso que sou dos que aprecião ver grandes effeitos de pequenos meios, naturaes, simples, sem procurar estas situações complicadas, como amores de irmãos, santas prostitutas, honrados assassinos, tão em moda hoje.

Entendo que essa extranha aberração, de amor entre irmãos, que Chateaubriand poetizou no começo do seculo, e J. Sand ha pouco, é propria dos povos velhos e corrompidos.

E' pena que tão mimoso escriptor siga tão errada vereda, e desejaria vel-o brazileiro, em tudo, e não francez imperial, acompanhando o Sr. Alencar.

Não me hei de admirar que os francezes depois de terem elevado a perdida, o galé, e o assassino, depois de terem desculpado todos os crimes, vicios e baixezas, depois de terem feito ressussitar seus mortos, se lembrem de pregar o casamento entre irmãos, entre pae e filha, e outras aberrações daquelle povo decadente, que infelizmente, é tão copiado entre nós.

SILVIO DINARTE.

De Silvio Dinarte li primeiramente as — Historias Brazileiras.

Irece—aguaná—é bem bonitinha.

E' a historia de uma indiazinha que ama um moço brazileiro, e abandonada por este, morre de tristeza. O moço levou-lhe a alma como diz o Morevi, e ella finou-se de saudades. E' o que quasi sempre acontece quando ha encontro entre os dois entes, um civilisado, e outro selvagem. Este ama, é deleixado, e morre de dôr.

Porque praticará assim o civilisado? Tem elle o direito de esmagar um coração, só por que é elle mais cultivado do que o outro? A raça forte terá o direito de esmagar a raça mais fraca? São questões que acodem naturalmente, ao ler aquelle bello e pequeno conto. Já se póde dizer brazileiro. Pinta nossa terra, tem não só a côr local, como o sentimento, as idéas do brazileiro. Algumas observações, como quando diz—A hora em que vai virando o cruseiro no céo — é de quem passou noites acordado, e sem duvida na guerra do Paraguay, em que tanto se fazia essa observação.—Diz—caudal, sem indicar

do que é, o quejulgo improprio, pois não é substantivo, e sim adjectivo de rio, ou corrente.—Séde da cabeça do destricto? Ubertosos? — Será uberrimos? Venustade, por belleza de Venus, não ha, é preciso que explique por diccionario seu.

Diz— pag. 38. Com visgo natural que tirava da mangabeira para armar arapucas, e com bagas de suco inebriante, conseguia agarrar vivos os passaros etc., etc. — Não entendo.— Visgo é com que se apanha os passaros que nelle sentão ; e arapuca é uma armadilha que cahe sobre os passaros. Nunca se fez arapuca com visgo, de que talvez o autor ouvisse fallar sem saber o que era, a menos de ser erro de impressão.

Da mão a boca se perde a sopa — é um proverbio que póde se comparar com aquelles francezes de Alfredo de Musset.

Tem vida e graça. Um pae millionario conversára no casamento da filha com um moço, grande calculista e negociante.

Este por calculos pouco felizes, soffre prejuizos e deixa a casa do futuro sogro, para cuidar de interesses, no dia do contracto. Um sobrinho do millionario, mettido a poeta, pede a mão da filha, que não o

ama, e mostra amor ao filho do socio do millionnrio, com quem se casa.

E' pequeno, mas agrada.

Camiran, a Kinikináo—é outro pequeno conto, igualmente bello, e brazileiro. Taquarissima — o que é?

Camiran é a mãe de um bravo kinikinau que nas lutas contra os paraguayos distingue-se muito. Aproveita o autor a occasião para contar, e muito bem, alguns episodios da invasão paraguaya no Matto Grosso.

O vigario das Dores, é um bom padre da roça, ralado de terrores, em luta com as oscillações e falta de crença, que não encontra no seu confessor um amigo que levasse a firmeza na duvida, e a amizade e sympathia que se insinua, e sim o dialectico que quer discutir, e orar. Temendo uma bella moça de São Paulo, vae ser vigario de Dores do Rio verde, adoece, sára; estuda, retempe-se e atira-se entre os bravos Canoeiros, aos quaes vae domesticar, e ensinar a palavra do Evangelho. Que é feito delle? Ninguem sabe e ha bom par de annos lá se foi. Tem boas comparações como — A força dos capuxinhos está na violencia com que sacodem as naturezas apathicas do sertão.

Esbatião ? Uniformava? o que querem dizer ?

—Juca o tropeiro—é o mais brazileiro dos contos. E' a historia de um moço que servio na guerra do Paraguay, e ao voltar no fim de 5 annos, vio a noiva casada. Quasi enlouqueceu; quiz matar, ficou furioso. Afinal vendo que era devido o casamento á falsa noticia de sua morte, perdoa á todos e continúa na vida de tropeiro.

Juca Ventura é a desventura que por ahi vive sem um momento de alegria, só desejando a morte, o infeliz.

Polvadeira é muito usado pelo povo, e xeprime bem a nuvem de poeira que acompanha nossos viajantes; sobretudo tropeiros. Enjoado, tambem é muito usado.Nizia, tambem.—E bocó, por boca aberta, bobo. E— metteo-se em cipoal de palavreado —Verseando melhor seria versejando— Imbicioneiro —é chulo mas é usado.—Menagem por homenagem—E' o romance um conto de roceiro, mas brazileiro.

Todos que melhor conhecem nossas cousas da roça, que vivem mais perto da nossa natura, são os que melhor a descrevem, com mais justeza e verdade, como Bernardo Guimarães e Silvio Dinarte.

Li tambem—Mocidade de Trajano, e Ouro sobre azul.

Ouro sobre azul— me parece melhor que a Mocidade de Trajano.

E' um estudo sobre nossos costumes: exacto, serio, é bonito.

E' pena que o autor não se alongasse mais. Fez mal em dar a sua heroina, e ao pae e mãe desta, a pecha de filhos naturaes. O romance seria melhor sem esta mancha, que é do gosto francez de hoje.

Este escriptor, que não conheço, bem como Guimarães, tem qualidades para se tornar um bom romancista, se a politica não o absorver de todo, como é costume entre nós.

PORTUGUEZES

Portugal é com a Hespanha, o melhor exemplo para mostrar quanto atraza um povo o predominio do clero.

Como diz Laveleye, era vergonhoso o estado da instrucção quando dirigido pelo clero.

Passarão-se quasi duzentos annos sem que ali apparecessem homens importantes, e não era por incapacidade da raça, como vimos antes, e como vemos depois da expulsão dos Jesuitas. Agora reina ali a vida e intelligencia, tendo depois do desapparecimento dos Jesuitas, apparecido os Garrett, Castilho, Herculano, Lopes de Mendonça, Mendes Leal, Julio Diniz, P. Chagas, T. Ribeiro e tantos outros que estão honrando a terra em que nascerão.

Portugal é pequeno como uma provincia da Hespanha; entretanto reina ali mais civilisação do que em toda a peninsula Iberica.

Tem uma das mais nobres e serias litteraturas do mundo: nobre, porque não visa o

lucro: seria, porque os litteratos em sua maioria são homens de bem.

A litteratura é completa, sem ser rica. E' rica no genero lirico e bucolico, somente.

Profunda melancolia amorosa, foi desde Macias o caracter da poesia dos portuguezes, o que contrasta tanto com as suas proesas, e rude trato do seu povo, como nota Sismondi.

Este gosto pela poesia pastoril ve-se desde o seculo 12, dar a litteratura alguma cousa de infantil, de languido, e afectado, tão avesso á mascula natureza do portuguez.

Este gosto, nós brazileiros herdamos delle, e o tornamos pratico. Em vez de o exhalarmos todo em palavras, o mostramos por obras, pelo amor que temos a terra, segurando na enchada, machado, arádo, e roteando esta immensa região inculta que se chama Brazil.

Diz G. Sand que não ha em França um homem de bem. Em Portugal é o contrario. A excepção é rarissima e confirma a regra.

Um ou outro que faz actos indignos, expia na cadêa suas faltas, ou é posto de lado, desprezado pelos seus. E é de notar-se que esses que são a excepção, que não são homens serios, tambem seguem o systema francez, de escrever levianamente, amontoando romance sobre romances, com a falta de ver-

dade, de criterio, e conhecimentos, que não está no genio portuguez, que é mais proprio do francez.

Os portuguezes tiverão litteratos muito importantes, em quanto não reinou o obscurantismo em Portugal.

Gil Vicente (1470). Bernardino Ribeiro (1475). João de Barros (1496). Sá de Miranda (1495). Damião de Goes (1501). Fernam Mendes Pinto (1509). Camões (1525). Antonio Ferreira (1528), mostrão que esta nação, pequena pelo tamanho, foi grande pelas qualidades e engenho dos portuguezes.

Tudo, porém, ficou nullificado pela acção da companhia de Jesus, que aos poucos foi dominando e estragando o paiz.

Desde Camões e Ferreira, só apparecem mediocridades. E' verdade que foi Camões um poeta de primeira ordem, que difficilmente poderá ser igualado pelos seus e excedido pelos extranhos. Mas nem como Ferreira e Damião de Goes apparecem escriptores.

Camões é um genio, que se póde comparar com os maiores entre os extranhos, como é Milton.

Milton eleva. Aquella poesia sublime, aquellas grandiosas comparações e pinturas

de que está cheio o Paraiso Perdido, encantão e causão admiração.

Não posso avaliar o estylo, por não ter tão profundo conhecimento da lingua ingleza; entretanto me parece que na rima bella e perfeita, o nosso Camões teve mais difficuldades que vencer. Os versos de Milton são os versos brancos, livres; e os de Camões são presos, difficultosos, e entretanto de uma harmonia e perfeição que difficilmente poderão ser igualadas. Falla Milton de cousas divinas, da patria celeste. Camões de terrestres, da patria do coração. Milton de cousas mais de imaginação: Camões de factos positivos e sabidos. Milton é mais poetico na concepção e no trabalho; mas o homem do sul, com quanto menos alto, com quanto descrevendo cousas reaes, é mais perfeito na execução, sabe agradar e arrebatar os que o comprehendem, e ser um genio superior. Camões, com quanto preso a Portugal, voa com a altiva imaginação, e tem idéas, comparações, e concepções de um poeta de primeira ordem.

O genio portuguez fez a epopéa mais especial, mais amiga da sua terra e do seu povo, do seu gosto e pensar, de que ha exemplo. Reunio em uma só, todas as que estavão

espalhadas, todas que o povo contava, todas que a tradicção dizia, para infeichar em uma só, e grandiosa epopéa com o laço do patriotismo. Tem defeitos. A falla tão comprida do heróe portuguez ao principe africano é bello trecho, tolerado pelo patriotismo. Não é natural que tão longa a fizesse á um africano.

Os—Luziadas—como a Eneida, é a glorificação da patria.

A Eneida é o poema das antigas origens da velha Roma, com suas grandezas fabulosas, seus heroismos, patriotismo e coragem, seus Camillo, Fabio, e Paulo Emilio.

Nos Luziadas ve-se parte da historia de Portugal, cantada por um grande poeta, e com quanto menos grandiosa, mais bella que a Eneida.

Com a educação fradesca, Portugal decahio e não mais apresentou homens importantes como antes e depois, tornando-se esteril por perto de dous seculos. O mesmo que causara a prizão e morte de Damião Goes, foi quem alcançou o monopolio da instrucção para os Jesuitas. Não era possivel lutar com estes, que denunciavão os seus desafectos de pouco firmes na fé, e os levavão a fogueira, ou á prisão.

Arrastarão D. Sebastião á infeliz expedição da Africa,donde veio a escravidão hespanhola, menos dezastroza do que a escravidão intellectual infligida pela companhia de Jesus. O ensino publico foi conquistado passo a passo pelos Jesuitas, que em 1542 obtiverão as casas que havião servido de geraes a universidade e a direcção do collegio das artes; e em 1551, fizerão a instituição do collegio de Evora, com o fim de convertel-o em universidade, que podesse competir com a de Coimbra.

Monopolisarão o ensino universitario,e a instrucção de todas as classes; tudo delles dependia: chegando a ter dominio nas outras ordens religiosas, e a nullificarem o dos proprios bispos.

Com o receio de serem acoimados de pouco firmes na fè, e receiosos de perseguições, e fogueiras da Inquisição, estabelecidas em 1536, e da censura instituida tambem por D. João 3° em 1539, afim de que todos os livros fossem examinados pelos vedores da Inquisição, todos se abaixarão ao grande abafador que para onde tem ido, tem apagado a intelligencia humana; e perderão mais do que a liberdade, o proprio pensamento.

Pensão alguns que a perda da liberdade em 1580 é que lhes trouxe o abaixamento intellectual; mas que não foi essa a causa mostra-o a litteratura que continuou como antes, mesmo depois de 1640 em que reconquistaram a independencia, e sacudiram o jugo hespanhol.

O hespanhol vigiava a acção exterior, os pensamentos de liberdade que se traduzião por actos: o padre ia até o laboratorio do pensamento, e ou não deixavão apparecer ou matovão ao nascedouro toda a idéa nova e bella.

Presos desde o berço pelo hespanhol e pelo padre, os portuguezes degenerarão, e não poderão ser homens, nada produzindo por seculos.

Não sei como, depois de tantos axemplos, querem alguns que a instrucção seja deixada ao clero.

O Sr. Barão do Porto Seguro sente que Pombal, expulsando os Jesuitas, não se lembrasse de os substituir pelos clerigos de S. José de Calazans, a que diz tanto devera, e deve a Hespanha. Diz que a educação é um sacerdocio, que não póde ser bem exercido por agentes interesseiros, que custão caro, e fazem mal o que sacerdotes farião melhor.

Espanta-me que tão illustrado viajante cite a Hespanha em materia de instrucção! Sabe elle muito bem que a athmosphera da escolla não precisa ser religiosa, pois vemos nos Estados-Unidos, o povo mui religioso e os cultos confundidos nos bancos da escolla. E' em grande parte de vida á secularisação do ensino que vemos tanta instrucção nos Estados-Unidos, Suissa, Hollanda, e Irlanda. A Hespanha está entre os povos mais ignorantes, como Italia, Turquia e Russia. Desde que entregaes a instrucção ao padre, collocaes a sociedade debaixo da dependencia da Igreja. Fazendo intervir o dogma na constituição do ensino leigo, diz Reyntiens, conduzir ao direito do interdicto do seculo 11.

Temos o exemplo, apresentado por Maccaulay, dos dous povos, um dos quaes se apresentava como o typo da degradação, incapacidade, e ignorancia, era o povo escossez: o outro era o typo do povo illustrado e civilisado: era o povo inglez: e entretanto, instituido o ensino obrigatorio na Escossia, a Inglaterra deixada como antes, passados menos de cincoenta annos, o escossez tornou-se o povo mais adiantado; e os melhores escriptores, estadistas, e sabios do reino unido erão escossezes.

Todo o estado, em que a instrucção for dada ao padre, cahirá na ignorancia, seja o padre lutherano ou jesuita, é o que nos mostra a historia.

Com a educação fradesca, os portuguezes nascião de joelhos, vivião mendigando, e quando erão homens, morrião assados nas fogueiras, quando não perecião nos calabouços.

Bastava ter mais alguma intelligencia, e idéas, para o vulgo fanatico o apontar, e governo, e padres, o não deixarem mais descançar.

E' uma época vergonhosa para aquella nação.

Matando a intelligencia, matarão todas as qualidades que ennobrecem uma nação e a tornaram uma das mais inferiores na escalla das nações, a ponto do proprio duque de Lafões o confessar, e se envergonhar do descredito em que tinhão cahido os portuguezes, Apparecião os intitulados poetas que fazião acrosticos, charadas, e outras producções, em que ha sobretudo belleza e difficuldade de fórma; mas não erão poetas: erão artistas fazedores de versos. Admiram-se essas obras como delicadas tapeçarias, como teteas, como

mimoso trabalho de mãos; não como poesia: não tem tanto merito.

Para ter belleza uma obra, é preciso ser a sincera exposição do interno sentimento. Eis porque tendo em sua ordem bellos talentos, nunca produzirão os Jesuitas uma só obra capaz.

Não podendo ter pensamento, idéas, limitarão-se os portuguezes, a andar por um circulo vicioso, e como os hespanhoes, deitarão-se a dormir, cessando a litteratura, o amor da gloria, e os nobres estimulos.

Não podendo pensar, divertião-se com o simulacro do pensamento. Como tão perfeitamente se expressa o Sr. Theophilo Braga, —nunca uma litteratura foi mais eloquente na revelação do estado decadente de sua nacionalidade.

Entretiverão-se com Talias, Ninfas, Faunos, Zefiros e outras babozeiras poeticas que tornão insulsa a leitura dos seus escriptores até Garrett. Pois houve gente que levou annos a produzir aquellas sandices? E ha gente que se occupe em as ler, e apreciar? Ler, pode-se cahir nesse logro, por uma traição, por gabos de um cassuista, ou de um tolo. Porém gostar, levar grande parte do seu tempo entretido com taes leituras, é para

descrer da intelligencia humana! Ella não faz pensar, não sacia a sede intellectual. E' agua morna que não mata a sede que tem o pensamento.

O que fizerão de maior foi traduzir, repetir o que outros disserão melhor em uma outra lingua, interpretar para não ter o trabalho de pensar. Pensar é mais difficil. Este dom celeste causa dores e afflições. Por isso se occuparam com as obras de outros, e fizerão excellentes traducções, e más obras originaes.

Como poderam entreter-se por muitos annos, a compor centenas de sonetos, desfigurados em seus leitos de Procusto? E levaram-nos annos a lel-os com pachorra fradesca?

E faser anagramas, acrosticos e versos figurando garrafas, indicando nomes, em que ha tudo, menos poesia? Estão na idade media esses poetastros: não chegarão a epoca moderna da poezia.

De tal modo consideraram a poesia, ou antes a desconsideraram,que fiserão apresentar-se sómente nas occasiões de annos dos amigos,nos jantares e sobremesas, no genetliaco dos grandes e principes.

As poesias levavão rotulo na frente, para não se cuidar que era prosa, tinhão pontos

de admiração para se saber que se devia admirar, explicavão tanto que os mais ignorantes ficavão sabendo e apreciando, por tão bem comprehender. Até os sonetos deitavão-se tãobem em seos leitos de Procusto, que se os via sem o menor incommodo. Ainda ha muita gente que toma a poesia como brinco, que a cuida um trabalho mecanico.

São os que tomão a musica como valsa, não a concebendo como a mais sublime expressão das emoções do homem, que o que a traduz é o genio, a imagem de Deos na terra.

De que servia então aos portuguezes e brasileiros ter talento ? Para soffrer os tratos dos Jesuitas, para acabar na fogueira como Antonio José e tantos outros ?

O que servia era ser ignorante, e inepto. Os Jesuitas só querião viveza e hypocrisia. A offerta em tudo se proporciona pelo pedido.

Não se pedia talento e este abandonou a peninsula Iberica, e foi ter com outros povos.

Uma sociedade que está prohibida de ter talento, que não tem poetas, como pode ter gosto ! Por isso vemos quanto custou a vir este, quanto prazer e admiração causaram Philinto Elizio e Bocage, que são poetas de terceira ordem, medalhões que o enthusiasmo

collocou alto, e que hoje, os poucos que tem animo de examinar de perto, veem que pouco vallem.

Os escriptores portuguezes até Garção, Tolentino, e outros, seguem o costume de adular os grandes, de agradar em suas poezias para serem apreciados, e apparecer.

Garção é o melhor delles. Estão adstrictos a mithologia grega, á themas certos, á pensamentos sempre identicos. Quazi que não sahem de um circulo viciozo de idéas.

Estylo empollado, e redundante : erudicção pedantesca, e confusa : maximas vulgares ; conceitos sem valor : eis o maior haver daquelles tempos estereis. Mesmo depois da expulsão dos Jesuitas, ficaram os portuguezes por muito tempo sem escriptores de valor.

Philinto Elizio ainda é tido por alguns como um genio. Rebello da Silva o compara com Anacreonte e Pindaro.

Este critico é de tal máo gosto que basta cital-o, para se desprezar suas opiniões.

Tem os versos de Philinto Elizio as mesmas consoantes, a mesma metrificação : mas falta-lhe o principal, a vida, a alma dentro daquelle molde de páu. E' um automato que procura embalde viver. Nem imaginando e

trabalhando de propozito se pode ser mais insulso, pezado, tortuozo, desagradavel.

E' o estillo que Longino chama pueril,que contem pensamentos de escollar que á força de esquizitos, dão em frieza. Traz o verbo no fim da fraze, como no latim.

A fraze é tão trabalhada, enredada, torcida, pouco natural, torturada, que esfria o pensamento, mata a inspiração, cança o mais paciente que cahe em lel-o. Cada palavra explica com meia duzia de linhas, nottas, e esclarecimentos.

E' mais supportavel nas traducções, para que tem os portuguezes grande capacidade, como se vê por Philinto, Bocage, e outros.

Não sei como ha quem o vá comparar com Horacio, Tibulo e Boileau ! Elle mesmo confessa a propria frouxidão—Armo ao dinheiro, não ao louvor,—diz. Isso o não inhibia de armar com talento, em vez de ser tão chôcho.

Confessa que só podia comprar livros a vintem e os mais caros a tostão, e assim lhe era difficil a instrucção.

Mas se elle morava em Paris, em que ha bibliothecas publicas, e facilidade de instrucção, como se quer desculpar assim ?

O Sr. R. da Silva elogia a sua poezia—as

proezas de Albuquerque—que não tem o menor valor, é insulsa como as outras.

Admira que em Paris, no meio dos livros e homens mais notaveis, não tivesse idéas, e se conservasse tão sem vida!

A imitação fria dos classicos é o que dirige Philinto. Quando devia se applicar em exprimir idéas e sentimentos do seo tempo com palavras modernas, elle julga que deve copiar os antigos. Não é imitando o frazeado, copiando os classicos, que se póde chegar a sua altura. E' comprehendendo as suas bellezas, verdade, e elevação; é tendo idéas, e as exprimindo com o gosto dos classicos.

A' força de uzar de locuções obsoletas, de termos desuzados, de tratar de cousas sem importancia e sem vida, tornou-se elle um cadaver sem expressão. Quando quer mostrar graça, toma o modo tezo e hirto de um defuncto, e dá vontade de se lhe dizer—Retira-te, cadaver, tu não pertences ao reino dos vivos.

Exaltam-o, está alto collócado como um medalhão antigo em que se não deve tocar, quando si o devia aprezentar como um exemplo de que convinha fugir, como o simbolo do máo gosto, como fez o Sr. Castilho.

Louva-o um R. da Silva, que fallando dos

desmandos da revolução franceza, diz que as frontes que excedião o nivel da tirania da plebe cahião debaixo do cutello da guilhotina, porque a republica não precizava de sabios, quando o despotismo da monarchia suppuzera o contrario, honrara Racine, Moliere, Boileau. Não se póde ser mais aristocrata, defender idéas mais rançozas com mais enjoado estylo.

Philinto Elizio, abuzando das reminiscencias da mythologia, não dissimulando, antes alardeando a todo o momento a pequena erudicção dos classicos, é enjoativo, não tem inspiração, nem espontaneidade.

E' o typo do escriptor insulso : seo estylo torcido e atormentado, cheio de archaismos, de violencias intempestivas, de brutalidades, de vulgaridades chatas, e de imperfeições, dezagrada.

Suas exagerações, trivalidades, prozopopeas, nada valem.

Poderá servir para crianças pelo seo estylo pueril.

Até Garret, não encontro um escriptor digno do nome portuguez, como o fizerão este e seos discipulos, e como o tinhão feito os João de Barros e Ferreira.

Tambem Bocage não tem para mim quazi

valor. Só a cegueira pode-o comparar com Byron. Toda a poezia dos repentistas dura o tempo da febre da inspiração : passageiras, não tem duração ; logo conhece-se seo pouco valor.

Não são como as que lima a clara rasão, que se tornão bellas e naturaes.

As melhores obras de Bocage são as satyras e os sonetos; e o maior beneficio que elle fez, foi satirizar tanto poeta insulso de Portugal.

Era tão grande o numero de escriptores mediocres, de vaidozos enfatuados, que éra precizo um Bocage para affastal-os da arena, e fazer procurar outra vida, quem era tão improprio para a das letras.

Era immenso o numero dos intitulados poétas.

Para a escolla de Philinto, a forma poetica éra tudo : a essencia,o pensamento, éra pouco, ou nada.

Para esta escolla, o habito faz o monge, é um jesuita seria capaz de produzir uma obra poetica, esquecendo-se do que diz Goethe, que muitos amadores creem que se possuissem o lado technico da poezia, seriam poétas, o que é grande engano.

Bocage foi o Hercules que limpou as estri-

barias de Augias de Portugal, affastando tantos pretenciozos, da arena poetica.

Bocage tem algumas producções boas ; porém em maior numero abundam as más e as traducções. Já o facto de agarrar-se elle ao soneto, mostra que prefere vencer trabalhos mecanicos quazi, de frazeado, e patentear producções do estro.

Maccaulay zomba de Petrarca, bem como daquelles que tem a pachorra de fazerem e lerem duzias de sonetos sobre o mesmo assumpto.

O soneto a não ser perfeito devia ser deixado aos poétas sem inspiração, á aquelles que alugão a muza aos industriaes, e fazem versos de encommenda, sem pensamento e valor senão o da exquizita forma.

Tem estes ultimos a forma dos determinados objectos, que se expoem a venda, como de uma garrafa, de que tem menos espirito, ou de qualquer outro vaso, util á necessidades da vida.

Acho melhor olhar para um bello edificio, ou paizagem do que para essas pequenas obras de arte, cuja leitura é tão enfadonha e enjoativa.

O soneto exige uma pachorra de frade, é um trabalho de artista, que matão de ordi-

nario os pensamentos, que ficão picados e despedaçados naquellas sepulturas formadas pelas quatorze linhas.

Bocage venceo por vezes a grande difficuldade de encerrar o pensamento completo nesse leito de Procusto. E' nelle as vezes tão perfeito que resume em um soneto um poema de amor, ou satira.

Faz dó ver Bocage occupar seo tempo em sonetos,e em improvizos e futilidades, improprias de um talento superior.

Compara-o o Sr. R. da Silva com Byron, mas Byron christão, igualmente arrojado e altivo, na pintura das paixões e agonia moral, temperado pelos toques da tristeza contemplativa.

Acho-o muito inferior. Não tem as idéas sublimes de Byron, atem-se á difficuldades de sonetos e de construcções poeticas. Não produz pensamentos byronicos : anda mettido com Auroras, Nereidas, e a bagagem poetica daquelles tempos de mau gosto.

No gosto pelo vinho e prazeres, no genio amorozo e voluvel, suspeitozo, e sempre em luta com os que os rodeão, elles se assemelhão.

Ambos amavam,fazião o retrato das namoradas, reputavão-as anjos. Logo porém, as

desprezavam e repudiavão. Antes fossem ellas demonios que não soffrerião tanto desses Henriques 8º da litteratura.

O inglez porém é muito superior ao portuguez.

Byron é superior não só por muito maior intelligencia, pela melhor forma porque esta se patentêa, como por muito maior copia de conhecimentos.

Bocage, em vez de bellos poemas, fez bem trabalhadas poezias ; nunca porém obras como as de Byron.

Dos seis volumes de suas obras, pouco tem de viver. Estragou-se, entregando-se a' veia repentista, e aos applauzos da plebe ignorante.

Ficava embriagado pela muza facil, e repentista, não se elevava, não estudava por fóra o mundo, que não conheceo, e dentro de si aquelle mundo, aquella mina celeste, que ficou inexplorada, e desprezada, por incuria.

O repente não o deixava elevar-se como poderia, se estudasse; o enthusiasmo tornava-o impotente, impossibilitando a reflexão, pondo-o no meio de admirações parvas, longe do verdadeiro bello. Byron é um grande poéta que nos leva a reinos encantados.

Como a boa muzica eleva-nos á um mun-

do de visões, como o olhar de uma mulher abre um mundo de sonhos, e illuzões, o verdadeiro poéta faz acordar pensamentos, e sentimentos que estavão adormecidos, que nem julgavamos ter.

Bocage é um poeta, que não sahe do nosso baixo viver: é uma lyra que nos deleita sem nos arroubar, sem nos levantar á regiões superiores.

Byron é na descripção e meditação que sobresahe. Profundo, e grande sempre, é entretanto monotono, só tocando uma lyra que é a sua, que é seu coração, sempre em agonia, e desespero. E' tão superior talento, que os maiores poétas do seu tempo e os de hoje, ainda o collocão como dos maiores do seculo.

Bocage, mesmo entre os seus, na turba que o cercava, não foi reputado um genio. Tem intelligencia e estro poetico: mas quantos annos e trabalho não precisaria para desbastar-lhe a ignorancia, e poder ficar elle comparavel com Byron? E' enjoado nas Elegias, Idilios, cantatas, e poesias proprias: é bom e vehemente nas satiras, e traducções. E' pouco original; não tem idéas suas. Se aquella intelligencia fosse esclarecida pelo facho da sciencia; se aquelle coração não se

tivesse tanto batido, azedado e quebrado pela roda viva dos despeitos, pequeninos ciumes, e invejas, necessidades, soffrimentos no seu pundonor, que grande escriptor não seria!

A luta da Arcadia, a pobreza, a precisão de mendigar favores e subsidios, tomarão grande parte da sua existencia, e rebaixarão-o do nivel moral a que podia attingir.

Byron teve grandes soffrimentos moraes, lutou tambem contra invejas e despeitos: mas tão altivo conservou-se, tanto estudou, e elevou-se, que conquistou a admiração e o respeito das melhores intelligencias.

Bocage foi um guerrilheiro na poesia: não deu batalha importante. Nas Odes tem vulgaridades: é o verso solto. A cantata á Medea é bonita. A morte de Ignez não tem idéa nova, bem como a—Conceição de Nossa Senhora, apezar dos gabos de Rebello da Silva.

O Canto da Conceição de Nossa Senhora é-lhe muito superior: tem algumas idéas poeticas; mas quão longe está de vencer os modellos, como quer R. da Silva! O canto feito ao capitão Lumardi é das melhores producções de Bocage; nella sentio, comprehendeu, traduzio melhor.

A Elegia á morte de Maria Antonietta, tão exaltado, e gabada pelo Sr. R. da Silva,

é bem mediocre. O idillio ao Tritão é bello: tem até originalidade, tão rara em Bocage.

Byron é outra, e muito mais robusta intelligencia, e eleva-se a muito maior esphera.

Igualmente rapido no jorrar do pensamento, que não é o destillar vagaroso e frio do alambique do cerebro e sim o borbulhar quente e forte da fonte sempre aberta da intelligencia, é entretanto a sua inspiração muito superior a de Bocage.

Este, ainda que quizesse, ainda que igual fosse em intelligencia, não poderia hombrear com o poéta inglez, pois vivia no meio de uma sociedade atrazada, estacionaria, que dava maior valor a sonetos e tolices poeticas do que á verdadeira poesia. No dom de improvisar, julgou estar a poesia, quando a digna deste nome pela excellencia de pensamentos e correcção da fórma, se faz com a calma da razão. Ficava embriagado pela musa repentista, como uma bachante, e julgava-se elevado a maior altura que póde um poéta alcançar.

Byron é elevado.

Dizem alguns que Byron no estado de embriaguez é que fazia bons versos.

Não acredito nem nos repentes de Bocage, nem nos bons versos de Byron, quando be-

bado. A inspiração póde visitar o poéta na hora que lhe aprouver, no recesso de gabinete, ou no meio da multidão, no delirio da febre, ou da embriaguez: porém, para dar uma fórma bella, digna da amante inspiração, é preciso ter-se toda a intelligencia, no seu melhor estado de saude.

Se a —Pena de Talião — foi feita em tres horas, mostra isso immenso estro em Bocage. Eu acredito que em tres horas elle concretasse as idéas, que já tinha; não creio que de um só jacto improvizasse e escrevesse-a. E' a Pena de Talião das melhores satiras que existem: tem idéas originaes, versos harmonicos, sal attico: é a melhor obra de Bocage. A satira é melhor que as do seu tempo, que são baixas ; esta tem azedume, e vivacidade, como nenhuma em Portugal, comquanto menos ferina que os ditos de Swift.

Byron principiou a brilhar com a pena de Talião com que fustigou os criticos inglezes e os bardos escossezes: mas logo foi remontando tão alto que Goethe o sauda como o maior poéta do seu tempo.

O meio que cercava Bocage era tal, que decretavão famoza a elegia á morte de Maria Antonietta, em que—achavão stigmas não bramidos, em que a nodoa das lagrimas, o

corte dos soluços, com que a voz recua na garganta, realçam pela ternura viril o desabrimento da musa: achavam que traduzir, ou mesmo imitar bem, era quasi mais glorioso e difficil, que se a palma da victoria se cortasse no lavor de composições originaes.—

Se fosse em Inglaterra, qualquer diria que entre traduzir e produzir bellas obras ha a differença que vae de um homem intelligente á um genio creador.

Diz o Sr. Rebello da Silva, biographo de Bocage, que este, ouvido em confissão, conservado em custodia, acalmou seu espirito, e mudou.

Tão de repente? Não seria o medo das torturas?

Então Bocage é um automato que segue o que uma roda mediocre lhe indica?

A roda do poeta inglez é muito superior e apezar de o atormentarem com suas pequenhezas, não ha em Inglaterra carceres privados e fogueiras, com que se ensinava em Portugal a pensar, pelo que se conservava o povo estupido, e sem pensamento.

Byron fez frente á roda adversa, não modificou suas idéas.

E' verdade que tinha meios de fortuna que o habilitaram a sahir de Inglaterra e viajar,

sendo que o maior perigo que podia ter erão os duellos, emquanto que, em Portugal, seria preso e atormentado, sem poder fazer frente aos seus contrarios.

Mas o poeta inglez tinha idéas adiantadas, comprehendeu a revolução franceza, era dos mais esclarecidos espiritos.

Bocage era pouco lido, como o geral dos portuguezes, não comprehendeu a revolução, e se a duvida o assaltava as vezes, não era de convicção firme, no dizer do seu biographo R. da Silva.

Garret é o Chateaubriand da litteratura portugueza. Foi elle que iniciou a revolução litteraria e quasi completou-a. Ajuntou a corda do sentimento, a emoção, alma, e vida, que não existião antes delle, na lyra portugueza.

Mostrou de quanto erão capazes os Portuguezes.

Na Dona Branca declarou acceitar as idéas novas, e no—Camões—mostrou que de coração as professava, erguendo um brado em favor da nacionalidade decahida, na pessoa de seu maior poeta. E' uma obra de immenso valor litterario.

As—Folhas Cahidas—que são das melhores poesias da lingua, mostram o ardente cora-

ção, que se julgava não poder elevar tanto em Portugal. Foi tambem elegante no Arco de S. Anna, mimoso romance.

Neste genero excedeu a todos o Sr. Alexandre Herculano, que no Eurico — fez o melhor romance da lingua portugueza.

Na sua obra prima, Eurico, ve-se o lobo perpassar por entre as sarças, e ouve-se o patear dos cavallos.

Sua fraze copia o que o escriptor sentio. Tem estylo pittoresco, que é a imagem viva, que pinta fielmente o pensamento. E' como o de T. Gautier, porém mais fixo e expressivo.

O Monge de Cister, Lendas e Narrativas, o Bobo, Arrhas por fôro de Hespanha, a Abobada, são bons romances, comquanto inferiores á Eurico. Muito superior fica-lhes o Parocho de Aldeia, mixto de elegia e idillio, que contem generosos os ensinamentos.

Herculano, como historiador sobresahe aos seus, e não é excedido por nenhum extranho. Superior a Thiers no criterio, e a Maccaulay na hombridade; foi um homem raro.

O Sr. Antonio Feliciano de Castilho, nas Cartas de Echo a Narcizo, Ciumes do Bardo, Noites do Castello, Primavera, e Outono, revellou-se poeta cheio de fogo.

Estes tres poetas forão os promotores da renascença das lettras em Portugal, e os seus melhores escriptores.

Muito inferior a elles considero o Sr. Rabello da Silva.

O Sr. Rabello da Silva é um talento vulgar que a força de trabalho, torna-se supportavel.

Mas, depois de se lêr Walter Scott, lêr-se Rebello da Silva, causa dó!

O Ivanhoe, tão cavalheiroso, tão bello, e d. João V de Portugal, tão feio, tão chato!

Walter Scott é tão humano que mesmo em romances não gosta de mortes. O Atthlestane de Conishburgh, elle faz apparecer depois de se o julgar morto, emquanto nos romances hespanhoes e francezes, nada se faz sem mortes.

Vê-se a immensa distancia que separa L. A. Rebello da Silva do romancista inglez, desde o começo do romance, que principia enjoado como os amores freiraticos com que o enceta.

O seu Felippe da Gama é por demais bruto e sem ensino.

Castigado com diarias licções, tocado da casa do tio como um cão, não só não se reti-

ra, nem se emenda, como repete as mesmas brutalidades e grosserias. As suas palavras, e as zombarias no jantar, são improprias, e grosseiras. Não digo que não se possam dar estas scenas; mas são exageradas, caricatas, bem como a dos dous sabios. O seu encontro com o J. Guerreiro é o melhor pedaço do primeiro volume. Commove, é bello, não parece do mesmo autor.

A comparação da companhia de Jesus (de que o livro é quasi uma glorificação) com uma arvore de que as ramas olham para o céo, e as raizes vão por baixo da terra, e podem chegar mais longe, é bonita.

A velha burlesca, beata, procurando peitar uma mãi para a ajudar em seus torpes designios, é horrenda, com quanto exacta, e de facto existam na terra dessas servas de Deos, que com o espirito obsecado pelo fanatismo, praticão torpezas.

O discurso do vate pierio acompanhado de ameaçadora epiphonema, é exagerado.

No segundo volume o vulpino Diogo Mendonça passa por uma alma generosa.

Fica-se em duvida sobre o fundo de Diogo de Mendonça e não podemos de coração nos associar a elle, desejar o seu bem, e estimal-o. Se elle fosse nobre, nada de obscuro tivesse

no comportamento, era um caracter que forçava a nos curvarmos diante delle, quando d'outra sorte, além de vermos nelle um cortezão machiavelico, parece que o autor tem vergonha de apresentar-se campeão da verdade,justiça, e franqueza. Para que adora o exterior, o falso? Não era melhor adorar a verdade?

E' ella mui seria e simples pastora para uma côrte?

O rei d. Pedro II é por demais estupido e fanatico. Fica perplexo por comer perdiz em sexta-feira, inscientemente, e por ordem do medico. Pobre rei! Pobre estado que tem tal rei!

Na conferencia diplomatica com o geral dos jesuitas, o autor torna-se pomposo, inchado, exagerado: e para que?

—Para pedir o jesuita ao rei, que proteja um casamento.

E' pueril.

Usa de palavras, como zebrar, crepida, grega, allon, e outras que devia explicar, já que inventou-as.

Rabello da Silva poetisou o jesuita. Por que tinha de o faser apparecer, e explicar a sua acção no governo portuguez, era preciso fazel-o bello?

Entre o jesuita de Eugenio Sue, tão máo e antipathico, e o seu tão bom e sympathico, não é mais natural collocar a verdade?

Era de facto uma grandiosa figura a daquelle humilde e misterioso padre Ventura, que é tão bondadoso, intelligente, e sabedor de tudo; que consola os soffrimentos, previne o mal, e depois só sabe ser o chefe dessa sociedade terrivel, que tudo póde, dessa sociedade, que se entranha por tudo, dominando a criança pela instrucção, a familia pelo confissionario, tornando-se tão formidavel pelo poder quanto invencivel pelas trevas em que se envolve.

Rabello da Silva acariciou, affagou cuidadosamente o seu jesuita, com um amor que não é proprio de nosso tempo pelas velhadas de outros. Pede a justiça que se diga que não foi bem correspondido tão máo gosto, pois fez uma obra mediocre. Os jesuitas foram julgados pelos povos, reis, e pelos proprios papas, sendo tocados de todos os logares a que têm ido. A historia não póde, e não deve ser-lhes favoravel. O facto de cahir tão poderosa sociedade, de não ter avassalado a terra, apezar do immenso poder, mostra que todas as idéas más, injustas, attentatorias da

dignidade humana, ainda que venham cobertas com o manto da religião, têm de cahir porque Deus não quer a hypocrisia.

Este romance tem alguns pedaços de verdade poetica, não é mau pelo estylo e fórma da obra, mas pecca pelo pensamento, que é indeciso, as vezes deficiente, pelo sentimento, que é falso, e pelo todo que é mal feito.

E' vivo, forte, exagerado, cheio de manchas.

A sua philosophia e moral são más : a esthetica não é boa. Está muito longe de Herculano, o cantor dos jesuitas.

Mendes Leal é muito superior a Rebello da Silva. Depois de dramas, em que distinguio-se como um dos primeiros em Portugal, fez o Calabar, que mostra aos brazileiros o caminho que tem a seguir.

E' uma bella obra. Se algum defeito se pode achar, é ser muito ornada para tão lhanos e singelos guerreiros.

Mendes Leal, com quanto não tivesse visto o Brazil, tanto o estudou e procurou conhecer, que pinta-o mais exactamente do que Alencar, que tambem só o vio do Rio de Janeiro. Ayres Gomes tem semelhança, com Ayres Gil ; a palmeira de Calabar que ser-

ve-lhe de ponte, para atravessar o rio ; é irmã da que é desarraigada pelos exforços de Pery : mas em pinturas de combates, Alencar tinha muito que aprender no Cabalar.

Mendes Leal, não se serve de artificios para se mostrar conhecedor daquelles homens e tempos antigos. Emprega as palavras communs, e é grande, mesmo recorrendo as palavras conhecidas por todos.

Os Guaranys apparecerão em 1857—O Calabar foi publicado em o Mercantil, ignoro em que epoca : mas tem tanta parecença um com outro, que o que veio depois, por certo aproveitou o trabalho do outro.

Calabar é um bello romance.

E' uma pena que os brazileiros, desprezem o thezouro que tem.

Como muito bem diz o Sr. Mendes Leal, doe n'alma ver o Brazil e Portugal, eivados de traducções sem escolha, que abastardeam a lingua, e pervertem o gosto. E isto quando tem tudo que o póde tornar independente.

—Os Bandeirantes, publicado em 1867, é outro bello romance, cujas scenas se passão no Brazil. E' bello, comquanto inferior a Calabar.

Quanto ao interesse romanesco propriamente, é bello, como tudo que sahe da penna do Sr. Mendes Leal.

A falta de conhecimento da nossa terra fal-o, porém, cahir em erros. Diz na pagina 280 que o coqueiro é a arvore mais alta do Brazil, quando é o jequitibá a mais alta, grossa, e frondoza.

Diz que—as rozeiras, desbotadas e tristes como se dessem mais saudades que rozas, etc.—Dão rozas no Brazil tão viçozas como as de mais viço da Europa.

—Galleirões e pahós—não conheço ; nem as perdizes morão no matto.

Tem palavras, como granetes, azinhagas, portella, carneiro, juncas, chicha, cuyambuca, mangra, e outras, que não são conhecidas geralmente no Brazil.

Canaviaes, nós chamamos unicamente a grande plantação das cannas que dão assucar. A embira de que fazemos cordas, tira se da arvore de embira, e não da guaxuma.

O sabiá e a araponga, não cantão ao alvorecer : cantão sobretudo no meio do dia, na força do sol.

O seo bom Frei Marcos engatilha a arma, e sahe correndo pelo matto. Correr com a arma

engatilhada, sugeita a disparar-se no primeiro tropeção, é imprudencia só de criança ou de quem não conhece o Brazil, que não tem o chão limpo de uma rua de Lisboa, ou do Rio de Janeiro.

Outro engano. Para o lado do Sul, em que faz passar o romance, as chuvas vem pelo Natal, e vão até abril, quando muito. Só por informações erradas diz elle que fevereiro é o periodo do anno proprio a viajar pela secca, e que em abril é que começão as chuvas.

Diz pag. 89, terceiro volume—Se não era a cobra verde, ou a caninana—Se quer dizer que são uma e outra a mesma cobra, é engano, porque são muito differentes. Adiante diz que a cobra coral morde, e é muito venenosa. E' opinião contestada.

Nunca vi contar de uma morte feita por coral, que brinca muitas vezes sem que mal resulte dahi.

Como andão os cavallos no matto, sem caminho? E' impossivel. Só os heróes de Alencar podem no Brasil fazer isso. Bananeiras bravas, não sei o que seja.

Tambem faz as palmeiras se dobrarem ao peso de um homem, e servir de ponte para passar o rio das Mortes. Primeiramente as

palmeiras não se vergão : tem apenas pequeno balanço, devido as ventanias. Em segundo lugar não ha palmeira, que dê para servir de ponte a um rio que tem alguma largura. São precisas muitas e em todo o seu comprimento dellas.

E criado na roça, nunca soube que existissem. Existe no Rio, de hoje, que manda vir os artistas do Prata, d'onde é especialidade que ainda não se sabe no Brasil, disem-me os mestres architectos : pelo que é pouco razoavel fazel-o existir no meio do sertão.

Podia dizer mais neste sentido, para mostrar que o autor, como um dos personagens do Mauricio (de B. Guimarães) pensa que está caçando em Portugal lebres e rapozas, por prados sem tropeços, nem barrancos, onde as florestas são limpas por baixo que parece um pomar.

Entretanto, apezar de alguns senões, é um bello romance, que prende a attenção daquelle que o lê.

THOMAZ RIBEIRO

Com a publicação de—D. Jayme—Thomaz Ribeiro de um dia para outro alcançou com

razão a fama de um dos primeiros poetas portuguezes.

D. Jayme não é propriamente um poema. Sahe dos moldes classicos: contém varios generos. Os seus heróes descem ás proporções do romance; os seus acontecimentos assumem ao interesse e calor do drama: as scenas, á doçura e belleza do idilio: entermeando tudo, e remontando a tão elevado lyrismo, que a critica não sabe se deve censurar as irregularidades ou elogiar as bellezas.

A dedicatoria é sublime; e ha, espalhados pelo meio do poema, tantas flores d'alma; é tão patriotico o pensamento que o dictou, e respira por todo elle tanta hombridade que não se póde deixar de o considerar como bellissima obra.

Thomaz Ribeiro,—na Judia,—A festa, e a Caridade,—em todas as suas poezias, revella-se um grande poéta, e um nobre coração.

A imprensa tem patenteado, não só as bellezas de suas obras em proza, como as de que estão cheias as obras poeticas, e sobretudo o D. Jayme que é um poderozo argumento contra a intentada união iberica.

Limitar-me-hei, aqui, a notar aquillo sobre que nada vi escripto, em suas obras—Jornadas.

As—Jornadas de Thomaz Ribeiro—Do Tejo ao Mandovy—é uma boa obra, é portugueza de lei, seria, ajuizada. Faz entremeio um romance, bem urdido, que se termina em Bombaim. Tem considerações muito sensatas, a proposito da Hespanha, e da França, por onde passa, para se ir embarcar em Marselha. Sinto sómente que endeozasse tanto o primeiro Napoleão, não tocando em suas fraquezas.

Um democrata não póde deixar de sentir, que sendo tão grande, se deixasse fascinar Napoleão 1°, e trahisse a idéa, de que era campeão.

E' sabido que no fim do seculo 18, os francezes pugnarão pelas idéas dos filosofos, idéas de igualdade, liberdade e fraternidade, que acharam inimigos entre os seos, e os estranhos.

O povo apreciou-as com excesso, e ficou como Bachante possuida de vinho, embriagado pelas idéas modernas.

Parecia impossivel a victoria do povo e entretanto exaltado pelo fogo sagrado, por aquellas idéas que lhe derão animo e tenacidade, o povo francez não só venceu em França, como transbordou do seu leito, como rio caudaloso, a espalhar civilisação pelo

mundo. Embalde povos e reis se allião: os francezes vencem o mundo colligado. O que podem armas e soldados contra uma idéa nobre?

Hum homem que os dirigia nos combates, que sahira do povo, braço, e cabeça da revolução de que era filho, estava sempre em sua frente. Elles confundiram o homem com a idéa, encarnaram a idéa moderna naquelle homem, esquecendo que as alturas dão vertigens, e que o grande guerreiro é raro o homem virtuozo.

Napoleão, co'locado no primeiro lugar, imperador por graça do povo,desprezou a idéa que o tinha elevado ao fastigio da sociedade, só cuidou de si, de sua fama, do seo poder, e dos seos.

Elle que era o braço, e podia ser a cabeça que devia estar ao serviço do idéa revolucionaria, dá a liberdade aos seos, convertendo o mundo com o exemplo de 30 milhões de homens livres e prosperos? Dá liberdade a Italia, a Allemanha, constituindo nacionalidades, forçando os reis a acceitarem as idéas modernas? Muito pelo contrario. Faz invazões injustas, partilhas arbitrarias. Restabelece a realeza, collocando a corôa sobre sua cabeça e fazendo-se sagrar pelo papa.

Restabelece os morgados, de que o codigo civil acabava de consagrar a abolição.

Restabelece a aristocracia hereditaria, a nobreza, os brasões, creando condes e principes,cujo filho seria duque se o pae instituisse em seo favor um morgado de duzentos mil francos.

Mas, responder-me-hão, o fazer elle rei a um palafreneiro, duque á um soldado, minou pela base a aristocracia. E' um engano. Não é por ser mais perto a nascente, que é menos soberbo o rio. Os fidalgos novos, breve se tornavam tão enfatuados e incapazes como os de sangue azul.

Póde-se desculpar Napoleão, se admitirem que he homem, sujeito a erros como todos nós, comquanto elle, que enchergava como uma aguia, devia ter mais obrigações.

Não se pode entretanto perdoar ao filho da liberdade que assassinasse sua mãe, e depois de a ter roubado, inaugurasse a contrarevolução.

Só cuida então em elevar-se, declara a guerra a idéa, suffoca o pensamento, mata a imprensa, tapa as bocas, só deixando fallar o canhão, que lhe fora dado para esmagar a força, e exaltar o direito.

Trahiu sua missão, e de todo seu reinado só ficou fumaça. Nem pôde impedir a invazão estrangeira.

Porque não alevantaes a França, lhe diz o general Sebastiani ?

Como levantarei uma nação de que destrui a revolução, respondeu o culpado.

Querem fazer de Napoleão um Whashington que se disfarça em Cezar, querem, na phrase de Luiz Napoleão, que elle seja o executor testamentario da revolução, aproveitando-se da habil defeza de Santa Helena. Sem Santa Helena, seria Napoleão apenas um guerreiro sem par. Alli, elle se transfigura, toma proporções fabulosas : apresenta-se como o martyr da idéa moderna, o defensor da humanidade, o homem da revolução. Não era pouco isso, no tempo em que seus principios eram calcados aos pés. Só depois de preso, viu bem a sua missão ?

As suas palavras não são lamentos de não fazer o que podia, remorsos de ter faltado ao que devia ?

Eu creio que, grande para a acção, pequeno para a idéa, elle era nullo para a virtude, como diz delle Lamartine.

Qem derribou Napoleão ? O amor da liberdade, diz B. Constant, o amor da liberdade

que se acordára no coração dos francezes e dos estrangeiros.

O sobrinho, Napoleão pequeno, subio pelo prestigio do nome, e pelos lamentos que soltára o Prometheu prezo no rochedo de Santa Helena.

Os francezes julgavam que alcançariam novo brilho e gloria, que teriam a execução da idéa napoleonica.

Tiveram a vergonha. E' que o que fizéra a grandeza do primeiro não era só o grande pensador e guerreiro, era sobretudo a idéa que animava aos homens do seu tempo.

Luiz Napoleão principiou bem. Seguindo o pensamento do tio, de constituir nacionalidades, constituio a Italia. Depois, vendo o atraso de seu povo, quando devera os fazer instruir, mais os mergulha na ignorancia e superstição. Quando devia dar-lhe a liberdade religiosa, o leva ao ultramontanismo, esse divorcio impio entre a religião e a sociedade moderna.

Como Napoleão I, o que este quer é ganhar poder e dinheiro, é elevar-se, a si, e aos seus.

Invade o Mexico, sem motivo, procurando inplantar as idéas da velha e atrazada Eu-

ropa, na jovem e livre America. Embalde tenta, que o povo que passa pelo mais fraco da terra, vence, e enchota aquelle que passava então pelo mais valente.

Quer depois invadir a Allemanha, e é a Allemanha quem vence a França e completamente a esmaga.

E' que o homem culto, o cidadão, oppõem alguma resistencia: o ignorante, o homem do campo, dirigido pela ignorancia e fanatismo, fica de todo indifferente a invazão inimiga.

O que resta do longo reinado do 2º Napoleão? A vergonha.

Trahiu sua missão, depois de trahir ao seu juramento e como o tio, foi o typo do egoismo, como lhe chamava Madame de Stael.

Se faço estas restricções, não é que deixe de admirar o grande Napoleão, que o pequeno só nojo causa; mas é que parece-me que foi o poeta quem fez predominar a sua opinião sobre o estadista, quando diz que—Napoleão não via, previa; não meditava, advinhava—o que é por demais exaltal-o, tornando-o um semideos.

E' sem duvida o primeiro homem do seculo, e um dos primeiros do mundo: fallivel

porém, como todos, com quanto um pouco menos que os papas, pois teve mais o que Deus só dá aos seos dilectos, a intelligencia, e vontade.

Deixe o digno escriptor esse fanatismo e cegueira pelos Bonapartes aos francezes. Estes, pela necessidade de acção, soffreguidão natural, e preguiça de reflexão, andão sempre atraz de um grande homem, que os dirija. Preferem dar-se em corpo e alma a um homem que pense por elles, do que ter esse trabalho, e obdecem-lhe, em quanto não vem um outro fazel-os virar de partido.

Os francezes ficaram fanatisados pelos Bonapartes. Não só o povo : os poetas, escriptores, pensadores, se deixaram levar pela cegueira geral. Continuaram a mentira, procuraram alliar a falsidade, e a verdade, Napoleão e a liberdade.

Napoleão, o despota, pode fazer fanaticos em França: porém o bom senso portuguez não se deve cegar; deve expandir a verdade inteira.

Beranger, V. Hugo, Thiers, tem escusa pela sua embriaguez, e por tentarem embriagar os compatriotas: Henrique Heine tinha necessidade de o exaltar. Mas essa necessi-

dade passou, e hoje, deve-se patentear toda a verdade.

Outros povos, que não tem a desculpa da embriaguez de gloria; e passados tantos annos, que ja se póde olhar com calma para o passado, não devem deixar-se levar pela cegueira dos francezes.

Thomaz Ribeiro faz o reparo de que Portugal não acredita nos caminhos de ferro, e os odeia.

E' escripto com muita alma a sua viagem.

No caminho acha couzas bonitas a dizer e depois de chegar, onde Bocage só vio ridiculos, elle sentio, como portuguez verdadeiro.

Diz que a condecoração é apreciada em França; e que em Portugal não se faz caso dellas. Em França, não ha casa com brazão, que abundão em Portugal.

Nota, que assistio em Paris a uma comedia de maus costumes. E podia dizer que a litteratura leviana está d'ali envenenando a França, porque é do que gostão.

Entre Palmeiras—continuação das—Jornadas, tambem he como ella, seria.

Diz Thomaz Ribeiro—Entre Palmeiras—que os Inglezes proclamão a fraternidade, e os Portuguezes a praticão, cazando-se e irmanando-se com os povos do Oriente. Mas o facto é que os Inglezes vão sempre augmentando, e os outros povos não augmentão tanto, e perdem-se nos cruzamentos com outros; as vezes com raças inferiores.

O cruzamento com outras raças inferiores é um signal de fraqueza, como vemos pelo estudo dos especialistas, que mostrão que as raças fortes como a ingleza não se cruzão com outras inferiores como a india, e a africana.

Lendo as obras de Jaccolliot, os louvores que dá aos seos generaes, como Dupleix, e aos portuguezes, como Albuquerque, ve-se quanta razão tem os Portuguezes em exaltar os prodigios que obrarão os seos na Azia. Os francezes estou certo que fizerão muito: porém creio que os Portuguezes ainda forão maiores. Os gabos dos francezes tem tanto mais valor quanto conheciam as difficuldades com que tinhão os portuguezes de lutar, e não são muito promptos em prodigalizar elogios a outros povos.

Nas—Jornadas—apresenta o sr. Thomaz Ribeiro um lindo epizodio, os amores de

D.Fernando de Castro com uma India,que fina-se de tristeza ao saber de sua morte.

E' bello, e verozimil, pois sabem as Indias amar com extremos.

Mas, a explendida imaginação de T. Ribeiro só achou a respigar na India o epizodio dos amores de D. Fernando pela Mogarem.

Se elle viajasse pelo Brazil, acharia o viço e o calor da mocidade, couzas modernas, factos, homens, e natureza, digno de occuparem o seo bello talento.

JULIO DINIZ

E' uma das glorias de Portugal, pela sua grande intelligencia e nobre coração. Nelle se encarnaram as idéas modernas, e os grandes conhecimentos se reuniram em um homem de bem.

O Sr. Alexandre Herculano percebeo logo o que seria Julio Diniz, e a sua opinião, de grande pezo pela exempção do nobre caracter, e pelo alcance da superior intelligencia, cada dia mais se confirmou.

De facto, os romances de Julio Diniz mostraram que as grandes intelligencias se entendem, e revellaram aquella alma selecta.

Coração de ouro,justo e honesto,em seos personagens punha sua alma. Vê-se,desde a primeira pagina, que não é elle um francez que escreve para narrar lances dramaticos, extraordinarios, impossiveis. E' um homem que desentranha da alma angelica o que ella tem de melhor.

Os seus amores são o Trabalho e a Familia, os dous melhores guias que Deus concedeu ao homem para lhe ensinar o caminho da virtude. Julio Diniz olha tudo de ponto de vista alto, pois como diz, visto de perto, muitos dos prados são pantanos mal cheirozos.

E' o poéta do trabalho, e dos nobres sentimentos. Deo poezia á economia, utilidade, prestimos e vida campezina.

Que coração delicado é o seo ! Como vê bem toda a delicadeza, e nobreza ! Como pinta bem o que é nobre e digno de ser pintado. Arranca doces lagrimas ; não excita a colera; ama e perdôa. Como sabe conservar recatado e puro o amor, e como o amor é verdadeiro nos seos romances.

Diz o Visconde de Benalcanfor que Julio Diniz, é excellente photographo, cujo empenho principal é alcançar a reproducção exacta, e clara até nas mais pequenas particula-

ridades, das vistas, dos lugares, ou das feições das pessoas para as quaes volta habilmente o foco luminozo de sua camara obscura.

Julio Diniz fez os melhores romances que ha na lingua portugueza, depois de Eurico.

As Pupillas do Sr. Reitor—Uma familia ingleza,—A morgadinha dos canaviaes,—Os fidalgos da caza mourisca,—são romances primorozos.

Não são bellos romances sómente : batem nos defeitos que existem : procurão curar as chagas de que padece Portugal.

Não é o muzico servil que quer disfarçar as dores : é o homem de bem que apprezenta remedios ao mal de que soffrem irmãos.

São seus romances superiores ao geral dos francezes.

Cheios de sorrisos, de lagrimas, de delicadezas e nobres sentimentos de dever e honra, são seus romances dos melhores que existem.

Quem os não leo, perdeo um dos maiores gozos que póde dar-lhe a lingua portugueza.

Não se vê alli mortes, nem duellos : se fossem romances francezes,pelo menos uma, ou duas mortes, havião de dar-se, emquanto no portuguez tudo termina naturalmente e bem.

Os portuguezes teem mais juizo que os francezes. Não teem suas paixões ardentes que se acabão como fogo de palha. Calmos, prudentes, teem pudor, sentimentos de dever e honra. Não creem como os francezes que com phrazes bellas, e rhetorica, deve se perdoar as acções mais indignas. Tem os portuguezes o juizo que os faz conhecer que os francezes não são muito para apreciar, e são as vezes melhores cozinheiros que litteratos, como diz Ortigão fallando de Alexandre Dumas pae.

O francez não se importa em ser verdadeiro, justo e nobre. Basta-lhe ter espirito. Com tanto que faça effeito, que commova, que espante, está elle saptisfeito. E' esta leveza um dos motivos de haver em Portugal mais senhoras do que em França, em que abundão de tal sorte—As damas das camelias—Mulheres de fogo, e—Indianas, que os homens não querem mais ligar-se a ellas pelo cazamento.

Nos romances de Julio Diniz, o amor é verdadeiro, e puro. Bem longe de ser como nos francezes em que mal se cazão, os esposos deixão de se amar, nos romances de Julio Diniz mais se apura o amor depois do cazamento.

A França deslumbrou o Brazil, que vive com os olhos sobre ella fitos, tomando suas fealdades como nossas bellezas. Mas ainda espero que a cegueira passe, com a exageração que vae passando, e de que era o Sr. Alencar o reprezentante mais brilhante nas letras.

Os gostos e costumes francezes; o alcaçar, com suas vaidades, leveza, e corrupção; o carnaval, com suas mascaras traiçoeiras, debaixo das quaes se offende impunemente a um inimigo; as suas reprezentações em que só ha vizualidades, e maquinismos, não são do gosto brazileiro. Nós temos outra natureza. Apreciamos a seriedade, a verdade, os dramas e comedias em que hajão nobres sentimentos e grandes pensamentos.

Tudo que é postiço, affectado, falso, e leve, tem de desapparecer.

O genio francez não é o nosso, por mais que o arremedem os petimetres da rua do Ouvidor.

Não vou a maldizer a sabia mestra que nos instruio, a França, que como mais civilisada e apropriada ao ensino, foi a nossa mestra estimada.

Mas, tendo adquirido a instrucção, a gratidão não deve levar-nos a renegar os nos-

sos e adoptar todas as suas idéas, sentimentos, e natureza.

Bem como o moço, que depois de grangear illustração, não deve abandonar os seus, antes voltar á elles, e á caza, tomal-os como seus exemplares, corrigindo defeitos com o que de bom aprendeo dos mestres assim o brazileiro deve lembrar, e voltar aos sentimentos e proceder dos antigos que estão em seu ser.

Não ha nas modernas letras um melhor traductor do sentir portuguez, e nosso, do que Julio Diniz.

E' o seo melhor reprezentante nos romances que appareceram de alguns annos para cá.

Porisso é tão apreciado em Portugal, e no Brazil.

Em colorido, animação, movimento dramatico, póde ter rivaes : mas na delicadeza de sentimentos, na finura de observação, na verdade, e moralidade dos assumptos, não vejo igual hoje em Portugal.

E a sua influencia ha de perdurar por muitos annos nos bons espiritos de Portugal e do Brazil, porque eleva o trabalho, fomenta a igualdade e os bons sentimentos.

Disse o autor da Caza mourisca, fallando de Beatriz, que morrera aos 16 annos,—que ha entes cuja influencia posthuma lhes dá uma quazi immortalidade, á maneira da luz sideral que continúa a scintillar para nós, depois de anniquilado o fóco que a emittia. E' assim a influencia de Julio Diniz, luz sideral que nos guia de ponto alto, e ha de perdurar por muito tempo ainda.

E' seguindo a homens como Julio Diniz que nossa patria póde ser grande, e alcançar seos destinos.

Vê-se que foi elle educado na leitura do romance inglez. Julio Diniz é sempre moral, nobre : prefere a verdade e seriedade ás lantejoulas e mentiras do gosto francez. Não gosta do vivo e phantazioso : é exacto, e verdadeiro : só pinta o que vê : só diz o que sabe : não mente.

As mulheres, nos seos romances, são sempre portuguezas. A Magdalena, Margarida, Jenny, Bertha, são sempre modelladas por um typo de formozura, intelligencia, bondade e pureza, que lembra as senhoras de nossa terra, e em nada se parecem com as heroinas francezas.

Alliava ao grande talento rara modestia. Coñta o seo biographo, o Sr. A. Pimentel,

que assistindo elle á uma reprezentação das —Pupillas do Sr. Reitor—posto em drama por E. Biester, e sendo chamado a scena, fugio muito, e só a custo accedeo, o que é traço pouco proprio destes tempos.

Li tudo que elle escreveo, e cada vez mais o apreciei.

Alevantem-se mausoleos e estatuas á aquelles que em vida encherão-se de distincções e dinheiro. Amontoem-se funebres orações, e gaste-se rhetorica para melhor os exaltar. Nada disso vale as lagrimas que faz derramar um verdadeiro escriptor, e os amigos que faz entre os que o leem.

GUERRA JUNQUEIRO

E' um poéta, e o poêma—Morte de D. João, é—uma bella obra !

Pelos seos escriptores, vê-se que Portugal, vive, pensa, caminha ao progresso. Não está morto, como o disse ha pouco um francez na Revista dos Dous Mundos.

Tem escriptores, homens de bem, de idéas adiantadas.

E' o Sr. Guerra Junqueiro dos melhores poétas de Portugal, terra de poétas.

Tem pensamentos de uma grande intelligencia, sentimentos de um grande coração, phrazes de um grande poéta.

Tem elevação de pensamentos como não houve superior em Portugal e no Brazil.

A forma é, as vezes, defficiente. Os versos, duros, não tem a harmonia dos de Garret. As mais das vezes, porém, são bellos apezar de serem de quinze syllabas.

O fundo é quazi sempre elevado, igual, nobre.

Póde haver quem o não aprecie : que vá ler os romances do Visconde, como diz G. Junqueiro.

Não se póde, ao lel-o, deixar de destacar algumas phrases, tão bellas, como cheias de nobreza, como por exemplo :

—A Justiça é a consciencia collectiva.

Tem gritos de alegria para saudar o bem, e ainda mais fortes do odio para vituperar o mal, como :

—Erguei-vos, menestreis, das purpuras dos leitos
Deixae por um instante as aves nos seus ninhos
E vinde defender o culto do direito
Que morre assassinado á beira dos caminhos.

Tem bellos pensamentos,sobretudo quando em colera santa, azorraga o vicio, e o crime.

Fallando de Jehovah, diz :

—Odeia a liberdade, odeia os raciocinios
E para convencer as impias multidões,
Tem o incendio, a peste, a fome, os exterminios
Os impetos do mar, os roncos dos trovões.

Tem phrases que se gravam para sempre na memoria, e se tornam eternas, como quando diz :

—Ser alegre é ser forte : a força é uma alavanca.
Só é forte quem tem a consciencia branca.

Outras como—Os martyres da fé, os santos do trabalho.

Pintando a escolla :

—A escolla, ó negro horror, abrazado abysmo
O mestre—tiramnia, o dogma—cathecismo !
E' o açougue d'alma, a forja da ignorancia.
O antro da estupidez, a inquizição da infancia.

Fallando dos retrogrados :

—Silenos de cazaca, e Borgias de roupeta.

Fallando da arte, diz :

—A arte é hoje uma infiel Ninon,
Magra, elegante, anemica, franzina,
Triste belleza, delicada e fina,
Doidamente vestida a Benoiston.

Tem explosões lyricas, como :

—Cantae, ó corações, que o vosso canto
E' para mim uma grande esmolla,
Traz-me aos olhos o balsamo do pranto
Que é tudo que hoje em dia me consola.

. . . . . .

Oh ! luz, oh ! alma na amplidão suspensa !
Oh ! astros puros, oh ! luar, oh ! sol,
E em noites tristes de tristeza immensa,
Oh ! luz feita harmonia, oh ! rouxinol.

O grito de dor e maldicção do poéta, ao ver a alma secca da mulher perdida, é bello. Aquelles que elevão-lhe altares, devião ter desses gritos que muitas faltas lhes resgatarião.

Rebaixa a prostituta ao lugar d'onde nunca devera ter sahido, mostrando quanto lhe é superior uma alma virgem e nobre.

Logo depois, quando affastado da infame, que por sua desgraça ama ainda, o poéta dezata-se em gritos de dor, em soluços de morte :

—Oh ! se eu pudera
—Apunhalar-lhe o coração de fera
—E ao vel-a morta, enregelada, fria,
—Com as bagas do meo pranto
—Tornal-a casta como um lyrio santo !

O poéta chora seo amor, sua illuzão perdida, com a paixão e altura de pensamentos de A. de Musset.

Dirigindo-se ao Christo, pede :

—Arranca-me da alma esta paixão,
—Como se arranca o ferro de uma lança
—Do peito de um soldado.

. . . . . .

Ao ver os cadaveres da virgem, do velho, da creança, do padre e do sabio, apostrofa-os com palavras que estão na altura de Fausto, o maior poêma da sublime Allemanha.

O poéta póde versos febris, jorros de luz, e jorros de sarcasmos, e tem a voz dos profetas para esmagar as gerações abjectas.

O côro das victimas, maldizendo D. João, é bellissimo. E' das melhores producções lyricas que existem. Deve ser lido muitas vezes para bem se o apreciar.

Tem expressões, como—A alegria é o oxigenio do espirito que mostrão que o poéta é tão illustrado quanto é inspirado.

Esta é a razão de ser tão difficil apparecer hoje um poêma.

Não basta ter o sentimento poético ; é precizo juntar a isso muita intelligencia, e conhecimentos.

E' preciso ser um poéta superior, isto é, ter mais intelligencia, e conhecimentos.

E' precizo ser um poéta superior, isto é, ter mais intelligencia, conhecimentos, e sentimento que os outros homens, para poder agradar em um poêma.

A simples pintura de sentimentos, que ha seculos forão descriptos, dores, amores, tristezas, não mais nos contentão. E' precizo estarem na altura do homem moderno ; serem adaptados e descriptos com as cores e sentimentos de hoje.

E' precizo ser um Goethe para fazer um poéma moderno ; um poéta antigo não poderia fazel-o pois não está na altura das mais altas e curtas intelligencias.

E' preciso ser um sabio para ser um poéta superior : e creio que os antigos poétas forão sabios para o seo tempo.

Os poétas lyricos exclusivamente, e os que pintão apenas os intimos sentimentos, são grandes quando as reproduzem com as cores da epoca : sem isso, tornão-se insulsos.

Este moço vê-se que estuda, vê-se que não é destes repetidores de assumptos conhecidos, tormentos e juramcntos, dores e amores, e

outros que taes lugares communs por de mais estafados.

Tem alguns defeitos de poéta moço, exuberant ede seiva e de talento. Tem comparações com algum fundo de extravagancia, como—Olhar cançado, metafizico.

Tem phrazes que não exprimem bem, como —E' como um beijo ideal de cousas mansas :

—Vendo-a despedaçar, morder felinamente
—Com vermelho apetite um bife ensanguentado.
—Ictericia cruel dos murchos veludilhos,
—Adjectivos exoticos, vermelhos,
—Tristezas pantanozas, fantazias coloridas,
—A curva muzical das niveas pomas,
—Alvas pombas mansas,
—Silencio azul,—etc.

Tem por demais a palavra escalavrado, e anemicas, cloroticas. As vezes traça fisionomias no ar : dá golpes que relampeão,mas não cortão.

Torna-se idealista com excesso, aprezentando phrazes bellas, mas traçadas no ar, feitas de luz e verdade : golpes que castigão, mas não levão direcção determinada.

A sua Imperia, bem como o D. João, tem traços da fizionomia apagados, em quanto outros estão muito vivos e sallientes.

Convinhanos fazer mais profundamente interessar por seus personagens mostrando-os desde ocomeço até o fim, indicando seo encadeamento e ligação. Assim, parece que D. João é o mesmo poéta, que o autor faz partir do idealismo, e sentimentalismo, para cahir por fim no tedio, devassidão e falta de caracter, como diz na nota.

Mas isto não fica explicado, não tem no corpo da obra uma phraze que esclareça, quando tanto conviria a unidade da acção.

Quando diz :

—Eu fui o D. João, o typo da altivez,
—O doido menestrel, romantico, sombrio.

Parece o autor indicar que o poéta e D. João, são uma e mesma pessoa : mas devia mostrar melhor a ligação, e como a dor da illuzão perdida, arrebentou-lhe a urna dos santos affectos, o coração, e o perverteo.

Por não perceberem logo esta unidade de acção, tenho visto pessoas, aliás intelligentes, deixarem de lado D. João, julgando-o collecção de versos, simples expansões lyricas; quando é um poêma completo.

E não um simples poêma, mas de primeira ordem. A Morte de D. João é de alta concepção. Tem a altivez de sentimentos e pensa-

mentos da Gloria Moribunda, de A. Azezedo: tem a paixão de Musset, as vezes : e chega por vezes a altear-se até Goethe, o maior dos poétas modernos.

Nunca, em litteratura alguma, e em tão verdes annos, vi uma tão brilhante, e prometedora estréa.

Não guarda muitas veses o poéta o respeito ao decóro, e ás conveniencias. O seo poêma não póde, nem deve entrar no lar da familia.

Mas, se lembrarmo-nos que Christo, quando vio os vendilhões no templo, ficou irado, despio-se da cordura, e tomado de santa colera, empunhou o azorrague, zurgio-os sem piedade, e os espulsou do templo, desculpamos ao poéta.

O poéta, ao ver D. João, e Messalina, no templo da arte, ficou tomado de ira, e os azorraga com furia.

E' pena que o poéta não soubesse conter sua ira e por veses offenda o pudor ; é pena que não possa ser appreciado no sanctuario domestico,como o é no gabinete do estudioso.

De passagem direi que esta poezia que apparece em Portugal, e que denominão uns de socialista, outros de pozitivista, é sem ra-

zão aprezentada como inimiga da outra poezia, que querem que se fique com o nome de lyrica, e que seja symbolizada por D. João.

O poéta é o traductor das idéas e sentimentos mais adiantados. Hoje a consciencia humana se revolta contra o torpe D. João, e o vitupera. E' muito justo, e a devemos apoiar com todas as forças.

Naquelles tempos, porém, em que D. João reprezentava a aspiração ardente pela belleza, o amor, tantas vezes illudido quando se encarna em uma mulher, este sentimento teve voga, porque representava uma feição do seo tempo, e tinha sua razão de ser.

A poezia é o ideal, é o sonho de um grande espirito, é o desejo de um genio.

Maldizer hoje Mozart, Moliére, e aquelles que sentindo no intimo o typo do bello, voavão pelo mundo em sua procura, choravão por não encontral-o como o sonhavam, é querer cercear inspirações e sentimentos que Deus depositou no coração humano. Sonhavam elles amar um ser superior, e quando vião que a realidade estava tão longe do sonho, choravão, ou lançavão-se na ironia de D. João. O devaneio é poezia, e elles, os poétas, de desejo em desejo, corrião atraz de

um typo, encarnação do bello, que nunca alcançavão, porque, felizmente, o desejo humano não tem limites.

Hoje, o sentimento do bello modificou-se, o homem progredio.

As obras dos genios são retratos do Bello, que cada geração dezenha, e cada vez são mais perfeitos.

Por essas obras é innegavel o aperfeiçoamento humano é evidente que o sentimento moral é mais apurado,e o alcance intellectual mais alto.

As obras sublimes, ao mesmo tempo que revellão mais sciencia, mostrão mais ternura.

A Eneida patentea mais conhecimentos e mais ternura que a Iliada, Camões mais que a Eneida, e Fausto mais que Camões.

As mulheres tambem são muito mais ternas, e os seus typos hoje são muito mais perfeitos.

Em vez de Venus, typo da formozura,adora-se Maria, typo do bello moral.

A poezia, porém, é uma só.

E' ella a lyra humana, que só resoa quando a alma do homem sente.

Observar, sentir, pensar, nestas tres palavras se encerra a poezia de todos os tempos, e de todos os homens.

Uns traduzem as intimas impressões,o proprio sentir e pensar : outros o estado da sociedade, o seo sentir, e suas dores.

Tão lyrica póde ser uma poezia como outra.

Nem uma é superior a outra, porque é sempre bella quando é verdadeira.

Em todo o caso, é Guerra Junqueiro um grande poéta, e Portugal deve ensoberbecer-se de tão brilhante talento.

Existem outros destinctos escriptores e poétas sobre os quaes passo em silencio.

Bem como para os brazileiros, não comporta este manual um desenvolvimento que o tornaria longo em demazia.

E' a unica razão de calar-me sobre escriptores, aliás recommendaveis.

HESPANHÓES

Os Hespanhóes tiveram de sustentar renhida luta contra os Arabes para recobrar seo territorio e os expulsar da patria. Durou oito seculos a luta, oito seculos de combates, que derão rude energia, e grande soberba ao povo hespanhol. Os sentimentos patriotico e religioso forão os seus inspiradores e dominaram seo carater.

O Cid tornou-se o seo typo.

Sua legenda forneceo inspirações por seculos. Toda a poezia, e vôo para o ideal concentrou-se nos romances designados com o nome de Romanceiro geral. Seo todo forma uma epopéa de poderosa originalidade, e grande interesse.

Nem um povo, em sua idade heroica, apresenta tão rico e variado thesouro de contos populares, com o seo caracter de grandeza e de energia.

E não é um escriptor que escreve-os, é a nação que celebra seus heróes e sua vida em cantos anonimos.

Até Cervantes, não apparece um escriptor notavel ; e depois delle, nem um póde com elle equiparar-se.

D. Guichotte é uma obra immortal, que ha seculos faz as delicias da humanidade, sem nunca enjoar.

E' destas obras tão profundas, que por seculos se achão apropriadas ao tempo, que por seculos recebem interpretações novas, tanto se adaptão ellas as novas idéas. Estas interpretações novas, talvez nem estivessem no espirito do autor: mas das obras verdadeiras, e profundas, como de fontes puras decorrem naturalmente e por secules, novas idéas.

Cervantes (1547—1616) morreu a 16 de Abril de 1616, no mesmo dia em que falleceu outro genio raro que seculos depois é que tem sido melhor comprehendido,Shakspeare, o dramaturgo sem par.

Lopes de Vega (1562—1635) foi um bom dramaturgo, apesar de grande improvisador.

Sacrificava a arte ao officio e produsio 1800 comedias, e 400 Autos sacramentaes, dramas propriamente religiosos.

Carderon de la Barca (1600—1681) foi tambem fecundo dramaturgo como Lope

de Vega e padre como elle : e de mais, official do Santo officio.

Fez 111 comedias, 700 Autos sacramentaes, sem contar intermedios, poêmas, poesias.

E' o pintor das idéas fanaticas, e supersticiosas daquelles tempos retrogrados.

Póde-se o desculpar como o traductor do seo tempo e da Hespanha. Mas muito triste idéa dá daquella epoca, e daquelle povo.

Tirso de Molina 1570—1650) que fez o Seductor de Sevilha, e Moreto, que fez o—Desdem por Desdem—forão padres, como os dous anteriores, e tem algumas bellesas no meio de muitas imperfeições as suas obras.

Alarcon foi auctor da Verdade Suspeitoza (d'onde Corneille tirou o seo Mentiroso) e de muitas outras peças de Theatro. Nos tempos deste, ha outros escriptores, sem a sua fama e notoriedade.

E' preciso muita falta de gosto para se diser que Calderon de la Barca è igual a Shakspeare.

Os dramas de Shakspeare são o espelho do bello ; o escriptor inglez é o coração e a alma da humanidade, emquanto Calderon de la Barca exprime os sentimentos e pensamentos

dos hespanhóes, naquella epoca de paixões ardentes e ferozes.

O drama hespanhol não é a representação dos caracteres e paixões. E' antes a copia exagerada de uma só paixão e caracter, ardente, supersticioso, barbaro. Dando se começo de um, póde se dar o fim, tão parecidos são. Nunca tanto se disfigurou o christianismo, se lhe emprestou paixões tão feroses, moral tão corrompida, tanta falta de conhecimento do homem e do mundo, como nos dramas de Calderon, e Lope de Vega.

Não se deve entretanto imputar a estes a sua ignorancia dos costumes estrangeiros e do coração humano, pois eram prohibidos os livros que pintavam os costumes e cultura estrangeiras, e a reflexão era punida como um crime, indo o castigo alcançal-o até no asylo da consciencia, que os outros despotismos tem respeitado.

O theatro hespanhol reproduz os mesmos personagens e as mesmas idéas, uniformes; os pais pundonorosos, os amantes ciosos. Mudam-se as scenas, enreda-se a intriga: mas é sempre o ciume e o ponto de honra que se vê encher todo o theatro hespanhol, accessivel só a certas e determinadas paixões heroicas.

Se as idéas e intenções de um povo se acham em seus dramas : se o drama é o espelho que revela o pensamento de uma nação, esta é ardente até o ponto de ser sanguinaria, exaltada ao ponto de ser fanatica.

Versam seus dramas sobre assassinatos, trocados e enganos : os amantes brigam, os irmãos vingam-se matando, os pais professam pontos de honra ferozes e absurdos, os acontecimentos amontoam-se, as intrigas fervem, os enredos tecem se, as portas falsas abrem-se por todos os lados, formando um labirintho intrincado, tedioso, não um drama capaz de ser apreciado por um homem moderno.

Toda a sua belleza está na exposição da lealdade e franqueza antigas, que agradam em quanto não se attenta para as feias manchas que tem.

A passageira celebridade que os allemães lhe deram, attraidos pela novidade, e algumas qualidades, já passou, e hoje mui poucos poderão repetir o dizer de Schlegel que o drama hespanhol é um hymno a Deos, ao amor e a honra. Será um hymno ; mas é de sangue, lagrimas e crimes, que pinta bem a sua sociedade fanatica, feroz e sanguinaria.

Outros povos tèm tido a sua época de drama ardente, que passa, como uma febre que

é, para dar logar a outros periodos de desenvolvimento litterario. O hespanhol se conserva quasi no mesmo periodo de ha seculos, em que era dominador e creador.

Diz Sismondi que em seus dramas respira a Inquisição, que os heróes são salteadores e assassinos, que o homicidio é santificado pela devoção e symbolo, que o valor é sempre nelles inimigo da sociedade, que são de abominavel moral.

Acho toda a razão em Sismondi, mesmo depois de Gil e Zarate, de Rivas, Hartzembusch e Zorilla, etc., etc.

O hespanhol ainda conserva as idéas antigas, gosta de rememoral-as, de evocar o fanatismo e o odio aos mouros. Tiveram bello papel no mundo e foi o de matar o fanatismo mouro com o seu exaltamento christão.

Mas é preciso acompanhar as idéas modernas ; senão, tem de desapparecer.

Aquelle povo, ou aquelle homem que não desenvolve o coração pelo amor, isto é, pelo laço que liga os corações, a consciencia pela justiça, isto é, pelo laço que traz solidariedade e progresso humano, traz espirito pela sciencia, isto é, pelo laço que faz a força e união dos espiritos, esse homem, ou esse povo tem de desapparecer, porque não é moderno.

Os hespanhóes foram dotados pela providencia com grandes qualidades: imaginação, espirito, profundidade, sentimentos elevados, constancia, valor, tudo tinham : o fanatismo, porém entrando, tornou vans tão brilhantes qualidades.

Eram os hespanhóes, no seculo 17, considerados os dominadores nos theatros e os homens de maior engenho de todas as nações. Brilhavam na guerra como os primeiros, na diplomacia como os mais finos, e nas côrtes eram os homens mais bem apessoados e mais delicados.

Tudo mudou, porém, e tanto no seu fisico como no moral desceram a ponto de serem considerados como os mais inferiores dos povos cultos da Europa.

Decahiram os hespanhóes com a influencia fradesca, abandonaram-se a apathia ; cahindo na molleza, luxo e obscurantismo.

Diz o illustrado americano Ticknor, que a inquisição e o despotismo foram o resultado da exageração fatal do fervor religioso e do amor pela monarchia. Mas, vê-se que o excesso só appareceo depois do estabelecimento da inquisição, alcançado no reinado de Izabel, a Catholica.

Depois que o povo baixo, ignorante, odiando os estrangeiros, mouros e judeos, foi insuflado pelos poderes que arrancaram de Izabel os pretextos para as persiguições, é que começaram estas, e o povo tornou-se feroz e assassino ; não derrepente : mas sim aos poucos. A acção do obscurantismo foi lenta e poderoza, e é como se explica terem apparecido distinctos escriptores em 1600.

Guizot diz que em nada contribuiram os hespanhóes ao progresso humano.

Acho injustiça esquecer-se de tantos genios ; das descobertas na geografia, navegação, algebra, geometria, chimica, medicina, pharmacia, architectura, litteratura, etc., etc. Ha dois seculos porém elles tem decahido

Ha dois seculos procura-se nas descobertas scientificas, e na litteratura um nome hespanhol e procura-se em balde.

No deve e ha de haver que apresenta a civilisação de todos os povos, o hespanhol apresenta como unicos lucros e victorias, os autos de fé, as fogueiras, as procissões, os bacamartes theologicos, que matam de tedio ao homem culto.

Como podião ter idéas, se a reflexão era punida como um crime, se deixavam-se go-

vernar pela razão acanhada dos padres casuistas, se não consultavam a propria razão?

Como poderiam produzir obras importantes, se eram dominados por idéas caducas, pelo fanatismo religioso, estavam segregados dos outros povos, e não queriam abraçar idéas novas!

Dahi vem seguirem seus escriptores um circulo vicioso, de idéas erroneas, repetirem melodramas enfaticos, enjoativos, ferozes, em que se vê derramada a lia do pensamento, como indicando estar no fundo do vaso do espirito.

O pensamento, bem como a agua, precisa de declive para correr.

Se as vezes convém um dique, para não transbordar, não se póde entretanto deixal-o preso, pois extravasa-se, e se torna infecto e pestilento charco. Pela compressão do pensamento, que foi conservado em fachas infantis, os hespanhóes se tornaram incapazes de produzir.

O marquez de Torcy dizia que a Hespanha era um corpo sem alma. Foi o fanatismo que assim a fez, por meio dos Felippe II e outros.

Temiam e odiavam toda idéa nova. Matavam aquelles que seriam hoje considerados, ou sabios, ou doentes.

A alchimia, magia, astrologia, que hoje são sciencias, eram crimes, e a inquisição punia-as com a fogueira, bem como as molestias de nervos, e hysteria, que eram desconhecidas.

O Jesuitismo formou na Hespanha esse espirito fanatico e odiento, sempre em luta contra tudo e contra todos. O hespanhol tornou-se um D. Quichote, do immortal Cervantes. Romanesco, só obedece a ardente imaginação. Cada hespanhol se julga um general, um genio, um heróe, e atira-se em luta contra tudo, e vive em revoltas e brigas continuas. Não ha nação, em que se veja uma tal indifferença pela vida humana, na qual o assassinato, os encontros armados sejam tão frequentes, e motivados por mais frivolos pretextos, e acompanhados de menos arrependimento e vergonha. Não ha festas, e reuniões em que não haja assassinatos, de que se julgam lavados quando recebem do padre a absolvição.

Isto tem sempre de acontecer, quando os homens não consultarem a razão, e guiarem-se cegamente pela razão de padres casuistas, que nestas decisões têm a maior fonte de riqueza.

A sua razão e a legislação moral elles abdicam nas mãos dos padres, conservando-se na ignorancia, orgulho e fanatismo. Não ha homens mais revolucionarios, e orgulhosos, e pensam e dizem que as revoluções são signaes de vida, de sangue ardente e novo, o que já dissemos ser um grande erro.

E' uma illuzão em que vivem.

A coragem, nos povos, manifesta-se pela mesma forma porque se patentêa nos homens.

A ignorancia, e estupidez são duas das maiores cauzas de brigas, pelo que existem estas mais entre os latinos. Os teutonicos preferem a evolução a revolução. A Inglaterra, Suissa, Hollanda, etc. etc., não progridem por meio de pronunciamentos e revoluções armadas.

O proprio Castellar diz que os hespanhóes tem as qualidades dos tempos epicos, audacia, heroismo, fé exaltada, afan nos combates, e carecem das qualidades, menos explendidas, porém mais fecundas, dos tempos modernos, a ordem politica, a paciencia, o amor da legalidade, o culto pelo trabalho, e pelo direito.

Os germanicos, que tem estas qualidades, vão aos poucos se aperfeiçoando, estudando suas necessidades, e civilizando-se.

O que se póde esperar do povo hespanhol se os escriptores, que devião estar mais adiantados, são inimigos do progresso ? Os Donozo Cortez, quazi todos os escriptores não acceitão as idéas modernas. Ainda ha muita soberba, e aristocracia, mesmo entre a gente illustrada. Hoje que não se admitte fidalguia senão a da intelligencia, apurada pela educação e nobres sentimentos, ainda se pavoneão com o menor privilegio seu ou de avós.

Não se dão ao trabalho de estudar, de conhecer linguas estrangeiras, e opiniões contrarias, para ver onde está a razão, contentão-se em ler os historiadores favoraveis á sua opinião, e aprezentão os homens de dantes como dotados de mil virtudes, e os de hoje como filhos degenerados de heróes.

Eu não sei o tempo a que elles se querem referir : mas desde já affirmo que o mundo progride, que em todos os sentidos os filhos são melhores do que os paes. E' possivel que em uma época dada, os filhos sejão peores que os paes : mas isso só pode dar-se como excepção, em uma época passageira, de tranzição, qne confirma a regra.

Essa decantada idade de ouro, em que o homem era typo de pureza, bondade e reli-

gião,eu bem queria que especificassem quando foi para mostrar que foi de ferro.

Antes do christianismo, em que se adoravam deuzes, uzeiros e pezeiros em acções indignas, não póde estar.

Depois da sua vinda, nos primeiros seculos do christianismo, e em toda a idade media, não póde ser, pois erão então os homens ignorantes, e dezassizados, em sua grande maioria, como vemos nos melhores escriptores. Erão talhados para caçadores e guerreiros, e disso só se occupavam.

Vazados de todo na vida animal, vivendo, ora atraz de caça como um cão, ora defronte de um inimigo como um leão, erão incapazes de comprehender idéas moraes, matavão o inerme arauto que vinha notificar um combate, e tinhão sua cabeça vazia de idéas justas, de preceitos razoaveis e moraes, e seo coração destituido de sentimentos nobres. Não raciocinavão ; sentião fortemente, e abandonavão-se as impressões do momento, quaes indios selvaticos.

Religião ? tinhão tão pouca, que é a época em que se vê as mais barbaras acções, as maiores injustiças, o predominio da força bruta.

Respeito e amor á mulher, que é o thermometro da civilização de um homem, e de um povo ?

Frederico Barbarroxa diz a um fidalgo— Eu daria duas imperatrizes por um cavalleiro como tu .

Passou a idade media, deixando como todas, o que tinha de bom, digno de não morrer, de apropriar-se aos nossos tempos, e viver.

Nos tempos modernos, vemos as divizões religiozas, as guerras continuas, todos esses actos de principes que se moldão pelo de Machiavel, e respiram crueldade, injustiça, e despotismo.

Onde encontrar-se a idade de ouro, de que fallão os ultramontanos ?

A época de mais irreligião é aquella em que ha mais ignorancia. O homem e o povo quanto mais instruidos mais religiozos são.

Todos os homens instruidos tem crenças, pois não tel-as é aberração da intelligencia humana. Pòde um homem passar de uma religião a outra: mas viver sem crenças é tão difficil como viver sem esperança no fundo do coração.

A religião é o que temos de mais profundamente arraigado, é o alimento do espirito

humano, é a fé,tão viva hoje, como nos tempos que já se forão.

Se alguma duvida apparece, se á alguns se afigura que vae diminuindo a religião, é que o templo vae ficando menor, e não acompanha o coração do christão, que vae ficando maior.

A maior parte dos hespanhóes não estudão, não teem instrucção, não sabem a marcha do povo, na conquista do progresso.

Ficaram nas idéas antigas, anteriores a Revolução franceza.

Não virão, uma por uma, ir o villão conquistando suas liberdades.

Na idade media, era um escravo, e á pé, inerme, nada podia contra o senhor feudal, montado, armado, coberto de ferro. Mas o nobre acha deshonrozo trabalhar, e o homem do povo, com o trabalho, e fazer armas, foi ganhando algum peculio. Lutando sempre, alcança aos poucos garantias, que o fidalgo á custo cede ao trabalhador. Com a formação de cidades, o guerreiro perde algumas vantagens : A comprida lança,grande cavallo, e pezadas armas, ficão inutilizadas na arena á que se recolhe o villão, que é a rua estreita da sua villa, em que o cavalleiro não póde desenvolver-se. O cavalleiro poupa-o entre-

tanto no largo, pois não quer perder outros tantos vassalos, e trabalhadores, que lhe dão serviço e renda sem trabalho.

Aos poucos, o povo vae alcançando novas conquistas, e garantias.

Com a descoberta da polvora, que destruio a espada e a lança, o villão alcançou a igualdade de forças : com a riqueza mobil, alcançou igualdade de fortuna : com a imprensa, a igualdade de conhecimentos e força fizica. Com estas victorias, os espiritos se forão alevantando, e olhando mais dezassombrados para aquelles que erão reputados senhores, e nobres. Os poderozos á custo cedião, sem ceder a altivez, os preconceitos, as idéas retrogradas, até 1793. Noventa e trez é a opposição do povo as idéas antigas : é a igualdade, pregada á face dos poderozos ; é uma força extranha e sublime, que animou de tal modo um povo, que o fez o mais valente da terra, que o tornou invencivel, sahindo a desafiar e vencer todos os outros.

E' verdade que existem horrores na Revolução : é verdade que um homem, um Napoleão, aproveitou em seo beneficio a coragem deste e arrogou-se a si as suas victorias. Mas, como exigir pureza e perfeição em tudo que

é do homem, se é elle tão fallivel, mesmo o melhor ?

Os hespanhóes não admittem estas idéas, que não sendo acceitas, tornão o mundo um cahos e a historia um sonho sem sentido. Sem a doutrina do progresso, não ha comprehensão da historia.

Mas voltemos á litteratura hespanhola, que é tão enjoativa, que faz a imaginação divagar, procurando assumptos mais agradaveis.

E' que é ella um vasto campo, de questões ociozas, de disputas escolasticas, de conversa de comadres, de assumptos inferiores aos de outros povos.

Uma especie de paralizia intellectual domina a Hespanha, desde Gongora.

O pedantismo e a exageração tomaram conta das intelligencias que deixaram idéas e sentimentos, e contentaram-se com palavras ocas, imagens empoladas, e estafada mythologia.

Depois da expulsão dos Jesuitas, não melhoraram tanto como os portuguezes.

Estão melhores, menos ignorantes : mas são ainda os homens antigos.

A ignorancia, a superstição, o atrazo das classes baixas sobretudo é o seo maior mal, que devem por todos os modos combater. Sem muita luz, não se dissipão as trevas que envolvem a pobre Hespanha, o Job das nações, como lhe chamava Quinet.

E' de facto o Job das nações.

A França e Portugal tiveram seus Richelieu, e Pombal, que abaixaram a nobreza, e a fizeram rodear o throno.

Na Inglaterra a aristocracia conservou-se altiva, ligou-se ao povo, e dirige o governo.

A Hespanha, depois de ter seu Ximenes que abateu a nobreza, teve o fanatismo, que esmagou a intelligencia, e nobreza, rei,clero, e povo, tornarão-se incultos e mergulharam-se na maior ignorancia.

Seccaram-se-lhe as fontes da intelligencia, reinaram as trevas, e superstição, e o povo hespanhol desceo tanto, que é hoje o Job das nações.

O Sr. Luiz Lande, examinando na Revista dos Dous Mundos o romance patriotico na Hespanha, nota o gongorismo, isto é, o mau gosto, e affectação.

Vê-se que elle acredita que os hespanhóes são até hoje os mesmos, retrogrados, nada

originaes, mordendo sempre a mão que os ensina.

—Tomaram nossos defeitos (diz elle) a leviandade, amor de munança e de desordem ; não as boas qualidades. Adoptaram, e imitão nossos romances, dramas, e modas : mas de má vontade, fallando mal de nós. Antes de ensinarem a odiar aos vizinhos, devião os escriptores hespanhóes, ensinar á amar aos seus, a não se levantarem em continuos pronunciamentos, a deixarem-se da empregomania, vaidade, ignorancia, e outros defeitos.

E' pena que tão grande povo tenha cahido tão baixo.

Shiller compoz uma ballada com o lance do cavalleiro, que para agradar a bella Cunegundes que arremessara a luva ao circo no meio de leões e pantheras, salta á liça, e atterrando as feras com a sua audacia, apanha a luva e a entrega a bella.

O cavalleiro offerta-lh'a, e se retira despresando seos agrados. O que teria de soffrer o valente cavalleiro, se persistisse em amar uma bella sem alma, a Hespanha, que obedece em tudo a bella Roma, a Hespanha o está mostrando, ella que pelo seo amor, só soffrimentos teve em paga. Com a vinda da liberdade elles parece quererem dispertar.

Já um homem apparece cujos discursos correm o mundo, cujas palavras são procuradas por todos os povos como sahidas de uma immensa intelligencia, e de um profundo estudo.

Só ha pouco conheço a imensidade de obras deste homem extraordinario, que eu menos prezava, julgando um tribuno palavrozo, vão, e vazio.

Ha muito não se via os productos da intelligencia hespanhola terem cotação nas praças estrangeiras, os discursos de um hespanhol serem traduzidos em todas as linguas e procurados com afan pelos povos civilizados.

Castellar fez esse milagre.

A Hespanha, Niobe das nações, teve com a vinda deste filho um dom, que fez esquecer a perda de muitos outros.

Castellar é um genio.

Eloquente como Miraleau, sizudo como Washington, se elle não alevantar a patria querida, é que a pobre Hespanha não póde mais erguer-se.

Seus discursos, e suas obras, tão importantes como os discursos, são muitissimo estimadas, como as filhas de uma grande intelligencia, e de um profundo estudo. Praza aos céus que os hespanhóes o possão algum dia

comprehender e estimar, como o estimão e comprehendem os estranhos.

Castellar é o poéta da tribuna, o maior orador dos modernos tempos: é o—vir bonus, dicendi peritus.

Comparão-o alguns com Gambetta.

Gambetta tem rasgos de eloquencia, ditos que esmagão, chispas de espirito que offuscão, phrazes que encantão, rhetorica, e dialetica que convencem e arrastam.

Castellar, porém, é a propria eloquencia, realçada pela poezia.

Não se vê nelle os dezesperos, a furia, o calor, de que se possue o tribuno francez.

Calmo, eleva os debates a tal altura, que o animo se torna sereno, e a razão encherga melhor.

Gambetta pouco se pôde consagrar ao estudo da litteratura e historia, nem pôde a profundar as sciencias, absorvido pela politica. Profundo em sciencias juridicas e sociaes, não teve tempo de applicar seu immenso talento a outras materias.

Castellar tem grande illustracão. Conhecedor da historia, e philosophia, tendo apprendido com os allemães, dos quaes tomou a profundidade, leva á todas as questões os

immensos conhecimentos, ajudados por uma das mais poderosas intelligencias da raça latina.

Castellar não é grande sómente como orador.

E' grande historiador, romancista, e viajante. Suas obras, tão numerozas quanto importantes, revellão um destes homens que servem de guia a humanidade, que se chamão genios.

Viajante incançavel, poéta distincto, escriptor notabilissimo, orador sem rival, Castellar é um genio.

As suas obras— Historia da civilização. Formula do progresso, os seus romances, e mais escriptos, revellão, além de uma superior intelligencia, um destes corações sinceros, crentes e religiozos por natureza.

Oxalá possa elle despertar os hespanhóes do profundo somno, que já se afigura morte.

Oxalá aconteça á Hespanha o que aconteceo á filha de Jairo. A menina estava morta, Jesus lhe disse : Levanta-te—e sua alma tornou-se ao corpo, e ella se levantou—.

A fé faz milagres, e a voz do genio é a voz de Deus, que por piedade, elle empresta as vezes aos homens.

ITALIANOS

Tenho lido muitos escriptores italianos e bastante os aprecio.

Li-os com gosto, com attenção, como amador, a proporção que os ia obtendo. Não porém de uma assentada, e com intenção critica, como li as obras francezas e inglezas.

Masculina, e seria em Silvio Pellico e Manzoni, leviana e livre em Boccacio, bella e pagan, em Tasso e Ariosto, religiosa e altaneira em Dante, a litteratura italiana tem subido ao epico mais sublime, e descido ao comico mais burlesco. Tocou nos sentimentos mais profundos do coração, e nos pensamentos mais sublimes ; nos esboços da mais leviana inspiração, e nas pinturas da vida mais vulgar.

A Italia teve escriptores tão distinctos que os seus nomes tem sido adjectivados para indicar a perfeição do genero.

Assim como se diz homerico, hoje diz-se dantesco, petrarchista, machiavelico.

E' pena que os Portuguezes, que traduziram obras latinas, que a porfia, lutão em quem fará melhor traducção da Eneida, não fizessem traducções da—Divina Comedia,—e de todas as que são como os padrões do espirito humano.

E' que o dominio jesuitico, não só não deixava produzirem-se obras originas, como nas traducções, só consentia aquellas que não aprofundavão, que se limitavão á banalidades.

Em tal dominio, não ha propriamente a esterilidade ; ha a mediocridade.

Ha então muitos escriptores : mas tão mediocres, de espirito tão curto, que era melhor a completa esterilidade.

Ha escriptores e poétas, que sem propozito, sem idéas, estão a encher papel, e enfadar o publico. Bem como esses oradores que sem pensamentos, e sem alcance, se enlevão a desfiar palavras harmoniozas, e bonitas, estes escriptores fazem perder o tempo preciozo, e espalhão a mediocridade, que campêa então pelo mundo julgando valer alguma couza.

Nas duas épocas em que luzio mais a litteratura italiana, houve a notavel coinciden-

cia de concorrerem trez homens para seo maior brilho ; a primeira época foi a de Dante, a segunda a de Tasso.

DANTE

Pelo exemplo de DANTE, o genio sublime, ve-se que um homem só não crêa uma lingua ; mas póde crêar uma litteratura nacional. Esta existe desde o instante em que as idéas, crenças e paixões, de um povo, ficão retratados em um quadro perfeito. A litteratura é o retrato da alma de uma nação. Dante é o primeiro escriptor em ordem de dacta, e o primeiro, pela elevação e vastidão do espirito. Era um poéta e um pensador.

Dante se fez, por si mesmo.

A Divina Comedia resume a sciencia, contemporanea.

E' a imagem da Italia daquelle tempo, é o poêma em que ella se retrata.

A religião occupa um lugar muito grande, nelle. E' que nelle se concretou a fé religiosa da Italia.

Dante é o Homero christão.

O sonhador, que amou Beatriz Portinari, que a amou como um ser celeste, um typo de perfeição ; que quazi a não via, mas sentia-se melhorar cada vez que a via ; que só com a lembrança de sua morte, soffre horriveis dores, profundo aballo, que o faz entrever a morte, o céo, e inferno, tornou-se depois o poéta que tão bem pintou o Inferno, o Purgatorio, e o Paraiso.

Dante é até hoje o primeiro poéta italiano. Tem a Divina Comedia partes que não correspondem as idèas e necessidades de hoje, que são da filosophia e crenças daquelle tempo, e que por isso não são comprehendidas. Mas, existe nella uma tal originalidade, e sublimidade de sentimentos e pinturas, é um espelho tão exacto de um genio, e de uma época que é julgada rival da Iliada de Homero. Notão-lhe defeitos como sejão obscuridades, subtilidades, abuso da escolastica, mistura do sagrado ao profano ; lembranças da mithologia pagan, que fasem contraste com o maravilhoso christão ; e os odios partidarios que o tornaram injusto, ao destribuir as suas recompensas e castigos. Apesar da elevação de suas vistas, elle não é infallivel, e commette erros.

Mas as manchas não impedem de se ver a esplendida bellesa da grande obra, que tem bastante perfeição tanto no todo como nas minucias, para resgatar alguns senões. A grandeza da invenção, a originalidade poderosa, a unidade que nelle existe, tornão este poêma a obra de um genio, a encyclopedia da idade média, que tem de durar ainda por seculos.

Esta grande composição sahio do meio de um seculo inculto, e de uma lingua incompleta e confusa, o que faz ainda mais admirar o poderoso genio que não só foi obrigado a crear suas obras, como o instrumento com que tinha de as fazer, a lingua.

Dante não formou a lingua italiana, pois que as linguas só por meio de muitos escriptores, e durante seculos, é que podem ser formadas.

Os instrumentos do pensamente só por este póde ser aperfeiçoado, quando muitos poétas e escriptores os manejão por tempos, e lhe dão a sua forma definitiva.

No tempo de Dante, que nasceo em 1265 e morreo em 1321, a lingua era tão dificiente que se admira como deo-lhe elle esse cuhno

poderoso, que a tornão hoje uma das mais bellas linguas do mundo.

De Dante, que creou a poesia italiana, passão os criticos a estudar Petrarca, que a aperfeiçoou, e ameigou.

Ha entre ambos, escriptores e poétas, que passão como palidas sombras, merecendo ligeira menção apenas, Dino Compagni, e Villani. Petrarca que nasceo em 1304 e morreo em 1374, foi o mais musical dos poétas, disem os criticos.

Pouco tenho lido de Petrarca, e só nas traducções. Acho affectada aquella poesia, em que vejo tanto trabalho. O amante sincéro, nem sempre existe ali. Me parece que a poesia não deve ter sómente a forma, a bellesa technica, deve sobretudo ter o fundo, a idéa, a alma, o sentimento. Este, disem muitos franceses, que pouco ou nada existio, sendo o amor a Laura um tanto fingido.

Elle que tanto amou-a, por que não se casou com ella ?

Nos Sonetos faz lembrar um artista, que com toda a sciencia, e vagar pintasse a sua bella com a calma com que pintaria uma vista.

Disem que se esporeava para a si mesmo se persuadir que a adorava. Elle diz que Laura

passava horas diante do espelho, como Narciso a mirar-se na contemplação da sua imagem, o que é observação de homem pouco amante.

Laura, tambem, não parece consagrar a Petrarca um grande amor. A vaidade de ver-se cantada pelo maior poéta do seo tempo, e invejada por todas as mulheres, glorificada no presente, e immortalizada no futuro, fez Laura tambem aceitar seo amor. Laura em tudo merecia o amor de um homem de bem. A immensa caridade com que prestou-se na peste de Avinhão, sendo por ella atacada, e vindo a morrer a 6 de abril de 1347, a grande belleza, e mais dotes que possuia, a tornavão digna de amor do seu poéta.

Este confessa que portou-se ella santamente, que nunca desceo do posto de honestidade e decencia, o que a torna digna do respeito de todos os posteros.

Este amor ideal por uma mulher com quem não se procura ter relações, mas que se colloca no altar do coração para servir-nos de guia e amparo na vida, estava na indole dos poétas italianos, pois vimos que os trez primeiros mestres da sua litteratura o tiveram. Os trez primeiros escriptores adoraram de

longe suas amadas, emprestaram-lhes mil virtudes, amando-as poeticamente, sem nunca se chegarem a ellas.

Dante amou Beatriz desde creança, e não deixou de ser fiel a Gemma Donate, com a qual se cazou e de quem teve sete filhos.

Boccacio amou Fiametta; e Petrarca á Laura, que immortalisou em 317 sonetos e em 27 canções, apesar de ser casada com Hugo de Sade, de quem teve ella 11 filhos. Este amor não foi tão mistico e ethereo, como o de Dante: teve seo lado real, e humano, não deixando de ser poético. Muitos poem em duvida uma paixão amorosa que não quiz realisar-se: não se pode entretanto suppor falso ou imaginario, como alguns que disem que Petrarca só amou a laurea, e não a Laura.

Ha nos poétas o dom de amar, e saberem pintar o amor, de serem escravos da paixão e senhores do estillo primoroso que a pinta, de transfigurarem e elevarem as paixões aos dominios da arte, apresentando-as dignas de ali apparecerem.

Pelo seo amor, tanto soffreo, cantou—o Petrarca com tal constancia e força, sobre tudo depois da morte de Laura, que os italianos não poem em duvida o seo amor, apesar de ter-se elle conservado ideal, e não ter que-

rido sahir das regiões da poezia. Um amor declarado,publicamente conhecido, poetico, e desinteressado, parece que estava nos costumes do tempo e não fasia mal a reputação de nenhum dos amantes.

Este facto, e o de apreciarem até hoje os italianos as poesias de Petrarca, mostra-os muito superiores aos Romanos.

Petrarca falla do amor puro, desinteressado, com suas contradicções, seos caprichos, e seos suspiros, suas fallas mudas, seos silencios eloquentes : e apesar disso depois de ter encantado os homens do seo tempo, até hoje faz o prazer daquelles que o comprehendem.

Esta pintura, e sentimentos não podião ser apreciadas pelos Romanos que fasião seo deleite das pinturas lascivas, e corruptoras de Ovidio, e não comprehenderião o amor puro e poetico. Petrarca não teve o caracter nobre e altivo de Dante. Adulador dos grandes, sabia amoldar-se as situações. Gosando reputação universal, teve a fortuna de no mesmo dia receber cartas da Universidade de Paris e do Senado de Roma, e ter de escolher entre as duas apotheosos.

Escolheo o triumpho na cidade de Roma; e no dia de Paschoa de 1341 subio ao Capitolio, e no meio de solemne pompa e das

aclamações do povo, o senador Orso Collona poz-lhe a corôa de louro sobre a cabeça.

Petrarca, o sonetista, foi muito mais feliz do que Dante Alighieri, o genio sublime. E' a sorte do mundo, em que quanto maiores genios, mais infelises são.

João Boccaci (1313—1375) é o terceiro desta trindade distincta que abre a litteratura italiana. E' o escriptor em prosa digno de acompanhar seos poeticos companheiros.

Tambem amou uma mulher, que collocou em altar como sua Madona.

Esta paixão, cheia de tempestades, não foi mistica, como a de Dante nem poetica, como a de Petrarca ; foi mais terrena, e positiva, com quanto a causa de seos escriptos.

Principiou fasendo versos; mas é na prosa que está seo verdadeiro talento, e a elegancia de dicção, que o tornaram tão notavel.

E' o Decameron uma obra prima de estillo, de narrativas ao correr da penna, em que a levesa corre parelhas com a bellesa.

A moral soffre naquelles contos continuos ataques, que mostrão o estado de corrupção daquelles tempos.

E' um sacrificio feito ao gosto romano, que lhes ficou no sangue.

Herdam os Italianos dos conquistadores do mundo o gosto pagão pelos prazeres, e este é um dos motivos de tanto apreciarem uma obra, aliás baixa e immoral.

A's grandes épocas succede uma pauza, em que o espirito repouza para novos commettimentos.

Depois dos tres chefes da litteratura italiana, o fim do seculo 14, e parte do 15, são dados ao estudo.

Havia ardor febril para descobrir manuscriptos, traduzir, copiar, e imitar os auctores gregos e romanos ; formar bibliothecas e muzéos, que davão tanto prazer quanto lucro, e honra aos erudictos.

Apreciava-se, e cultivava-se as letras nas côrtes de Italia. Assim vemos Affonso 5º de Aragão ceder a Cosme de Medicis seus direitos em troca de um bello manuscripto.

Foi uma época de renascença, de acordar para os estudos e o gosto da antiguidade. Gastavão tempo, dinheiro, vida, trabalhos, na pesquiza de obras antigas, de que o seculo 14 já tinha visto o começo, e no seculo 15 tinha chegado a ponto de paixão.

Se a esta paixão pelos estudos se juntar a dos descobrimentos, como o da imprensa,

(que na Italia mais que em parte alguma propagou-se) e o da America, e outros que occuparam a geral attenção, vê-se a cauza de tantos annos passarem, depois do triunvirato, sem escriptor celebre.

Parece que a erudicção matou a imaginação, a sciencia trouxe o pedantismo, e esmagou o genio.

Policiano, Pulci, Savonarole, servem de sombras para apparecer o segundo triumvirato italiano, que tornou tão gloriozo o seculo 16. Foi este o mais brilhante para a Italia, depois do 14, que foi o mais notavel pelo genio creador dos tres escriptores de que já fallamos, Dante, Petrarca, e Boccacio.

Tres grandes nomes sobresahem tambem no seculo 16 e são os de Ariosto, Tasso, e Machiavel.

Estes, pela escravização da Italia, licença e perversão dos costumes, e abaixamentos dos caracteres, de que mais ou menos participão, não podem sustentar a comparação com os tres escriptores do seculo 14.

Os escriptores vivem a custa dos grandes ; perdem a dignidade, e só pensão em adular : as almas e sentimentos se abaixão.

Nicolau Machiavel (1479—1527) é um talento poderozo e de complexa natureza. Espirito penetrante e sagaz, pensador, historiador, filozofo, e até poéta, elle vê sem illuzão a realidade das couzas. Triste, de indole agressiva e caustica, a toda a parte, tanto na vida commum como nas obras, elle leva esse veneno que o corroe, que o faz enchergar tudo por um prisma de tristeza, e dezencanto.

Dotado de um talento superior, destituido de imaginação, a acção é o seo elemento.

Escreveo—Retratos da França e Allemanha, Discursos sobre Tito Livio, A arte da guerra, Historia de Florença, Mandragora, Belphegor, poezias diversas, ao mesmo tempo que vivia occupado como secretario dos —Dez—em Florença, como diplomata, e como lavrador.

Nunca descansa, levando a toda a parte uma observação profunda.

Sua obra capital, o Principe, é reputado o manual da tirannia, e ensina que os fins justificão os meios e que os principes podem desprezar as leis moraes, para conservar o seo poder.

Em geral as suas obras reflectem o seo tempo, n'ellas não existe a menor preocupa-

ção de ideal moral, e forão manchadas com o nome de machiavellismo as doutrinas tão contrarias á boa fé, justiça, e humanidade.

Rousseau, Alfieri, Foscolo, pretenderão que desvendando elle a arte da tirannia, tinha por fim precaver os povos contra ella.

Mas será permittido ao homem de bem expor factos odiozos, principios revoltantes, sem uma palavra de reprovação ? E deve-se preconizar a justiça, boa fé, religião, como meios de successo, para conservar seo poder!

Era um espirito de grande alcance, e na sua—Arte da guerra—previo elle que a cavallaria devia desapparecer diante do canhão, e que a força dos exercitos devia estar nas boas disciplinas da infantaria, idéa que mais tarde recebeo a sancção da pratica.

A proza chegou com Machiavel á maior perfeição á que tem attingido na Italia, perfeição que alcançarão na poezia os dous grandes talentos, Ariosto, e Tasso, que formão o segundo triumvirato litterario.

Ludovico Ariosto, (1474—1530) nasceo em Reggio.

O seo—Orlando Furiozo—é uma das mais deleitozas leituras.

Nella se formão, e dezenvolvem tres romances, e com quanto tendo manchas, tem essa epopea taes bellezas, lembranças, descripções, e riqueza de imaginação, que até hoje se acha muita graça em a sua leitura.

Torquato Tasso (1544—1595) nasceo em Sorrento.

Sua vida foi uma serie de soffrimentos, devidos á aquelles tempos corruptos, e ao seo genio de poéta, tão bem descripto por Goethe.

O seo poema—Jeruzalem Libertada—é tão apreciado que seculos depois ainda é repetido pelos gondoleiros de Veneza, que cantão os amores de Renaldo e Armida, e outros trechos do poêma.

E' a—Jeruzalem Libertada—um dos poemas que fazem a grandeza da intelligencia humana. Nelle se vê a expressão de uma civilização e de uma época.

Os acontecimentos e personagens tem grandeza heroica ; ha nelle a luta entre duas religiões, e duas idéas oppostas, descriptas com uma grande altura de inspiração poetica, e religioza.

Admira a perfeição e belleza dos seos quadros. Que bellas e expressivas comparações !

Que brilhantes antitheses no retrato de Renaldo e Clorinda ! Renaldo coberto com o capacete, era o deus dos combates : quando o tirava, era o deus do amor ! Clorinda, era um leão nos combates ; e o sangue nos seus cabellos louros pareciam rubins artisticamente ennastrados no ouro ! Quantos encantos na feiticeira Armida ! E' um bello poema, que até hoje se lê com gozo.

Depois de tão grandes nomes, seguem-se outros muito inferiores, com quanto não de todo dignos de desprezo.

Trissino, Rouccellay, Alamanny, Baldi, Tausilio, Musio, Tesauro, Scandiano, Dolce, Ceccli, Speroni, Geraldi, e outros, não se podem equiparar com nenhum dos triumviros, com quanto distinctos escriptores.

O fim do seculo 16 fez pressentir a decadencia das letras na Italia, e o seculo 17 mostrou-a em toda a sua nudez, dominando nelle a mediocridade, mau gosto, e imitação servil, que por dous seculos governou a Italia.

O pensamento dobra-se debaixo da tirannia e oppressão. Em falta de idéas, procura-se flores de rhetorica, trocadilhos de palavra : os oraculos do gosto seguem Marini, discipulo de Aretino, que foi o introductor da

presumpção e pedantismo, Aretino, o typo dos poétas ganhadores, e dignos de desprezo (1492—1557).

Marini (1569—1625) é o typo do mau gosto, na Italia, como Gongora na Hespanha. Improviza, soviza ao effeito,cahe na exageração. Enjoa, e fatiga, bem como os outros, Testi, Chiabrera, Tassoni, Bracciolini, Menzini, etc, etc, que mais ou menos são eivados dos mesmos defeitos.

No seculo 18 continuaram ainda em parte no mau gosto, cujo enjoamento havia de aborrecer aos proprios que o uzavão, e que se contentavam com frazes em vez de idéas, com imitações, em vez de pensamentos.

A Academia dos Arcades, creada em Roma em 1690,não melhorou muito o gosto,que um tanto levantou-se com Parini (1729—1799) Metastasio (1698 — 1782) Goldoni (1707—1793) C. Gozzi (1718—1801) Maffei (1675—1755) e V. Alfieri (1749—1805) que foi o mais original delles.

Aprezenta este periodo, criticos distinctos, romancistas, e alguns juristas e filosofos de grande talento, como Vico, Beccaria, Verri, e Filangiéri.

J. B. Vico (1668—1744) é um grande filozofo, historiador, jurista, e critico. E' no-

tavel sobretudo pelos seus— Principios da sciencia nova—que até hoje é reputada obra de um grande pensador.

No fim do seculo 18 começa a haver algum melhoramento no gosto, e no 19°, accentua-se elle melhor.

Monti (1754—1828) é tão baixo adorador do poder, quanto culto, e classico poéta, que desprezou a muza molle e effeminada dos Arcades.

Monti inaugura o seculo 19, e é seguido por H. Pindemonte,e Hugo Foscolo, intelligencia tão alta quanto era nobre o caracter,o poéta de Jacopo Ortis, e dos Sepulcros.

E' a epoca da escolla romantica, que dominava na Allemanha com Goethe e Shiller,em França com Chauteaubriand, Lamartine, e Hugo ; na Inglaterra com Scott e Byron.

A. Manzoni foi o chefe da escolla romantica.

Manzoni (1584—1872) começou com Hymnos Sagrados em que é tão alto o talento poético quanto o é o sentimento religiozo. O seo canto—Cinco de maio, inspirado pela morte de Napoleão, passa por sublime.

Tão patriota quanto grande poéta, suas aspirações são pela independencia da Italia, e seo coração bate pela patria querida.

Fez Carmagnola, e Adelchi, dramas em que segue os modellos allemães.

Li o—Conde de Carmagnola, Adelphis, e algumas poezias de Manzoni.

E' um talento de 1ª ordem. Li, na traducção de—A La Tour—que diz que elle tem a força que se consulta, a viveza que se disciplina, a fecundidade que se poupa. E' notavel, sobretudo nos Noivos, que acho uma das mais bellas obras deste seculo.

Não posso deixar de dar uma resumida copia daquella obra primoroza, tanto mais quanto é ella deste seculo, que devemos examinar com todo o cuidado, para ver se acompanha as obras de outras litteraturas.

E alem de ser deste seculo, é uma obra perfeita, de pureza classica.

Como os caracteres são exactos, bem delineados, e bellos !

Como pinta bem aquelles tempos barbaros de 1628, em que a força legal não protegia o homem pacifico, em que era preciso ser lobo para não ser devorado !

Abundavão os bravos, os que assassinavão por dinheiro, e protecção. Commettendo um crime, procuravão a protecção de um poderoso,—e sugeitando-se a este, a executar

todos os crimes que este ordenasse,estava-se seguro da impunidade do primeiro.

Tem figuras terriveis ; outras bellissimas. Angelicas como de Frederico Borromeo, e de Frei Christoforo ; terriveis como a do Innominado e de D. Rodrigo. Quadros encantadores ; outros tristes, lugubres, como a descripção da peste de Milão.

A população a querer procurar a abundancia pela pilhagem e incendio ; o poder legal a querer mantel-a pelas prisões e cordas. O povo julgava a peste devida a envenenadores, que envenenavão a agua, as casas, o ar. Queria por força achar culpados : o acto mais simples gerava a suspeita : a suspeita logo em certeza, e em furor assassino do innocente que sustentasse ser um erro.

O enredo é simples e contudo interessante. Uma pobre moça, Lucia Mondella é amada por um artezão, Lourenço Tramaglino, e vão casar-se, quando se mette de permeio D. Rodrigo, que não ama Lucia, mas tendo apostado com seo primo, o conde Attilius, quer por vaidade possuir Lucia. Manda elle dois sicarios ao vigario Abbondio, e intimão-o a que não faça o casamento e este, medroso, cumpre a ordem, e inventa pretextos para o adiar.

O vigario é o typo daquelle que só obedece as inspirações do proprio interesse, dos padres que não tem o ideal alto e elevado d'aquelle que tudo padeceo para remir a creatura. Não sendo nascido nobre, nem rico, nem corajoso, via que seria uma panella de barro no meio daquellas de ferro, e procurava desviar-se de tudo d'onde podesse vir-lhe mal.

Principia Manzoni a sua obra, pintando aquelles tempos, em que dominava a força bruta, em que o homem pacifico não tinha garantias, em que todos vivião em guerra, como os irracionaes, o clero com o poder civil, os officiaes com os nobres, e os magistrados ; os bravos e os soldados, e os paisanos entre si, acabavão suas duvidas a punho e punhal. Todas as classes procuravão alliadas, tendião a faser novas, e augmentar a propria força.

O clero zelava suas immunidades, a nobreza seos privilegios, os militares suas izempções, e os mercadores, medicos, logistas, artistas, ligavão-se, formando cada uma d estas oligarchias uma força que as protegesse.

Os noivos, com essa opposição do padre Abbondio, ficão perplexos, e procurão frei Christoforo, (que era um santo frade) para

os aconselhar. Este procura D. Rodrigo, pede-lhe que deixe seos máos projectos, supplica-o que deixe os noivos ; mas, embalde. D. Rodrigo irrita-se, injuria-o, e o frade profetisa-lhe desgraças, e sahe. Um criado velho de D. Rodrigo, bom homem, avisa o frade, que vão os bravos roubar Lucia, e leval-a ao castello de D. Rodrigo, e frei Christoforo avisa aos noivos e colloca a noiva em um convento em outra aldea, em quanto Renzo (diminutivo de Lorenzo) vae trabalhar com um primo em uma fabrica em Milão.

D. Rodrigo tem protectores importantes e arranja mandarem frei Christoforo para Remini.

Procura depois um poderoso e malvado senhor, de que as cronicas do tempo fallão muito sem diser o nome, pelo que o designa como o de Innominado,e alcança que elle trabalhe em seo favor, tirando Lucia do convento, com grande habilidade. O Innominado vê, porém, Lucia, ouve suas queixas e supplicas, commove-se ao dizer-lhe ella que por uma boa acção que elle pratique será perdoado por Deos. Ha tempos os remorsos o perseguião : não tinha socego : a vida lhe era pezada, pensava no suicidio. No outro dia, ao

amanhecer em claro, ouvio repicarem os sinos da aldea, e perguntou o que era.

Repicavão os sinos e era grande e geral alegria com a chegada do arcebispo Frederico Borromeo, um santo, primo de São Carlos Borromeo.

O Inominado foi procural-o, desceo do castello para a aldea.

O cardeal Frederico, nascido em 1564, era destes homens raros em todos os tempos, que empregão todos os recursos de um espirito superior, todos os meios de uma grande fortuna, todas as vantagens de uma condicção previlegiada, em faser bem, em procurar a verdade, em praticar a virtude.

Ia celebrar a missa quando chega o Innominado.

O arcebispo vae encontral-o, agrada-o como um esperado amigo. Trata-o tão bem, tão bem o exhorta, que o converte. O Innominado torna-se outro, procura a virtude, acha a paz, e torna-se tão bom, quanto antes era máo. Principia por entregar Lucia á sua mãe, e á protecção do arcebispo.

Este censura Abbondio pela sua falta de coragem, anima-o, e o procura fazer mais conforme ao seo ministerio, embalde, pois a

naturesa fisera o vigario de uma fraquesa que nada podia animar.

O Innominado da cem escudos de ouro a Lucia, lhe promette sua protecção. Lucia, que na prisão, no castello do Innominado, tinha feito o voto de se conservar virgem, de não se casar com Renzo, se escapasse, se a virgem Maria a fizesse reunir-se a sua mãe, (Ignez) vae para a casa de uma Dona Prassede, para ficar ao abrigo das perseguições de D. Rôdrigo, e sua mãe, fica na aldea. Sobrevêm por este tempo a passagem das tropas allemans pelas aldeas, matando, saqueando, tudo estragando, e o vigario Abbondio, Perpetua, sua caseira, Ignez, recorrem a protecção do Innominado,que recebe o povo todo dos arredôres, defende-o, e desarmado, á frente dos seos que estão prevenidos,expulsa, e persegue as tropas inimigas.

A peste de Milão foi propagada por estes soldados, que a tinhão; e pelas roupas, e pelos soldados que ficarão, produzio-se a medonha peste de Milão, que pelo que tão bem explica, parece ser uma especie de cholera morbus, de tão forte e violenta que era.

O povo não acreditava nos medicos que a attribuião á inffecção,e julgava a ella devida a envenenadores, a homens máos.

A peste arrazou Milão.

Fez tantos males que a propria caridade de Frederico Borromeo, infinita como era, não pôde fazer mais que diminuil-os.

D. Rodrigo é atacado pela peste e Renzo que procurava Lucia, no lasareto, o encontra e a Frei Christoforo,que obriga a trocar o seo odio pelo perdão e esquecimento. Morre D. Rodrigo perdoado, mais socegado, eLucia é encontrada pelo noivo, que mal pode vel-a por instantes. Frei Christoforo consola Lucia, na agonia, pede-lhe que, pura como é, interceda por elle a Deos, e ella morre.

Logo depois tambem segue-a o justo Frei Christoforo, que moribundo, sacrificou-se até a ultima hora, em bem dos homens, só brepujando a propria fraqueza.

Quando, no outro dia Renzo, que passara velando junto ao cadaver de Lucia,vae procurar Frei Christoforo,que não julgava tão mal, é que sabe por um religioso que elle morrera.

Ao perguntar Renzo onde estava Frei Cristoforo, responde-lhe apontando para o céo.

E assim acaba triste este bellissimo romance, cheio das santas bondades de Christo, e de verdades evangelicas.

E' uma obra classica. Mostra solidos conhecimentos : tem estillo justo, medido,simples, porém nobre sempre.

Aponta para o céo, não é destes torpes, tão em moda hoje. Eu o reputo o melhor romance da litteratura italiana, pelo que dei-o em resumo.

Leopardi (1798—1837) não tem a doçura, calma, e religião de Manzoni. Era corcovado, e este defeito fizico encheo sua alma de desespero, e sua vida de amargura.

Foi um grande poéta, que se manifestou tal nos Cantos, á Italia, no—Amor e Morte, no—Dante, e em todas as poezias lyricas.

Silvio Pellico, nas — Minhas Prizões—e Francesca de Remini—, mostra uma alma tão pura, tão branda, e nobre que chamou a sympathia do mundo para os martyres da Italia.

Foi Pellico o rouxinol italiano que os barbaros prenderão na gaiola de Spielberg, não consentindo que visse a luz do dia.

Ha barbaros que maltratão e furão os olhos ao rouxinol, para á todas as horas se arregalarem com o seu canto.

Com este succedeu, porém, o contrario. Os barbaros a encerraram na fortaleza, maltra-

tarão-o, quitaram-lhe a luz do sol : mas seu canto foi tão triste : havia nelles tanta resignação e religião : com tanta verdade contava suas torturas, e perdoava seus verdugos, que todos os corações nobres que havião pelo mundo volveram sua sympathia para a Italia.

Benedetti, Nicoline, Giacommetti, e outros, tiveram sua voga, com quanto sem a altura dos tres mestres.

A Italia ressuscitou. Não ha duvidar, a vista das suas obras nas sciencias, politica, e em todos os ramos da actividade humana.

Bastava produzir Garibaldi para se a dizer ressussitada.

Garibaldi é o homem typo, a gloria da nação italiana.

Garibaldi não é grande politico, diplomata, sabio, litterato : é um grande patriota, e um grande coração.

E' o typo da heroismo e dedicação, é o homem escravo do dever, e superior as grandezas, aquelle que dedica a vida as mais nobres cauzas, e que podendo ter uma corôa, vive pobre e retirado em uma ilha.

Heróe, no Prata, illustra-se por façanhas brilhantes ; na Europa pela defeza de Roma, pela retirada á Veneza, pelas guerrilhas dos

Alpes, pela expedicção de Marsala, pelas victorias de Palermo e Napoles : e tendo feito a Italia—uma,e livre—vae em defeza da França, sem olhar a obstaculos, sem contar os inimigos, porque sua intelligencia encherga longe, como a dos genios, e seu coração, nobre como a Italia, devota-se pelas cauzas nobres.

Aonde ha um povo opprimido, aonde se levanta o pendão da liberdade ahi está Garibaldi.

Garibaldi é a gloria viva do mundo e do seculo, é a honra do genero humano.

Hoje em altivez, coragem, actividade em todos os generos, os Italianos podem competir com os povos mais cultos.

A Italia ressuscitou. Em todas as revelações do seu ser, sciencias, lettras, filosofia, direito, musica, esculptura, a Italia está mostrando-se o que já foi, a mestra das nações.

FRANCEZES

Tres povos estão hoje na frente dos outros, e guiam a humanidade para seus destinos. São o allemão, inglez e francez.

Delles, creio o allemão o que mais se avantaja, o que vindo por ultimo, tem se adiantado mais.

Depois delle colloco o inglez, nelle comprehendendo o seu filho americano ; e em terceiro logar o francez.

Não quero dizer que os francezes sejam inferiores aos allemães e inglezes, em tudo.

Com quanto estes hoje, estejam na vanguarda, os francezes tem qualidades muito estimaveis e mais brilhantes que os germanicos—allemães e inglezes.—Não ha como os francezes para levar a civilisação á todos os cantos do globo.

Levam-a com immenso geito e graça, adaptando-a ao genio, e feição daquelle ao qual a

explicam, tornando certo que para uma idéa se tornar universal, é preciso passar pela bocca de um francez. E' introductor das modas, luxos, musica, livros e sciencia em quanto os allemães e inglezes levam machinas, caminho de ferro, vapores, artes, etc.

Os germanicos estão hoje mais avançados que os latinos nas sciencias, guerra, importancia politica ; mas não se póde negar que estas duas raças se completam, e suppre uma o que falta á outra para caminharem á conquista da civilisação. Os francezes não são egoistas. Generosos, dedicaram-se em 1789 pela civilisação, e impuseram ao mundo os direitos do homem : hoje os germanicos tem um amor a verdade e a Deus, que os francezes não alcançam. Querem alguns que a germanica seja uma raça privilegiada, e que para seguil-a, deve o latino expellir seu sangue e tornar-se germanico pelos crusamentos.

Isso creio um grande erro, e ahi está a historia para o provar. Contra essa divisão de escolhidos e condemnados, a consciencia humana se revolta, e a historia protesta. A historia é a vontade de Deus, revelada atravez dos seculos e nós vemos que cada povo tem

sua missão, que cumprir na terra, e cumprida ella, cede o logar a outro que aproveita seu trabalho e leva adiante a civilisação.

Hoje, a tendencia dos povos é unir-se, é a fusão de todas as raças : elles comprehendem que assim completam-se, que assim se tornam melhores.

Não ha uma nação que represente uma raça exclusiva, e as mais mescladas são as mais progressivas, as que estão na frente das outras.

Os Estados-Unidos e Suissa estão na frente das nações, e a China, deve ás muralhas e espirito de exclusivismo, a sua decrepitude e atrazo.

Deus quer a união das raças, visto que as que se isolam, degeneram e acabam-se.

Se o progresso dependesse de uma simples infusão de sangue germanico, acabava-se todo o melhoramento do homem. Não vemos germanicos tão atrazados como os peores latinos ? Não vemos que o trabalho é que tem feito o progresso dos povos, e o seu melhoramento ?

Estando tudo no sangue, devia-se cuidar só em melhorar o sangue, para melhorar o homem; onde estaria o progresso, a educação

da humanidade, a idéa de Deus, pai igualmente bom para todos ?

Não vemos os homens superiores de todos os povos, mais ou menos em plana igual ?

Cada nação representa um elemento da humanidade, e os elementos diversos é que constituem a unidade da raça humana.

A raça germanica traz o espirito de liberdade : a latina lhe infundirá o espirito de igualdade, e fraternidade, o direito, e unidade que faltam ao irmão mais novo. Unidas é que tem de chegar a igualdade e liberdade, alliar o sentimento religioso com o livre pensamento. Eis a marcha que o providencia parece indicar á civilisação, e que é mais consoladora do que o fatalismo das raças, do clima ou natureza, que revolta a consciencia, crente na bondade de Deus.

A litteratura franceza é a mais rica das trez litteraturas. Se não tem joias tão preciosas como a nascente allemã, e a superior ingleza, tem maior copia dellas, tem bastantes e bellas em todos os generos. E' muito superior á italiana, hespanhola e portugueza. O movimento litterario de 1820 a 1840 foi muito superior ao de nossos dias.

Mas depois de tantas obras magnificas, como que veio o cansaço, o desejo de descanso,

de brinco, e a litteratura e a musica levianas, que andam juntas, invadiram a França e a inervaram, lançando-a no cancan, no gozo dos prazeres e na orgia.

A pobre França cahiu tão baixo que faz dó.

Por que cahiu tão baixo a litteratura franceza ? O culpado foi só o grande corruptor, Napoleão ? Não.

E' que quer agradar tambem a Pariz a cidade do prazer e folia, a terra classica da devassidão que todos os povos vão procurar quando querem gozar prazeres dissolutos e excitantes e condimentos para seu paladar estragado. Continua depois da derrota com a mesma falta de moral e de gosto. São sempre mulheres de fogo, e crimes de amor ; heróes scepticos, soberbos, cheios de blasphemias, soffrendo a nostalgia da fé, da belleza e do ideal, sem amor, com desejos de levar a mulher ao templo de Cythera o que continua a fazer as suas delicias.

O publico ainda é o mesmo. Ainda pede mais o prazer dos olhos do que o do espirito: ainda vai aos theatros, em que só se vêm magicas. E admira que francezes tão importantes em todos os sentidos, deleitem-se todas

as noites com aquellas fantasmagorias, proprias só de homens levianos, e pouco illustrados.

E não só vão, como arrastam aos outros, e para elles levão a população de visitantes, uns trinta a quarenta mil, que fazem a riqueza e luxo de Pariz, e que, ociosos, ricos, só querem distracções, e insensivelmente vão bebendo a corrupção e a leviandade.

Da sua leviandade, da corrupção, de Pariz em fim, vem um grande mal a França e ao mundo.

Na Inglaterra ha o amor da familia, a necessidade do lar.

O pai reune a familia, á noite, lê-se, conversa-se, toma-se o chá juntos. Da vida de familia vem as virtudes da moralisada Inglaterra.

Em França, isto é, em Pariz, (porque Pariz é a cabeça da França, que vive dormindo em quanto a cabeça pensa por ella) em Pariz vive-se na rua, nos theatros, nas rodas, quasi nunca em casa.

A capital da França, attrahindo ao seio a gente alegre do mundo inteiro, os ricos, os vadios, as cortezans, torna-se um fóco de prazeres, e fórma um publico especial, corrompido, desejoso de matar o tempo com leituras

excitantes, extraordinarias, frivolas. Querem uma vida facticia, novidades, palavras coloridas, anedoctas, pilherias, excitação. Tem horror ao tedio. Querem brincar, divertir, apreciam tudo que é espirituoso, e enjoam tudo que lhes cheira a sermão. Olham chacoteando para tudo, como espectadores no theatro do mundo, e ridicularisam tanto o padre como o soldado, tanto a egreja como o governo.

Tem um scepticismo superficial, que toma a idéa philosophica como thema de divagações litterarias, e a religião como um symbolo poetico.

O inglez ama o padre e o soldado, acha-os necessarios e bons, tem crenças e sentimento do dever.

A' costumes levianos anda unida uma litteratura leviana, e sem ideal ; e a esta liga-se uma musica sem elevação, e sem sentimento, que convida ao cancan, e aos prazeres grosseiros.

A pintura e esculptura tambem acompanham a geral decadencia.

Em 1830, a musica de Bellini e Rossini, acompanhava as obras de Chateaubriand, Lamartine e V. Hugo.

Hoje Offembach segue os passos dos Dumas, Sand, Ponson e outros que taes ganhadores.

Gœthe conta que fazia a leitura da sua— Ephigenia em Tauride — a santa Agatha, que elle reputava mentalmente estar presente para que sua heroina nada dissesse que a santa não podesse ouvir.

Dos francezes modernos se pode dizer que elles se consideram sempre em frente de uma cortezan, para que nada possam escrever que desagrade a esta.

Os francezes mentem aos outros porque mentem a si mesmos, enganando-se em seus sentimentos, tomando levianamente o capricho pelo amor, a paixão pela verdade, a rethorica retumbante pela sinceridade e singelleza. Entendem dever só pintar o feio, o máu, o desagradavel, e esconder toda illusão, alegria e belleza.

Em vez de obras humanas nos dão os modernos francezes, obras monstruosas. Em vez de creações á nossa imagem, com os nossos sentimentos, pintam monstros, ou doentes, incapazes de nobres sentimentos e grandes idéas. Tem a pretenção de ser esculptores da palavra, de compor obras plasticas, e so cream monstros.

O romance é hoje a fórma mais apreciada da litteratura.

Elle reune em si as emoções da poesia lyrica, a grandeza da epopéa, a seriedade da historia, a profundeza da philosophia, a declamação da politica, o calor do drama, e o chiste da comedia. E' a fórma apreciada por excellencia.

O romance deve ter um ideal alto e nobre, e não desencadear os instinctos baixos, e os maus sentimentos, como vemos em França.

A França teve maiores derrotas nas lettras do que na guerra. Não foi só a Prussia que a venceu : o mundo todo a esmagou com o seu desprezo, e pouco caso.

E' que os francezes perderam o ideal, deixaram o templo da arte ser invadido pelos mercadores, e estes, só cuidam em dar sahida as mercadorias, em lisongear o paladar estragado do centro do mundo, Pariz. Pariz corrompe, e por seu turno, fica corrompido e estraga todas as provincias francezas.

Os latinos, todos, que vem sobretudo procurar em França a civilisação, que amam e estimam o irmão mais velho, ficam pervertidos com os exemplos deste. O povo francez tem culpa, e deve reagir contra este estado.

Não deve dar importancia a quem não tem consciencia.

E' uma prova de civilisação essa necessidade de leitura que tem hoje os povos, mas saibam escolher o alimento e regeitar o veneno.

Os mais celebres escriptores francezes tem toda a culpa ; pois peccaram com sciencia, e recahiram muitas vezes no peccado. A uns falta a castidade do estylo, unida talvez a falta de costumes.

Se querem ser realistas, sejam-o a maneira dos germanicos, que copiam a realidade adoçando as fealdades, tendo um ideal nobre, servindo-o bem. Os francezes nem se importão com o ideal.

Eu não quero e não posso fallar mal da França, desta terra de tanto talento, e tamanhas virtudes, que já foi o eixo do mundo, desta terra que todo o brazileiro tem obrigação de amar, por que é donde lhe vem a illustração. Devemos amal-a, e a amamos logo abaixo da patria, como amamos nosso mestre logo abaixo dos paes.

Mas os francezes desceram tanto !

Parece que a idéa do dever alli não tem entrada. Existe mais entre os germanicos. Em regra geral, o christianismo entrou mais entre as raças barbaras do que entre aquelles

que herdaram as idéas, usos e costumes romanos, como os francezes, e ibericos. Nos germanicos, entranhou-se até o coração : nos outros ficou na superficie. Raspae o latino, mesmo illustrado, e achareis o pagão da antiguidade, o amigo do goso e dos prazeres, o adorador de idolos.

Na Italia a voz de Bocacce cedeu logar á de Dante : na Inglaterra, a de Byron a de outros mais crentes : na Allemanha é mais piedosa do que sempre. Só a França continúa a dansar o cancan com a musica offembachica, e a se distrahir com romances impuros, e theatros de crianças.

Ha tal falta de moralidade, pinturas tão falsas e obscenas, que um pequeno volume contém todas as essencias da immoralidade.

E' raro o romance que uma senhora possa lêr. Os inglezes prezam sobretudo a moral, e nós devemos imital-os.

No dia em que não houver mais moral, nem consciencia do dever, é o mesmo que cavar-se a terra até o centro, enchel-a com milheiros de barris de polvora, e largar-lhes fogo. O exemplo dos estados moralisados e prosperos e o da França, que estava tão alta, e com a corrupção desceu tão baixo, é uma prova de que a moral é necessaria.

Acho um crime a falta de moral.

Desculpo antes o erro que faz não crer na religião, do que o que faz desprezar a moral.

Ha muitas religiões.

Uns acreditam na catholica, como eu, outros acreditam em outras religiões, que me parecem erroneas, porém que nem por isso creio que os que as professam estejam condemnados: mas ficar indifferente diante dos soffrimentos do homem, não ter moral, é uma falta de alma, uma seccura de coração, que não desculpo.

Entendo que o poéta, o escriptor, bem mais do que um outro qualquer, deve ser um homem de bem, deve ter moral.

A moral deve ser o sol da consciencia, e esclarecel-a como o sol esclarece o mundo. Deve ser o centro moral, em redor do qual deve girar o mundo.

Não se pense, porém, que por desejar que tenha moral, que o poéta e o escriptor tenha um fim nobre e util, eu queira cortar as flores do mundo, para plantar batatas, ou matar as scismas para crear obras scientificas e moraes.

Longe disto.

Censuro sobretudo a exageração, o excesso em que tem cahido. Censuro esses rehabilitadores do vicio, que fazem da cortezan uma S. Magdalena, que vão procurar vidas escandalozas, como a de Manon Lescaut, Ninon, Lespinasse, para chafurdar-se no lodo daquellas scenas vergonhosas. Esses, que são quasi sempre ultramontanos, Mirecourt, Veuillot, se parecem com essas desgraçadas que querem levar o vicio e á corrupção as almas novas.

Pensam que é rebaixar a critica, e fazel-a pequenina, restringil-a as regras da moral, e querem tornal-a de todo independente e sem pêas, esquecidos que a belleza litteraria não póde existir sem a belleza moral. A regra para conhecerdes se uma obra é boa, dizia um francez (La Bruyere) é o elevar ella o espirito, e inspirar sentimentos nobres e generosos. Mme. de Stael dizia que— a verdadeira critica é as vezes um tratado do moral. —Se uma obra é verdadeira e bella, é tambem moral. Sem querer pregar um sermão, ha de elevar a alma, e aperfeiçoal-a.

Logo que pintar mal, que não for exacta na reproducção das paixões, e pintura dos caracteres, e dos factos, tem de cahir na fal-

sidade. A verdade nos quadros é o que póde trazer a belleza dos antigos escriptores francezes.

Falseando a natureza, e a humanidade, exagerando os sentimentos, descrevendo idéas falsas, obscurantisando a intelligencia, cahese no estado em que cahiram os francezes.

Perdem a moral ; seguem os habitos e paixões : perdem os principios, seguem os costumes, e maus exemplos.

Notarão os francezados que tão puritano me mostre e dirão que era melhor pregar um sermão do que fazer uma obra de critica, escrever um tratado de moral do que um estudo litterario. Responderei que sem a moral o mundo é a desordem; o bello tanto precisa della na arte quanto o mundo para não cahir na anarchia.

Podem zombar, dizendo que ser moralista não é officio, é dessas profissões não classificadas como a de tribuno, poéta, ou philosopho, que sou um D. Quichotte, um cavalleiro da Sr.ª Moral : não importa.

Continuarei a pensar que sem moral, nada ha de util e bom.

E' a mesma França que me servirá de argumento. A chusma de jornaes levianos, a leviandade que tanto apreciam com o nome

de espirito, mostram a que ponto estão descidos. Entendem elles que os Figaro, Guepes, e outros do mesmo genero são o typo do espirito, quando apenas os acho typos de espirito pequenino e maldoso.

Acho perniciosa a leitura de todos esses francezes, cujo unico fim é a offensa e o ridiculo. Nada aprofundam ; ridicularisam pessoas, poucas vezes chegam até o pensamento. Quasi sempre tratam uma questão pequenina, de palavras, de sorte que a sua leitura torna-se miuda, frivola.

Faz perder-se as doces illusões, azedar-se e ficar-se de lança em riste contra tudo e todos : leva-nos a um mundo ficticio em que se fica pretencioso, fallando arrogantemente a turba ignorante. Como aquelle que lê livros de medicina, insensivelmente adoece da mania de querer curar, o que lê estes escriptores pretenciosos, quer ser palmatoria do mundo, torna-se espadachim da penna e palavra.

Não desculpo os Mittridates de hoje, que se alimentam de leituras venenozas : se o rei do Ponto precisava fortificar-se contra possiveis perigos, os de hoje não devem alimentar-se com veneno.

Michelet, Lamartine, Pelletan, Hugo, e outros elevam a alma, fazem-a entrar em banho puro, em que ella revolve-se gostosa. Os pequeninos fazem chafurdar em charco, de que sahe-se gottejando lama e desejando com ella salpicar a humanidade.

O autor cuja leitura nos deixa melhores, com mais nobres sentimentos, deve-se procurar com avidez : aquelle que nos deixa mais tristes, aborrecidos, desprezadores da humanidade, devemos fugir com horror.

Porque só são virtuosos em palavras ? E' que não conhecem o sentimento do dever ! O dever, o mais nobre caracteristico do homem, não os retêm um só momento. Depois de elevarem a perdida a um altar, exaltaram o galé, enchendo o romance de horrores e misterios de que só se sabe o segredo no fim, sepultam personagens, ressuscitam-as e faz em inverozimilhanças taes que revoltam o bom senso.

Diz Taine que nunca a gente se perde seguindo Maccaulay.

Eu digo que seguindo-se aos francezes sempre a gente se vem a perder. Seguem falsas veredas, nunca andam no recto caminho. O senso moral não está sempre presente ao seu espirito, como elle nota que está no de Maccaulay.

Deixam-se ir a digressões ; a imaginação os faz divagar, e tomar falsas veredas, como Julio Verne, que quer ver se torna os francezes mais positivos, observadores, e viajantes. Embalde, apezar de lerem naquellas obras, os dados positivos, os conhecimentos prodigalisados a todo o mundo, não sahem do genio antigo,como o proprio Verne que os quer corrigir com mentiras.

Aquelles homens sempre a viajar, a popularisar a sciencia, a ir aos polos, ao fundo do mar, e da terra, á lua são outros tantos Rocamboles, a que não se liga senão a importancia do romance, pouco se importando com os dados positivos.

Não é como Robinson Crusoe e as obras inglezas, que são meditadas, que estão na indole do povo, e são cuidadosamente estudadas e apreciadas. Nesta obedecem ainda ao motte francez — sempre o falso e o bonito : — com tanto que os heróes façam cousas impossiveis, inesperadas, imprevistas, que tudo sahia da realidade, e verdade,agrada. Estão com o paladar estragado, não apreciam comidas sans e o povo é em parte a causa.

Não se deve censurar tanto o publico, por

dar attenção a estes escriptores ; deve-se sobre tudo censurar a estes. O publico quer leitura, é isso hoje uma necessidade, como o pão para o corpo.

Procura elle o bello, o bom, e não os achando mais no mercado, leva para casa o monstruoso, o falso, porque precisa, porque não póde passar sem lêr. E' um signal este do adiantamento do mundo, a excessiva procura de mais este genero de negocio. Culpa sobretudo tem os mercadores, que em vez de levarem um coração puro ao templo, o transformam em immundo mercado, a tanto por pensamento ou por fraze. Os francezes são os culpados deste mal que estão fazendo ao mundo, e para delle se innocentar, deviam apresentar o Hercules que tem de esmagar a hydra do romance industrial.

A culpa está sobretudo nesses mercadores que se introduziram no templo.

Gladiadores da phrase, em vez de combaterem por um fim util, e nobre, elles combatem para viver, para entreter os ocios dos ricos, como os gladiadores combatiam para divertir os romanos.

Cantar para fazer versos bonitos, para viver das migalhas dos ociosos, não póde ser

o papel do poeta. Deve tambem ser muito mais elevada a sua missão do que a do assalariado, que canta para distrahir-se, para disfarçar internas magoas.

A vida é um combate. O poeta não deve ser como um musico cobarde, que só apparece quando acabou-se a luta, e é preciso distrahir.

O poeta deve combater na frente, animando, e alentando com seu canto, sobrepujando as miserias da vida.

Os litteratos sobretudo são os culpados de ter cahido a litteratura tão baixo.

Apresentam algumas obras boas; mas quantas pessimas ahi correm mundo pervertendo o gosto, corrompendo os costumes!

Eu não quero exigir uma excessiva rigidez moral, não quero que, porque uma obra tem senões no ponto de pureza moral, seja de todo banida e desprezada. Não.

Entendo, porém, que já vai longe de mais a glorificação da infamia, corrupção, e maus costumes, que basta de tanto elevar a perdida, e o galé.

Já é excessivo o abuso de declamação, estylo e poesia, para concluir em falso, para não tratar exactamente da materia, para só

ter gosto de mostrar-se espirituoso, sem servir a uma these, sem aprofundar uma questão.

As conclusões não decorrem das premissas, e quando se espera uma, lá vem outra completamente differente.

Para os germanicos o bello é o explendor do bem.

Os francezes amam a arte pela arte, e não se importam que a intelligencia se perverta, e o caracter se rebaixe.

Moral alta, conhecimento e verdade nos assumptos, clareza no estylo, eis o que amam os germanicos, e o de que não se preoccupam estes francezes.

Nossa consciencia manda que escrevamos em favor do que é justo, e que as nossas emoções sejam as de um digno coração.

Nelle se firma a moral, que não é uma palavra vã; é sim o alicerce da sociedade.

As maximas falsas, as idéas más, fazem mal quando ditas por um personagem que em certos pontos apresentamos como heróes.

Se as leis moraes falseassem, se não fossem firmes como as leis physicas, em que se firmaria a consciencia humana? Não tornava-se o homem uma besta, e a sociedade um cahos?

Para que pintam os francezes o crime como uma inspiração do dever, a virtude como mãi de crimes, as dedicações sublimes manifestando-se por actos indignos?

Os francezes a cada passo cahem no falso, e uma vez na vereda, não sahem della.

Os heróes francezes são falsos. Pertencem a chimerica familia dos virtuosos monstros, das prostitutas santas, que não podem existir senão como rarissimas excepções.

No romance, e no drama francez, a mulher logo que se casa percebe que não ama mais ao marido, que queria até a vespera, e só procura manchal-o, desmanchando o laço conjugal com o primeiro seductor D. João que lhe apparece.

Em logar da mulher, elevada pelo amor, respeitada pela maternidade, vemos a familia separada, e aluida a base de toda sociedade. Precisavam educar melhor o coração e a cabeça.

Para bater os abusos, os máus casamentos, os divorcios e adulterios, fallam contra o proprio casamento que não tem culpa da falta de moral e de senso. Se houvesse amor, respeito aos bons costumes, e juizo, o casamento seria feliz. Mas porque alguns não foram

felizes, segue-se que a instituição é má e se deva destruil-a, e pregar a licença, immoralidade e devassidão?

Em Pariz, a vida é toda exterior. Sahe-se do salão para se ver representações phantasmagoricas, e ouvir musica offembachica e danças lascivas.

Vive-se na rua, e as portas das casas estão sempre abertas.

Bem differente de Londres, que tem sua porta sempre fechada, e vive em sua casa, e para sua familia, em Pariz ha horror pela vida caseira. A franceza vive para o sallão, para ser a rainha de bailes e reuniões, e não para ser dona de caza, como a ingleza e brazileira, que vivem para a familia, para os seus.

Não tendo os francezes elevado a mulher, e pela educação e conhecimentos, a tornado digna das idéas modernas, ella vem a perverter o gosto. Rebaixam-a, e ella a seu turno rebaixa a sociedade que preside, tornando-a leviana, pequenina, amiga do bonito e do falso.

A heroina do romance francez é um ente incomprehensivel, quando não é um D. João de saia, que anda em conquista de um heroe ideal.

Dumas, Sand, e os modernos romancistas não fizeram mal somente á mulher que procuraram perverter.

Tambem pervetem o homem, e sobretudo a mocidade. Fazem nascer desejos de entrar em um mundo equivoco de bellas mulheres, de homens espirituosos, de gozos enervadores. Que importa que estes gozos enervem, que estes homens sejam corruptos, que estas mulheres sejam levianas, se agradam e encantam!

O pobre, o estudante, o moço, ao ver sua casa tão nua, e ver nos romances a descripção de palacios, theatros, pagodes, fica triste. Em vez de levantar-lhe o moral, vê na moderna litteratura o vicio gozando e a virtude rebaixada. Povoam a imaginação com mil phantasias e riquszas, com um harem de bellezas, de sorte que, quando volta á vida real, aos meios minguados, ás labutações da vida, o moço desespera, deseja atirar-se a loucuras e desvarios, mas gozar, ter prazeres tão gabados.

Em França tornou-se o romance uma industria, um negocio em que qualquer ignorante se mette como meio de vida.

Não podendo roubar as idéas, e a processo do pensamento para produsir — Werther, René, Ivanhoe, O ultimo Mohicano, — os fabricantes de romances copiam-lhes a fórma, e suprem pela quantidade a má qualidade da fasenda.

Tornou-se o romance um repetidor de trivialidades, e proprio pelas catastrophes continuadas, para recreio de meninos.

As fabricas de romances de Pariz, são celebres no mundo, iguaes ou maiores que as mais afamadas de chapéos, sapatos, ou luvas, que ha na Europa e America.

E os fabricantes excitam os freguezes a comprar-lhes o genero, por todos os meios de outras industrias. « O que quereis, senhores ? Temos de tudo : temos indios e florestas : temos costumes de cidades : temos escolhidos romances. Comprai, senhores. Comprai. »

Ha romances para todos os paizes, generos, gostos e fantazias. Tomaram uns posse da Europa, outros de outras partes do globo, como os successores de Alexandre, que partilharam entre si os seus dominios. Ha especialistas para um ou outro paiz particularmente, como para uma outra paixão especial : tal é para a caça Ferry, Aymard, e outros,

que não são mais que caricatos continuadores de P. Cooper.

O merito destes ganhadores é escrever muito sem nada dizer, fazer conhecer aquillo de que nada sabem, descrever, paizes e sentimentos que nunca experimentaram, e seguir a imaginação cégamente.

Fiados na preguiça do leitor que não tira os olhos do livro um instante para pensar no que está lendo e destruir com sua rasão tanta sandice, elles ousam tudo.

Tem frazes que parecem brilhantes. Tirando-se, porém, os olhos do livro, vê-se, que são banalidades bonitas que qualquer diz na vida commum. Difficilmente aparece hoje um romance que se possa lêr, que não tracte de cousas immoraes, de costumes pouco edificantes, de rainhas do mundo equivoco, ou de factos de valor em conversas de comadres.

Tem a pretenção de conhecer o coração humano, como se de vidro fôra, de pintar os differentes paizes com as mais vivas e verdadeiras côres, bem como a historia que diluem em mentirosas anedoctas : mas o que se vê é que seus heróes são descridos que andam em procura de uma alma irmã da sua, o que

quer dizer em bom portuguez, seductores em busca de uma mulher de bem para manchar: as suas heroinas são mulheres que amam a todos, menos ao marido que deviam querer, e tão presumidas que na vida real é difficil encontrar tão enjoadas: os seus ladrões são homens honradissimos: os assassinos, anjos de bondade e até seus mortos ressucitam uma e mais vezes. Desprezam o estudo dos caracteres, das paixões, e do mundo, de que as grandes intelligencias lhes deram o exemplo, invertem os factos, e os sentimentos, tudo falseando, e o peior é que vendem tanto como os seus collegas, os mascates de joias falsas. Não ha duvida que é lucrativo ser mau escriptor: como maior è o numero dos tolos e ignorantes tem-se mais numerozo publico.

Como a sêde de ouro, o dezejo de ganhar dinheiro, póde fazer nascer grandes sentimentos e pensamentos?

Como paixões baixas podem produzir obras elevadas?

Com uma casquinha de sensibilidade e heroismo, querem-nos fazer acceitar as mais indignas acções, como nobreza e sentimento de lei, a poder de declamação e artificios.

Desnaturam a sensibilidade, pondo-a do lado da infamia e immoralidade; esgotam

as nobres emoções, a força de fazer sentir falsas, continuas, e fortes: depravam o gosto pelo excesso dos condimentos, não deixando se distinguir o que é bello e original.

Não ha uma falta a que a litteratura não tenha offerecido uma desculpa bem motivada; não ha um vicio que não tenha uma defesa habil.

A heroina e o heróe suppunha-se deverem ser compostos pelo menos de algumas perfeições. Hoje heróes e heroinas são compostos de muitos vicios; poucas vezes tem só uma boa parte. Quasi sempre são tão falsos e viciosos que não se os poderia aturar senão nas cadêas.

Póde-se perder toda a vergonha, com tanto que se tenha a alma forte como Lelia, ou amar a todos os homens, menos ao marido, como Indiana, póde-se rehabilitar o deboche, com tanto que se chame Marion de Lorme: mas deixem isto lá para a França corrupta, para a França de Napoleão.

O romance francez, pelas suas bellas qualidades, conquistou o mundo. Depois, como todos os conquistadores, cahiu na molleza, e no luxo, e hoje está muito abaixo do que foi.

Ainda apparecem talentos superiores em França, por ser ella uma nação abençoada,

dotada pela providencia com grandes faculdades.

Mas cahiram no regresso, e se não acordarem, será uma nação historica, antes de cincoenta annos.

Cheias de revoluções, ajoelhando-se diante de Napoleões felizes, contidos com a feroula ecclesiastica, não podem olhar desassombrados para o mundo, e as cousas.

Só seguindo os conselhos dos francezes que ainda conservam as antigas virtudes, viajando, estudando, deixando os preconceitos, poderão voltar a ser o que eram.

Não tenho odio, só amor voto a essa França querida onde fui beber instrucção, á qual devo os meus mais estimados escriptores. Vejo, porém, o caminho errado em que vai ha muito, o fanatismo religioso, a exageração e falsidade, que a cegam, e não posso deixar sem reparo. Accresce que ha no Brazil grande amor pela França, que os nossos homens seguem-a, procuram-a imitar em tudo, estimando sobre todas a irmã mais velha da raça latina, que é o nosso modelo. Desta arte tem o joven Brazil de acompanhar a França e se esta se tornar uma nação de rhetoricos, e gregos, nós temos muito que soffrer com isso.

Consolemo-nos com o pensar que estamos em época de transição, que isto tem de passar.

Se os Dumas, G. Sand, e até o bom e religioso Lamartine confessam que violavam a musa para obter dinheiro, que viviam debaixo da pressão da necessidade, o que se póde esperar da turba, desses escrevinhadores de romances, que ás vezes, além de falta de sentimentos, tem falta de intelligencia!

Não é de admirar que em taes circumstancias, escriptores sem firmeza de idéas, sem naturalidade de sentimentos,sem correcção de estylo, não devam e nem possam servir de norma á mocidade.

Se ha entre os francezes escriptores que adoram a arte pelo lucro, que não tem consciencia do dever, e sentimentos do justo e do honesto, entre nós devemos forcejar para que assim não succeda. Devemos seguir esses que vão caminhando prosperamente, que tem fé no futuro, e amor á verdade.

O francez já não é o guia da humanidade, já vai cedendo o primeiro logar á outros.

Tambem, como diz Jacolliot, o francez de hoje já não se instrue, já não viaja, já não aprende linguas, está retrogado, apenas sabe o francez, e poucos o inglez!

Vive mettido com seus preconceitos, adora o sagrado coração, tornou-se rethorico e ultramontano.

Ainda espero, ainda tenho fé na França. Quando se a julga morta, ella ahi se levanta mais forte do que nunca.

Ella hade ainda voltar a si do passageiro deliquio, e se é com dor que vejo o seu eclipse, será com gritos de alegria que verei o seu acordar. Bem como a Italia que estava morta, na sepultura, e que vai ressuscitando, e se tornando cada vez mais forte, a França ha de voltar a si, ha de ainda ser o que era.

Oh ! menestreis ! Tende brio ! Deixae de ser cantores da infamia e vicio : deixae de lado a perdida.

Levantae vosso pensamento : sede homens de bem !

Oh ! muzica franceza, corriqueira, propria do povo escravo, sensual, que Napoleão corrompera, que servias para embriagar, para excitar os sentidos, para beber e dançar : que eras interprete de gritos de prazer e lascivia; que acorda idéas communs, ruins paixões, futilidades, o exterior, o lado vulgar da vida ; é tempo de dares lugar a grande

muzica, á verdadeira, a que acorda sentimentos, a que eleva-nos á um mundo superior, e olha para o ceu, em busca da fé e da luz.

E' tempo, agora que procuram os francezes melhorar, é tempo de conhecer que a sua natureza não é só material, é tempo de attender a sua parte divina, e renegar os baixos pensamentos e sentimentos.

Se os melhores entre os francezes reconhecem que a geral ignorancia foi a principal cauza das suas derrotas, é tempo de estudarem, de levantarem seo ideal.

Esqueceram sua missão, que foi cumprida pelos allemães.

Estes não são ultramontanos, e era talvez precizo seu sangue novo e vigorozo para cumprir as grandes idéas modernas, que os francezes repudiaram. Os francezes depois de levarem o mundo adiante, quizeram fazel-o retrogradar. E' isso impossivel, e as derrotas hão de ser continuas emquanto o não reconhecerem. Se não voltar a si, será uma nova Polonia, e é o que me entristece.

O que me dezanima, e faz perder a confiança nos francezes, é a persistencia no erro, depois de tantas derrotas.

Elles tão promptos a voltar a si, e tão valentes para se alevantarem depois das quédas, continuam com a leviandade, corrupção, e loucura, da França napoleonica, com a muzica corriqueira, com o fanatismo religiozo, com os poétas e escriptores destituidos de senso moral.

Objectam-me alguns afrancezados cegos.

—Que me importa que desagrade a algum rigido moralista,se a litteratura franceza moderna, agrada, entretêm, se apezar de tudo é bella ? A arte não é um tratado de moral, e sendo bella a obra, aprecio-a mais do que as inglezas e allemans, que acho sem sabôr. Que importa que tenhão defeitos, se tem os francezes grandes qualidades que os resgatão ? E terão mesmo esses defeitos que notaes ? O que achaes defeitos, são consequencias de sua organisação, modos de sentir differente, e que tem sua rasão de ser. Vós quereis o homem com o typo inglez ; calmo,obedecendo á rasão, nada fasendo sem reflexão, desde os exteriores e pequenos actos da vida, até os interiores e grandes da consciencia, desde o amor que para elles é uma paixão, até a moral que para elles é uma religião.Eu aprecio o genio sociavel, a elegancia, e o trato do francez, para o qual o amor

é umgosto, a moral uma velha avó, que se respeita em certas occasiões, e em publico. Prefiro seo modo livre e alegre, ao sizudo e preso dos Germanicos.

Pois bem, lhes responderei, soffrereis as consequencias.

Em vez de bons, sereis maus ; em vez de um povo grande, sereis o povo hespanhol ou francez. Podeis levar até as ultimas consequencias vosso despreso da moral, até o suicidio que é onde vae ter este desejo do goso, e incuria : tendes o exemplo diante dos olhos.

Em vez de bons escriptores, Dickens, Tackeray, tereis G. Sand, Dumas, Capendu, e outros, que não tem senso moral, que rebaixaram o nivel da intelligencia franceza.

Jorge Sand não é só infeliz no que crêa : é infeliz no que quer trazer para a litteratura franceza. Assim, na sua imitação do Plutus de Aristophanes, dizem os criticos que ella o comprehendeo mal. Personagens falsos, o amor romanesco, como não existia no theatro de Aristophanes, a exaltação e sensibilidade christã, tornão o Plutus uma obra de G. Sand, e nada de Aristophanes.

E' um talento superior, uma escriptora de primeira ordem. Mauprat, A Ultima Aldini, e muitas outras novellas, encantão.

E' uma pena que não tenha os conhecimentos e o coração na altura da intelligencia, e que depois de encher de amarguras o coração do seo amante, Alfredo de Musset, tivesse derramado as doutrinas mais subversivas debaixo do mais bello estillo.

Deu em pregar, pelos seus livros, e exemplos, os maus costumes e o odio ao cazamento, e o mal que faria só podem-o bem avaliar os que conheceram aquella que diz Heine era uma Venus de Milo, pela belleza fizica, e o primeiro prozador francez que tem existido, uma intelligencia de primor, e uma belleza fizica de encantar.

A. Dumas mostra ser digno filho de Alexandre Dumas cujo talento de romancista liga-se a falta de senso moral,e denota falta de conhecimento do justo e injusto.

Dumas filho tem idéas tão falsas, pinta um mundo tão aparte, que dá dó e faz suppol-o cercado e chafurdado até o pescoço na immensa corrupção do imperio de Napoleão 3°.

Não admira que o enjôo o irritasse e atirasse entre os petroleiros, julgando a mulher uma besta e pedindo sua morte e a dos que tem idéas contrarias as suas, para que

ellas sejão exterminadas, ainda que sejão nossas filhas.

Seria longo de drama em drama, notar as contradicções deste dramaturgo, que se chama author de theses.

Quazi todos seus personagens mentem e não tem a noção de honesto, do justo e do injusto.

Zomba elle da Inglaterra pois a sua—Dama das Camelias, nunca pôde ser representada em Londres. Nunca a prohibirão, a censura nunca foi feita por ninguem, mas por todo o mundo. E' isso em nosso entender um grande elogio para o povo inglez, que não acceitou aquella litteratura corrupta e corruptora, que depravou a França.

Como deixar suas boas producções por estas francezas, empestadas com os vicios da corte de Napoleão ? Aquelles homens, que tem consciencia, que creem em Deos, não podem apreciar os levianos francezes.

Alexandre Dumas filho, ou eleve a perdida, ou aconselhe o assassinato, é sempre o traductor daquellas idéas corrompidas da época.

Não tem outra cousa a enfeitar senão lixo ?

Quando a propria sociedade entra em duvida se tem o direito de matar, um só homem, isto é uma fracção pequenissima da sociedade, e esse homem dominado pela paixão, por ella podendo ser enganado, pode ter sempre razão ? E contra quem ? Contra o ser mais fraco, mais apaixanado, e ardente, a mulher, que por dezenove seculos foi conservada em tutella, deve elle empregar o assassinato ? O homem, o forte, não deve ser generozo, e em vez de matar, não deve corrigir, melhorar, elevar a sua companheira, para que possa ella ser a sua igual ?

Eu não fallarei destes francezes, que só dão desgostos. Leio-os todos ; porém a estes levianos, que não tem amor a Deos, e á creatura, que não tem respeito nem a sua dignidade de homens, deixarei de lado, sem a menor saudade.

Passarei rapida revista nos que prefiro, Pelletan, Michelet, Hugo, Feuillet, etc.

Aprecio muito alguns francezes.

Tem ainda escriptores importantissimos como o Sr. Laboulay, de estillo claro, persuasivo, logico. E' a razão que falla.

Não é como Pelletan, que é o coração, a paixão, que nos arrebata, excita, eleva.

Laboulay persuade, e com argumentos e fina ironia, apprezenta os Estados Unidos para exemplo á França.

O estillo de Pelletan tem magia, frazes de grandes sentimentos, generosos, quasi celestes.

Outros de clareza deslumbrante : torneio bello ; escolha das palavras apropriadas, coloridas.

O que diz Pelletan é bom e dito com o calor do sentimento e a calma e a altura da razão, que fasem estimar tanto o homem como admirar o estillista.

Laboulay é a logica, é o raciocinio que ensina e convence.

Pelletan foi o primeiro que desfraldou a bandeira do progresso do seculo 19, e mostrou a ligação do passado ao presente, a ordem na qual progride o mundo, o misterioso élo que encadêa os seculos entre si.

Cada livro novo deste inspirado é uma revellação. Abre um mundo de sentimentos e pensamentos, que só agora discubrimos que tinhamos encerrado na cabeça e coração. E' o sacerdote do bom e do bello, o mais insinuante e sympathico. E' um seguidor de Christo que sabe ameigar os corações, e esclarecer as intelligencias.

Tem uma caridade immensa, immensos conhecimentos.

Torna a intelligencia mais ampla, com mais largos horisontes, e o coração mais generoso com mais completa sympathia.

Pelletan não se póde resumir.

Cada fraze sua, é uma chispa daquella luz brilhante de intelligencia.

E elle sente tanto quanto pensa, e tem o enthusiasmo que excita. Tem a intelligencia que esclarece, o enthusiasmo que aquece e o soffrimento que eleva.

A. de Vigni, é um poéta. Leitura aprazivel, sentimentos delicados, nobres, elevão a alma. Sobre todas, Chatterton, é uma bella obra, juntamente com seo complemento—Ultimo dia depois de feita a obra—Nesta, divide elle o escriptor em 3 gráos. No 1º gráo está o homem de lettras : no 2º, o escriptor propriamente dito que é mais fino : no 3º e mais sublime, está o poéta, o escriptor superior e inspirado.

Vigni tem muito bellas obras. O—Jornal de um poéta— é uma obra conscienciosa, em que nota bellos pensamentos, factos importantes de sua vida inteira.

Deve-se ler Vigni como um dos bons escriptores francezes. Tudo que delle sahe tem grande valor.

LAMARTINE

Tenho lido quasi tudo de Lamartine. E' um grande poéta. Acho-o melhor nas—Harmonias e Meditações,—na poezia, do que na proza. A rapidez no trabalho fez mal a esta que sahio imperfeita. Não assim nas primeiras obras, nas poeticas em que vazou sua alma de anjo. Se Lamartine fizesse poucas e bem cuidadas obras durariam estas muito mais do que fazendo muitas, mal acabadas, sem a belleza que a lima poderia dar. E' Lamartine o poeta do coração, o interprete dos deozes dos lares. E' bom, sobretudo para lermos em dia de tristeza, em dia de finados, quando, as dôres e a saudade pungem o coração. Quando o leio, embebo-me em santo amor de tudo, em religioso recolhimento — Faz-me elle adorar a Deus, render-lhe intimas graças, lembrar-me e chorar os mortos queridos. Em Jocelyn, choro aquelle pobre seminarista que não podia amar, mas não podia arrancar do coração a imagem de Lourença.

E' preciso estar nas circunstancia em que se colloca o autor para se o comprehender. Por isso nos parecem tão vazios alguns escriptores, ou por não termos sentido o que elles descrevem ou por serem omissos. Em Jocelyn precisa ter-se o seo calor para comprehender aquelle amor. Que ternura! Que amor de anjo! Só Lamartine póde ter a phrase tão cheia de amor, tão ungida de respeito. Sabe elevar nossa alma, e conserval-a em piedozo recolhimento.

Como o amor eleva aquelle espirito, e abate toda a idéa carnal!

Só os anjos podem amar assim. Ao lel-o. elevamos-nos a um mundo superior, e despimo-nos destas mizerias e pesquenhezas da vida!

Lamartine, como sabes tão bem ressuscitar o passado, cheio de vida e realidade!

Quem te deo o poder de arrebatar aos que te lèem? Foi esse que sabes tão bem cantar, que pareces um dos anjos fugidos das regiões celestes! Por isso é que voltas a elle o rosto quando sentes uma dor ou um prazer! A tua leitura lembra meos paes, irmãos, a infancia, os primeiros gozos da vida, tudo que alegra, tudo que entristece, a casa, o prado natal. Tudo isso accorda, resussita,

apparece, como ao chamado do sino da aldèa, os recolhimentos, expansões, serões da familia.

Acho, porém, um defeito em Lamartine, que seria grande em um outro, que não escrevesse tão bem, e é repisar e alongar o assumpto, repetindo çouzas ditas e sabidas. Outro defeito é achar ternura, e emoções fortes nas mais pequeninas cousas.

Isto degenera por fim em affectação que enjoa ao vel-o descrever as tempestades de um copo de agua—as lamurias de um choramingas.

Lamartine serve para se ler nos dias de santo amor, nos dias de melancolia.

Ao lel-o, a nossa alma se eleva, embebe-se em santo amor, em religioso recolhimento, e poem-se a adorar a Deos, a render-lhe intimas graças, por tudo que a sua bondade approuve fazer-nos.

VICTOR HUGO

Victor Hugo, nos primeiros romances, apparece sobre-carregado de pensamentos, de comparações, de imagens. O que quer é pintar, ordenar, enfeitar o que vio, o que

sentío, o que lêo: não se importa com a moralidade: quer o effeito. Na velhice, é bem superior. Já viza um fim moral, já não offende os costumes. E' pena entretanto que nos prefacios seja melhor que no corpo da obra.

Os Mizeraveis, e os Trabalhadores do Mar, são bem superiores á Lucrecia Borgia, Le Roi s'amuse, Marion de Lorme, Han de Islandia.

—Os Miseraveis—é um bello romance. Tem pensamento nobres, dedicações santas, trechos lindissimos. O quarto da noiva é puro, e bello. O brinde do velho Lenormand, scintillante de espirito. O bispo Bemvindo é um typo muito sympathico, é um dos discipulos que chegou até nós com a caridade do Divino Mestre, e com os conhecimentos do mundo moderno. Fazem alguns a chicana de julgar impossivel um tal homem, e lanção-lhe o ridiculo de toleima. Não o julgo impossivel nem tolo. Existem ainda para honra da especie humana, que sempre melhora em todos os sentidos, homens como Bemvindo, espiritos verdadeiramente caridosos, e amantes corações que se derramão em amor. Creio porque vejo.

Mas não acho bom gosto no author em poetizar a palavra de Cambrone, tão baixa.

Nem tão pouco pintar a batalha de Waterlo, tão differente da que descreve Charras, e Quinet, narrando-a como um tribuno que quer excitar o espirito das massas.

Escurecer a verdade, como um sophista que quer agradar ás turbas, é proprio de um outro que não Victor Hugo. Elle devia ter o bom senso de ver onde estava a verdade, e não aprezentar a França como invencivel, lizongeando a sua vaidade guerreira. Quando devia mostrar que só a justiça é invencivel,que um tiranno Napoleão, foi o vencido, tendo a liberdade, por meio da França vencido o mundo colligado, elle rebaixa-se a adular a mania da França, mania guerreira que a faz olhar como inimiga toda a nação poderoza, mania que elle devia curar, em vez de ainda mais excitar.

Victor Hugo termina os—Miseraveis—pela morte de João Valgean. Morre de sentimento, morre para dar felicidade a filha de adopção, que muito soffreria sendo reconhecida filha de um forçado. Se este meio suicidio tem alguma desculpa pelo amor excessivo que dedica a Cozette, não tem a menor escusa o suicidio de Gilliat, nos Trabalhadores do mar.

Pode-se dali concluir que nem um dever, nem um fim social devem contrastar o soffrimento do amor illudido.

Não seria mais bonito tudo vencer, do que fugir da vida ao menor desgosto? Não seria mais coragem sobreviver a dor pela força do dever e tornar-se um heroe de bondade, um bemfeitor da humanidade? V. Hugo poetiza o suicidio, quando devia apresental-o, como um crime, e uma fraqueza. Para pintura desta fraqueza já tinhamos a quasi um seculo Werther, que devia fugir de imitar, antes inspirando o sentimento do dever em um coração esmagado.

Os Trabalhadores do Mar é entretanto um bello romance. Sobre tudo na descripção da luta de Gilliat, torna-se sublime. Vê-se o céo, o mar, selvatico e furioso, e o homem, só, curvado sobre rochedo trabalhando sem descanso.

Trabalha, Gilliat, trabalha: um anjo será a tua recompensa!

Tem defeitos o romance, a se olhar para miudezas, como poder Gilliat, só, sem adjutorio algum, pregar as taboas no rochedo, sem que segurasse outra extremidade no mesmo nivel.

Não é para um homem, fazer um dique em horas. Mas perdoão-se esses defeitos a quem tão bem descreve.

No principio é o romance um idylio, os amores de Gilliat e Deruchete; depois um poema, na luta de Gilliat com os elementos; e termina com um drama commovedor, a morte de Gilliat.

O gozo de Lethierry, quando vê debaixo de suas janellas a Durante, a sua alegria expansiva e delirante, é muito bem escripta: commove.

Não acho, porém, justo, o final, o casamento de Deruchete com Ebeneser. Quererá indicar que a mulher é sem alma, que sempre procura um Phœbus de Chateaupers? Que fez Ebeneser para merecel-a? Quererá dizer que o padre protestante é a luz que se deve procurar, o typo do homem futuro?

Victor Hugo affirma que entre Claudio Frollo, Quasimodo, e Phœbus de Chatauperes, a mulher escolhe sempre o nullo, o bem vestido, o bonito?

Quanto a mim póde ir Deruchete com seu amante, nunca deixarei de julgal-a má, ingrata, inconstante. Pois não sabias, mulher, não advinhavas quem era Gilliat, Gilliat,

a quem amavas dantes? Não vistes o que fez por ti, só, isolado de tudo, tendo como unica protecção teo rosto angelico a clarear a escuridão, a dar-lhe forças, a encher-lhe o coração? Não sabes que lutou com o rochedo arido, com as ondas, os ventos, os monstros do mar, a natureza inimiga?

Não reflectes que se vem sujo, esfarrapada, alquebrado, cabellos em desordem, é que esteve trabalhando para merecer-te, não vês que são joias e enfeites que antes o embellezão? Não percebes isso, tu que deves advinhar, pois que és mulher, ès meio anjo, que Gilliat, é o typo do homem, Pascal na intelligencia, Sansão no força fizica? Deruchete, teo coração é feito de fibras de granito, ou só bate por causas leves!

Quando com uma só palavra podias galardoar teo bemfeitor, finges não vel-o soffrer, e o deixas ser tragado pelas ondas! Gilliat, o vencedor do alto mar, deixa o mar manso tragal-o lentamente, sem ver uma lagrima nos olhos da amada! Acho infeliz, e máo este final.

Gilliat, tão protegido pela Providencia, não devia acabar pelo suicidio como um louco.

—Noventa e tres— é dos melhores romances que tem apparecido ultimamente. E' a luta da Revolução com o Passado, a Revolução, o grito de liberdade do homem. Mostra que teve crimes, e horrores, pois que é do homem errar. Em uma tempestade ha muita arvore que tomba: mas a atmosphera limpa-se, a terra se purifica. O mundo estava corrupto: precisava uma grande tormenta para varrer as corrupções e miasmas.

Tem o romance amplificações, exagerações de rhetorico, discursos de tres paginas, quando poderia dizer apenas meia duzia de palavras. Mas as muitas bellezas compensão. Tem frazes, como—Pensar é comer! A idéa é alimento.—Fallar lingua morta, é dar um tumulo por morada ao pensamento— que são bellos pensamentos.

—O homem que ri — é por demais prolixo.

Alonga-se como um velho que repiza longamente o que conta.

Mas, no meio de banalidades e prolixidades, quanta cousa sublime!

O desespero de Guinplaine, ao perder Dea que elle adorava, é muito expressivo e bem pintado.

E' assim o coração humano, que sempre se revolta contra a perda do ser querido.

Tem frazes que se gravão na memoria, como — Diluir a colera em mau humor — As orações funebres de Bossuet são parolagens celebres — Ter um caniço na columna vertebral é uma fonte de fortuna — Para que ha maus no mundo ?

Tem frazes que são gritos e soluços. Nada dizem, e dizem tudo.

Commette enganos, como o dizer que Albuquerque poz sua barba de penhor, quando foi D. João de Castro quem empenhou um fio de barba.

Victor Hugo une á intelligencia de um genio creador o espirito minucioso, e miudo de um homem vulgar. Tem a mais vasta intelligencia, capaz do maior alcance, e um genio paciente capaz de se occupar com pequeninas miudezas. Que perfeição nos pormenores de uma obra ! Tão acabados são que parece que só para isto a fez ! Tem o talento poético e o bom senso vulgar.

Elle se engana, erra, tem vulgaridades, falta de gosto. Mas se todo homem é fallivel, como póde deixar de errar, fazendo tantas e tão importantes obras ?

Os francezes o dizem o gigante do seculo, o poéta sem rival, e a mais agil das intelligencias vigorozas. Para aquelle povo de comediantes, o inchamento e exageração de V. Hugo são bellezas. Para nos outros, que gostamos da naturalidade, ellas nos chocão, e desagradão.

Tem longas declamações, as vezes tão inchadas e exaltadas, que uma alfinetada do bom senso as furaria como um ballão de papel : mas muita belleza vence as vulgaridades.

Para aquelles que pensão, é Victor Hugo um dos primeiros professores, na universidade dos espiritos superiores que dirigem e ensinão a humanidade. Em suas obras, procura levantar os que estão abatidos, consolar os que soffrem.

Com os olhos sempre attentos, e a imaginação sempre acordada, não deixa escapar os bellos themas que vê pelo mundo. Faz bons livros, e como diz Castilho, não tendo mais no mundo á quem vencer, todos os annos excede-se á si mesmo com obras cada vez mais bellas. Prega o culto da familia, o trabalho, o amor, a virtude, é cheio de ensinamento e de verdade. Tem ternura universal

a toda creatura como se vê dos versos magnificos, que são preces.

Para aquelles que pensão, que vivem vida de espirito, para os quaes a familia são os grandes escriptores, Chateaubriand, Lamartine, Goethe, Byron, Longfellow, Herculano, etc. etc., no meio das quaes passão o maior tempo de sua vida, V. Hugo é um grande poéta e pensador.

Tem obras sublimes. Primeiramente as poesias !

Que bellesa, e que grandesa !

Cantos do Crepusculo, Folhas do Outono, (de que gosto sobre todas) quasi tudo de Hugo é bello. Os romances são ainda uma marcha ao progresso.

Como Lamartine, e Musset, deo-nos seo sangue e suas lagrimas. Acharam elles as formulas para as nossas crenças ; cantaram os amores, duvidas, e esperanças.

Os versos de Hugo vem de cima. — Deos está presente — A prece para todos — Para os pobres — são poesias sublimes — o que ha de melhor no mundo. Não são de um francez, são do homem. Não tem nacionalidade ; pertencem a humanidade.

O. FEULLET

De todas as obras deste author — Historia de Sybylla, Conde de Camors, Julia Træceur, é a — Historia de um moço pobre — a unica que me agrada.

Todas as mais tem algum senão, falsa sensibilidade, e falsa moral. O moço pobre é lindo, nobre, bem acabado. Li-o, e reli-o muitas vezes, e de começo ao fim acho-o escripto com penna de diamante, e com tinta do coração.

Aprezenta quadros riquissimos, descreve bem a natureza, aquella grande e montanhoza Bretanha, com suas vistas pittorescas, com seus vastos horizontes, suas torres seculares, seu cahir do sol brilhante! Os dois heróes são tambem bellos, um tanto refinados mesmo de belleza, com uma civilização por demais apurada. Maximo, o moço pobre, tem taes heroismos, que entendo exagerados, que passão o termo.

Que elle se atire da torre, para salvar a sua honra e a de Margarida, acho muito bonito; mas que rasgue o testamento do velho Laroque, só por que este testamento o faz herdeiro de metade da fortuna de Margarida,

que assim viria a partilhar com elle, sendo então possivel o cazamento pela igualdade de fortuna, despedaçar este documento de que devia ser fiel depozitario, só para não fazer corar duas senhoras, é muito complicar e subtilizar o sentimento da honra, que é simples e natural. Amando a Margarida com extremos de amor, não devia procurar todos os meios de alcançal-a ? Mas perdôa-se pela nobreza de sentimenios de ambos, pelo amor, e pelo bem descripto da luta do amor com a honra.

As outras personagens tambem são muito bem descriptas, muito naturaes e dignas, excepto Betvallan e Mlle. Helouin, que formão o fundo do quadro. No começo,a briga da menina Helena, com Lucia, que termina pela offerta do pão, cauza da briga, que Helena entrega a Maximo para dar ao primeiro pobre, e que este, roido por fome de dias, comeo só, em sua mansarda, com lagrimas de desespero, é uma scena tocante, faz chorar. A scena da torre é bella tambem, e aquelle salto de trinta pés, feito em momento de loucura e amor sublime. E' dos poucos romances francezes que elevão a alma, que são quentes de enthusiasmo e nobreza. E' pena que nos outros mostre tanta leviandade,tanta

falta de sentimento moral, tanto francezismo.

H. MURGER

E' o romancista do estudante. E' excellente sobre tudo para pintar a vida de estudantes, e da costureira, o interior de sua caza tão pobre e nua, tão cheia dos amores e de folguedos proprios da idade.

Murger é tristonho : a sua alegria é passageira : a tristeza longa. Tem as vezes uma grossa rizada, não um rizo, velada sempre por uma nevoa de tristeza, que paira em tudo como triste recordação, deixando entrar derrepente passageiro e rapido clarão de alegria. E' sua alma cercada sempre por esta nevoa de melancolia.

Murger escreve bem, com muito sentimento. De certo a sua cabeça não produzio estes romances sem dores de coração : os seus dedos não escreverão o que os seus olhos não virão. Quazi se póde affirmar que elle sentio, vio, soffreo, tudo que escreve, que seus livros são a fotografia da sua mocidade.

Nellas ha muitas vezes o accento, a expressão da verdade que não engana. E' romancista dos sentimentos intimos, não é inventor de complicados enredos. Com tres e quatro personagens, elles nos entretem completamente.

Tem alguns defeitos os seus heróes, como a inclinação pelo suicidio, e pela ociozidade. Algum tanto imitadores de René, e Oberman, quem sabe se estes forão seus inspiradores? E' o poéta da mancebia.

Poetiza-a, aprezenta-a tão bella, que dá aos moços desejos de encontrar aquellas bellas raparigas que tanto amor votão ao seu homem, que são capazes de morrer por elle.

Pinta ridiçulo o çazamento, e como só possivel o amor com a ligação illicita. Eu entendo que já que quer só pintar a realidade da vida, já que nada quer idealizar, tambem não devia esconder as molestias e dores fizicas que vem a soffrer os estudantes nessas ligações illicitas em que estragão sua saude.

Não prima pela nobreza e belleza de sentimentos, por bonitas descripções, novidade de situações: prima pela ternura de affectos. Podendo commover, a nada mais attende,

não se importando de endeuzar o proprio vicio. Quer elle interessar, arrancar lagrimas, ainda que falte a verdade, e falsie a pureza de sentimentos e costumes.

MICHELET

Um dos escritores francezes que mais aprecio é Michelet. Reune a uma boa intelligencia uma grande bondade. Tudo examina com seu grande entendimento, e seu nobre coração. Até quando trata do passaro, desse amigo do homem. O seu livro — L'oiseau— é um hymno de louvor ao passaro, pela victoria diaria do filho da vida e da luz sobre as trevas e a morte, sobre a natureza tenebroza e assassina. O passaro apodera-se de insectos, de serpentes, de todas as especies de couzas perigozas e immundas, para tornar a natureza habitavel para o homem.

Considera o passaro em relação a si mesmo, e um pouco em relação ao homem, e sobre este motivo espraía-se bellamente.

E' a obra escripta sobre o passaro com mais sensibilidade, delicadeza, e encanto. Ao lel-a, quer se conhecer os passarinhos,

e fazer-lhes bem. E' capaz de tirar a arma das mãos do caçador,que se lembrar de suas paginas inspiradas.

Depois do —Passaro— li —O Amor — de Michelet.

E' outro pequeno volume, de que gostei muitissimo.

Quente de lagrimas, brilhante de estillo, cheio de nobres emoções, de profundos pensamentos, é rico de verdade e bondade. Trata da mulher (porque tratando do amor, devia tratar da mulher) desde a Virgindade, até a Viuvez, e a Morte.

Mostra a mulher desprezada pela Igreja, que a julga impura, e lhe prefere de muito o celibato : maltratada pela Lei, que a entrega como uma coiza, e a pune, como uma pessoa : abandonada pela Familia, que as mais das vezes a considera um fardo, que cede ao primeiro que se apprezenta. Michelet se enternece por esse anjo decahido, para quem vimos a ser educadores, paes, marido, Deos, e patria. A sua obra é digna do titulo, é um idyllio, de amor, e um poema dos trabalhos do cazamento. Feliz o que liberta uma mulher, porque se liberta de quatro escravidões diz elle.

Tem ardentes confissões de amor de moço: e fortes dedicações de um marido velho. Sua leitura melhora o coração, eleva a intelligencia. Aqui está o coração da mulher, vazado, e purificado, deixando ver suas preciozidades, e tambem algumas impurezas que contém.

—No Insecto—Michelet ainda maior se revella. Torna este assumpto tão esteril o mais ameno que é possivel.

Se elle visse os insectos do Brazil, se podesse estudar nossa explendida natureza e pintar com a magica penna que possue, seria sublime.

Alguns o achão que suas theorias são cheias de concessões, seu estyllo cheio de arabescos. Discutindo uma these, esgota-a até a saciedade, diluindo-a, em um oceano de palavras. Quer mais mostrar a grande erudicção do que instruir, proclamando uma verdade que encontrou. E', na opinião desses, um vaidozo da litteratura, que exaltado pela monomania, do orgulho, tornou este em delirio constante.

Eu não acho razão neste modo de ver. Tem observações muito justas, e muita coragem em acceitar suas consequencias.

Pouco lhe importa atacar um preconceito recebido ou deffender uma opinião condemnada, contanto que esteja convencido que defenda a verdade. Seu estyllo, é na verdade delicado, tenue, miudo ; dá sensação de estar-se vendo deslizar um regato sobre areia : mas a agua é pura, e a areia é de diamante !

Se entra em pormenores, e minucias, que cheirão a erudicção, a desejo de mostrar-se, não o faz por vaidade.

Elle quer seguir todas as idéas, publical-as todas como lhe vem á mente.

Podia deixar algumas, sem nada perder de sua riqueza.

Obedece por demais a grande imaginação; mas encanta-me de tal maneira que o não posso censurar.

Tem palavras destacadas, idéas que nascem incidentemente de outras, como pedras soltas que se faz saltar tocando nas vizinhas, que me encantão, como toda a obra delle, ou seja o — Insecto — em que esteve minuciozo, e mimozo, ou o — Passaro — em que voou e cantou como a calhandra, ou o — Amor — em que amou como a mulher sabe amar.

— A sua obra — Sorciere — acho inferior. Se não fosse prohibida, talvez não tivesse cinco edicções. E' provavel que, o despotismo

e corrupção que o cercavão no tempo do imperio de Napoleão 3º, o irritasse, e fizesse ver as couzas debaixo de falso ponto de vista. Não se concebe de outra maneira como faz de um argueiro um cavalleiro,como acceita o principio que tudo se faz as avessas do bem, que é o mal que domina o mundo.

Houve, ha,e hade haver a feiticeira,mas não poderoza, não grande,não rainha do mundo.

O que elle conta que soffreu atravez dos seculos a mulher, tambem se póde applicar ao plebeu, que a custo de mil soffrimentos foi ganhando a liberdade.

A irritação nos corações bem formados, produz isso : a corrupção da França napoleonica de tal maneira azedou-lhe o espirito, que elle perde a lucidez costumada, e prorrompe em açoites aos que governão.

A—Sorciere— dava muitos artigos para se bater os ultramontanos, pois mostra a grandeza e decadencia das superstições andarem juntas com a ignorancia a primeira, e com a illustração a decadencia das superstições. Mostra a caridade de frade estupido, excommungando,e desejando queimar os magicos, e feiticeiros; e a caridade dos Herman, e outros, manifestando-se em ricas dadivas a pobreza em todas as partes que vão.

Hoje a caridade do homem illustrado abre as crianças, corta defunctos, não por feitiçaria e maldade, mas por uma caridade superior a fradesca, para fazer bem aos vivos. O homem anda com botas de mais de 7 leguas por horas, conversa com outro feiticeiro além do oceano, e guarda o raio no seu quarto. Todo o progresso, toda a descoberta, era ao começo um crime. A medicina então era o verdadeiro satanismo, punido com a fogueira.

Pobre humanidade! Não pódes avançar, sem esmagar teus irmãos?! Não pódes caminhar sem odiar, só com o amor?

Li varias outras obras deste escriptor,—O Mar— e outras; mas rapidamente, sem demorar-me. Em todas é o mesmo homem.

Não muda de suas opiniões. E' um apostolo das mais adiantadas idéas.

Se no começo é fervente catholico,e depois se torna inimigo dos ultramontanos, não é que seja contradictorio.

No começo a influencia da mulher, de que diz sentir em si a sympathia pelo passado, a saudoza lembrança dos que se forão, e o sangue, as idéas, e os gestos, e traços de sua

mãe, a influencia do berço o fez muito religiozo. Mais tarde, a leitura, maior conhecimento e desenvolvimento, o ver quantos males o fanatismo tem feito, não só a civilização, como sobretudo a religião, fez Michelet escrever contra o jesuitismo. Se faz seu filho aprender o cathecismo, e acredita que padre ultramontanos embrutecem a intelligencia de 30 milhões de francezes, não é isto contradictorio, como querem concluir seus inimigos. Todo o homem sensato conhece o mal que fizerão e estão fazendo os retrogrados, com suas idéas dos seculos passados e o elevar-se contra ellas, conservando a religão de nossos paes, não é contradicção. Se este é o erro de Michelet, é erro em que cahem muitos e que mostra apenas a sua boa fé e sentimentos religiozos.

Michelet tem finissima comprehensão da natureza e da arte. Quasi se identifica com o que quer descrever : comprehende perfeitamente, porque ama verdadeiramente.

Era o escriptor, cuja vinda ao Brazil mais resultados traria. Como não se havia de impressionar pela nossa natureza. Como a não descreveria bellamente. Quantas bellezas não revellaria !

Se elle pudesse ver os lindos insectos que pullulão nos nossos mattos, que paginas brilhantes não teriamos! Os escarabeus, com tão enormes chifres, que encontrão os de diante, com os de detraz: os corculionides, vestidos de verde, e de deslumbrantes matizes, como os buprestis, e entimus: os copris, que são rinocerontes, microscopicos, verdes: os aerocionus, com suas antenas compridas, cobertos de cores lindas, riscados, amarellos, de vestuarios riquissimos são gigantes em comparação de outros insectos.

Temos vistas tão lindas! Praias cobertas de borboletas de todas as côres e tamanhos! Ilhas cobertas dos passaros mais bellos e exquisitos! Scenas cheias de grandeza e magestade! Grutas cheias de mimos com que embeber a attenção de um Michelet por muitos annos.

Michelet è um Pelletan, com o coração de mulher: mais miudo, passando horas e dias a examinar um insecto, um passaro, o mar, o amor.

E' que elle ama, e com o amor comprehende.

Amar é comprehender.

Porisso tem tão lucida e extraordinaria intelligencia.

Dotado de uma organização nervoza, e delicada, recebia todas as impressões do exterior, e modelava-se por ellas. Embebia-se tanto no sentir, amar, e estudar a natureza, que a achava, ora compassiva, ora desdenhoza, nunca indifferente.

Comprehendia tanto o passaro, o insecto, a montanha, o urso, a balêa, queria penetrar no seo interior, que dava aos animaes e até a natureza inanimada qualidades, e sentir que não poderião ter.

Dar emoções a seres que não tem, é uma falta de gosto, devida a grande imaginação, e admira em quem tão bem sabe pintar a natureza, achar o epitheto mais apropriado, ameigar as cores por demais vivas, e esclarecer tão bem pontos obscuros. Suas palavras são tiradas do coração, e algumas, como as relativas á mulher, são eternas, são revelações do que ha de mais secreto e verdadeiro no coração humano.

Sua —Historia da França— faz amar esta terra generoza, que sacrificou-se pela liberdade. As obras diversas, sobre —Passaro, Mulher, Amor, fazem amar a especie humana, e o homem que examina com tanto

amor, e minucioza analyze no que temos de mais recondito.

Reunindo-se em um volume os bellos trechos que tem no Amor, Mulher, Passaro, e Historia da França, feita esta escolha com discernimento e sympathia, podião tornar esse volume o mais attrativo, e proprio as moças e a todo o coração bem formado.

GUSTAVO PLANCHE

Aprecio Planche e Taine, sobre todos os criticos francezes.

Sainte-Beuve é pouco firme em suas opiniões, que são sempre cobertas de nevoas.

Philarete-Chasles tem muita imaginação, muita graça e chiste; mas é diffuzo, palavrozo; divaga, passêa pelas nuvens, de sorte que aquelle que o lê, desvia delle a attenção bem vezes.

Planche tem bazes firmes, consciencia de si e grande profundeza.

Ph. Chasles não critica uma por uma as bellezas e manchas de uma obra: nota os traços largos o que Planche analyza methodicamente. Ambos são excellentes.

Levo horas para ler algumas paginas de Planche, que me absorve de todo a attenção, como Taine, o que entendo um signal de que são tão profundos, que obrigão a intelligencia a andar passo á passo nos difficeis caminhos em que nos guiam.

Aprecio tanto a estes dous criticos francezes como o inglez Maccaulay.

ALFREDO DE MUSSET

Foi Alfredo de Musset um dos maiores poétas da França.

E' um verdadeiro poéta francez.

Tem o gosto, espirito, e clareza do francez, sem a leviandade, e falsidade, tão em moda hoje. Este é sincero, mostra-se tal qual é, com suas duvidas e desesperos: é o coração que falla nelle. Tem erros, tem falta de ideal moral, as vezes: mas confessa-o, conta o que sente, desmuda-se tal qual é. E' independente, tem o genio da liberdade. Bate o falso sentimentalismo,os chorões, os amantes de lagos, e cascatellas.

Não uza de enchimentos e prolixidades, tão communs nas naturezas poucos originaes.

E' elle original. Seo copo é pequeno, mas só bebe em seo copo, diz elle e com razão.

A sombra de pensamentos, o abuso das imagens, a falta de idéas e de moral, constitue hoje grande parte da litteratura franceza.

Para as naturezas inferiores, é a poezia uma harpa eolia que dá o som do vento que passa, o murmurar da agua que corre.

Seus versos, bem como o sopro da briza, e o murmurio da corrente, nada exprimem, não tem pensamentos, nem idéas precizas.

Porisso, quando encontramos um verdadeiro poéta, uma dessas naturezas grandiozas, e humanas, a nossa alma se dilata, busca-as com avidez, e irmana-se com ella.

Alfredo de Musset é o coração humano feito lyra, e cantando uma muzica que trouxe dos céus.

Desde a escolla, cheio de penetração, e enthusiasmo, vê-se aquella creança comprehender todos os estudos, amar tudo que é bello.

Como qualquer de nós, tambem Alfredo de Musset apreciou com delicias os romances de cavallaria. Tambem D. Quichote matou-lhe as illuzões e sede de sacrificios e cavalheirismos.

Timido como moça, ardente como um homem, seo coração aberto a ternura achou uma Dalila, que o esmagou.

Musset principiou com canções amorosas, e depois elevou-se a mais altas regiões do sentimento.

Tomarão-o alguns, até Lamartine, por um rapaz extravagante, e não derão valor á aquelles cantos tristes, julgando-o um sceptico, licencioso, repetidor de Byron. As proprias—Noites—não forão bem comprehendidas se não por algumas almas escolhidas, e só hoje se póde bem avaliar. Hoje é o poéta da mocidade, o favorito da França. Ou chore, lamentando o dia de hontem, ou ria-se sem motivo maior, sempre inquieto, e nervozo, como criança amimada, que soffre o pezo de uma grande alma, como o ociozo, afflicto com o peso de um grande genio, é elle sempre poéta, que faz amigos os que o leem, que não se envolve com véos e mostra-se tal qual é, com suas pequenhezas e grandezas, que sente-se de um nada, e que tem sêde do infinito.

Sobre Deus, amor, mulher, sonhos, diz idéas novas; é mystico as vezes; as vezes colerico, blasfemador; sempre verdadeiro no traduzir o seo sentimento.

Nunca a lyra foi mais eloquente do que entre suas mãos. Não diz banalidades: só diz o que sente. Faltou-lhe uma verdadeira amiga, uma mulher que o amasse.

Ao lel-o, fica-se amigo daquelle nobre coração, tão amante e tão infeliz, daquella alma que procura com affan uma esperança e só encontra a duvida, e o desespero! Oh! solidão! Oh! pobreza, exclama elle vendo-se tão só e como criança que quer que a afaguem, elle diz que só a muza o ama.

As—Noites,—Lucila,—Carta a Lamartine, —Stancias a Malibran,—Uma conquista amorosa—Souvenirs,—Jacques Rolla—são obras sublimes.

Se se reunisse em um volume as suas tristezas daria para um banquete proprio ao o coração desolado.

O amor é a nota mais poderoza do seo talento.

Alfredo de Musset é a mocidade, com o espirito sempre acordado, pairando nas mais altas regiões, e o corpo preso á terra adorando a belleza que passa, os caprichos que vem; agitada de um lado para outro pelas idéas generozas, e nobres e pelas paixões proprias da idade juvenil.

O amor é sempre sentido nelle.

Ninguem estuda melhor, e cava mais profundamente a mina do sentimento, da paixão, e do ciume. Os 2 volumes de versos são sua melhor obra. Frederico e Bernerethe, e algumas novellas e comedias são bonitinhas. Mas as Noites—são sua obra prima. E' sublime nas Noites. Na—Noite de Maio—a musa convida o poéta a cantar, consola-o mostrando que os cantos mais desesperados são os cantos mais bellos. E' um drama, que se passa entre o poéta e a musa, e em lingua alguma acho cousa superior.

O canto da Noite de Maio—é um soluço, e tão bello que um grande poéta, Longfellow, se apropria do pensamento que, quando se soffre, se deve augmentar a ferida, para nos tornarmos grandes, porque as dores são santas, e o gozo não é o fim da vida. O grito de dor de Muset será repetido em quanto se souber a lingua franceza. Na—Noite de Agosto —o poéta ainda está desesperado. Ama e não quer ser consolado : ama e quer chorar.

Nada quer saber da vida, da gloria e grandezas. Quer amar, e por um beijo da querida daria seo genio !

Na noite de Outubro—o poéta se julga curado, e volta a consolar-se com a musa ; mas

ao fallar da amada, e ao recordar os soffrimentos, reabre-se a ferida, irrita-se, e a dor o faz prorromper em brados de colera e maldicção. A musa procura então consolal-o, mostra-lhe os preceitos da mais alta philosophia e contem sua paixão, mostrando que a dor é a mestra do homem, que os golpes que rasgaram-lhe o coração, extrahiram deste um balsamo para allivio da humanidade. Na—Noite de Dezembro—as lagrimas, com quanto ainda amargas, são mais contidas, tem alguma doçura.

Nas primeiras obras de Musset, ve-se o desespero e scepticismo, que são as faltas de seo bello talento. Nos ultimos poemas já o poéta é outro ; a dor o fez pensar e alevantar os olhos ao céo. Não é mais o sedento de prazer, o enervado pela vida licenciosa de Paris: é o homem que soffre, e volta o pensamento—a Deus. A esperança o visita, e contra sua vontade, adora a suprema Bondade e reconhece que o trabalho é obrigação do homem.

Alfredo de Muset é a França.

Resume seos soffrimentos, e duvidas.

Ama, e uma mulher sem alma faz desesperar e perder a fé. Ama,e a leviana o engana.

Se é verdade que essa mulher foi Georg Sand, tem ella dobrada culpa. Perverteo a França com seos romances, matou Musset com o seo dezamor. Não censurem a este as palavras de descrença.

E' a dor, o desespero que o faz disel-as. Muito soffre, com a dor de ser traido pela querida.

De que lhe serverião dóra avante a gloria, o dinheiro, se só as queria, para ser digno della? Como guardar os nobres sentimentos, se o coração estalára? Onde então guardal-os? Não mais precisava delles, a casa cahira em ruinas, e elle as arremessava para longe, como trastes inuteis! Descrê de tudo no momento de desespero! Descre daquelle, que suppoem distribuir injustamente as dores e prazeres, e sómente dar o coração para ter o praser de magoal-o!

Descrê de Deus que mostra seu poder, espalhando a desordem e soffrimento sobre a terra. Descrê do amor, descrê da mulher, e de toda a sua raça sem alma! Bella estatua, mulher sem alma, como se póde crer nas tuas irmans, se a mais perfeita sabe trahir? Vergonha sobre ti, que lhe ensinaste que a perfidia se esconde em rosto angelico! Quando se lembra della é para invectival-a, dirigir-lhe

os nomes mais afrontosos, e a todas as mulheres, que julga inferiores a ella ainda! Arrancou-lhe ella do coração a arvore da vida, e se por momentos elle foi um descrido, é por sua culpa. Sobre sua cabeça recahe parte do peso de seos desvarios.

Ninguem melhor que Musset sabe exprimir as agonias do fulminado do amor, do homem abandonado—E' que o coração se lhe arrebentára com a dor.

Foi uma pena que se quebrasse aquelle grande coração: mas a humanidade ganhou, pois pôde ver em seo interior uma das mais perfeitas obras do creador. Pôde ver despedaçado, gotejando sangue e lagrima aquella urna cheia de amor, que arrebentára deixando vivo aquelle homem que estava morto moralmente pelos maltratos daquella mulher, aquelle cadaver que viveo depois como um automato.

Onde ouvira Musset a cantiga brazileira—

Tu me chamas tua vida
Eu tua alma quero ser
Porque a vida acaba logo
A alma não póde morrer.

Como ouviria a doce cantiga?

Como aquelle bello pensamento foi tocar o coração do poéta? O certo é que elle a conheceo, e tanto a apreciava, que a chamava divina.

Musset encanta-nos, quando trata deste velho assumpto do amor, tratado desde o começo do mundo.

E' preciso ser um Gonçalves Dias, um Heine, um Byron, para dizer couzas novas, para encantar, fallando sobre este velho thema. E' que Musset é um poéta, um grande poéta.

INGLESES

Tem os ingleses uma das melhores, se não a melhor litteratura do globo.

Todas as litteraturas tem épocas de grandesa, e decadencia : todãs forão tributarias umas das outras, as veses mestras, outras discipulas : todas pediram, e deram de emprestimo as suas melhores producções, de tal sorte se mesclando, que é difficil desgregar hoje a parte especial de cada povo.

Mas nem um povo teve uma tão longa e não interrompida duração de cultura intellectual, e pelo dilatado praso, nem um teve tão distinctos escriptores.

A Italia foi a mestra da Europa : logo, porém, decahio e só agora vae retomando alguma virilidade.

A Peninsula Iberica teve uma época tão brilhante quanto effemera ; e só ha poucos annos é que parece ir voltando a si.

A Allemanha principiou muito mais tarde, e se dá mostras de vir a sobrepujar a todas,

não póde entretanto entrar em parallelo com a inglesa a sua litteratura.

A França é a unica que póde entrar em competencia com a Inglaterra, e me parece estar-lhe superior em riquesa.

Mas, se attendermos sómente á originalidade do genio e ao poder do pensamento, a França deve ceder a palma á sua poderosa visinha.

A França, generosa, creio ter tido mais acção sobre a civilisação e libertação do espirito humano que a sua rival, á qual deo parte de sua lingua, quinze mil dos trinta e oito mil vocabulos, de que se compoem a lingua inglesa.

Possue a litteratura inglesa os altos horisontes da epopêa, as largas vistas da historia, o lirismo da poesia, as lagrimas da elegia, os masculos accentos do drama, a exactidão das viagens, e o humour da fantasia.

E' rica, em todos os generos, no romance, sciencia, poesia, drama, poêma, viagem, &c, &c.

Tem o estillo nobre e o vulgar.

Pilherias da anedocta, seriedade da historia, movimento, liberdade, jocosidade, temeridades, e originalidade; tudo que póde acudir ao pensamento, e expresso como acodem as

idéas, naturalmente, sem as affectações e ornatos rhetoricos que tanto enjoão.

O estudo do inglez devia ser tão completo entre nós como é o do francez. Devia ser obrigatorio saber-se o inglez tão correntemente como o francez. Não basta saber tradusir. Deve-se saber tão bem, que não se ache custo, antes gosto em lel-o.

Os mestres, porém, só adoptão, e só ensinão pelos authores francezes. Poucos sabem tradusir mal o inglez, que tem entretanto melhor litteratura actualmente.

A Inglaterra, abandonada pelos Romanos, ficou habitada pelos Saxões, que conservaram seos habitos, e idéas. Não se misturaram estes, como os Germanos da Italia, Gallia e Hespanha, com os Romanos que ficaram; antes tractaram como escravos, aos poucos que não se retiraram.

A civilisação da Idade Media é feita pelos francos e descendentes de Romanos : são restos da antiga civilisação, melhorada. Hoje os Germanos da Allemanha e Inglaterra dirigem a civilisação com os restos da civilisação franca aperfeiçoada.

Nada se perde. O mundo progride sempre.

Hoje o Germanico ou teutonico toma das

mãos do latino o archote da civilisação, a que se julga com mais direito.

De facto, ha muito o teutonico caminha na frente. Sou latino ; morreria, se podesse, defendendo Paris : mas a verdade me obriga a dizer que o teutonico enxerga mais longe, e tem mais amor a liberdade.

O latino, á primeira vista, parece muito superior ao teutonico. Tem o espirito mais acordado, mais rapidez nos actos,maior grandeza exterior com menor trabalho. O teutonico é lento, trabalhador, e tendo um maior thesouro, não o faz luzir tanto.

O latino só tem um campeão capaz de medir-se com o teutonico, e é o francez. Mas o francez não tem a força de vontade teutonica, antes de tal modo se adapta as idéas e costumes do povo no meio do qual vive, que as adopta, tornando-se selvagens quasi, no meio dos indios americanos.

Os inglezes não se casam com os indios, e não cedem uma linha de suas idéas e conducta, em contacto com qualquer raça.

O teutonico é mais firme em suas idéas, emquanto o fundo do caracter latino é a opposição. Apezar de defender uma idéa, é o primeiro a zombar della.

O teutonico reflecte muito : cada um quer

ter seu modo de pensar : o latino não reflecte tanto e prefere seguir opiniões estudadas.

O teutonico tem mais religião, mais respeito á moral, e amor aos nossos semelhantes.

O latino não tem o fundo religioso do teutonico, tomando isso em parte do contacto romano.

Ao teutonico devemos o melhoramento das communas, pois as vemos viver e desenvolver-se entre os tentonicos, e definhar e morrer entre os latinos.

Os inglezes, que são o typo do teutonico, fazem sua propaganda, tomando conta da terra, e creando inglezes : os francezes fazem-a com a espada e a penna.

A dos inglezes produz os americanos : a dos francezes grandes nomes.

Os inglezes tem muitas possessões em que se falla chim, hespanhol, ou francez : não ha possessões de outra nação, em que se falle o inglez.

O francez não sabe ter e conservar colonias.

O teutonico não precisa de tantos soldados porque o povo se alevanta quando é necessario, e com alguns mil homens sabe conter a China com seus milhões de habitantes.

O latino, mesmo sem guerra, conserva

grandes exercitos, que são sua maior fonte de dispesas.

O teutonico não precisa de tantas cadêas tambem, por que a eschola arraza a cadêa, e é a eschola a sua maior fonte de dispesa.

O teutonico quando apparece na politica, é representando uma idéa : todos a tem, como os antigos cavalleiros tinham sua dama, pela qual morriam.

O latino tem-a. Mas trahe-a com mais facilidade, e a occulta ou renega, para sobresahir, como Napoleão.

O teutonico é tão pouco vaidoso que apresenta muitos escriptores que só são conhecidos pelo pseudonimo, como Psalmanazar, etc. etc.

Entre os latinos encontram-se poucos pseudonimos.

O teutonico é mais pensador e triste : o latino mais descuidado e alegre.

Os inglezes riem menos que os francezes. Por isso mesmo tem os humoristas que melhor excitão o riso, que é ali mais difficil.

O teutonico tem o corpo maior, mais robusto, qualidades mais viris : o latino tem o corpo mais agil,e bello, o caracter mais descuidado, o genio mais alegre e qualidades mais femininas.

Como aquelle bello pensamento foi tocar o coração do poéta? O certo é que elle a conheceo, e tanto a apreciava, que a chamava divina.

Musset encanta-nos, quando trata deste velho assumpto do amor, tratado desde o começo do mundo.

E' preciso ser um Gonçalves Dias, um Heine, um Byron, para dizer couzas novas, para encantar, fallando sobre este velho thema. E' que Musset é um poéta, um grande poéta.

INGLESES

Tem os ingleses uma das melhores, se não a melhor litteratura do globo.

Todas as litteraturas tem épocas de grandesa, e decadencia : todãs forão tributarias umas das outras, as veses mestras, outras discipulas : todas pediram, e deram de emprestimo as suas melhores producções, de tal sorte se mesclando, que é difficil desgregar hoje a parte especial de cada povo.

Mas nem um povo teve uma tão longa e não interrompida duração de cultura intellectual, e pelo dilatado praso, nem um teve tão distinctos escriptores.

A Italia foi a mestra da Europa : logo, porém, decahio e só agora vae retomando alguma virilidade.

A Peninsula Iberica teve uma época tão brilhante quanto effemera ; e só ha poucos annos é que parece ir voltando a si.

A Allemanha principiou muito mais tarde, e se dá mostras de vir a sobrepujar a todas,

não póde entretanto entrar em parallelo com a inglesa a sua litteratura.

A França é a unica que póde entrar em competencia com a Inglaterra, e me parece estar-lhe superior em riquesa.

Mas, se attendermos sómente á originalidade do genio e ao poder do pensamento, a França deve ceder a palma á sua poderosa visinha.

A França, generosa, creio ter tido mais acção sobre a civilisação e libertação do espirito humano que a sua rival, á qual deo parte de sua lingua, quinze mil dos trinta e oito mil vocabulos, de que se compoem a lingua inglesa.

Possue a litteratura inglesa os altos horisontes da epopêa, as largas vistas da historia, o lirismo da poesia, as lagrimas da elegia, os masculos accentos do drama, a exactidão das viagens, e o humour da fantasia.

E' rica, em todos os generos, no romance, sciencia, poesia, drama, poêma, viagem, &c, &c.

Tem o estillo nobre e o vulgar.

Pilherias da anedocta, seriedade da historia, movimento, liberdade, jocosidade, temeridades, e originalidade; tudo que póde acudir ao pensamento, e expresso como acodem as

idéas, naturalmente, sem as affectações e ornatos rhetoricos que tanto enjoão.

O estudo do inglez devia ser tão completo entre nós como é o do francez. Devia ser obrigatorio saber-se o inglez tão correntemente como o francez. Não basta saber tradusir. Deve-se saber tão bem, que não se ache custo, antes gosto em lel-o.

Os mestres, porém, só adoptão, e só ensinão pelos authores francezes. Poucos sabem tradusir mal o inglez, que tem entretanto melhor litteratura actualmente.

A Inglaterra, abandonada pelos Romanos, ficou habitada pelos Saxões, que conservaram seos habitos, e idéas. Não se misturaram estes, como os Germanos da Italia, Gallia e Hespanha, com os Romanos que ficaram; antes tractaram como escravos, aos poucos que não se retiraram.

A civilisação da Idade Media é feita pelos francos e descendentes de Romanos : são restos da antiga civilisação, melhorada. Hoje os Germanos da Allemanha e Inglaterra dirigem a civilisação com os restos da civilisação franca aperfeiçoada.

Nada se perde. O mundo progride sempre.

Hoje o Germanico ou teutonico toma das

mãos do latino o archote da civilisação, a que se julga com mais direito.

De facto, ha muito o teutonico caminha na frente. Sou latino ; morreria, se podesse, defendendo Paris : mas a verdade me obriga a dizer que o teutonico enxerga mais longe, e tem mais amor a liberdade.

O latino, á primeira vista, parece muito superior ao teutonico. Tem o espirito mais acordado, mais rapidez nos actos,maior grandeza exterior com menor trabalho. O teutonico é lento, trabalhador, e tendo um maior thesouro, não o faz luzir tanto.

O latino só tem um campeão capaz de medir-se com o teutonico, e é o francez. Mas o francez não tem a força de vontade teutonica, antes de tal modo se adapta as idéas e costumes do povo no meio do qual vive, que as adopta, tornando-se selvagens quasi, no meio dos indios americanos.

Os inglezes não se casam com os indios, e não cedem uma linha de suas idéas e conducta, em contacto com qualquer raça.

O teutonico é mais firme em suas idéas, emquanto o fundo do caracter latino é a opposição. Apezar de defender uma idéa, é o primeiro a zombar della.

O teutonico reflecte muito : cada um quer

ter seu modo de pensar : o latino não reflecte tanto e prefere seguir opiniões estudadas.

O teutonico tem mais religião, mais respeito á moral, e amor aos nossos semelhantes.

O latino não tem o fundo religioso do teutonico, tomando isso em parte do contacto romano.

Ao teutonico devemos o melhoramento das communas, pois as vemos viver e desenvolver-se entre os tentonicos, e definhar e morrer entre os latinos.

Os inglezes, que são o typo do teutonico, fazem sua propaganda, tomando conta da terra, e creando inglezes : os francezes fazem-a com a espada e a penna.

A dos inglezes produz os americanos : a dos francezes grandes nomes.

Os inglezes tem muitas possessões em que se falla chim, hespanhol, ou francez : não ha possessões de outra nação, em que se falle o iuglez.

O francez não sabe ter e conservar colonias.

O teutonico não precisa de tantos soldados porque o povo se alevanta quando é necessario, e com alguns mil homens sabe conter a China com seus milhões de habitantes.

O latino, mesmo sem guerra, conserva

grandes exercitos, que são sua maior fonte de dispesas.

O teutonico não precisa de tantas cadêas tambem, por que a eschola arraza a cadêa, e é a eschola a sua maior fonte de dispesa.

O teutonico quando apparece na politica, é representando uma idéa : todos a tem, como os antigos cavalleiros tinham sua dama, pela qual morriam.

O latino tem-a. Mas trahe-a com mais facilidade, e a occulta ou renega, para sobresahir, como Napoleão.

O teutonico é tão pouco vaidoso que apresenta muitos escriptores que só são conhecidos pelo pseudonimo, como Psalmanazar, etc. etc.

Entre os latinos encontram-se poucos pseudonimos.

O teutonico é mais pensador e triste : o latino mais descuidado e alegre.

Os inglezes riem menos que os francezes. Por isso mesmo tem os humoristas que melhor excitão o riso, que é ali mais difficil.

O teutonico tem o corpo maior, mais robusto, qualidades mais viris : o latino tem o corpo mais agil,e bello, o caracter mais descuidado, o genio mais alegre e qualidades mais femininas.

O francez escreve o que lhe vem á mente : não esperdiça a sombra de uma idéa : tudo que cahe na peneira serve ao marisqueiro, que está longe do teutonico que lança o que é pequeno e baixo. O francez quer sobre tudo o effeito theatral, o espirito e graça. O teutonio quer sobre tudo a exactidão, ainda com prejuiso da bellesa.

A critica em França é mais escravisada á arte : em Inglaterra á moral.

O latino tem mais rhetorica, melhor estylo, mais dom de instruir : o teutonico mais idéas e factos, mais dom de observar.

A litteratura francesa endeusa o vicio, os sentimentos falsos, a fingida sensibilidade, em quanto a germanica conserva-se verdadeira e nobre.

A palavra do latino sahe dos labios, e a do teutonico parte do coração.

O latino exercita-se para esmagar o seu contrario. O teutonico para ser forte, para andar bem, subir montanhas, lutar com a naturesa, prestar serviços aos semelhantes. Por isso prefere a gymnastica, emquanto o latino gosta mais do exercicio das armas.

O latino combate pela gloria.

O teutonico pelo interesse, conforme diz o seu Benthan.

O francez combate pelo equilibrio europeu na Crimea, e pela unidade da Italia contra a Austria.

O prussiano para apoderar-se do Shleswig, ou pela preponderancia na Allemanha, ou pela Alsacia e Lorena.

Os latinos querem a apparencia da força: os germanicos a sua realidade.

A preocupação do germanico é a verdade: —a do latino a belleza: — do latino é o ridiculo: e do germanico a falsidade. O grande vicio dos germanicos é a bebedice: o dos latinos é o dos jogos de azar.

Os estrangeiros que visitão os germanicos não tem muitos divertimentos: mas aprendem e melhorão: os que vão a França, gosão, divertem-se, mas voltão vaidosos, cheios de seus defeitos, sem ganhar sua polidez, elegancia, e vivacidade.

Os francezes querem sobretudo divertir e commover com seos romances; os germanicos querem analisar, instruir, acordar pensamentos, e sentimentos, desenvolver thezes e moralisar.

Os germanicos tem sobre tudo a preocupação da idéa, do pensamento; os latinos da forma, do estillo. O estillo do germanico é descuidado, pois entendem que se o homem

tem condicções profundas, se sua alma é occupada por pensamentos sérios, se ama o bem, e publica a verdade sem ser por interesse sómente, seos pensamentos sempre tem de ser bellos.

Não se importão com a habilidade de apresentar bellas formas, com tanto que estejão em face do sublime.

O latino não offende as conveniencias; emquanto os germanicos entendem que o fim da poesia é fazer sentir o heroismo, ainda que não seja bello, os latinos entendem que o destino do homem é a belleza, ainda que não seja heroica.

No drama, o latino quer acção, desenvolvimento e movimento dramatico. O germanico quer o desenvolvimento dos caracteres e situações.

O latino quer acção e paixão, infancia da arte.

O germanico prefere o estudo e reflexão, que demandão espiritos mais cultos e adiantados.

O latino produz Calderon, e o germanico Shakspeare.

O latino quer que uma bella idéa tenha sempre um bello vestuario, e seja uma bonita frase.

O germanico não olha tanto para a forma como para o fundo da idéa, que é todo o seo cuidado.

O estillo do latino é um moço vestido de pompa e gala, que vendo-se trajado, com toda a louçania e primor da moda, entende tudo possuir, e não lhe ser preciso ostentar grandes idéas, e pensamentos.

Todo cheio, de si julgando-se o apogeo da civilização, mira-se com gozo e complacencia.

O estilo do germanico é um homem bem vestido. Está bem na reunião familiar; não dá na vista se entrar no palacio do rei.

Elle não se veste para mostrar-se, e sim porque precisa dizer as idéas que possue. Nem podia deixar de dizel-as, pois a convicção que tem nellas é tal que teria um grande desespero, se as não externasse. O que a cabeça pensou, e o coração sentio, elle o diz, e com palavras chans, porque entende que a rhetorica retumbante é propria dos homens e povos decadentes.

Elle vale por si; não pelo exterior.

Pelletam diz que todos podem ter o pensamento, mas não o bello estillo para os exprimir; que uma obra sem estillo é uma moça sem dote.

Entendo que Pelletam não tem razão, e

que é mais difficil ter a idéa do que vestil-a: acho mais difficil e raro encontrar-se o talento que faz apparecer as filhas do pensamento do que a habilidade que sabe reflectir e embelesar as idéas de outrem. Se os francezes sabem melhor dotar e vestir as filhas do pensamento, os allemães sabem tel-as em maior numero.

As idéas dos francezes vem sobretudo da convivencia, do choque da conversação que é viva scintillante; as idéas dos germanicos vem da meditação solitaria.

Em Londres, as portas conservão-se fechadas; a maior peça da casa é a interior, que contém a reunião da familia.

Em Paris, a porta da rua vive aberta; o sallão é a maior peça, aquella em que se recebem visitas.

Em França, reinão os sallões.

Para isso, é precizo paz, luxo, tranquilidade, gosto pela sociedade feminina, que dirige o salão: a mulher é a companheira do homem.

Em Inglaterra reina o gabinete. A mulher é a metade do homem.

O estudo do gabinete exige maior altura intellectual, não admitte improvisações e vulgaridades da conversação. O ga-

binete, como sól do espirito, me parece mais favoravel do que o salão.

Exige o estudo, o livro, que cada idéa tenha seo accento, com toda exactidão: e cada fraze seja um documento que fixe no papel o movimento do coração e dos sentidos. Se não ha exactidão, torna-se uma obra sem valor. Deve ter mais pensamento do que vivacidade e espirito.

No sallão, a conversação tem por thema as novidades, benevolencias e malevolencias do proximo, frivolidades, ephemerides, e futilidades pela maior parte, galanteios, observações de baile, saptisfacções da vaidade. Demanda um estillo leve e claro, palavras que exprimão as finas conversações do baile. O espirito é ali o rei e deve tornear a frase de modo a agradar aos presentes.

O estudo do gabinete não se occupa com isso. Demanda maior attenção, reflexão e trabalho. Exige palavras que exprimão as gradações do pensamento, termos exactos que não acordem impressões improprias, frazes que apresentem as idéas de modo a se gravarem na memoria.

O gabinete exige razão clara, sustentada por bella imaginação. emquanto o salão exige delicadeza, elegancia, espirito e viveza.

Na Inglaterra a mulher fundio-se no homem; nem se falla nella: é a sua metade; e o mesmo acontece na Allemanha.

Os francezes censurão os costumes allemães.

Pelo que se vê do estudo de alguns mais imparciaes, e dos de inglezes, como o que foi feito pela distincta ingleza, que no—German home life—fez para a Allemanha o que Taine fisera para a Inglaterra, a vida alleman aproxima-se muito mais da ingleza do que da franceza.

Ha muito mais união e vida domestica na Allemanha do que em França.

Não tem ella o conforto, riqueza e bom gosto que reina em França; mas é isto compensado por inumeras vantagens.

A senhora alleman preside a todo o arranjo domestico, quando ella mesma não cosinha: não tem em casa o chic francez, e a casquilharia: é defferente para com os homens, não recebendo sua corte, o que os francezes extranhão pensando impossivel passar uma senhora sem ella: ama, e respeita seo marido, ao qual limita seo mundo: depois de mãe, dedica-se e vive só para os filhos.

A senhora alleman que tem filhos, julga-se velha, não procura mais exhibir toilettes;

ella envergonhar-se-hia se seguisse os costumes francezes, que o proprio Renan censura. Os inglezes, e allemães tem costumes serios. Até os actores por costumes irreprehensiveis, procurão se tornar dignos de terem entrada nas casas de familia.

Censurão os francezes o dominio exagerado do homem, e a obediencia da mulher.

Logo que existe amor, que é esta obediencia voluntaria, e traz tanta união, e vida no lar, antes este mal do que a vida solta, e separada que faz tanto diminuir os casamentos e nascimentos em França.

As inglezas e allemans são fieis. As excepções são rarissimas, e ficão sempre mal vistas pela opinião publica.

Os inglezes são de poucas palavras. Não conversão sobre amores irregulares, que considerão uma fraqueza; delles antes se envergonhão. Quasi não ha loureiras, nem lorettes: ou são canalhas; ou senhoras. Até seus romances não tratão das transviadas e podem em geral ser lidos por moças.

Na Inglaterra, casar, é dar-se de todo. O amor é exclasivo, é um sentimento de alma pura.

A ingleza tem para com os hospedes a benevolencia, e affabilidade. Não tem este tino

da franceza, de fazer crer a cada convidado que liga especial importancia á sua estada em seo salão.

A franceza tem o tacto de logo se accommodar com os homens e as cousas.

A delicadeza franceza é exterior: pagão um agrado com outro. A ingleza é cordial: andão, procurão servir, encommodão-se por aquelle que lhes é apresentado. Taine fez um estudo perfeito, comparando o modo de viver em França e Inglaterra.

Muitas observações que Stael fizéra em relação a Allemanha, fez elle tambem, o que mostra a quasi identidade que ha entre Allemães e Inglezes. Entre essas observações de Taine, notei a que faz elle, de dirigirem-se os francezes pela honra, que é um sentimento arbitrario, e os Inglezes pelo sentimento do dever, que é dictado pela consciencia.

A vida na Inglaterra é mais rustica, mais dada a exercicios, do que em França: dahi sua paixão pelos cavallos, creação e vida campesina.

Nos collegios, primeiro cuidão do corpo, depois do espirito. A educação os faz lutadores, e athletas: endurecem seu corpo,

tornão-se sportmens. As proprias senhoras andão mais em um dia do que a franceza em um mez, e a romana em um anno.

Os divertimentos nacionaes são athleticos, a caça, a equitação, e os exercicios gymnasticos. Para cem Gordon Cumming, ha um Julio Gerard: Para um caçador que apresenta a França, a Inglaterra apresenta cem heroicos caçadores.

Ha entre todos os germanicos, (Inglezes, Americanos e Allemães) grande gosto pelos exercicios athleticos. Todo o homem procura ser forte, para sustentar sua dignidade, servir aos seus semelhantes, viajar, galgar montanhas, ser homem emfim.

Entre os latinos, são muitos raros os jogos athleticos: dos italianos, hespanhoes, portuguezes, e francezes, só estes ultimos tem algum exercicio physico, algum gosto pela gymnastica, e mais pelos jogos de espada e florete. Ha em Paris mais casas em que se aprende a jogar florete do que em toda a Inglaterra, Allemanha, e America.

Em compensação, os Inglezes, Americanos, e Allemães tem muito maior numero de casas em que se aprende gymnastica, a que dão algumas horas do dia, sendo tão obriga-

torio o exercicio physico como o intellectual.

Os jogos da espada, e florete dão a apparencia da força: os athleticos dão a sua realidade.

Esta obrigatoriedade do ensino corporeo, torna os germanicos mais homens do que os latinos.

Não se tornão espadachins promptos a atravessarem com o florete á aquelle que não tem uma opinião igual á sua; mas tem mais robusteza, podem andar mais, servir melhor á si e aos seus semelhantes. Andão tanto, fazem taes prodigios de força, que o que é para elles um prazer, é para o latino uma façanha admiravel.

As Universidades collocadas em cidades pequenas, são muito menos sugeitas que Paris é tentações que pervertem os moços, que são melhor conhecidos e vigiados.

A metade dos estudantes são puros, tem melhor saude, e o espirito ganha com a saude do corpo.

Não são redusidos á vida sedentaria e cerebral, sem o contrapeso dos exercicios corporeos.

Nas grandes cidades, as distracções, os cafés, os theatros, e pagodes, tomão grande parte do tempo do estudante.

Além disso, as commodidades do incognito, de passar desconhecido, em uma grande cidade, levão os estudantes a tentações, e fraquezas sendo a opinião muito mais indulgente para com ellas em França do que em Inglaterra.

A vida mais cheia de exercicios, é mais regular, os sentidos se amortecem, a imaginação acalma-se tambem.

Em Inglaterra ha mais rudesa, havendo seguidamente soccos pelas ruas.

Em França, a vida é mais simples, menos occupada de commodidades incommodas. Os francezes, aos 25 annos, já tem seus systemas, e idéas feitas. Depois, só tem de encaixar nelles as aberrações e idéas novas.

Em Inglaterra são empiricos: sabem por ver e observar.

Na Inglaterra contentão-se com o fundo util: em França exige-se a forma agradavel.

A constituição de um Estado é cousa organica como a de um individuo. Depende das idéas, habitos, caracter, condições das

classes, das posições, e sentimentos reciprocos. São muito differentes as destes dous Estados.

As francezas pouco ou nada leem a Biblia.

Vão á igreja os velhos, o povo baixo e as criadas.

Em Inglaterra não se gosta dos bailes como em França e frequentão muito a Igreja.

As mulheres, além de amar muito aos filhos e aos maridos, são caseiras. A mulher ingleza de tal maneira funde sua existencia, com a do homem, que se torna sua metade, não podendo delle separar-se.

Em França a mulher não se identifica com o marido, não se confundem as existencias, não é elle seo unico amor e goso.

Em França não são desconsideradas como devem as mulheres que errão e os homens que fazem profissão de seductores.

Em Inglaterra são despresadas e os cavalheiros andantes do vicio são bem causticados, e sem prestigio.

Os modos e conversações dos francezes tem por fim tornar mais levianas as francezas, e dar-lhes essa viveza, que nós chamamos de rato, que elles julgão espirito. Todo o

cuidado da ingleza é que seo bom modo não degenere em frivolidade, e conserve-se ella seria e digna senhora.

As affectações, modos estudados, manejos, agrados, futilidades, e habitos ociosos das francezas, não são do gosto da ingleza, que vive occupada, em sua casa.

Menos sociaveis, e delicados que os francezes, os inglezes tem a razão mais pratica, o espirito mais moral, e serio que o francez.

Os inglezes, para fazerem os seos seguir o bom caminho da virtude e religião, provarão, com calculos, a toda a evidencia, que é melhor negocio ser homem de bem, do que velhaco.

Os francezes, para mostrar seu espirito, e talento, serão capazes de defender o vicio e zombar de tudo que ha digno de respeito.

Zombão os francezes dos inglezes, dizendo que estes fazem seos personagens representarem uma virtude ou um vicio, são homens idéas.

Mas que remedio, se ali imbuem-se de uma idéa de modo a representa-la ?

Que remedio senão fazer Tartufos se pelas memorias de Stuart-Mill, e outros, vemos que fazem retratos ?

Os francezes achão os inglezes pesados, enjoativos, pedantes, manufacturas de moral: mas é porque não querem ir ao fundo das questões, e ver que se são diffusos as vezes, é por convencimento e sinceridade.

O estylo do francez é como um galgo, que as vezes vai certeiro e segura a caça, bem como seo estylo pinta bellamente o objecto.

O estylo do inglez, é como um bom veadeiro, que de pegada em pegada, vai catando os rastos, até dar com a caça.

Quando a idéa está a vista e alcance de todos, o estylo francez serve: logo, porém, que a idéa esconde-se, e não está ao geral alcance, é preciso o estylo inglez que, como um cão de faro, vá pelo rasto, em toda a parte, até apanhar a idéa que se occulta.

O inglez cahe as vezes, e resvala do proposito: mas alevanta-se e o confessa: o francez escorrega tão ligeira e lindamente que acha aquillo bonito, e resvala depois a todo momento.

Os francezes, sobre conjecturas, dão como certos, factos duvidosos, emquanto os inglezes são mais leaes, e não torcem a historia em beneficio de uma theoria.

O que os francezes dizem, é bonito e bem dito : o que os inglezes dizem ás vezes é feio, mas é o que se devia dizer, é o que resalta exactamente do objecto. Os inglezes não são rhetoricos, pintão quadros, situações, idéas e sentimentos. Os francezes fazem obras litterarias, poeticas, e artisticas.

Os inglezes sentem, e escrevem debaixo dessa acção ; viajão, estudão, descrevem impressões que sentiram.

Os francezes que viajão, de ordinario são illetrados, não escrevem ; ou se o fazem, são despresados na terra em que se faz tanto caso do estylo. Dão as suas impressões ao litterato, ao rhetorico, que anda colhendo impressões alheias para as traduzir, e que arranjão, concertão rhetoricamente os enthusiasmos, emoções, sentimentos, prosa, e verso, de sorte a ficar na ultima moda, no gosto do dia, para apparecer em publico. Sem isto, não se produz effeito entre os francezes.

Os inglezes só se movem por emoções religiosas, moraes, profundas : não por meio de phrases e amplificações rhetoricas.

Na Inglaterra, a maioria dos escriptores tem tido uma vida aventureira, cheia de

peripecias, viagens, e incidentes importantes. Conhecem o mundo, são homens praticos.

Em França, o escriptor é quasi sempre um litterato, que conhece o mundo pelos livros. A Inglaterra é o traço de ligação que reune a França á Allemanha, ou como dizia Imbert Gallois em 1825, que liga o real ao ideal. A obra franceza estuda sobretudo nos livros o que tem de escrever : é como se estudasse a anatomia sobre a cera ou sobre o papel.

A obra ingleza, estuda directamente sobre o corpo, que desvenda e disseca minuciosamente.

Os francezes vivem a mirar-se no espelho, em perpetua admiração de si mesmos. Pouco sahem da terra, não viajão, não aprendem linguas estrangeiras, não estudão seus costumes.

E' tanta a geral vaidade, que quando não podem satisfazel-a, e desvelal-a por outro modo, procurão o diario e banal insenso do cabelleireiro.

O senso moral, em Inglaterra, da consciencia publica passou para o mundo litterario : a frivolidade franceza, do publico passou aos litteratos.

A grande arte, a esthetica do francez, é a pintura de um ponto de vista alto e indifferente: a do inglez é a moral e verdade.

A argumentação ingleza é um socco de inglez que cahe certeiro, e esmaga.

A franceza, é um florete, que dá brilhantes golpes, insinua-se por differentes partes, não se sabendo de antemão onde vai ter aquella brilhante e versatil arma.

Em França, a vida intellectual está atacada em sua fonte, sobretudo pela falta de sinceridade e verdade.

Veio a Reforma para a raça germanica, e a Renascença para a latina.

Bem como o christianismo entranhou-se mais nos Barbaros, a reforma religiosa foi mais profunda nos povos que então estavam mais barbaros. Foi providencial que a religião christã cahisse nos corações puros dos barbaros: se se conservasse nos dos gregos e latinos, a semente santa não vingava, pois elles foram sempre os homens abjectos do baixo imperio, apesar da religião.

A Renascença deo aos latinos o gosto de estudos, progresso intellectual, material e industrial: não chegou até a consciencia.

Nos germanicos foi até a consciencia, tocou-os profundamente.

Nos latinos foi uma reforma mais superficial, comquanto mais brilhante.

Os catholicos individualmente procuraram emendar-se, melhorar, tender ao progresso. Mas a côrte de Roma continuou no obscurantismo, só protegêo os retrogrados, tornou exterior a reforma, affastou ou esmagou os contrarios, impoz absurdos, mostrando em tudo que não acceitava a civilisação que Deus fez vir ao mundo. A falta de renascença moral nos espiritos fez as perseguições e fogueiras, que tanto incremento derão a Reforma, e deo o gosto dos praseres, da força, do successo, da belleza exterior, da forma.

Obscuratisando o espirito, mataram a intelligencia, ficando os latinos inferiores aos germanicos.

Os germanicos tem a consciencia aperfeiçoada, e della vem o sentimento do dever, e delle ainda o brio, e coragem militar. Nelson, e Wellington cumprem um dever.

Os latinos tem o sentimentos de honra, e gloria, que é a vaidade exaltada, que lhe dá o brio, a coragem guerreira, o desejo de apparecer.

Napoleão, e Ney amão sobretudo a gloria; è ella que os alevanta.

Os germanicos procurão agradar ao seo juiz, que é a consciencia.

Os latinos, tendo em seo favor a opinião dos outros, estão contentes, emquanto os germanicos não se importão com a opinião, comtanto que estejão em paz com a consciencia. Os actos dos latinos visão ao applauso geral: os dos germanicos ao proprio.

Os germanicos tem vistas mais largas: os latinos mais gosto para analyses.

A profundidade germanica tempera a frivolidade franceza, e o gosto francez corrige os excessos germanicos.

Não se póde negar o enfraquecimento progressivo em que vae cahindo a litteratura franceza.

Os proprios criticos francezes dizem que o romance se tornou anedoctico.

A chaga incuravel está na natureza moral, na imaginação pervertida, nos gostos viciosos, e baixos.

Dizem os francezes que taes obscenidades que se imputa a Pariz, só são obscenas em outras partes e não em Pariz, que conserva medida até nas mais escrabrosas ousadias.

Eu não sei como se póde ousar mais do que vi em Pariz; mulheres representarem quasi

nuas, diserem palavras indecentes, sublinhados pelos gestos e posições mais indecorosas.

Não ha duvida que se forem allemães e inglezes repetir as suas scenas, estas chocarão mais pelo modo tezo e naturalmente serio do germanico, que contrasta com o leviano do francez: mas nem por ser representado por este, deixa de ser obsceno o que de facto o é.

Nada direi dos escriptores inglezes desde Chaucer, Spenser, Bacon, Surrey, (o Petrarca inglez) Ben Jonshon (o Moliere inglez) Shakspeare (o espelho do coração humano, o magico que tres seculos depois, de apparecer, ainda é melhor apreciado e comprehendido) Bunyan, (o caldereiro ignorante, cujas Viagem do Peregrino foi tradusida em todas as linguas e as edicções se contão por milhares) Milton (o vidente poeta do Paraiso Perdido) Dryden, Wicherly, Otway, Addisson, Swift. De Foe (author de Robinson Crusoe, obra essensialmente ingleza, que valle tanto como descobertas de terras e ilhas, que é tão moral como a Biblia, e mais comprehensivel, por que vê-se o homem, só, vencer a natureza, subjugal-a, e levantando os olhos a Suprema Bondade, adora-la) Richardson, author de Clarissa Harlowe, Fielding, Smollet, Sterne, Goldsmith (creador do Vigario de Wakefield,

(tão bello e tão simples, que tão bem cumpre os seos deveres, santifica os actos mais importantes da vida, e prega a moral com o exemplo) Pope, Prior, Gay, Tompson, Robert Burns, Cowper, Lambb, Coleridge, Southey, Moore, Wordsworth, Walter Scott (que encantou o mundo com as descripções, imaginação, pinturas de caracteres, situações, scenas, e aventuras da idade media, e allia a exactidão da chronica, a grandesa da historia e o interesse do romance) e—Byron, C. Sheridan, Dickens, Tackeray, Maccaulay, Carlyle, Stuart-Mill, Tennyson, Bronte, Bulwer, Elliot, etc. etc.

Como para a litteratura franceza, só fallarei daquelles que mais conheço, e aprecio, daquelles que me deixaram impressões. Não farei longos estudos sobre muitos: apenas de alguns darei a minuta da impressão que me produsiram, e que tomo logo que sinto. Deixarei Walter Scott, e outros e só fallarei de Byron, Maccaulay, Dickens, e Tackeray.

BYRON

Byron foi do seo seculo. Descreo com elle, censurou padres, insultou a aristocracia, admirou Voltaire e Napoleão.

Sempre altivo, irritado, agitado por internas tempestades, foi sempre o poéta do seo tempo, aquelle que melhor o representa. Goethe conhece e descreve bem o coração humano: Byron sabe exprimir sómente as suas violencias e tristezas. Byron é dramaturgo: Goethe é pintor. Goethe em uma obra dedicada a elle, o diz o primeiro poeta do seculo. Neste seculo, ha genios talvez iguaes a Goethe. Mas não creio que hajão outros que ao seo grande talento, juntem a sua lucidez e esclarecimentos em todas as materias.

Byron é um poéta sublime, porém tem poucas cordas em sua lyra. E' monotono.

Seos personagens são a reproducção de um só, sempre triste, sempre ironico, que é elle mesmo.

Byron é o unico poéta inglez cujo nome se adjectivou para designar certos sentimentos e modos de proceder.

Diz-se byronico, como se diria homerico ou dantesco, para designar aquelles que são tristes, scepticos, mysantropos.

Censurão Byron pela sua excessiva ironia e descrença. Entretanto foi Byron um dos homens que teve crenças, que por ellas soffreo, que desesperou, desejando o mundo

melhor, querendo a regeneração da humanidade. Seo caracter, seos defeitos e vicios, e sobre tudo a ociosidade, é que causaram a sua desgraça e o fiserão tão mal visto pela sociedade ingleza. E' preciso á injustiça alliar a má fé para se o dizer um monstro, um homem sem principios, e sem coração. Não se póde crer nas calumnias levantadas contra elle. Tinha uma natureza excepcional, de grande poéta, escrava muitas vezes dos sentidos. As irregularidades de sua vida, seos vicios mesmo, achão uma natural explicação no seo defeito de coxear, na amargura que elle lhe causava, no seo orgulho, na luta que teve contra a sociedade, na injustiça com que o julgavão, e sobre tudo na ociosidade em que não se tem bastante insistido.

Elle, o ultimo exemplar de uma geração de aventureiros normandos que tinha em si os vicios e virtudes da sua raça conquistadora e feroz, gente de sacco e de corda, tinha necessidade de luta, e teria melhorado com o trabalho.

Se tivesse de ganhar o pão com o suor do seo rosto seria bem melhor. O trabalho o teria arrancado da ociosidade, teria occupado suas poderosas faculdades, e obrigado a cuidar em outras cousas que não a satisfacção de suas

paixões, e continua contemplação dos seos soffrimentos reaes e imaginarios.

Torna-se egoista pela ociosidade, e falta de educação moral. Desleixado em sua mocidade, criado sem pae, por uma mãe que parecia as vezes louca, desprezado em seo primeiro amor, contrariado em seo casamento por nma mulher vulgar, e soberba e pela critica, duramente açoutado em seos primeiros versos, e pelos seos concidadãos, em todas os seos passos, Byron embebeo-se cada vez mais em suas amarguras, e desespero, arredou-se dos homens envolveo-se cada vez mais em seo manto de tristeza e desespero, entranhando-se em uma vida irregular.

Na moralisada Inglaterra, aquelles que se comportão mal, são repellidos sem appellação, ainda que se chamem Byron, e Shelley, ainda que sejão os maiores homens do seo tempo. Se querem ser maus, cubrão-se com o manto da virtude; sejão hypocritas, se não podem ser homens de bem.

Zombem os francezes embalde da Inglaterra; embalde, que não podem igualal-a em virtudes, bons costumes, riqueza, força, e ntelligencia.

Eu sinto os soffrimentos de Byron: mas não censuro a dureza da Inglaterra.

Disse com razão Byron a Sra. Mercer—que se tivesse tido a felicidade de casar-se com uma mulher como ella, não teria de exilar-se.

Foi elle ferido e maltratado pelas mulheres: Thereza Guiccioli poz um balsamo sobre as feridas e elle agradeceo-lhe fervorosamente.

Pelo exemplo da Guiccioli, que não era mulher superior, antes vulgar, ve-se que o coração do poeta o que precisava era de amor, para regenerar-se e elevar-se.

Ao contacto da Guiccioly, Byron torna-se outro, ama, tem fé, regenera-se. Byron agradeceu o seu amor com toda a effusão de um coração amante. E' que os poétas tem a natureza das sensitivas.

Ninguem melhor que Byron sabe pintar a belleza da mulher, a ponto de se a reconhecer entre mil: ninguem pinta melhor a natureza, bella mesmo na tempestade; e o mar com as ondas azues, limpas, e perfumadas do mar Jonio.

Alguns maldizem Byron como um descrente, sem religião e sem amor: outros o elevão como um dos primeiros poétas que tem existido. Eu acompanho estes ultimos. Entendo que foi um grande poéta e um homem infeliz.

Achão Byron descrente; mas não veem que é de desespero, ao ver o mundo caminhar tão mal? Ha em suas zombarias mais fé do que em muitos outros que não são tão mal olhados, e que não derão, como elle, a vida pela liberdade.

A sua morte aos 36 annos, mostrou bem a belleza de sua fisionomia moral que tão mal interpretada tem sido por aquelles que não comprehendem o que é o poéta, e querem fazel-o simelhante aos outros homens, esquecidos de que se assim fossem, não teriam sua organisação especial, sensivel, e irritavel.

E' preciso collocarmonos no seu lugar, tomarmos suas idéas e sentimentos,para bem os comprehender.

E' este o motivo de muitos escriptores não serem entendidos.

Se não empregarmos esse meio, Byrom fica inexplicavel, monstruoso.

Aquelle que teve a desdita de amar e ser despresado, aquelle que vive irritado contra a servidão e despotismo, que reinão a despeito de sua vontade, aquelle que tem amarguras superiores as suas forças e leva vida ociosa e cheia de gozos materiaes, esse póde bem comprehender Byrom.

Byron é para ser lido na solidão e tempestades da vida, não no remanso e socego.

Então se o entende e aprecia; não parece elle então nem louco nem mau.

Byron tinha tão sensivel coração que, em menino vendo um outro soffrer forte castigo, atira-se aos pés dos verdugos para que sobre elle descarreguem suas iras.

Vendo seu cão atacado de hydrofobia, trata-o com todo o carinho, com grande perigo de ser mordido, e consagra-lhe um epitaphio depois de morto.

Regenerado pelo amor correspondido, fez excellentes obras, e deo a fortuna e a vida pela causa de um povo.

Ah! se ha muitos que sabem enchergar defeitos em Byron, se ha muitos que sabem repetir as suas loucuras, poucos, bem poucos, saberão dar sua vida por uma idéa nobre, poucos saberão fazer de sua morte a resurreição de um povo!

MACCAULAY

Só li os Ensaios criticos e historicos.

São bellos. Tão bellos que o Sr. Torres Homem apropriou-se de um trecho, que é um dos mais perfeitos do Timandro.

Maccaulay é uma figura sympathica. Pobre, occupou uma das mais altas pozições na rica Inglaterra. Coherente e digno, nunca renegou suas crenças nem pronunciou palavras que fossem contra ellas.

Era uma grande intelligencia, e uma memoria rara. Lia tão ligeiro uma pagina quanto era o tempo em que um outro a volvia, e tão prodigioza era a memoria que repetia livros inteiros, sem a menor omissão.

Taine espanta-se que Maccaulay julgue a historia do seo paiz com calor, e paixão, e que cada conceito,cada julgamento seja acompanhado de taes testemunhos e documentos, que não deixão a menor duvida. Pois queria que avançasse levianamente uma propozição, sem provas, como uma fantazia?

Maccaulay tinha odio á geometria, e irritava-se em moço com o quererem fazel-o uma taboa de logarithmos, uma personificação da algebra. E' que seo espirito essencialmente pratico, não se accomodava com as verdades puras da algebra e geometria.

Seo espirito é essencialmente inglez. Tudo trata debaixo de um ponto de vista pratico, nada de especulativo.

Sua clara intelligencia, sua forte dialecta, sua poderoza memoria, seo talento oratorio,

seo amor á justiça, tornão os seos—Ensaios —uma das melhores obras que existem naquelle genero.

Suas biografias, e criticas, antes são opiniões do que retratos. Mas tem tal reunião de factos, noticias, anedoctas, digressões, que tornão uteis, e attractivos seus Ensaios como uma pequena bibliotheca.

Tudo trata de uma maneira pratica. Traz das regiões metafizicas, e poem ao alcance de todo o mundo. Torna a verdade tão accessivel a todos, com provas tiradas da vida commum; tem tanto bom senso, argumentos tão palpaveis, razão tão pratica, que vulgariza as mais altas verdades, deixando convencidos os proprios adversarios.

E' uma bella intelligencia, que os inglezes souberão aproveitar, elevando-o ás mais altas posições. A pratiça Inglaterra faz muito cazo das letras, e em vez de difficuldade, servem ellas de accesso para os mais altos cargos do governo.

Disraeli, com o romance, alcançou a reputação, o lugar de ministro e o pariato. Lord Manners, poéta é ministro.

Lord Hougton é poéta e escriptor, como Maccaulay.

DICKENS

E' um grande romancista.

Dickens patenteou os pontos fracos das instituições inglezas e nem por isso se revoltaram contra elle. Irritar-se porque se critica, póde dar-se com um homem ignorante, ou em estado atrazado, como Roma e Turquia: mas com um homem illustrado, e na Inglaterra, não se dá isso.

Dikens falla contra os poderozos, contra os maus, e pozitivistas, que olhão seccamente para tudo, que só cuidão do dinheiro e materialidades, e falla a favor dos pobres e dos pequenos: dos pobres que não são sempre vis, que tambem tem coração, as vezes tão bom como os melhores: dos pequenos, que não se ama como merecem, que fazem consistir toda a felicidade em amar, e só ouvem palavras seccas e amargas.

Dickens, com a sua sensibilidade de mulher, faz-nos ver quanta sensibilidade temos no coração, ao vermos uma criança maltratada, um pobre soffrer mizerias.

Faz-nos chorar, acorda a ternura pela intelligencia, que se embrutece, e pela sensibilidade que se offende.

Li de Dickens os Contos do Natal, Tempos Difficeis, David Copperfield, que é a sua obra prima. E' nesta tão minucioso, exacto, verdadeiro, que creio que muitas daquellas scenas são copiadas da sua vida ; tão reaes são, que parece se estar vendo-as.

—Os tempos difficeis é um bello romance. Procura nelle Dikens mostrar os inconvenientes do exagerado positivismo, que mata toda a imaginação e coração, para só seguir seccamente a razão.

Luiza Gradgrind queixa-se de nunca ter tido um divertimento. Ama ao seo irmão Thomaz, por que tem coração e precisa derramar em algum os thesouros de ternura que Deus ali depozitou. Seu irmão, Thomaz, á quem se educou em aperto exagerado, torna-se um hypocrita : não o deixaram cinco minutos com sigo mesmo, e torna-se incapaz de se governar : mataram-lhe a imaginação, fica-lhe a brutal sensualidade : ensinarão-o a só obedecer a razão, torna-se ladrão, e consola seo pae com a estatistica dos roubos.

Se neste romance os ricos são cheios de defeitos, os pobres são ricos de virtudes. Estevão é um typo. Não acceita o dinheiro que Luiza quer dar-lhe, e acceita emprestado 20$.

Ama immensamente Rachel : mas como esta é casada e a sua mulher deo em beber, perverteo-se, e pode fallar de Rachel, evita-a. Oh ! vós, utilitarios, cultivae nos pobres, em todos, em quanto é tempo, e tanto quanto puderdes, cultivae a graça da imaginação, a doçura das affeições naturaes, afim de ornar as existencias que precizão : senão, quando matardes o romance de sua alma, quando sua vida apparecer em toda a nudez, a realidade póde tomar a forma de um lobo devorador.

Luiza, da casa do seo pae não trouxera recordações. No fim do caminho encantado da imaginação, em que tantos milhares de crianças passão, não encontrara a razão, debaixo da fórma de benefica divindade, inclinando-se diante de outras não menos poderozas.

A razão se apresentára como tiranna,que faz comparecer suas victimas, de pés e mãos atadas, para ler sua conducta com seo olho sem olhar, para recolher com seo labio de gelo, os preceitos de uma sciencia insipida, os movimentos e medições reduzidos a vapor e a kilos. Procuraram seccar em seo peito as fontes que a natureza pozera dentro seo coração, e a tornaram triste e fraca para a luta da vida.

Taine diz—que os inglezes são traidores: que quando se pensa que se vae ao theatro, ou se lê um romance, acha-se a gente a ler um sermão, ou a ouvir uma predica. E' este dicto uma injustiça, escondida debaixo do riso de zombaria. São moraes porque está teso em sua natureza.

TACKERAY

Li muitos romances de Tackeray, Feira das Variedades. Pendennis, O livro dos Snobs, H. Esmond, Lindon &c. &c.

Tem religião, procura mostrar nossos defeitos e más qualidades, e aponta onde está o bem, a moral, e justiça. Parece tirar suas figuras dos inglezes de hoje. Zurze-os sem piedade, castigando suas faltas.

Os nobres inglezes que elle pinta são as mais das vezes bem ordinarios; orgulhosos, tolos, estupidos, e bebados: tem como honra em seo brazão de nobreza a mancha feita por um rei.

E' Tackeray um moralista. Dos seos romances podia se tirar muitos themas para sermões, e para satiras, ditos com força e violencia.

Os francezes não gostão nem do sermão nem da irritação. Querem elles o estudo de ponto de vista alto e indifferente, sem a menor preocupação de moral, o que é impossivel aos inglezes, porque estes tem religião, e esta já passounos costumes, o que vem a ser a moral.

Tackeray tem sempre um fim e é melhorar a sociedade ingleza.

Ou falle contra o espirito aristocratico, que traz divizões na familia, a desigualdade das heranças, a inveja dos filhos mais moços, a insolencia dos nobres, a compra de postos no exercito, a hypocrisia, os casamentos de conveniencia, o sacrificio das moças ; ou bata a perversão dos costumes, rebaixamento dos caracteres, secura do coração, tem elle sempre um fim moral.

Taine diz que esta constante preocupação de moral que dirige os escriptores inglezes faz mal a belleza de suas obras, e impede a pintura dos caracteres e a perfeição do todo. Acha que pintão vicios e virtudes e quer que o romancista desenhe como artista, explicando pelo genio, temperamento e natureza, e não por vicios e virtudes. Diz que as qualidades moraes não são o fundo do homem, cuja es-

sencia é o temperamento, paixões, attenções, imaginação &c.

Não acho razão.

Os francezes querem que se pinte tão bem um mendigo, que se diga ao terminar—que bello mendigo !—

Os inglezes o pintão tão exactamente. com toda a fealdade, que involuntariamente se diz —que feio mendigo !—

Uma estatua, uma obra da natureza ou da arte, se póde olhar com olhos de artista, com referencia ao sentimento do bello. Os actos, porém, a conducta, o modo de viver não se póde deixar de ver se são justos ou injustos, se estão em norma com o senso moral.

As mais das vezes não podemos separar o sentimento moral da pintura de um personagem: ou gostamos ou aborrecemos.

Ha sempre um grão de paixão, de sympathia ou antipathia.

O francez quer que se tenha sempre a sympathia, mesmo ao vicio, o que é difficil á virtude, e só possivel á indifferença. E se o poeta olha o mundo com essa indifferença, o que ficará para o vulgo ?

A moral é uma força incontestavel. E' a base da sociedade, forma grande parte do

nosso ser, governa as paixões, a attenção, imaginação, temperamento, fazendo muitas vezes a educação moral tornar-se prudente e ajuizado um moço que fôra assomado, e ardente.

Educa o mau e o faz bom. Se assim não fosse, devia-se tudo deixar á natureza, e perder-se toda a esperança de melhoramento no ser humano.

Se ella não melhorasse o homem, é que se deveria tudo attribuir a paixão e temperamento.

Quer elle que se tire retratos, que não se julgue.

Mas, como deixar de dizer o qne sentimos? Não devemos elevar a virtude e censurar o vicio, só porque é cousa muito vista, e se torna o escriptor enjoativo?

Compara a critica ingleza com o juizo final, em que desapparecem talentos e aptidões e só ficão peccadores e justos.

Não é tanto assim como querem os eternos cassuistas, que tudo tomão para thema de zombaria.

Estudando-se o caracter de um homem, examinando sua conducta, não podemos fazer separação da seriedade, honradez, e bons cos-

tumes que dirigem suas acções. Ainda que se explique pelo temperamento e paixões as cauzas de nossas acções, estas não podem deixar de ser boas ou mas.

A bondade e maldade não são palavras, que dependão do humor de quem pratica as acções ou de quem as julga. São verdades que tem sua raiz na consciencia, e que não se pódem negar.

Este modo de encarar indifferente só o pode fazer qnem não ama o bem.

No theatro do mundo, quando todos chegão armados, os homens de bem para combater o erro, os maus para o defender, devemos ficar indifferentes, a olhar a luta, e barulho, de longe, de ponto alto e sobranceiro, contando os irmãos que são feridos e morrem?

Quer Taine que se escreva á franceza, por amor do belle estillo, e arte sómente, sem a menor idéa de ensinamento?

Não! Este mundo não é um sonho de acordado, que se narra brincando, não é um bello quadro que se pinta por desfastio.

Não! Este mundo é um combate, e nós todos devemos ser os guerreiros da idéa.

Se bato uma idéa falsa, se censuro o que julgo mau, ahi vem a critica dizer-me — Fizeste mal em sahir das regiões dos sonhos,

em atacar os que vivem, em serdes inconveniente.

Oh! é preciso não querer sahir do mundo do devanêo, para não ver que é a fraze a traducção do interno pensamento, que não tem ella valor se não é a exacta reproducção da verdade.

Taine espanta-se do calor com que encaram as questões, como se fossem pessoaes, não podendo conservar-se indifferentes.

Conta que maltratão os que se comportão mal, expulsaram um actor, que tinha por amazia a mulher de um burguez, e diz que em França o gosto é outro!

Não ha duvida.

Mas o povo inglez appresenta-se muito superior ao francez, pelo que devemos antes seguir o seo gosto. Na Inglaterra, a moral trouxe o culto da familia que os zombadores francezes levão de galhofa, como tudo o mais.

Ha muitos defeitos na sociedade ingleza. Mas os espiritos generozos, Dickens, Tackeray, e outros, procurão trazer reforma, para impedir revoluções.

Querem a evolução da sociedade sem os choques continuos que ha entre os latinos.

Que importa que Tackeray transforme systematicamente a pintura dos costumes em

satira, se tem elle um fim moral, se com isso melhora a sociedade ingleza?

Tem as observações finas de um escriptor satirico, e as verdades moraes de um padre pregador.

Tem modos de encarar a vída muito particulares, seos.

Diz elle por exemplo que — ama-se, não porque o objecto seja digno de amor, mas por uma lei da natureza. Os cães tem febre typhoide de seis mezes á um anno: assim os homens amão porque chegou-lhes a molestia do amor, porque é uma lei da natureza.

De todos os romances de Tackeray, aquelle que mais aprecio é as — Memorias de Henrique Esmond —.

E' bello. Tem muita verdade e muito coração.

E' a historia do valente Esmond contada por elle mesmo.

Cheio de dedicação e ternura, cede elle seos titulos de marquez e chefe de familia, aos bons parentes que o tinhão tratado na menínice. Para agradar a linda Beatriz filha daquelle que beneficiára, vae á França, traz o pretendente á Inglaterra, e procura collocal-o no throno: mas o Stuart tenta seduzir

a amada Beatriz, é impedido, e abandonado pelos adherentes, perde a coroa, e Beatriz.

Esmond caza-se com a mãe da querida Beatriz, que fora seo primeiro amor, e que com a idade deixára para amar a Beatriz. E' um tanto repugnante este consorcio, tendo ha perto de dez annos amado a filha.

Tem, porém, bellezas que resgatão alguns senões, como o desgosto e morte do amor no coração de Esmond, ao ver quanto Beatriz era indigna delle, ella que se ia entregando ao pretendente! — Tem frazes bellas, como— A fortuda, boa ou má, não nos muda; só faz revellar os caracteres. O coração é um segredo para aquelle que o traz no peito—.

— A nação ingleza é a mais leal do mundo: que thesouros de lealdade os Stuart dissiparam e forão seos maiores inimigos!

Fallando do seo casamento com lady Castlewod, diz — A minha felicidade não se descreve com palavras: é de sua natureza sagrada e secreta. Não se póde fallar, por mais cheio que se esteja de reconhecimento, senão a Deus, e á cara creatnra, a mais pura, fiel, e terna das mulheres que foi concedida á um homem — Pensar nella, é louvar a Deus.

Taine, depois de passar em revista os principaes escriptores inglezes, compara Tenny-

son e Musset, concluindo pela superioridade de Musset.

Não acho justa a comparação de dous poéta tas desiguaes.

Entendo que Musset é um poéta de superior esphera, que sahe fóra da linha. Tennyson não se eleva tanto. Não fez obra nova. Acariciou e recompoz idéas de outros, como diz o mesmo Taine. Achou um bello vazo da Idade Media, e poz-se a bordar nelle finas pinturas, fez delle o copo em que bebe.

Musset tem um copo pequeno, mas é seo, e bebe nelle sómente.

Tennyson fez Maud, a pintura de um coração que amou e soffreo, com toda a força de Byron, e sem a sua falta de moralidade: mas vendo què não era bem acceita, poz-se a fazer — Idillios do Rei, e a Princeza — delicadas pinturas que lembram o Alhambra, e tudo que ha da mais perfeito e mimozo na arte.

Tennyson fez no genero de Musset — Locksley Hall, e Maud —.

Musset em todas as producções, poz seo cunho e sua alma.

Tennyson deo dous sublimes gritos de desespero, que só forão ouvidos pela illustrada Inglaterra, que os não apreciou.

Musset deo muitos e sublimes. e o grito das —Noites— echoou em todo o universo, o mundo todo o ouvio, e chorou, porque é mais que sublime, é divino.

Musset deve-se comparar com Byron, pois não tem em sua espicialidade superior no mundo.

ALLEMÃES

Depois de chafurdar-se no lodo, deve-se tomar prolongados e repetidos banhos.

Depois de ler-se os modernos francezes, deve-se purificar o espirito com a leitura de bons escriptores allemães e inglezes. Depois das Mulheres de fogo, Damas de Camellias, Rocamboles deve-se ler as boas obras de Goldsmith, Klopstok, Shiller, e Goethe.

Em França a intelligencia está pervertida em sua fonte.

A sinceridade para comsigo mesmo, que é a baze da moral, é tambem para Goethe, o fundamento do verdadeiro talento e a condicção do genio. A falta da sinceridade faz a decadencia das letras, em França, em que mal escondem o vazio do fundo com a belleza da forma.

Se os progressos nas sciencias, artes, e industria, devem servir a civilisação, é com a condição de serem moraes, de respeitarem e

ligarem-se ás noções de moral, de viverem na communhão de um typo religioso.

Aquillo que não eleva, rebaixa.

A civilisação consiste no desenvolvimento da moralidade e respeito que cada homem vota a si mesmo. Todo o homem tem a faculdade de se crear um ideal moral, aperfeiçoal-o, e seguil-o. Isso faz o homem, e isso fez a humanidade em sua marcha para a civilisação, com os seus ideaes religiosos, tanto mais toscos quanto mais no berço da humanidade e tanto mais perfeitos quanto mais adiantada a civilisação.

A humanidade se pode comparar com um homem que adora aquillo que reputa melhor. Adorou em começo pedras, animaes, typos de força, e de belleza, antes de vir ao mundo o homem-deus que descobrio-lhe a verdade e deu-lhe o ideal da justiça.

O ideal é o guia do homem, que pelo amor, o acompanha em sua marcha para o progresso.

A razão pode convencer, e um homem superior seguil-a, abraçando a verdade.

Mas a sciencia, só, nada faz. E' secca : não ama. Explica, não arrasta.

E' o coração que convence, e arrasta, e vai pelo mundo espalhando a verdade pelo amor.

A religião de Christo encarnou o ideal, ensinou as idéas mais adiantadas, e com a voz partida do coração, obrou milagres !

Christo, dizendo — Sêde perfeitos, como vosso pae celeste é perfeito, — propoz um ideal, que difficilmente poderá ser attingido.

Mas, dir-me-hão, a revelação existe sempre, e á todo o momento, da intelligencia divina para a humana, e a religião de Christo já ficou atrazada, com o desenvolvimento da humanidade.

Não vejo isso. O que vejo, e todos podem conhecer, é que falta muito ainda para chegarmos ao ideal de Christo. Entendo que a religião de Christo está ainda muito adiante da humanidade, que falta á esta muito para chegar aos principios de liberdade, igualdade, e fraternidade, pregados pelo divino mestre.

O homem, quanto mais alto é o seu ideal de justiça, bondade, e conhecimento, tanto mais perto está do nosso pae celeste, ao qual tende sempre approximar-se.

O allemão, entre os tres povos que tem dito cousas novas e verdadeiras sobre Deus, o homem, o mundo, é o que está mais sobranceiro, o que alcança mais com a intelligencia, a aguia humana que paira mais alto e encherga mais longe.

De facto, as qualidades que constituem a raça superior, actividade, juizo recto, e caridade, o allemão possue-as todas, tanto como o inglez, e mais do que o francez, que não tem a sua rectidão de juizo.

E' o povo que contem os maiores poétas, os que melhor comprehendem a poesia. Não existe na Allemanha Molliere, e Walter Scott. Mas, tem poétas lyricos, como nenhuma outra nação.

Poéta é aquelle que tem o sentimento do ideal, que comprehende a vida, encarada debaixo de ponto de vista nobre e bello, alma da arte. Poeta é o que vê as realidades prosaicas do mundo debaixo de aspecto novo e brilhante. Poéta é aquelle que tira das miserias da vida o que ha de bello e bom, deixando de lado o que não pode ser transfigurado, e levado ao palacio da arte, com uma figura condigna della. E' preciso que sahia de junto do borralho, onde está escondida, a

gata borralheira, e que appareça, como princeza que é, no palacio da arte, radiante de vida e belleza.

O allemão, das realidades prosaicas da existencia, não aproveita senão o que pode ser transfigurado pela arte.

Com o pretexto de serem exactos, os modernos francezes cahirão no erro de pintar a realidade baixa, nua, e grosseira. Não ha duvida que existe pelo mundo muita realidade feia e indecorosa.

Mas não haverão quadros mais dignos de nos occupar sobre a terra?

Entre os allemães, a arte não desculpa a ausencia do sentimento.

Eu não quero obrigar a poesia a ser moral: o que quero é que não se tome tudo que é immoral como poetico e bello.

O bello é uma fada que todos estremecem, que ninguem vio, mas que muitos entrevirão, e procurão fixar seus traços fugitivos. Ella nunca foi vista; mas seu reflexo é visivel em muitas creações do espirito humano. Tanto a lei moral como a do bello vem da razão; e tanto uma não deve offender outra, quanto esta não deve viver apartada daquella.

Para fazer poesia, não basta tomar do ignorante sublime, que é o povo, o pensa-

mento e dar-lhe uma forma elegante, e bella.

E' preciso sentir, amar, pensar, vestir o pensamento, leval-o ao seu melhor scenario, drama, romance, ou poesia, de modo que o semblante se alegre ao vel-o, o coração bata apressado, e as lagrimas deslizem-se dos olhos.

A missão do poéta é dar vida, e divulgar idéas do bello e do bem, que dormem confuzas no seio do povo. Este, pelo instincto do bello, tem necessidade de ver formuladas verdades generosas e nobres.

E' só da realidade que o poéta deve tirar o bello.

Tudo que não nascer de um sentimento, de um facto, de uma situação da alma, não pode ser elevado as regiões da eternidade, e universalidade. São bolhas de sabão que não passão de sentimento individual e transitorio.

Ser verdadeiro poéta, cada vez se torna mais difficil, e cada vez é elle mais raro.

O poéta precisa ser superior, e enchergar mais longe que a turba que o rodeia.

Para fazer um poema, capaz de encantar, é preciso ser genio superior, e fallar sobre assumptos que tenhão actualidade.

Porisso tão raros são ; porisso Chateaubriand enjoa nos Martyres, elle que tanto encantou no René : porisso só genios, como Goethe, podem fazer poemas nestes tempos scientificos.

E' que, alem de saber fallar sobre assumptos de actualidade, devem fazel-o como sabios.

Para a intelligencia humana, que elevou seu nivel, a sciencia é mais bella e poetica do que a maioria dos poemas ; e a verdade mais maravilhosa e apreciada do que fabulosas creações.

Dizem os agourentos que a poesia vae morrer.

Morrer, ella, que ha muitos mil annos é o consolo dos povos? Ella, o primeiro balbuciar de um povo novo, e o ultimo gemido daquelle que se fina ? Ella, o primeiro riso do infante, e a ultima lagrima do velho ? Pode, sim, morrer, quando tudo se acabar, a vida real, a humanidade, a religião.

O que eu vejo é que ella augmenta muito, e todos os dias os seus dominios, muda de forma, e deixa os celestes vestuarios do verso. Democratisa-se até a proza com muitos escriptores, torna-se sublime, ensinando a phi-

losophia e as sciencias com outros, e invade até a oratoria, com Castellar, o poéta da tribuna.

Quem a não vê todos os dias, e cada vez mais, augmentar o seu poder, e dominio na vida, e na realidade, quem acredita que ella póde morrer, perdoe-me que lhes diga que sua vista está turva, pois desconhece a poesia só porque largou o manto do verso, só porque tomou vestuarios e posições, que mais lhe aprazem hoje.

A Sra. de Stael, expulsa por Napoleão, foi a Allemanha, estudou a sua litteratura, e aquelles homens sinceros, e fez uma das melhores obras que existem, apontando novos horisontes, que os homens não tinhão visto até então em França.

Nota ella a sinceridade, bom senso, e bom coração dos allemães, e quanto tem degenerado o espirito cavalheiresco do francez.

O cavalheirismo francez, que ainda por scentelhas, brilhava no reinado de Luiz XIV, foi substituido pelo espirito de fatuidade. A coragem, que servia de garantia á lealdade, foi o meio de libertar-se d'ella, porque não era preciso ser verdadeiro, bastava matar-se em duello, aquelle que pretendia que não se era verdadeiro.

Na Allemanha, a opinião publica foi sempre mais seria.

Dez duellos por dia não lavarião ninguem de uma mancha, como em França.

Em França, um homem accusado de roubar, matando o seu contrario em duello, anda de cabeça levantada, nas melhores sociedades ; emquanto na Allemanha, não se sanciona com o costume e nem se autorisa com a approvação, o assassinato.

A brutalidade, e direito da força, não devião ser organisados, e consentidos.

Sei que na Allemanha existem duellos : mas entre rapazes, para conservar o sentimento de dignidade, sem os perigos e mortes que ha em França.

Pode ser tolerado quando não offende e deve ser castigado quando ataca os seus semelhantes. Os francezes pozeram em uso o duello, e ve-se o espadachim alugar por dinheiro a sua habilidade. Dahi vem rebaixamento de caracter, o fingir-se insultado para ter o direito da escolha das armas, em que é mestre, o tornar-se provocador quando vê que o adversario é fraco, e outras que taes vilanias, que sei existirem em França.

Se querem ser brutaes, sejão como nos Estados-Unidos, em que não se admitte o duello,

em que não se dá direito á força bruta. Nos Estados-Unidos, o offendido reage immediatamente, com o meio que tem a mão, rewolver, punhal, ou punho. Obriga isto todo o homem a exercitar-se, ser forte, ser capaz de defender seus direitos como homem. E' brutal, mas é melhor do que em França em que ha capangas espadachins, que são os que despicão os insultados cobardes.

A força physica que adquirem com a gymnastica, tambem anima a dizerem sinceramente a opinião.

Além da maior sinceridade dos allemães, nota a Sra. de Stael a maior diffusão dos conhecimentos.

Na Allemanha, qualquer cidade pequena tem professores de latim, e grego; tem bibliothecas, e homens recommendaveis pelo talento e estudos. Em França, não. Pariz absorve e tira todo o interesse ao resto. (E' o defeito da centralisação que mata a raça latina). Qualquer cidade da Allemanha tem importantes litteratos, e estes são muito mais instruidos e moralisados do que em França, constituindo os litteratos allemães uma reunião muito respeitavel e digna.

Li os escriptores allemães cujas obras fo-

rão traduzidas em francez, pois não conheço a lingua allemã.

Estudei Goethe, J. P. Richter, Klopstok, Schiller, Heine, e muitos outros, primeiro em suas obras, depois nas suas correspondencias, e nas criticas sobre elles feitas.

Darei aqui resumido estudo sobre Goethe, que é a cabeça da Allemanha, e sobre Schiller, que considerão o seu coração.

GOETHE

Para criticar Goethe, é preciso ter-se grande intelligencia e saber. Contentar-me-hei em admiral-o.

Todos os criticos, vendo-o tão alto e com tão olympica serenidade, tão perfeito e tão natural, o collocão no mais alto pedestal, como um poeta sublime.

Byron o acha o primeiro do seculo, o rei do pensamento moderno. Hufeland diz que nunca em um homem reunio-se tanta perfeição physica a tamanho alcance intellectual.

A imaginação mais rica e brilhante, a razão mais firme e esclarecida, os pensamentos mais elevados e originaes, a maior harmonia, e perfeição no todo de suas obras, con-

firmão ser Goethe um genio superior. Tem tal amor a verdade que domina a propria paixão. Tem tal paixão e imaginação, que eleva a verdade as regiões da poesia. Disse Goethe — O gosto, só se desenvolve á vista da perfeição — E tanto admirou elle a perfeição, que adquirio um gosto apurado. E' quasi impossivel em um só homem desenvolver-se o gosto de Racine, e o genio de Shakspeare, que andão sempre separados.

Goethe é o escriptor que mais reune estas duas qualidades.

Muito se tem dito sobre Goethe, e muito resta a dizer ainda.

O que elle produzio e que na sua ambição achava pouco e o que os criticos tem escripto sobre elle, davão materia para muitos volumes com que se poderia formar uma boa bibliotheca.

Tem sido analisado e commentado por todos os povos civilisados e entretanto, ainda restão nuvens em redor daquelle Jupiter da litteratura allemã.

Isso mostra quanto foi cheia a sua vida, e a immensa acção que teve sobre o mundo.

Goethe foi chamado pelos contemporaneos o director dos espiritos. Pode-se amal-o, ou odial-o, conforme se comprehende-o, confor-

me a maior ou menor instrucção que se tem. Mas não se póde deixar de o collocar como um dos maiores poetas, que tem existido.

Goethe é a mais culta intelligencia com a maior imaginação.

Suas obras precisão ser muito tempo estudadas para serem comprehendidas. Sobre muitas ainda se questiona, a saber o que querem exprimir.

Goethe é o objectivo de divina photographia applicada sobre o universo. Depois de tirar uma vista, com todas as regras da arte, elle a aperfeiçoa subjectivamente, e a colóre com a brilhante imaginação.

E' esta objectividade que explica a vastidão do seu talento. Poéta superior aos nacionaes, raramente poderá ser igualado pelos extranhos.

Sabio, fez varias descobertas, e no mundo das sciencias, fez a volta em redor do mundo.

Falta-lhe as vezes um pouco de enthusiasmo, que vem do coração. Tem elle a harmonia nas obras porque a tinha na intelligencia.

Nelle tudo é harmonico.

Se a imaginação predomina a custa da rasão do escriptor, temos obras falsas. Se a

rasão esmaga a imaginação, temos obras seccas e enjoativas.

Beethoven diz que os espiritos coordenárão a sublime architectura das poesias de Goethe, que trazem comsigo o segredo das harmonias. Em geral, elevão muito esta symetria harmoniosa, que faz de suas obras diamantes bem lapidados.

Os trez grandes centros do pensamento humano, a Providencia, a natureza, e o homem, são muito sentidos nas suas obras.

Diz sobre ellas idéas novas e originaes. Na Allemanha são muito apreciados os mysterios dramaticos e os romances philosophicos. Nessas producções do espirito, o interesse apaixonado é dominado pela belleza das concepções.

São bellos quadros para os quaes transportão a vida real poetisada.

Grande parte das obras de Goethe é feita nesse sentido.

Em Werther, vê-se o amor infeliz. Vê-se em Fausto, a apetição de saber e amar, de encher o coração de amor, e a cabeça de conhecimentos.

Nessas duas obras, foi elle o interprete do seu seculo.

Em Goetz de Berlichingen tambem foi o interprete de sentimentos nobres, generosos, mais proprios de nosso seculo, do que dos passados.

Em Tasso descrevêo o poeta na vida real, cercado de ignorantes que o não comprehendem e de invejosos que desejão fazer-lhe mal.

Wilhem Meister é a vida real transportada ao romance.

Werther! faz espantar que pudesse fazer tal obra, em 1774, quatro annos antes da morte de Voltaire e Rousseau, e 15 antes da revolução franceza. Que intelligencia superior! Werther é a paixão verdadeira: e esta não póde ter melhor secretario, e mais intimo confessor!

Pagou o tributo á fraqueza humana, e do soffrimento nasceo Werther. Quanto a soffrer, a ponto de ficar allucinado pelo amor, e desejar o suicidio, isso é de duvidar, visto como tão bem soube pintar o seu amor. Nem um homem, no estado de exaltação amorosa, que o fizesse ficar fóra de si, teria esse poder, essa reflexão tão senhora de si, que não a deixa escapar os mais pequenos factos, e accessorios que erão precisos á perfeição da obra, e que elle tão bem grupou e poetisou.

O grande artista, se algum tempo teve preso o coração, libertou-se, e teve livre a cabeça, para pintar a natureza, e o homem. Como é cheio de profundas observações ! Que perfeição nas menores miudezas ! Que phrases bellas ! Que nobres pensamentos ! O seu coração é capaz de abraçar em seu amor o mundo inteiro !

Se Goethe não amasse tão cedo, se poderia dizer que procurou o Amor, para offerecer em holocausto á Sciencia, que era todo o seu amor. Werther, um seculo depois de feito, é ainda arremedado, e por genios, como Hugo, J. Sand, e outros. Goethe foi o primeiro que tradusio o máo estar geral, a doença moral de que soffrião os melhores espiritos, com o empobrecimento das crenças, e as idéas novas. Filho natural de Ronsseau, teve Werther muitos filhos legitimos, como Réné, Oberman, Adolphe, e muitos outros. Burns, Chateaubriand, Byron mesmo, muito aprenderam com elle.

Wilhem Meister é um romance em que idealisa a vida, e suas miserias, a meditação e acção, os negocios e as paixões, as illusões e brincos infantis, as devotações e arrependimentos, os erros e as verdades, a realidade e a chimera.

Wilhem Meister é a vida real, com suas vulgaridades, e bellezas, o romance em que se falla das cousas mais vulgares e mais sublimes. Medita, confia em Deus, e acaba reconhecendo que nas mais humildes cousas, Deus esconde thesouros de felicidades e esperanças.

Tudo tem ali um sentido.

Nos jogos mimicos das crianças entrevê o nascimento do theatro. Nas brigas vulgares vê acontecimentos vulgares, evoluções do caracter humano.

Em Wilhem Meister faz Goethe consistir o meio de escapar das dores da vida em ser poéta, em estender a sympathia a todos os objectos. Bastará a sympathia ? Bastará cantar e ser benevolente á todo o creado ?

Não será egoismo encerrar-se em sua superioridade, não ter de soffrer, amar, combater, errar, e emendar-se ? A vida sem a luta nada é. Falta a Goethe um pouco mais de soffrimento para cada obra sua estar na altura de Werther pelo interesse apaixonado. A divisa do homem deve ser o trabalho e o soffrimento.

Wilhem Meister é uma poetisação da vida real. A vida humana está ali toda symbo-

lisada. Na pequena cidade em que se passa o romance, existem todos os typos da intelligencia humana. Nada falta ; Serlo, o sceptico, amigo de gozos ; Lothario, e seu tio ; uma moça casquilha, Philina : um artista, o velho musico : até um ser poetico, angelico, á parte, creação entre a realidade e a poesia, Mignon ; e em Wilhem Meister, o artista que aprende a vida, que é o homem.

Fausto é a sua obra prima, e ainda não está de todo comprehendida. Como Shakspeare, o primeiro dramaturgo que tem existido, centro de milhares de pensamentos, alma de muitos povos, coração da humanidade, que trez seculos depois de ter existido, é ainda melhor comprehendido e apreciado. Goethe ainda tem obscuridades.

Fausto é um mysterio dramatico que representa o homem moderno. Como tudo de Goethe, e bem ao contrario de Byron, Fausto não é Goethe, é o homem, a humanidade, com suas duvidas, e crenças, com seus desejos de amor e de goso, um Prometheo christão que quer roubar a luz da sciencia ao Deus superior.

Desejoso de sciencia, quer conhecer a ultima palavra dos mysterios da vida. Des-

presa a sciencia vã da sua alma para tudo conhecer e gosar, e evoca um espirito superior ao seu.

A sublime innocencia e bellesa humana, encarnada em Margarida, o seduzem, e elle se faz amar por ella.

Margarida é a mulher, ignorante, e sensivel, que ama e expia suas faltas. Margarida é o amor que leva a perdição, a Magdalena que tudo esquece pelo amante, e que no julgamento final hade ser perdoada, porque muito amou.

Fausto é o homem, vario e fraco: querendo muito, e pouco podendo: procurando gosos, e cançando-se logo.

Fausto é a representação da descrença, mesmo no amor, do espirito de duvida que corroe as gerações modernas, é a tristeza de quem conhece o vasio do mundo e da vida.

O diabo, Mephistofeles, é o espirito do mal, da duvida, e do egoismo, que não deixa a Fausto, que zomba da sensibilidade como de uma tolice, que mal dá-lhe um goso, o faz amargar com a descrença. Cada scena é ali uma allegoria. A dos estudantes de Leipsik, que bebem, e cantão, é a das pessoas cujo

unico goso é viver nos praseres grosseiros da vida, que reputão melhores.

A scena de Mephistofeles, fazendo verter o vinho desejado de uma mesa commum, crê-se que quer designar o poder da imaginação, influenciando as massas.

Fausto ainda tem muitas scenas obscuras que talvez o futuro esclareça.

O Segundo Fausto eu pouco comprehendo. Só no futuro poderá ser bem entendido, de tão allegorico e sublime que é.

De passagem, atira Goethe finas criticas sobre aquelles que vê em faltas; sobre os francezes que em algumas horas, se gabão de seduzir todas as mulheres, sem o soccorro do diabo; sobre a Igreja, cujo immenso estomago tem devorado provincias, sem a menor indigestão, como os reis e judeos: sobre aquelles que affirmão cousas que ignorão, e tem medo de jurar falso para fins de seducção e outros baixos: sobre as mulheres, que são as maiores apologistas do jugo religioso, pois pensão que estando o homem acostumado ao jugo, mais facil lhe será supportar o seu. Fausto é muito philosophico: é muito alto, e um tanto frio, como tudo que se eleva. Mas, como diz Stael, não se póde censurar Goethe, e achal-o bom neste genero, e não

naquelle, pois que elle é como a natureza, e apresenta de tudo, e de todo o modo.

Póde-se preferir o seu clima quente ao seu clima frio, conforme a região em que estiver a nossa alma: mas não se póde desconhecer as aptidões daquella natureza privilegiada.

Stael censura-o, por não tornar theatraes as suas situações dramaticas. Mas, se são bellas e verdadeiras, para que mais?

Os personagens de Goethe dizem aquillo que era natural dissesse o homem collocado naquella circumstancia. Traduz perfeitamente os mais encontrados caracteres.

Cada obra de Goethe tem por fim provar uma idéa; cada poesia é uma poesia de circumstancia, isto é, foi a realidade que lhe deu occasião e forneceu o motivo. Diz elle que não faz caso algum das poesias aereas, daquellas que não tem seu nascimento e fundamento na vida real.

Esta dá o motivo, o embrião; o poeta deve fazer sahir dali um todo cheio de vida e belleza.

Com o tempo, vae Goethe ganhando mais sabòr e popularidade. Cada vez mais se aprecia ver a paixão unida á serenidade e

pureza, a calma no meio das mais violentas situações, a nobreza que só os antigos attingião.

Nelle, vê-se sempre a vida e movimento que interessão, e o socego e harmonia que encantão, que arrancão lagrimas e risos, a força, e do intimo, não por sorpreza, e engano dos sentidos.

Dumas filho ataca violentamente Goethe como egoista: mas não o analisa, nem procura comprehendel-o. Se tivesse lido os proprios francezes que analisarão e estudarão profundamente Goethe, sua vida e suas obras, como Stael e outros, elle não o atacaria. O moralista banal que fez as obras mais immoraes, não póde comprehender a moral grande, humana, verdadeira, inimiga de toda a affectação, de Goethe.

Este não offende a moral, como o geral dos francezes. Dado um sentimento, elle o estuda, segue o seu desenvolvimento e o pinta.

Não offende a moral, porque mostra que o sentimento obriga a loucuras, e faz esquecer a moral. Dumas não é consequente, e contradiz-se.

Goethe examina uma aberração e a pinta como tal. Dumas exalta como um sentimento divino, que se deve elevar, e seguir.

Que differença entre a Margarida de Fausto, tão culpada, mas tão amante, e as Damas de Camelias dos Dumas ?

Margarida amou o primeiro homem que vio e que a achou bella: amou porque o seu coração transbordava de ternura.

Peccou, é verdade ; mas como Maria Magdalena, faz-se perdoar porque muito amou.

As heroinas dos Dumas sabem ser de muitos, sabem fazer os actos mais repugnantes, sem os santificar pelo amor, e elevar pelo sentimento.

Póde só admittir-se como uma excepção, o amor das Damas de Camelias. Estas são desgraçadas, que vendo nós que soffrem reaes agonias, perdoamos, sem á ellas nos approximarmos, fugindo do seu contacto.

Margarida, tão humana, tão sugeita ao erro como todo o homem, faz-nos perdoar-lhe, recebel-a mesmo em nosso seio como um ser querido e infeliz.

Mesmo nas — Affinidades Electivas, — respeita tanto o laço conjugal, base do edificio social, que para o não desatar, faz morrer a heroina Ottilia, amante, apaixonada, porém pura: tendo peccado, sómente por pensamento, em desejar o marido de Carlota.

Dumas filho diz que Goethe não tem senso moral, e que um egoismo superior, e doutoral é o que o dirigia.

Diz Dumas filho que o genio não ama, porque o que está na universalidade das cousas, não se póde limitar a uma só—e que o não poder amar é a sua superioridade, e o seu castigo.

Perdôa elle a Goethe o ter abandonado Frederica porque — todos os meios são bons, quando se obtem um Fausto, uma obra prima.

Acho Dumas injusto, em nada conceder á natureza amante de Goethe, em tudo attribuir ao egoismo, reflexão, desejo de procurar sensações, e aprovisionar-se de motivos para escrever. Diz que Goethe nada soffreo, que o coração não entra em sens amores, que não se o deve lastimar, e só admirar como traduzio tão bem o que lhe ficou desconhecido.

Acha Dumas que Deos castigou o homem no poeta, eivando de imperfeição, erro, desordem e esterilidade a sua obra capital, Fausto, que elle queria que o contivesse todo.

Mas isso está em contradição com o que disse acima, que—é Fausto uma obra prima,

e que póde ser-se um grande artista e não ter senso moral, como J. J. Ronsseau. Acho que está elle em erro, e muito teria de alongar-me para tratar este ponto com o desenvolvimento que elle merece.

Basta dizer que se Ronsseau, levado pelas idéas socialistas, pela fraqueza, pobreza, e erro, abandonou seus filhos, muito soffreu, teve pungentes remorsos, fez bellas obras para ver se com ellas apagava suas manchas; expiou com dores esta falta. Quando mesmo não tivesse senso moral, seria uma excepção que confirmaria a regra.

Diz mais Dumas que Goethe é o primeiro poeta allemão, mas nega-lhe invenção e intenção. Mas se o primeiro não tem estas faculdades, como não serão mediocres os outros? Goethe foi tão superior poeta que (dizem os criticos), em nenhum outro houve tão completa fusão entre o fundo e a forma de modo a serem suas producções maravilhas admiradas por nacionaes e estrangeiros.

Vê-se neste escripto de Dumas a cegueira do patriotismo e da leviandade franceza a quanto podem chegar. Calumnia elle as intenções de Goethe, e procura-o intrigar com os fanaticos por ter chamado Deus de velho.

Os francezes de hoje escrevem sem estudar, como Dumas criticando Goethe, sem o ter profundamente analisado.

O Sr. Dumas escreveo o prefacio de Fausto, ao correr da penna, para ser admirado, para mostrar espirito. Pois acredita elle que tantos, e bons criticos que estudarão Goethe não terião enchergado as manchas que encontra, se elle as tivesse ?

Não vê que se não acceitaram este modo de o julgar, é que não o quiserão calumniar, virão que era elle falso ?

Os latinos, de dantes, fasião como Goethe que levou 60 annos para produsir Fausto : estudavão antes de escrever.

Corneille levou 45 annos a compor suas obras, Racine 25, Moliere 20, Lesage 23, Cervantes 17, Tasso 13, Ariosto 26, Dante 18. Hoje não. Tem a intenção e invenção superiores que lhes faz advinharem tudo sem trabalho.

E' verdade que dantes produsião obras primas, que são até hoje estimadas e admiradas, e as de hoje tem tantos defeitos que pequeno é o seu valor.

V. Hugo chama Goethe de ilote que renegou a liberdade, e pela sua falta de acção, o não admitte como poeta de primeira ordem.

Quer elle que o poeta seja tambem homem de acção.

Não ha duvida que esta participação do poeta nas cousas do seu tempo, augmenta-lhe as faculdades, fal-o cidadão e homem de acção, além de poeta.

Porém, ficando só poeta, este mais se aperfeiçôa na especialidade propria, sua.

Censurão tambem a falta de patriotismo de Goethe, a indifferença nas lutas porque passou sua patria; o seu egoismo e seccura d'alma, que o fizeram procurar o amor, como um estudo curioso, sem corresponder com o coração. Goethe conhecia-se, via suas faculdades de poeta e procurava desenvolvel-as. Vio que se a Providencia o enchera de presentes, não era para os baratear pondo-as ao serviço das camarilhas, e dos partidos, e sim para os aproveitar, e mais apurar no serviço das faculdades com que ella brindara-o. Procurava aperfeiçoar-se para comprehender o Bello, porque entendia que cada homem deve ser sincero, e sómente cuidar daquillo que lhe importa, daquillo para que tem forças e qualidades, e não gastal-as inutilmente naquillo para que não tem capacidade. Esta opinião de Goethe, se fosse seguida, faria o mundo progredir muito mais do que pelo ge-

ral e inutil gasto de forças, que podião ser melhor aproveitadas em outra esphera, e responde de antemão a objecção de Hugo e de outros.

O amor, teve-o Goethe, pagou largamente o seu tributo, muito mais do que o geral das mediocridades que enchem o mundo.

Amou, e muito : e umas vezes não correspondido, outras fugindo por fraqueza, fez com que elle voltasse seu amor para a arte, e se tornasse della amoroso, como se vê pelas suas memorias e correspondencias.

Que elle amou, e muito, ninguem póde com justiça contestar. Foi um erro limitar-se ao amor livre.

Foi um erro pensar que casando-se, ficaria mais prezo pelos trabalhos e necessidades vulgares, e não poderia allar-se a altura a que subio.

Se os trabalhos podem acabrunhar talentos menos vigorosos, vemos pelo exemplo de Victor Hugo, que casou-se moço e pobre, quanto póde fazer um talento superior.

E Frederica, por toda a sua vida, e até pela sua morte, mostrou-se digna do poéta de Sesenheim.

Goethe, na morte de Christiana Vulpius, com quem sanccionára a ligação pelo casa-

mento, derramou ardentes lagrimas, e sua dor e desespero contrastam com a olympica serenidade, e respondem aos censores. E' que elle não queria a mulher para caseira, queria-a para encher o coração de amor. Não veio agastar as forças nas miserias e pequenas lutas da vida ; gastou-as em crear uma Allemanha intellectual, que é a maior entre as nações cultas.

Aquelles que censuram sua falta de patriotismo, esquecem que elle arriscou vida pela patria na campanha de noventa e dous, e se depois nada fez como politico, é que vio que nada podia fazer de duradouro. Elle quiz lutar ; mas cedeu á evidencia.

Eu tambem votava muita antipathia a Goethe.

Tanto ouvira fallar de sua seccura d'alma, sua olympica serenidade, sua indifferença pela patria e pelos doces affectos, que o admirava de longe, sem querer chegar-me, que o olhava como um grande homem que não tem coração.

Foi preciso que elle me mostrasse em Werther o seu coração tão sensivel ao amor, em todas as suas obras o gosto pelo bello, e em suas memorias, cartas, conversações, e

mais obras, a sua alma bem formada, para que aos poucos fosse perdendo esta indisposição. Foi preciso que eu o comprehendesse para poder amar aquella tão superior natureza.

Foi preciso que eu visse que, se não combateu como politico contra a França, é que sua grande intelligencia vio que era isso então lutar contra o impossivel e pelos seus escriptos, diffundindo boas idéas, elle combatia por ella melhor, do que arriscando uma existencia tão preciosa. Demais, conhecia que a sua capacidade e seu talento erão proprios para grandes estudos, e empregando-os na politica, e nas lutas da vida, não malbarataria seu tempo?

Goethe não é uma alma secca. Banhou-a muitas vezes com as lagrimas.

Pois não vem debaixo da tunica de Nessus a chamma que o devora?

Podia elle produzir Werther, e todos os portentos que fez, sem soffrer mil dores?

Quem tem seccura d'alma não póde fazer obra duradoura, nem ser o pae de tantas intelligencias superiores.

Goethe tem fé no futuro, não desespera do mundo que pressente; espera bens da sociedade nova, em que todas as forças tendem

á vantagem do bem e do bello. Aconselha-nos elle a ser laboriosos, e pacientes, a ter confiança em nós, e na alma divina que sustenta o universo, pois quando formos cheios de amor, e de boa vontade, seremos magicos, faremos milagres; de nossas mãos desabrocharão rosas, e aos nossos pés apparecerão lyrios.

Anima-nos a procurar ser perfeitos como nosso pae celeste.

Não era religioso desta ou daquella seita, mas da verdade eterna, do supremo bem, que fez e guia tudo, como se deduz de suas cartas a Falk.

Goethe, Shiller, Richter, e os escriptores allemães, em geral tem mais sentimento religioso do que os francezes.

O desejo de chegar á verdade, o desespero de não combinar a crença com a civilisação, de não estar o templo na altura do sentimento religioso moderno, eis o que faz apparecerem estes homens, que com sua intelligencia, suas lagrimas, seu desespero, mostrão antes o desejo e necessidade do sentimento religioso.

Se agora compararmos Goethe com Heine, vemos entre elles muitas semelhanças e differenças.

Heine, com sua má saude, com sua pobreza, origem judaica, com a necessidade de agradar aos que podessem ajudal-o, como o seu tio Salomão, e sobretudo com o seu genio triste, não via o mundo com os mesmos olhos que Goethe, o feliz, que tinha excellente posição, saude, e fortuna.

Goethe olhava o mundo de cima para baixo. Heine, de baixo para cima.

Goethe tinha sempre calma a razão. Heine sempre ardente paixão.

Em Goethe, mesmo a ironia, é amavel, e risonha. Em Heine, mesmo o amor, tem ironias e amarguras. Escreve com calor, fanatismo, paixão. Goethe com verdade e imaginação. Goethe é maior que Heine, e se assimilla tudo que lhe cahe ao alcance. Heine, sómente aos intimos, como Moser.

Goethe põem de lado, e não vê pequeninas offensas a elle feitas, e olha sobranceira e amigavelmente todas as creaturas.

Heine indaga dos amigos quaes são seus inimigos para fustigal-os com a ironia, em que é tão notavel contra os seus proprios.

Goethe procurava agradar a todos, e assimillar-se todas as naturezas, por mais differentes que fossem.

Heine, quando lançava suas settas, divertia-se em zombar até de si mesmo, chacoteando-se impiedosamente.

Heine escreve sempre debaixo da acção de uma paixão, que dando-lhe o calor, tira-lhe alguma cousa da lucidez e calma do pensamento. Goethe, deixa passar a paixão, e guarda a emoção que não lhe tirando a clareza da rasão, dá-lhe o colorido da imaginação.

Heine acha pouco encanto nas regiões das scismas, nos dramas e producções que não tratem da luta em que vive absorvido. Goethe, achando precisa a realidade para base da producção litteraria, a eleva comtudo a grande altura da arte.

Heine é subjectivo. Goethe é o grande objectivo da Allemanha.

Goethe ama como um pae, como quem está pago pelo amor que tem. Heine ama como um poeta, com desespero, querendo ser logo pago, e com usura, pelo seu amor.

Heine amou mulheres indignas. Goethe não governou melhor seu coração.

Heine, aos 35 annos, ainda soffreu o tributo de amor. Goethe, desde moço, já o tinha pago por vezes, e comquanto voltado aos estudos, continuou a pagal-o até os 82 annos.

Goethe não tinha partido: vivia com os poderosos, e os aristocratas. Heine, comquanto não se filiasse nos partidos, odiava a aristocracia, e era partidario da democracia.

Heine completa Goethe, (que não quiz entrar na luta dos partidos), e foi sempre militante, mesmo na poesia sentimental. Sempre ironico, violento, ferino, envolveo-se em todos os movimentos de seu tempo.

Goethe, em toda a parte, está bem. Heine, pelo contrario, sempre triste e mal. Mesmo onde está melhor, quando mais satisfeito, suspira por um lugar que não foi descoberto, por um bem desconhecido. E' sempre um Orestes, está sempre em desassocego. Goethe é o sereno deus do Olympo, sempre calmo, superior, satisfeito. Goethe tem a physionomia de um pensador e de um homem de acção. Heine, tem a mais doce e angelica physionomia. O seu retrato, de todo parecido com o do Divino Mestre, tem no olhar a maior meiguice; o todo da physionomia exprime uma bondade celeste. (Porque Heine, o escriptor mais agressivo e caustico, tem a mais angelica physionomia? Porque as mulheres de rosto de anjo, são as de mais mau genio?) Goethe tinha seu corpo e vida official adstrictos ao seu tempo: porém seu pensamento

destacava-se delle, e vôava á maior altura á que foi dado ao homem subir.

Heine, chefe dos liberaes, vivia isolado, tal era o atraso e servilismo allemão. Goethe, pairando nas alturas, era puxado para a terra por innumera gente que o procurava. Olympico deus da poesia, mesmo na luta é amavel. Heine, sempre um Orestes em desassocego, foi o carrasco feroz de aristocratas e tartufos.

Heine, de humilde nascimento esmaga o conde Platen e todos que representão o partido da aristocracia, e deseja que todos os bons allemães sigão o seu exemplo. Nunca quiz entrar no drama da vida politica, conservando-se nas regiões da poesia. Mas dali bateo fortemente o servilismo e somnolencia dos allemães. Trata elle da vida real, e não da poetica, ataca violentamente os contrarios, irrita, faz inimigos, que o querem acabar, e amigos que o adorão. Arrasta seus inimigos aos dominios da poesia, em que é senhor de baraço e cutello, e ali os castiga fortemente.

Goethe traz dos dominios da poesia as suas creações, e as procura fazer estimadas por todos, que vivemos mettidos em terrenas paixões. E' a revolução no alto dominio da

arte, que Heine quer trazer a praça publica, e fazer entrar na vida real, esmagando quantos lhe são contrarios. Seus inimigos o atacão por todos os modos, elle os bate, e sempre vive em lutas.

Heine, preso pelo turbilhão da vida, suas dores, e pobresa, soffrimentos physicos e moraes, lutas partidarias, calumnias, inimisades politicas e pessoaes, produsio obras importantes, que tocão em todas as questões do dia, e são bellissimas. Goethe, são, rico, poderoso, no Fausto, e Werther foi interprete dos soffrimentos da sua epoca, conservando-se nas outras obras um poeta sublime, que não desce das regiões da arte, e póde ser apreciado sómente pelos escolhidos.

Heine, forçado á sahir da Allemanha, por suas idéas liberaes, adiantadas, mostra quanto ama-a, muitas vezes recahindo na incuravel affeição que lhe tem.

Para Heine, a vida foi um combate. Goethe teve uma vida de estudos.

Goethe vio que nada podia tentar ainda, sobre os allemães, e não quiz entrar na politica; e parece que teve rasão, pois que Heine, que veio dezenas de annos depois, achou tanto servilismo e tantos inimigos entre os allemães. O rei da Prussia ainda não admittia

independencia dos tribunaes, publicidade dos julgamentos, e representação nacional.

Heine, pobrissimo, escreve a Campe para que este não publique o seu livro com as censuras do governo prussiano, e diz que prefere morrer a perder a honra. Pobre, não acceitou dinheiro do seu e lictor, mas pede chorando ao seu melhor amigo, Moser, que o valha naquella occasião.

Goethe teve sinecuras rendosas, e vida farta.

Heine, ainda que dotado de grandes faculdades, em contacto com a gente poderosa, e bastando-lhe estender a mão para colher empregos, e riqueza, viveu e morreu pobre e sem dignidades.

Sonhador como Goethe, Heine tambem não é homem de acção. Ambos se conservão poetas, mas Heine é poeta de combate. Inferior a Goethe pelo pensamento, Heine lhe é superior pelo soffrimento.

Nem Goethe nem Heine crião na religião christã. Acreditavão em um creador bom e eterno.

Goethe diz a Falk — Onde a sciencia basta, não temos necessidade da fé: mas onde a sciencia é impotente ou deficiente, não de-

vemos contestar a fé os seus direitos. Não existem ellas para se destruir, e sim para se completar. O que nos torna livres, não é nada reconhecer superior á nós, e sim adorar alguma cousa que nos seja superior. Adorando, nos elevamos, reconhecemos que temos em nós o que ha de mais elevado, que somos dignos de nos assimillarmos a esse ente superior.

Heine tambem cria: tinha fé em Deus e nos homens.

Elle crê no futuro. E' pobre, judeo, maldisente, desarrasoado as vezes: mas é homem. Sente o que diz, falla com sinceridade.

Não é heróe de marca maior que a humana: mas sente, não mente. Zomba dos proprios enthusiasmos, de sua fé, e esperanças. Mas recahe nellas. Nem Goethe nem Heine sympathisão com o fanatismo religioso, por que ambos veem em sua fronte a marca indelevel do primeiro sangue que foi derramado no mundo, de Abel por seu irmão Caim.

Heine podia ser rico, viver carregado de honras, banqueteando-se, em gozos, se limitasse-se a ficar na arte, a fazer novellas, ou obras de escravo. Mas adorava a liberdade,

conhecia a sua missão, e tudo sacrificou ás suas idéas.

Heine é poeta de combate, enthusiasta, não gosta de Goethe que ama a phylosophia, e arte, sem enthusiasmo.

Ambos são grandes poetas, creadores; mas Goethe, comquanto superior, tendo maiores creações, acho inferior a Heine no coração, tão amante e tão soffredor.

SHILLER

E' um grande poeta, e um grande coração.

Muitos o estimão ainda á ponto de o equiparar a Goethe, como no tempo de sua voga; hoje, porém, que se o examina com frieza, sem o enthusiasmo e o amor que inspirava o homem de bem, e o patriota sincero, collocão-o geralmente abaixo de Goethe.

De facto, no drama tem bellas, duas cordas sobretudo, o grito de patriotismo, e o da revolta; o grito de amor á patria, e a liberdade, gritos de revolta, retumbantes como clarins de batalha, e que elle queria que resoassem pelo céo, pela terra, e pelos mares.

Ao lel-o, fica-se estimando o escriptor, e desde os Salteadores até a ultima obra, vê-se nelle o grande coração que ama a virtude, e o homem de bem que se revolta contra a injustiça.

Todos que o leem, sympathisão com o escriptor, bem como os que o conhecião, lhe tomavão affeição. Shiller não via, sentia. Idealista, sincero, apaixonava-se, votava-se á idéa que o prendia.

Ao lel-o, a alma se alegra, o peito se dilata, o horisonte se esclarece; entramos em uma terra de liberdade, em que livre corre o pensamento, livre bate o coração, como diria José Bonifacio: entramos em uma terra melhor, cheia de amor, e de nobres sentimentos, que esmagão as más paixões, as tyrannias e torpesas deste mundo baixo, e vil.

Os Salteadores, Fiesque, Amor e Intriga, D. Carlos, Wallenstein, etc., etc., mostrão que, se tem elle poucas notas são estas muito bellas, e estridentes. A grandeza de pensamentos, abundancia de coração, e seriedade, é que o tornarão tão apreciado pelos allemães.

Tem pensamentos bellos, como — Se eu roubasse sua benção e como um ladrão, fugisse com este despojo celeste — Milhões de

annos passão diante de mim, ligeiros e dourados, como noivos. — Quer-se beijar uma linda bocca, dirige-se um comprimento ao bom coração. Vale mais traser pedras falsas nos cabellos do que más acções sobre o coração.

Sinto não saber o allemão, para ler Shiller, Goethe, e tantos outros que são a honra da humanidade. Daria muito para traduzil-os bem, para poder ler no original as obras primas que existem no mundo.

E' um defeito nosso, o de gastar-se cinco a seis dos nossos melhores annos, daquelles em que a memoria é mais viva, e a intelligencia mais prompta, no estudo do latim.

Deviamos deixar esse erro, herdado de avós portuguezes, devido á educação fradesca.

Podem as linguas mortas servir em um caso ou outro, rarissimo, ao medico, e ao legista. Mas se o ponto é letigioso, obscuro, não é o que aprendeu seis annos que o vai decifrar. E' isso deixado ao especialista, que a conhece a fundo, que levou a vida no seu estudo. De cem moços que estudão o latim, noventa pouco sabem, nove traduzem mal, e um sómente sabe bem a lingua latina.

O latim e o grego podem servir ao grammatico, são precisos para conhecimento das radicaes. Mas alguns mezes de estudo, com um bom mestre de grammatica, aproveita mais do que perder annos no estudo de linguas mortas. Gastão seis dos melhores annos, inutilmente, quando os podião empregar nos estudos de utilidade, que lhes fizesse bem, e ao paiz.

Antes estudassem as linguas vivas do que as mortas, que enchem os moços de vaidade, e presumpção, julgando-se uns sabios, quando nada ficão sabendo do mundo e das cousas. O estudo do latim dá idéas antigas, idéas mortas, que formavão o fundo do sentimento romano, mas que não são mais idéas modernas. O povo romano vivia de roubos, e conquistas, adorava a força bruta, o successo, o dominio, luxo, e gloria guerreira.

O moço com o estudo dos livros classicos, bebe estas idéas, de sorte que, quando volta a nossa sociedade, a vida real, a nossa vida tão commum, tão socegada e pacifica, elle se choca, e a acha indigna de si.

O guerreiro, o nobre romano, não quer ser o peão moderno e irrita-se contra a vida de trabalho, e paz da sociedade moderna.

O latim dá idéas antigas de orgulho, dominio, e soberba.

Com mais rasão deviamos aprender o grego, cuja litteratura é muito superior á latina, que é della pallido arremedo; deviamos aprender o sanscrito, que é mãe de todas as linguas, que dá explicação, (a crer-se nos ultimos orientalistas francezes que a tem estudado), não só de todos os usos e costumes dos povos, como de cousas, e idéas que suppomos novas, e são antiquissimas, trazendo uma revolução no mundo.

Não ha duvida que uteis são todos os conhecimentos; mas existem tantos e é tão pequeno o tempo, que se deve aprender o principal, o que é capaz de inspirar amor ao estudo, e a virtude, e o latim só póde fazer o contrario.

Quando o que era ensinado pelos homens superiores se escrevia em latim, quando o doutor angelico Thomaz de Aquino, e Duns Scott escrevião nessa lingua, quando a lingua latina era conhecida por todo o mundo illustrado, em Colonia, Paris, Valencia, e Oxford, convinha o seu estudo. Hoje que os homens superiores se exprimem em suas linguas respectivas, convem sobretudo saber as linguas vivas.

Gasta-se no Brasil o melhor tempo da vida no estudo desta linga morta, e o allemão e inglez, que contem as obras primas, que podem revelar mundos de conhecimentos, horisontes novos, ficão desconhecidos á quasi totalidade dos brasileiros.

Entre milhares de homens cultos, ha um que sabe o inglez e allemão.

E para maior desgraça, não existem traducções das boas obras, que se publicão nessas linguas. Quando muito, apparecem traducções em francez.

Em geral, os livreiros traduzem sómente as obras francezas, e dessas, as peiores, as que são mais immoraes.

Porque não fazem traduzir Goethe, Heine, Shiller? Porque não traduzem os inglezes e allemães, pelo menos os que são escriptores classicos? Sobretudo sinto não saber allemão, por não poder ler Shiller, no original.

Shiller interpretou muitou bem os gritos de patriotismo e de revolta: estava isso em sua natureza, e o fez com todo o fogo e paixão. Goethe, pode-se amar ou odiar, conforme a nossa indole, conforme nossa maior ou menor illustração.

Shiller não se póde deixar de amar, tão sympathica é a sua natureza, tão bom é seu coração! Sobretudo pelo contraste que neste sentido apresentava com Goethe, é que foi Schiller tão elevado pelos allemães, que querião arguir Goethe pelo olympico desprendimento, com que olhava para a liberdade, e a patria.

Muitos comparão Goethe com Shiller. A este dou toda a minha sympathia.

A Goethe, não posso dar tanta sympathia, porque o vejo de tão alto, quasi sobrehumano; mas admiração, dou-lh'a toda, sem limites, admiração em que acompanho os melhores criticos.

Goethe é grande em tudo: no vasto campo da epopea, na trombeta da ode, nas lagrimas da elegia, e nas fortes expressões do drama.

E' o homem mais feliz para apanhar a poesia de cada cousa, e o espirito de cada homem, e de cada epoca.

Tem na sua lyra todas as cordas que a humanidade conhece, a corda da dor, do prazer, do riso e das lagrimas.

Shiller é mais subjectivo. Se considerarmos que quanto mais individual é um artista,

mais moderno é, Shiller é mais moderno do que Goethe. Shiller exprime sentimentos individuaes, patentêa sua alma inteira. Goethe exprime os proprios e se assimilla os estranhos, respeitando tanto a arte, que subjuga a ella sua alma.

Bastavão as poesias para tornar Shiller conhecido como um grande poeta.

E' nas poesias que elle se revela, capaz de igualar Goethe.

A sua natureza impressionavel, franca, aberta, é no lirismo que se expande. Um olhar, uma idéa, um nada, servem de pretexto para elle elevar-se a um mundo de poesia.

Sobretudo sobresahe na ballata, que narra como a epopea, e anima-se como o drama.

Se todas as poesias lyricas são de difficil traducção, por perderem nella, a harmonia e a côr, as de Shiller com maioria de rasão, pelo seu genio particular, cheio de devanêos e abstracções.

Não é possivel traduzir os matizes delicados, ternos, e devaneadores do pensamento do poeta, que sabia dar harmonia imitativa, e cor ás suas poesias.

Nas traducções se tornão tão descoradas, que é difficil advinhar-se-lhe o immenso valor.

Shiller é superior nas poesias soltas.

Por ellas é que melhor se o póde conhecer.

E' nellas que se revela inteiro, ficando um tanto deslocado no drama.

Desde o — Sino — que é com rasão chamado o poema da vida, porque pinta em resumido quadro todas as vicissitudes da existencia, até o — Adeus ao leitor — é elle sublime.

O Sino, o Ideal, O Mergulhador, O annel de Polycrates, A luva, O refem, O combate contra o dragão, e dezenas de outras poesias, são obras primas, que não se conhece bem pelas traducções. E' só no original, que se póde perceber toda a sua belleza, dizem os criticos.

Eu ouvi o — Sino — traduzido ao pé da letra por um allemão, que sabia bem o portuguez.

Depois vi essa traducção, em letra redonda, e não apreciei tanto, por ter versos desiguaes, sem doçura e harmonia.

Mas quando o ouvi, recitado pelo allemão que traduzia ao pé da letra, palavra por palavra, da sua para a nossa lingua, com o accento convencido de quem lê o que ha de mais bello no mundo, e fazendo sentir toda a belleza do original, deveras encantou-me aquella obra primorosa, e conheci que é o Sino uma ode, um idylio, um grito de guerra, e uma prece.

AMERICANOS

E' a litteratura a expressão do genio de um povo.

Para que seja nacional e original, é preciso que o povo seja livre, e tenha sentimentos e costumes proprios.

O Americano póde ter litteratura sua, pois é um povo livre, que tem consciencia da sua dignidade, e póde ser original, pois seus costumes, idéas, vida, e terra são diversos dos de outros povos.

O sentimento de liberdade é o que traz o amor da patria, e o respeito de si mesmo : e a originalidade nasce da vida e pensar differentes, como o prova o exemplo dos Estados-Unidos.

Na litteratura, quasi tudo tem sido dito. Nihil sub sole novum, dizião os antigos.

Os meios, porém, os usos, costumes, modos de ver, proceder, e dizer, são diversos, e

constituem as differenças que existem nas litteraturas.

Os Americanos, comquanto sejão descendentes dos Inglezes, e fallem a mesma lingua, tem a vida, modos de ser e dizer, novos, em uma terra nova.

O descobrimento da litteratura americana foi para mim o achado de um thesouro, e deu-me o prazer que terião meus avós paulistas ao descobrirem novas terras.

Regosijou-me, como se descobrisse um mundo novo, e tivesse a revelação da natureza humana debaixo de novo aspecto.

As pinturas são originaes, os scenarios nossos conhecidos, e os costumes mais nossos, e esclarecidos por tão pura moral, que causam gosto, ao mesmo tempo que elevam o coração.

Este gosto que nós temos pela vida campesina, este amor á natureza que herdamos dos portuguezes, e que os Inglezes tão bem possuem, não é bem comprehendido pelos francezes.

Tambem, como os portuguezes e inglezes, temos horror ao bonito quando este não é util, quando anda ligado ao falso e mentiroso.

Era natural que a Grande Republica estivesse a par dos outros povos, na litteratura, visto ser reconhecida geralmente estar a par, senão adiante em outros sentidos.

Se a litteratura é o espelho da sociedade, aquella que é mais adiantada deve tel-a melhor que as outras.

Na politica, manufacturas, commercio, guerra, lavoura, os Estados-Unidos estão adiante dos outros povos.

Nas sciencias, os Estados-Unidos produzem tantas obras, que admira em povo tão novo.

O que ha de superior em Historia Natural á obra de Audubon, que nos inicia nas menores minudencias da vida dos passaros, que faz por elles nos interessarmos como se estivesse descrevendo a vida de pessoas conhecidas?

Se Buffon é o embaixador que relata a sciencia á um rei poderoso, é Audubon o amante que falla da amada.

Audubon tem fé em sua missão, dedica-se completamente á ella, para obter o seu fim, a pintura dos — Passaros da America — essa obra que Cuvier diz ser o mais bello monumento que a sciencia elevou á natureza.

Deixa a familia, os commodos da vida, a fortuna. faz sacrificios de toda a sorte para

poder viver no seio da natureza, estudal-a, e retratal-a. Quando, completa uma parte de sua obra, a deixa entregue aos cuidados de um amigo, tem o desgosto de ver o seu thesouro, centenas de figuras representando passaros, de todo estragadas pelos ratos que as tinhão roido!

Era para desesperar.

Um outro desanimaria.

O Americano atira-se com mais força e alegria ao trabalho, e em tres annos estava renovada a sua collecção.

E não erão pequenos os perigos daquella vida aventurosa, atravez dos bosques, como vemos pelo interessante conto — O Prado.

A sua obra é dividida em quadros, tão pequenos quanto exactos e perfeitos.

Não são elles o estudo de um secco naturalista: são os quadros feitos por um amante da natureza, nos momentos em que á vê mais bella: são os retratos que della tira, a proporção que vae conhecendo uma face nova de sua belleza.

Os seus estudos fazem melhor conhecer os passaros e a natureza e vida dos Estados-Unidos do que os dos sabios que se limitão a fazer pedantescas descripções da forma exterior, sem dar o exacto conhecimento da vida,

costumes e exterior dos passaros, que por este modo ficamos conhecendo.

A sciencia se despe de veus encantados; democratisa-se; e chega-se a todo o homem culto.

E' este o escriptor que melhor traduz a impressão que causa o deserto e a vida americana.

Tanto mais encantou-me, quanto foi a vida de Audubon o sonho da minha mocidade. Sonhei fazer para o Brasil o que elle fez para os Estados-Unidos.

Retratar este paraiso, e não sómente os bellos passaros, hoje que por meio da photographia é tão mais facil a tarefa, era para encher de gosos uma vida, e de gloria um nome.

O Brasil dá para entreter a attenção dos sabios por seculos!

Um canto que se olhe, encanta a ponto que não se quer ver o resto!

Um pequeno insecto as vezes admira por tal modo, que parece-nos nada haver mais bello.

E' pena que os brasileiros que tem fortuna, vão gastal-a em devassidões, no leviano Paris, quando tem tanta obra util e me-

ritoria a fazer neste immenso Brasil, que é o paraiso da terra.

Além de Audubon, tem na historia natural, tem em todas as sciencias, sabios profundos que fizeram descobertas, e adiantaram os conhecimentos.

Morse, Maury, e outros, são filhos de suas obras, e muito produsiram.

Na historia tem Prescott, Bancroft, e outros importantes historiadores.

Na poesia e no romance tem Longfellow, Perceval, Bryant, E. Poe, e tantos outros que seria longo se fosse a dar resumida noticia de cada um delles.

Darei apenas ligeira apreciação de alguns que me pareceram ter tido maior acção sobre o pensamento americano, como sejão Phenimore Cooper, e Beecher Stowe.

Tem a Grande Republica escriptores como Channing, Agassiz, que podem se comparar com qualquer dos melhores escriptores europeus, em suas respectivas especialidades.

Na litteratura, estão produsindo incessantemente. Pintão sua vida, sua terra e pensar, não copião obras da Europa.

Mostrão que vão por estradas novas, que não seguem veredas batidas, que se dirigem por si, que sentem.

Elles tem o humor e seriedade ingleza, com mais sal, sem a affectação e leveza francezas.

Não são escriptores que vivem no mundo da lua, que fallão de cousas ideaes: são homens superiores que fallão sobre cousas communs, e praticas.

Os escriptores sem pratica do mundo e dos homens, que vivem absortos sem attender á vida e as cousas, idealisando, podem produsir as intimas sensações, ser traductores de proprios sentimentos. Logo, porém, que fallão da vida real, revelão a sua incapacidade, e fraqueza.

Os escriptores americanos são homens que vivem no meio de homens, que sabem de tudo que vae pelo mundo.

São homens que lutaram, soffreram, sentiram: que tem defeitos, mas procuram emendal-os, guiando-se pela moral e consciencia.

Não são os americanos como os francezes, que collocão seus escriptores sobre um altar, de que não mais se os fará baixar, mal produzem elles uma obra bonita.

Julgão-se estes prophetas, retirão-se do meio do povo, vivem isolados, só apparecendo para trazer suas leis, ou fallar envoltos em nuvens e trovões.

Considerão-se uns semi-deuses, seus defeitos e erros são explicados e seguidos, procurando-se em tudo se lhe dar rasão, quando se devia criticar, e censurar.

Diz Castellar que a Europa é o hemispherio da philosophia, arte, e historia: e a America da democracia, liberdade, e porvir.

Os Americanos do Norte estão adiante dos outros povos.

A grande republica é um modelo de democracia. Ali todos tem sua parte no poder.

Quando na Europa existe a luta do terceiro e quarto estado para ter seu quinhão de poder, ella já resolveu estas questões satisfactoriamente. Em alguns paizes, o terceiro estado ou a burguesia, não tem quasi parte no poder: em outros o quarto estado, ou o povo.

Nos Estados-Unidos estas questões estão resolvidas, e tem mostrado que um lenhador, um alfaiate, um operario, são melhores para dirigir um povo do que um rei de direito divino. Deus é quem dá o espirito, a particula celeste, e este direito divino com que unge o homem, dá Elle tanto ao plebeu como ao nobre, ao pobre como ao rico.

E como ha maior numero de plebeus, é natural que mais vezes do povo sahia um Lincoln, do que dos reis um Leopoldo da Belgica.

Deus é quem dá o direito divino, e sempre vemos um mau, no meio de tres ou quatro reis capazes.

A grande luta, hoje, nos Estados-Unidos, está em escolher para presidil-os o homem de bem, aquelle que é mais dotado de qualidades boas. Conheceram que a politica, injusta, odienta, bacharella, serve de capa aos ambiciosos, tolos, e preguiçosos; que separa corações feitos para se amar, e homens de bem, feitos para se estimar: que dá o habito da mentira e do engano, e fazendo desesperar os bons, que se retirão enojados; pelo que lutão para que vá a presidencia o homem de bem.

Na Grande Republica tratão de dar sua parte na acção geral, a um estado novo, que se póde chamar o 5.° estado, que tem mais sentimentos e tantos dotes intellectuaes como o homem. Querem instruir a mulher, eleval-a a altura do homem, não querem que seja ella um capital morto, uma machina de fazer filhos, querem-a intelligente, e instruida, um ser pensante que progrida tanto como o homem.

A mulher, ser tão fraco, é um dos maiores elementos da grandeza dos Estados-Unidos.

Não é isto um paradoxo, uma idéa que apresento, para vangloriar-me com novidades. Não.

Veja-se os estados todos, das mais differentes raças e reconhecer-se-ha que sómente naquelles em que se presta homenagem a mulher, é que ha verdadeiro progresso e civilisação. O estado, e o homem são tanto mais civilisados quanto mais elevão a mulher.

Os Estados-Unidos não se contentaram em espalhar a instrucção pelos homens: derramarão-a pelas mulheres; e estas, com o bom coração, não a guardão para si, espalhão-a pelos meninos, ganhando de ensinar.

Vê-se ali moças das melhores familias, ganharem de ensinar, não se vexando em trabalhar, antes com isso mais se adornando e embellezando.

Ali, além de mais instrucção, pois as mulheres estudam desde os primeiros rudimentos até os mais altas estudos que se julgavão especiaes ao homem, como as mathematicas, (em que se tem visto que a sua intelligencia em nada é inferior a do homem) esta instrucção não fica enclausurada, antes se espalha as mãos cheias. Ella a diffunde pacien-

temente, como é proprio de sua indole meiga, e persuasiva; e baratamente, como é proprio do seu coração bondoso.

Em vez de alguns mestres, que precisão grandes salarios para si e suas familias, temos por meio das mulheres, dobrado numero delles, e mais geitosos, mais agradaveis para as crianças. Ninguem como ellas sabe espalhar pelas crianças o troco miudo dos conhecimentos alcançados pelo homem. Bem como o francez explica melhor que o germanico, que é mais profundo, a mulher explica melhor que o homem.

Em geral, pela falta de instrucção, a mulher é antes uma fraqueza do que uma força. Instruida, ella é a igual e a companheira do homem, ganhando com isto tanto elle como o paiz uma duplificação de forças.

Quando a mulher fôr a igual do homem, o mundo tem de progredir immensamente.

Hoje a bandeira da civilisação é levada sómente pelo homem, que é obrigado a arrastar a mulher para que o acompanhe, o que ella faz com custo, por causa do seu atraso e prejuisos.

Ella acompanha o homem levada sómente pelo coração, e não pela rasão, como o fará quando tomar o lugar que lhe compete, e

que vae grangeando nos Estados-Unidos, pela instrucção.

Maltratada pelo mundo antigo, o moderno ainda não lhe deu o lugar que ella merece e hade alcançar.

E' preciso. Sem a fraqueza da mulher, nada se faz de solido e duravel neste mundo, e talvez seja este o motivo de não se ter aproveitado tantas revoluções, e sangue derramado pelos homens.

A posição da mulher influe muito sobre os costumes, e a moral. A sua boa posição, o respeito que gosa nos Estados-Unidos, é um dos grandes motivos do seu progresso e civilisação.

O casamento, que é o apogeo da civilisação, é muito procurado nos Estados-Unidos. Nem o estado nem o pae governão o coração dos moços: estes, como não tem de herdar, seguem as proprias inspirações e proveem ás suas necessidades.

Em França, considerão a mulher um fardo que só a peso de ouro carregão; e preferem sedusir e abandonar as moças, que cahem na prostituição.

Nos Estados-Unidos, a seduzida não fica abandonada, recorre aos tribunaes, e obtem reparação dos seus direitos.

Na America, não ha a galantaria franceza. Ou ama-se, ou não. Os homens não pensão em seduzir, e as moças não encarão os homens como ladrões que andão a cata de sua honra, e virtude, e antes os consideram como companheiros, que podem vir a ser de toda a vida. Em França casão-se para enriquecer; na America, enriquecem para poder casar conforme seu coração.

Ha por demais o divorcio; é um senão. Mas vendo-se a moralidade que reina, desculpa-se a facilidade que existe em divorciar-se e contrahir novos casamentos.

Só se vê familias nos theatros. Se por acaso se vir uma prostituta enfeitada, diz o Sr. Portatis, pode-se ficar certo que são restos de Paris.

Ha scenas de roubos, de violencias, assassinatos, de que vemos os viajantes fallarem com exageração.

A estrada de ferro leva o viajante aos confins dos Estados-Unidos, onde ainda existe pouca civilisação, onde ainda o colono, obrigado a lutar com o indigena, não perdeu os habitos e brutalidades do sertanisia. Mas nós, se reflectirmos no que vae pelo sertão de mortes, e brutezas, muito maiores do que lá,

seremos obrigados a desculpar essas faltas em um povo novo e bruto.

E' até de admirar que tanto malvado que vem da Europa, não commetta ali mais crimes, é de admirar como a liberdade pôde corrigir e moralisar tantos criminosos e incorrigives.

E' que a liberdade e o trabalho fazem milagres, pois são as fontes do bem.

Nos Estados-Unidos não ha ociosos, seductores, nobres, e lupanares, como na capital do vicio, Paris.

A ociosidade, ainda que se esconda debaixo do manto do sacerdote, do vestido da mulher, ou do habito do penitente, é logo desmacarada. Os ricos e vadios são obrigados a fingir-se trabalhadores, quando por excepção não trabalhão.

Em vez de trazerem libré, por fóra e por dentro, com suas almas de lacaios, nos Estados-Unidos todos são cidadãos, livres, independentes.

E' muito melhor do que em França, em que domina a leveza, e ociosidade ; em que o adulterio é descripto, e glorificado : em que as prostitutas são protegidas e decantadas : em que as crianças, escrofulosas, ou syphiliticas, soffrem desde o berço em consequencia

da loucura dos paes : em que foge-se do casamento, como de pesado fardo : em que os nascimentos, e casamentos, diminuem em proporção espantosa : e os obitos e seducções augmentão de modo medonho : em que cada um o que quer é apparecer, ter homenagens, empoleirar-se em sinecura rendosa, em emprego do governo.

Nos Estados-Unidos ama-se a liberdade, a familia, e o trabalho : e são estas ancoras sanctas da vida que os levão ao progresso, e ao futuro, melhor do que os povos mais velhos, e adiantados.

O amor do trabalho traz tambem instrucção maior : e a instrucção melhora.

E' o paiz em que ha maior instrucção, em que é esta mais protegida, em que os livreiros são os unicos negociantes que não pagão patente.

A litteratura americana, tendo passado a epoca homerica com Phenimore Cooper, hoje está na idade moderna.

Tem defeitos, fealdades, pinturas de rude gente, e lugares novos, sem luxo e riqueza: mas é original, tem vida, verdade, belleza, como aquelle povo cheio de iniciativa, e dignidade.

Gonçalves Dias apreciava muito a litteratura americana.

A poesia — Grito de uma alma perdida — tão bellamente traduzida para o portuguez pelo Sr. Dr. Pedro Luiz, mostra como os americanos tem o sentimento da natureza, e sabem pintal-a.

Todos devem estudal-a, para não cahir no systema da ignorancia que despreza tudo que não conhece.

O Sr. Pinheiro Chagas diz que os Americanos são seguidores dos Inglezes, e Prescott e outros são sempre Inglezes.

Entendo que elles tem idéas, costumes, usos, vida, differentes, comquanto a lingua seja a mesma.

Quando não tivessem outros, bastava appresentar os typos do Nathaniel Bumppo, e o do Tio Thomaz.

São typos que só a America podia produzir.

O guerreiro da matta, com suas ciladas, e astucias, com o conhecimento da terra, em que lê, como em livro aberto, a Europa não podia conhecer nem pintar.

Bem assim, a Cabana do Tio Thomaz, em que se vê os effeitos da escravidão, não se podia fazer na Europa.

Ali não se conhece o facto e effeitos da escravidão, não se sabe a dor e sentimentos que acorda nos corações bem formados, o triste legado dos nossos avós.

Os Americanos, comquanto usando da mesma lingua, comquanto filhos dos Inglezes, tem no sangue mistura de outros povos, tem na natureza idéas e sentimentos differentes.

Quando mesmo fossem filhos só de Inglezes, como nós somos de Portuguezes, podião ter idéas, sentimentos, costumes differentes, e apresentar litteratura propria.

Não podem os filhos ser differentes dos paes? Não são elles mais filhos do seu tempo, e meio em que vive, do que dos paes?

O facto de se exprimirem na mesma lingua não é o que constitue a diversidade das litteraturas, que dependem das idéas, habitos, caracteres, condicções das classes, posições, e vida intima, dos differentes povos que ellas copião.

Na litteratura americana ha a pintura de terras, costumes, vida, e idéas, que os Inglezes não tem nem podem pintar.

Cooper é o Homero dos Estados-Unidos. Que exacto, eloquente, e minucioso pintor da vida americana! As suas obras são iguaes, senão superiores ás europeas. F. Cooper des-

creveo primeiro o que primeiro devia ser descripto, as mattas, o céo, a terra, a vida, e o sentimento americano. Ao chegar a este lado do Atlantico, o primeiro olhar devia ser para admirar a explendida natureza, e appareceu Cooper. Depois, a dôr de vêr os escravos, de vêr irmãos padecendo o peor dos males, a escravidão, fez apparecer a eloquente obra da Sra. H. B. Stowe.

Onde se póde encontrar mais puro sentimento religioso do que na Cabana do Tio Thomaz ?

Onde na litteratura ingleza se póde achar um typo similhante ao do caçador americano, Nathaniel Bumppo ?

Existem nas obras de Scott alguns caçadores ; mas quão longe estão daquelle typo de Nathaniel, do dominador do deserto, ao qual elle dedica cinco romances ou antes cinco poemas ? F. Cooper sobresahe na descripção de sitios, costumes, caracteres, e sentimentos.

Não é secco avaliador, inventariante do que vê ; dá vida á tudo de que trata. Ph. Chasles faz-lhe esta censura, e como se arrependendo, diz adiante que tem o dom de tornar real tudo de que trata.

O primeiro romance que trata do typo do caçador quando moço ainda, é Olho de Falcão. No segundo — O Ontario, — apparece pela segunda vez o caçador, já então homem feito. O terceiro é o — Ultimo Mohicano — O quarto é os — Pionners ou Derrubadores. O quinto e ultimo é o — Prado — em que morre o caçador, mais pela decomposição do corpo do que por molestia.

Para se apreciar bem estes cinco poemas, deve-se os lêr nesta ordem ; porém a ordem em que elles forão publicados é bem differente, pois o primeiro foi os — Derrubadores, depois o — Ultimo Mohicano, — depois o Prado — e depois apparecerão os outros dois, que forão os ultimos em data, porém os que tratão de heroe quando mais novo em idade.

O primeiro romance de F. Cooper — Precaução — foi attribuido a uma penna de mulher, e teve as honras de uma reimpressão ingleza.

Um anno depois é que appareceu o — Espião, — um dos melhores romances, que tem visto a luz do dia. A idéa em que se basêa o romance é uma idéa nova e nobre.

E' original, pois nem um antes se aproveitára della para thema de sua obra ; no-

bre pela grandeza d'alma que patentêa. E' o Espião um patriota que para servir seu paiz chega ao ultimo ponto de sacrificio e abnegação; torna-se espião, suspeito aos seus para melhor servir á Washington e a liberdade da America.

Já então é outro o scenario, outra a athmosphera, outra a actividade ardente do americano, outro o ar campestre do novo mundo, que nada se parece com a pintura de scenas caseiras da Europa.

Teve immenso successo na America e na Europa, e é como já disse um dos melhores romances que existem.

Diz Ph. Chasles que—Robinson Cruzoe, vendo na area as pegadas de Sexta-feira, não se espantou tanto como o publico europeu no momento em que os romances de Cooper mostraram que se podia ser da America do Norte, a ninguem imitar, e ter genio. Ao Espião succedeu os Derrubadores. Além das bellas pinturas da natureza, dos originaes caracteres, vem pela primeira vez o celebrado typo do caçador. Cooper foi o primeiro que descreveu minuciosamente o caçador, e dotou a litteratura com este typo, grandioso como a natureza que o cerca, bello como a liberdade.

Era justo que assim fosse.

Os Indios que por tantos seculos habitaram estas mattas, deixaram a atmosphera como que impregnada dos seus ultimos desejos: as arvores como que lembrão as suas famosas caçadas e incitão ao goso do maior dos seus praseres. Era justo, já que se vae acabando a raça, conservar suas tradições e crenças, e trazer á admiração do mundo um typo tão approximado do primitivo, em que os homens vivião em luta contra as féras, e os elementos contrarios.

Cooper, em cinco romances, descreve o caçador, seus praseres, suas dores, sua vida, e suas mattas queridas.

Virtuoso como Socrates, casto como Anachietta, robusto como um Indio, o seu caçador é bom como um christão; Longa Carabina, Caçador de trapas, O guia, Olho de Falcão, bastava para immortalisar os Derrubadores, Ultimo dos Mohicanos, Prado, Ontario, e Matador de veados, quando mesmo não houvesse nessas obras outras bellezas, e outros typos igualmente nobres e originaes.

No Ontario o caçador tambem ama, com todas as veras do coração: porém vendo que não é correspondido, procura poupar todos

os desgostos á amada e achar o melhor partido, casando a adorada Mabel com Jasper Western. O seu coração estala-se de dôr ; mas mesmo despedaçado, é ainda o mais perfeito e nobre da terra.

Ha em suas obras muito sentimento religioso, puro, não misturado de superstição.

O ultimo Mohicano é um romance de primeira ordem.

Tem tudo o que os torna interessantes : a virtude, e belleza perseguidas, interesse dramatico, e estylo primoroso.

Neste como nos dois outros, Nathaniel Bumpo é mais guerreiro do que caçador. Vê-se o lutar de começo ao fim, sem descripção de caçadas, ou do modo de viver dos animaes dos bosques. Até aqui, não falla tambem no cão, esse inseparavel companheiro das caçadas do homem. O disfarce do caçador em urso, para ir no meio dos inimigos Huroens, salvar Alice e Uncas, é bello ; mostra-o o sangue frio, a coragem, e dedicação da amisade. Tem muitos destes traços de grandesa d'alma, como o de Uncas não querer salvar-se porque o caçador fica preso, que elevão a nossa alma. O reconhecimento de Uncas, prisioneiro, pela sua tribu ; as

suas palavras, começando brandas como zumbir de abelhas para se elevarem fortes como o ribombo do trovão, são de grande effeito. O amor de Uncas é o amor verdadeiro, é o puro amor de dois innocentes.

Não trocão palavras entre si, olhão-se apenas; e entretanto tudo o que o amor póde dar de sacrificio, dedicação, e ternura, o pobre Uncas patentea por aquella que adora sem ousar declarar-se. O amor de Uncas, fez nelle acordar-se os mais nobres sentimentos e só se revela pelos actos e morte. Nunca uma palavra revelou aquelle ardente amor, que só os olhos as vezes patentearão sem querer.

A morte de Uncas, a tristeza dos Delawares, o desespero do velho Grande Serpente, são commovedoras! E' uma obra monumental, que nos deixa uma impressão de tristeza, ao acabal-a. Eleva-nos, ficamos melhores depois de sua leitura, que acorda os nossos sentimentos mais generosos.

E' em geral esta a impressão que nos fica depois da leitura dos romances de Cooper, e de grande parte dos inglezes, bem differente do que nos fica depois da leitura dos francezes de hoje, dos Sand, Dumas, e outros.

Pelo que nos diz Miss Suzan Cooper, intelligente filha do autor, a composição do Ulti-

mo Mohicano foi interrompida por uma febre, acompanhada de delirio, em que elle poz-se a dictar notas, na apparencia incoherentes, que forão a base dos mais poderosos capitulos.

Mal recem-sarado, urgido pela necessidade, que lhe causára perdas inesperadas, e a benevolencia em tornar-se responsavel por obrigações de outros, Cooper poz-se a compor o Prado. Usou então do café, unica excitação de que approveitou-se, nunca empregando a do vinho ou outra qualquer. Nos Derrubadores reapparece Nathaniel Bumppo e então é que se o vê caçador.

Principia, fazendo-nos assistir, ainda que incidentemente, á uma caçada e mais duas vezes, na morte do gamo no lago Otsego, e da panthera na montanha da Visão. E' tambem excellente romance, pintura de uma nova povoação, com os homens, trabalhos e viver de colonos de todos as nações ali reunidas. Grande interesse dramatico, actos de bondade, desinteresse, elevação de sentimentos, tudo faz deste romance um dos primeiros da America.

Tem a habilidade de fazer-nos derramar as lagrimas, e no mesmo momento, por habil transição, soltarmos gostosas gargalhadas.-

Elle não pinta seus personagens, deixa-os pintarem-se por si, por suas palavras e obras.

Nathaniel está então com 68 annos, e o Grande Serpente com 70 annos. Nathaniel vae a prisão por caçar em tempo prohibido, e Benjamim Penguillan, encarcerando-se juntamente, ao mesmo tempo que excita uma affectuosa sympathia pela prova de affeição que dá ao caçador, faz dar boas risadas quando se debate elle ao querer sahir do tronco para castigar os curiosos que se riem ao vel-o assim preso sem culpa, e por gosto.

O Grande Serpente morre neste romance, voltando aos sentimentos de indio na occasião da morte, esquecído das licções christãs.

O ultimo dos cinco romances, em que trata do caçador, aquelle em que morre elle, é o Prado. Como nos outros, a pintura da natureza é perfeita, os caracteres verdadeiros, consequentes comsigo mesmo, exactos. Tem a mesma elevação de pensamentos, sentimentos, e linguagem dos outros romances.

O caçador tem então 80 annos, mas está ainda conservado, activo, esperto. Suppre com a rasão o que lhe falta em forças. Como os Derrubadores tem pedaços em que excita

as lagrimas e ao mesmo tempo faz desatar-nos em gostosas risadas, como aquelle em que o velho caçador encontra-se com o neto de Heyward e reconhece que é lembrado com amisade pela familia daquelles qne salvára, e que tinhão adoptado seu nome como signal de gratidão.

Faz elle lembrar o Ultimo Mohicano, e é escripto com verdadeiro sentimento e grande delicadeza, de sorte que o leitor fica, bem como o velho trampão, dividido entre o prazer de ser querido e a tristeza, o doce pungir do acerbo espinho da saudade. O velho afinal deixa correr as lagrimas e Paulo Hover, desesperado por ver chorar o velho amigo na versalidade de sua natureza, aperta a garganta de Midleton, e logo arrependendo-se, segura o doutor pelos cabellos, os quaes trahem logo a sua natureza artificial, deixando-o de calva amostra. Faz rir a todos esta scena alegre, unida a outra tão terna. O caçador está só, velho, mas tem a experiencia do deserto que o faz salvar aos que o rodeião, conquistando amigos pela sua coragem, bondade e qualidades.

Livra-os dos emigrantes, dos Indios, e do fogo dos campos.

A amizade entre o velho caçador e Coração duro, que substitue Uncas em seu coração, é bella e desinteressada.

Nathaniel Bumppo gosta de fallar, de dar conselhos como velho que é. Nos momentos mais criticos conta historias, como naquelle em que Ismael Bush se arroga o direito de justiça publica, fazendo notar que ha paizes em que almas e corpos vivem encadeados, e os homens são conservados em perpetua infancia, por aquelles que usurpão o papel de providencia.

A morte do caçador tem o brilho e modestia de toda a sua vida. Singelo, elle nada pede a Middleton, a quem beneficiára e de quem acceita os serviços com muito reconhecimento.

Middleton presta as ultimas honras funebres ao morto, e sobre a sepultura colloca uma pedra, em que inscreve o nome, idade, epoca da morte do caçador, singelamente, como este lhe pedira, e apenas accrescenta : — Nem uma mão profana disperse seus restos.

Morre o caçador como vivera, como um guerreiro. Alevanta-se de repente do seu assento, como um soldado que respondesse a chamada — Prompto — diz, e cahe morto nos

braços dos dois amigos. E' em todos os romances mais guerreiro que caçador. Só incidentemente, e neste ultimo romance falla no cão, no fiel companheiro do homem : mas não descreve uma caçada como o Walter Scott por exemplo a descreve na Dama do Lago. Nobreza de caracter, qualidades invejadas pela mais exaltada linhagem, formão o fundo deste republicano.

Calção de couro, (diz o poeta Bryant), um caçador nos Derrubadores, um guerreiro no Ultimo Mohicano, e na extrema velhice um trampão no Prado, é um guerreiro, e se declina em forças, não declina na intelligencia; e olhando para o proximo fim de sua vida, e para a sepultura debaixo das altas hervas, tão calmamente como o trabalhador, ao por do sol olha para o somno da noite, está em harmonia com o silencioso deserto no qual vaquêa.

Nathaniel Bumppo é um guerreiro nos cinco romances em que apparece. E' guerreiro no Olho de Falcão e no Ontario em que Cooper narra a guerra da matta bem como no Ultimo Mohicano em que vem tambem a guerra no rio. Nos derrubadores não traz scenas de guerra : só pequenas lutas. Traz

dous pequenos episodios de caçada. No quinto e ultimo romance em que apparece o caçador é ainda este um guerreiro que conta a guerra dos campos, e acaba como guerreiro, dizendo ao morrer — Prompto — como se acudisse a um chamado superior.

Creio que muita influencia tiverão as obras de Cooper, e que querendo acompanhar á aquelle typo é que se affirmou aquelle povo em suas idéas guerreiras, tornando-se o mais pacifico e o mais valente, o povo que não tem exercito, e entretanto no momento preciso, forma um exercito de um milhão de soldados aguerridos.

O inglez Mayne-Read procura seguir as pegadas de F. Cooper, alongando-se na descripção de typos de caçadores. Não tem, porém a altura do mestre.

Fenimore Cooper tem muitas outras obras. Muito viajou e de toda a parte por onde passou, tirou lindos romances. Da Suissa tirou o Carrasco, de Veneza o Bravo, da Inglaterra o Piloto.

Como exacto pintor maritimo, nem os inglezes lhe são superiores. E' admiravel no Piloto, Dous Almirantes, Fogo fatuo, Ontario, Paquete, Christovão Colombo, Pirata,

Sobre o mar e sobre a terra, e sobre todos, no romance — Corsario Vermelho, — em que mostra os sentimentos do homem do mar.

O Agrimensor ou Medidor de terras é a narrativa dos actos da familia Litlepage, que desconfio ser um pseudonimo com que encobre o author a historia de sua familia, tal é o amor e cuidado com que elle a descreve.

Ravenest é a continuação do Agrimensor e tem lindas passagens, como a de Litlepage, chegando á sua casa, desconhecido. A idéa é de Homero, que fez Ulysses chegar desconhecido no meio dos seus : mas está aqui remoçada, applicada ao tempo, e o disfarce em mascate de relogios dá lugar á scenas que encantão.

Satanstoe é o primeiro romance em que trata da familia Litlepage. Principia em 1737 com as memorias de Cornelius Litlepage, que pede ao filho e neto, que as continuem, como o fizeram, no Agrimensor, e em Ravenest o seu neto Hugo Litlepage.

Muitos romances de Cooper são continuação um do outro, como Eva Effingham continuação do Paquete, e Lucia Hardinge de Sobre a terra e o mar.

Todas as obras de Cooper, principiando a ler-se, vae-se até o fim, até a inferior — Monikins.

Depois de Cooper, li W. Irving, que me parece continuador dos inglezes, e um bom discipulo de Addisson.

W. Irving fez uma bella obra do seu passeio pela Hespanha. Os hespanhóes podem apenas tirar photographias enjoativas e sem graça, quando aquelles que por ella passão apresentão tão bellos quadros! Irving pinta com delicado pincel aquelle fidalgo, tão cheio de si e tão sympathico, que é o hespanhol. E' uma das obras mais humoristicas, em que mais apparece o humor inglez, que é a fina zombaria que conta sem offender, que é o sorriso que provoca o riso sem mostrar os dentes. Os inglezes tem muito mais que os francezes o humour.

Depois de Irving, tenho-o visto em muitos inglezes, e entre os allemães, só em Heine encontrei a observação delicada, fina, atacante, cheia de humour, de Washington Irving.

Do poeta Halleck, nada pude lêr ainda.

De Longfellow li Evangelina, Hyperion, Kavanagh.

Não li a Lenda dourada, e o Canto de Hiawatha, que passão, com Evangelina, pelas trez melhores obras de Longfellow.

Longfellow já se póde comparar com os poetas europeus: vasta erudicção, grande sentimento poetico e um coração de christão, e amante do bello.

Li Bryant, Walt Whitman, Mark Twain, e Bret Hart, ás ligeiras.

Walt Whitman, o autor de Leaves of Grass, dos Drinstaps — é reputado o poeta do futuro, o cantor da democracia. Pelo pouco que li, pareceu-me distinctissimo, e original.

Mark Twan é um humorista, original, e engraçado.

Com uma palavra, faz comprehender muitas idéas. A Sra. B. Stowe tem tambem este condão.

A Sra. B. Stowe colloco logo abaixo de Cooper pela acção immensa que produzio. Póde-se dizer que a Cabana do Tio Thomaz fez mais effeito do que quanto sermão, discurso, ou ordem de governo fizera até então.

A Sra. Stowe, é a interprete do geral sentimento, e fez a Cabana do Tio Thomaz, em que lastima a raca infeliz, pinta a escravi-

dão e chama para ella a caridade. A Cabana, nascida em uma terra de escravos, mostra que o coração se revolta, sempre que vê um acto máo, mostra que, se a necessidade forçava a não cortar-se de repente o cancro deixado por avós, não eramos entretanto tão destituidos de humanidade, que não sentissemos seus inconvenientes, que não procurassemos abrandal-os, e não partilhassemos suas dôres. Como conceber aquella obra que é um grito de dó, e piedade, partido de carrascos? Como uma obra tão verdadeira, tão partida do coração, poderia ter nascido, se não concebessemos as dores e vida da infeliz raça escrava, se não nos associassemos aos seus soffrimentos, e nos condoecemos delles?

Não fez só uma revolução nos Estados-Unidos. Passou o estreito, e veio collocar em roda de sua bandeira a melhor gente do Brazil.

A Cabana do Tio Thomaz é um dos melhores romances que tenho lido. Não tem o merecimento litterario de alguns; mas não tem superior no sentimento moral. E' a oração de uma santa intercedendo por uma raça infeliz. E' o melhor commentario da Biblia:

é o mais perfeito interprete da religião christã. Daria tudo para escrever um romance como este, fonte limpa de amor ao proximo e a Deus. Está escripto com o coração de uma christã, e a penna de uma artista. Tem, é verdade, algumas scenas de horror e crueldade: mas quando ha homens maus que as praticão, devem haver outros bons que as patenteem, que se revoltem, que gritem contra elles. Todo o homem, sobretudo toda a mulher, tem no Brasil obrigação de lel-o.

Aquelle que não se commove com sua leitura, com aquellas scenas em que transbordam o enthusiasmo pelo bem, as lagrimas pelos que padecem, e o horror pelos carrascos, ou não tem alma, ou não a tem cultivado para o entender. Com pobres pretos, com crianças e homens de nosso tempo, sem os véos da ficção, fez a Sra. B. Stowe um dos melhores romances deste seculo.

A bella obra da Sra. B. Stowe foi traduzida em vinte linguas differentes, e só em dous annos venderão-se della um milhão de exemplares.

A Sra. H. B. Stowe fez da Cabana do Tio Thomaz um templo em que orão christãos.

As vezes homens grosseiros interrompem o culto: mas faz-se-os sahir da Cabana, sem

irritação e sem barulho, como pobres desvairados que são.

Na — Chave da Cabana do Tio Thomaz — mostra, com a cordura e saber dos antigos apostolos, a injustiça, e os perigos, que faz a escravidão sobre a moral dos christãos. E' uma obra de pulso, em que com muita razão, e intelligencia, prova o que avançou na Cabana.

Souvenirs Heureux — é outra bella obra da Sra. B. Stowe. E' a recordação da recepção que lhe fizerão na Inglaterra, e um passeio pela Europa.

Ao ler-se a recepção que teve em sua viagem, o enthusiasmo e amizade com que foi recebida, por todas as classes da sociedade inglleza, ficamos com fé na humanidade!

A Sra. B. Stowe, com uma palavra exprime muita cousa. Aprecio immensamente este modo de dizer. Não é o diffuso dos francezes em que a força de enfeites, fica encoberto o pensamento capital.

Ella exprime a cousa pela palavra propria, e atira de um lado, ornatos inuteis, que vê-se que sabe e desdenha empregar, como a mulher bella que despresa enfeites vãos.

Quasi se póde dizer que é o estylo americano. Na America se olha sem preconceitos para todas as cousas, e diz-se tudo desassombradamente, com estylo simples e incisivo, differente do europeu, que usa de rodeios e precisa respeitar instituições, homens e cousa caducas.

Os francezes sobretudo tem phrases muito brilhantes.

Mas, tirando-se os olhos do livro, e reflectindo sobre ellas, vê-se que na vida commum serião banalidades brilhantes.

As phrases americanas tem mais valor, e succo: exprimem mais pensamentos que as lentejoulas francezas.

Em geral, o estylo dos escriptores brasileiros recente-se por demais da fonte em que bebem a instrucção. Não tendo elles o estudo dos classicos, não podem fazer uma escolha rasoavel do que devem acceitar e desprezar e vão tomando não só palavras, como o modo de tecer o discurso, o ar, geito, estylo de fallar e escrever dos francezes, que não se conforma com a indole, genio, e caracter da lingua portugueza. Ha tanto erro nos que querem tornar estacionaria a lingua portugueza, como nos que querem fazel-a escrava da franceza.

Verter á quinhentista a linguagem scientifica, agricola, industrial, e commercial do nosso tempo, é cegueira tão grande como a de adoecer de francezia, que hoje chega á mania.

Tão extravagante seria aquelle que hoje adoptasse o antigo trajar portuguez, como o que acompanhasse em tudo as modas francezas, em terra e clima differentes.

E' uma pena que não adoptem os escriptores o dizer americano, que está em nossos costumes, mas não entrou de todo no modo de escrever, que conserva o ar teso e pedantesco, e obriga a dizer muitas palavras para exprimir o que com poucas se poderia melhor explicar.

E' bella a litteratura americana. Deve-se procural-a e amal-a, como a amava o primeiro poeta brasileiro.

E' ali, naquella terra nova, que vemos o amor e admiração pela natureza americana, que vemos sentimentos e idéas mais nossas conhecidas.

Sentiria muito ter perdido a vista, sem conhecer a litteratura americana: estimo muito saber o inglez para a comprehender bem. Tem um sentimento religioso grande,

não restricto a uma seita religiosa, mas verdadeiro, comprehendendo toda a humanidade. Faz lamentar-se que a civilisação ainda não abolisse a guerra, este mal infallivel, sem vantagens certas, e desejar um tempo de illustração em que as armas se convertão em arados, e instrumentos agricolas. Faz amar esse ser summamente bom que tudo fez, e que não póde ser um utilitario, um despresador das bellas artes, pois fez tão bellas cousas pelo mundo, e poz tanta alegria no coração do homem.

Ms. B. Stowe não tem a reverie dos francezes. Quando devanêa, os olhos se voltão ao ceu, e os pensamentos á Deus. Deus é o fundo do seu pensamento. E' essencialmente religiosa. E' o que falta muito aos francezes e um tanto a nós brasileiros.

E é no que devemos cuidar.

Primeiro o interior, depois o exterio. Queremos grandes melhoramentos sociaes, sem o melhoramento do homem, sem melhorar o seu interior. Mas não o alcançaremos por meio do jesuita, que torna estupido aquelle que o aprecia, e traz o obscurantismo ao paiz que o acceita.

O romance — Minha Mulher e Eu — é outro lindo romance de Ms. Stowe — Não é Eu

e Minha mulher, não. Muito de proposito põem primeiro a mulher para mostrar que o homem não está adiante da mulher em nada, que esta rasão social Minha mulher e Eu, é a mais antiga e veneravel da associação christã, e a mais forte, sabia e universalmente popular. E' este romance a historia de um moderno Adão, procurando a sua Eva, que afinal encontra, e forma com ella esta união pelo casamento, precursora das uniões celestes No correr do romance, tem observações muito finas, como esta — Diz-se muitas vezes quanto importa educar as moças para serem esposas: é então menos importante educar os homens para serem bons maridos?

A licença em que vivem os moços os preparão bem para serem os companheiros intimos da mulher pura? Entretanto ha quantos seculos está convencionado encontrarem-se no casamento, a mulher pura como vestal, e o homem já sujo pela lama de toda a sorte?

Se o homem é o chefe da casa, como Christo o é da Igreja, não deveria ser pelo menos igual em pureza? Esta observação é justa, e se pudesse praticar-se fóra de um mundo ideal, se pudesse um homem conservar-se pu-

ro e innocente até o dia de casamento, talvez fosse conveniente no sentido da pureza do sangue, que não seria corrompido por tanta impureza que o homem apanha na mocidade. Mas, se tem essa e outras desvantagens, tem tambem vantagens. A innocencia e pureza da mulher é um dos mais fortes laços que prendem o homem. Depois de gasto, depois de julgar conhecer tudo, quando vem a conhecer aquillo que nunca vira, a pureza, o homem se commove, aprecia, e fica preso por aquelle encanto de nova especie.

Não entrarei em todo o desenvolvimento do romance, que é longo, pouco dramatico, porém notavel pelas scenas tocantes, e carapteres bem dedusidos, e pela pintura das ascirações e desejos deste povo que a todos se avantaja.

Dá idéa justa da vida. Doura de poesia os pormenores da vida commum, e forra o coração da moça com uma moral pura, que tão necessario escudo é para a vida.

Lamento o tempo que perdi, sem conhecer a litteratura americana, embebido na leitura de escriptores francezes, que nem merecem attenção.

A litteratura americana é uma bella litteratura. Existe, e cheia de vida, força, e poesia.

O silvo da locomotiva, e a orchestra do trabalho, não a mataram, como dizem agourentos. Não poderam abafal-a, nem poderão nunca fazer emmudecer os gemidos da dôr, os cantos da esperança, os gritos do ciume, e desespero, as harmonias todas da alma humana.

A arte é superior á realidade, e o poeta ao homem de acção, porque é o propheta que annuncia os grandes acontecimentos.

A vida é um combate.

O poeta, o pensador, está sempre na frente, combatendo, animando com sua palavra e com sua penna, nunca se demorando atraz, como um musico cobarde no dia da batalha.

O verdadeiro poeta se eleva, sobe a locomotiva, preside á orchestra do tralho, subjuga tudo ao seu poder, que é tanto maior quanto é elle mais senhor de todos os conhecimentos humanos.

E' raro o verdadeiro poeta, pois precisa ser o representante de suas mais adiantadas idéas, e descobertas.

Grande parte delles, pelo ocio, deixão-se ficar á beira do caminho, na romaria do progresso.

Ficão a beira da estrada, entre flores, vendo o romper da aurora, ouvindo o sussurrar do regato entre pedrinhas.

A esses que, descuidosos, gozão egoisticamente da natureza, ignorantes da vida e do mundo, o mundo por seu turno deixa de lado, e a locomotiva passa sem lhes dar attenção.

Venha, porém, um verdadeiro poeta, anime-se, trabalhe, seja homem, soffra suas dôres, seja interprete do mundo, e o mundo pára á escutal-o, e a propria locomotiva vôa, razendo gente de longiquas terras á ouvil-o.

Não : a poesia não morre : está mais viva do que nunca, e cada vez toma maior poder, te espaço no mundo.

E aqui peço perdão á algum leitor que pudesse ter, se tão mal correspondi á sua expectativa. Nada, no livro, dá a força e verdade do que sentimos. A arte é uma aspiração sempre impotente. Em todo o caso, não quiz, nem poderia fazer obra bonita. Como filho de portuguez, desejei fazel-a boa.

Termino com o dizer de Castellar : — Não é aspirado a escribir una bella obra. E' aspirado a hacer una buena obra.

INDICE

1.º—Dedicatoria	a	Herculano—	pagina	V
2.º—Brazileiros	»	»	»	3
3.º—Portuguezes	»	»	»	185
4.º—Hespanhóes	»	»	»	251
5.º—Italianos	»	»	»	273
6.º—Francezes	»	»	»	300
7.º—Inglezes	»	»	»	375
8.º—Allemães	»	»	»	426
9.º—Americanos	»	»	»	473

ERRATA

Na pagina 2ª, linha 1ª, onde diz—e a que, lêa-se —que.

Na pagina 6, linha 13, onde diz—de, lêa-se—do.

Na pagina 15, linha 26, onde diz—que, lêa-se—de que.

Na pagina 17, linha 24, onde diz—Perama, lêa-se—Pirama.

Na pagina 18, linha 14, onde diz—e ter, lêa-se—ter.

Na pagina 28, linha 2, onde diz—fazem, lêa-se—fazem apreciar.

Na mesma pagina, linha 21, onde diz—Arbolida, lêa-se—Arboleda.

Na pagina 30, linha 13, onde diz—a, lêa-se—da.

Na pagina 33, linha 7, onde diz—de tinta que, lêa-se—tinta de que.

Na pagina 38, linha 18, onde diz—Bsazil, lêa-se Brazil.

Na pagina 39, linha 26, onde diz—de, lêa-se—do.

Na pagina 64, linha 10, onde diz—om, lêa-se—em.

Na pagina 65, linha 1, onde diz—paradello, lêa-se—paralello.

Na pagina 92, linha, 5, onde diz—saM, lêa-se—Mas.

Na pagina 103, linha 22, onde diz—prostituição, lêa-se—prostituta.

Na pagina 115, linha 15, onde diz—dos feridos, lêa-se—das feridas.

Na mesma pagina, linha 22, onde diz—indicizo, lêa-se—indecizo.

Na pagina 117, linha 20, onde diz—sabe-sa, lêa-se—sabe-se.

Na pagina 123, linha 7, onde diz—Besnardo, lêa-se—Bernardo.

Na pagina 126, linha 22, onde diz—é, lêa-se—o é.

Na pagina 127, linha 9, onde diz—mesquenhezas, lêa-se—mesquinhezas.

Na pagina 135, linha 21, onde diz—que, lêa-se—o que.

Na pagina 137, linha 7, onde diz—arremedado, lêa-se—arremedando.

Na pagina 139, linha 6, onde diz—luxuriante, lêa-se—luxuriante.

Na pagina 141, linha 13, onde diz—ibertino, lêa-se—libertino.

Na pagina 142, linha 24, onde diz—transmittão, lêa-se—transmittião.

Na pagina 143, linha 1, onde diz—eetava, lêa-se—estava.

Na pagina 150, linha 1, onde diz—espansão, lêa-se—expanção.

Na pagina 151, linha 15, onde diz—brincava, lêa-se—brincára.

Na pagina 154, linha 4, onde diz—teve, lêa-se—linha.

Na mesma pagina, linha 24, onde diz—chamara, lêa-se—chamava.

Na pagina 155, linha 25, onde diz—coujuval-a, lêa-se—conjural-a.

Na pagina 160, linha 8, onde diz—e fugindo, lêa-se—fugindo.

Na mesma pagina, linha 9, onde diz—e recordações, lêa-se—, recordações.

Na pagina 163, linha 14, onde diz—vingança, lêa-se—de vingança.

Na pagina 167, linha 11, onde diz—abraçar, lêa-se—abraçar.

Na pagina 176, linha 23, onde diz—umas afrancezias, lêa-se—algumas francezias.

Na pagina 181, linha 22, onde diz—retempe-se, lêa-se retempera-se.

Na pagina 189, linha 1, onde diz—contava, lêa-se—cantava.

Na mesma pagina, linha 16, onde diz—cantada, lêa-se—contada.

Na pagina 191, linha 12, onde diz—matavao, lêa-se—matavam.

Na pagina 192, linha 16, onde diz—conduzir, lêa-se—conduzis,

Na pagina 195, linha 15, onde diz—E levaram-nos, lêa-se—E levar annos, e annos.

Na pagina 200, linha 20, onde diz—trivalidades, lêa-se—trivialidades.

Na pagina 202, linha 7, onde diz—e, lêa-se—a.

Na pagina 211, linha 20, onde diz—os ensinamentos, lêa-se—ensinamentos.

Na pagina 215, linha 8, onde diz—so, lêa-se—se.

Na pagina 220, linha 7, onde diz—E criado, lêa-se—Eirado,.

Na pagina 221, linha 7, onde diz—ao, lêa-se—o.

Na pagina 231, linha 23, onde diz—exempção, lêa-se—izempção.

Na pagina 243, linha 17, corte as duas primeiras linhas.

Na mesma pagina, linha 24, onde diz—as, lêa-se—os.

Na pagina 248, linha 10, onde diz—humano lêa-se—humano,.

Na pagina 252, linha 14, onde diz—secules, lêa-se—seculos.

Na pagina 256, linha 25, onde diz—traz espirito, lêa-se—o espirito.

Na pagina 258, linha 3, onde diz—poderes, lêa-se—padres.

Na pagina 260, linha 6, onde diz—formou, lêa-se—firmou.

Na mesma pagina, linha 17, onde diz—e motivados, lêa-se—motivados.

Na pagina 263, linha 4, onde diz—pezeiros, lêa-se—vezeiros.

Na pagina 269. linha 3, onde diz—munança, lêa-se—mudança.

Na pagina 274, linha 8, onde diz—originas, lêa-se—originaes.

Na pagina 277, linha 22, onde diz—pensamente, lêa-se—pensamentos.

Na mesma pagina, linha 28, onde diz—cuhno, lêa-se—cuuho.

Na pagina 286, linha 17, onde diz—nossas disciplinas, lêa-se—massas disciplinadas.

Na pagina 296, linha 26, onde diz—a ella, lêa-se—a.

Na pagina 298, linha 27, onde diz—a, lêa-se—o.

Na pagina 324, linha 1.ª, onde diz—a, lêa-se—o.

Na pagina 328, linha 7, onde diz—feroula, lêa-se—ferula.

Na pagina 337, linha 24, onde diz—discubrimos, leia-se—descobrimos.

Na pagina 339, linha 16, onde diz—dos lares, leia-se—lares.

Na pagina 340, linha 17, onde diz—pesquenhezas, leia-se pequenhezas.

Na pagina 354, linha 5, onde diz—elles, leia-se—elle.

Na pagina 355, linha 3, onde diz—falsie, leia-se—falsee.

Na pagina 357, linha 15, onde diz—o achão, leia-se—achão.

Na pagina 358, linha 3, onde diz—defenda, leia-se—defende.

Na pagina 361, linha 7, onde diz—padre, leia-se—padres.

Na pagina 365, linha 8, onde diz—o, leia-se ao.

Na pagina 365, linha 19, onde diz—desmuda-se, leia-se—desnuda-se.

Na pagina 368, linha 18, onde diz—ao o, leia-se—ao.

Na pagina 370, linha 14, onde diz—faltas, leia-se—falhas.

Na pagina 383, linha 1, onde diz—condicções, leia-se—convicções.

Na pagina 392, linha 22, onde diz—aberrações, leia-se—observações.

Na pagina 397, linha 10, onde diz—esludasse, leia-se—estudasse.

Na pagina 409, linha 30, onde diz—de especulativo, leia-se—especulativo.

Na pagina 414, linha 7, onde diz—tezo, leia-se—isso.

Na pagina 418, linha 19, onde diz—belle, leia-se—bello.

Na pagina 421, linha 13, onde diz—fortuda, leia-se fortuna.

Na pagina 429, linha 22, onde diz—procurão fixar seus traços, leia-se—de que procurão fixar os traços.

Na pagina 439, linha 30, onde diz— a deixa, leia-se—deixa.

Na pagina 443, linha 1, onde diz—da, leia-se dá.

Na pagina 451, linha 17, onde—diz as, leia-se—os.

Na pagina 468, linha 27, onde diz—muitou, leia-se—muito.

Na pagina 485, linha 16, onde diz—Portatis, leia-se—Portalis.

Na pagina 489, linha 15, onde diz—vive, leia-se—vivem.

Na pagina 493, linha 16, onde diz—Anachietta, leia-se—Anchietta.

Na pagina 500, linha 24, onde diz—vaquea, leia-se—vaguêa.

Na pagina 512, linha 16, onde diz—carapteres, leia-se caracteres.

Na pagina 512, linha 17, onde diz—asciraços, leia-se—aspirações.

Na pagina 513, linha 26, onde diz—tralho, leia-se—trabalho.

Na pagina 514, linha 16, onde diz—razendo, leia-se—trazendo.

Na pagina 514, linha 20, onde diz—te, leia-se—e.

—Tem outras faltas que serão emendadas pela intelligencia do leitor—Estas escaparam por ser a obra publicada longe das vistas do auctor.

PN
594
P3

Paula Sousa, Joaquin de
Manual de litteratura

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 18 06 13 005 5